

A Lente de Marbury

Andrew Smith

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Do mesmo autor de *Minha metade silenciosa*

ANDREW SMITH



**A LENTE
DE MARBURY**

 GUTENBERG

ANDREW SMITH

A LENTE DE MARBURY



GUTENBERG

TRADUÇÃO

Bruno Vasconcelos

Para Liz Szabla

Agradecimentos

Obrigado a mim e aos amigos Craig Morton e Dean Shauger, que sem pre
estiveram dispostos a conversar sobre as partes mais intrincadas da
história.

Obrigado também aos colegas Michael Grant, Brian James, Bill
Konigsberg,

Yvonne Prinz e Kelly Milner Halls; ao blogueiro Adam DeCamp; e aos
amigos

Nora Rawn, Andrea Vuleta, Nevin Mayes e Lucia Lemieux – os quais
me deram

ideias e sugestões quando os procurei.

Com o meu premeio, meus agradecimentos mais sinceros à minha
agente, Laura

Rennert.

Eu sou uma coisa. Meu bisavô, do lado norte-americano da família,
viveu na

m esm a época de Seth Mansfield e tam bém foi um a criança abandonada.

Parte um

A HORA DA AMETISTA



Acho que no passado, em outros lugares, m eninos com o eu geralm ente

acabavam se contorcendo e esperneando no vão em baixo da forca.

Não é de se espantar que eu tam bém m e tornei um m onstro.

Quer dizer, o que se poderia esperar, afinal?

Todos os garotos que conheço – e todos que j á conheci – conseguem se

lem brar do m om ento específico no passado que os tornou quem são, sem a

m enor hesitação. Norm alm ente, são m om entos que envolvem coisas com o j ogar

bola ou aprender a pescar ou a aj ustar o bico das velas do carro com o pai.

Coisas do gênero.

Já o m eu m om ento aconteceu no verão passado, quando tinha 16 anos.

Foi quando eu fui sequestrado.

UM

Vou fazer um esquem ão pra você.

É com o um a daquelas bonecas russas que você abre e tem outra, aí abre de

novo e tem m ais um a. E cada peça se torna algo diferente.

Do lado de fora está o universo, pintado de roxo-escuro, enfeitado de planetas, com etas e estrelas. Então você abre e vê a Terra e, quando esta se abre,

vem os Marbury, um lugar que se parece com este m undo, exceto pelo fato de

que as coisas horríveis de Marbury não são difíceis de ver. Todas elas estão

pintadas bem na superfície, ao alcance dos olhos.

A próxim a peça é Henry Hewitt, o hom em de óculos, e, ao abri-lo, vem os

m eu m elhor am igo, Conner Kirk, pintado com o um deus Hindu: braços com o

serpentes, radiante e de torso nu.

Quando você o abre, surge Nickie Strom berg, a m enina m ais linda que j á vi,

e talvez a única pessoa neste m undo, além de Conner, que realm ente tenha m e

am ado.

Agora está quase term inando; a próxim a peça é Freddie Horvath. Este é o

hom em que m e sequestrou.

Logo depois, há um vulto pálido de um m enino, Seth, um fantasm a de

Marbury que m e encontrou e m e aj udou. Acho que ele estava m e

procurando há

muito tempo. E, no interior de todas as outras peças, eu: John Wyndham.

Mas todos me chamam de Jack.

Mas, então, eu me abro também, e o que surge é algo pequeno, preto e

enrugado.

O centro do universo.

Brincadeira legal, não foi?

Não sei se o que vejo e faço em Marbury está no futuro ou se vem do passado. Talvez tudo esteja acontecendo ao mesmo tempo. O que sei é que desde

que comecei a visitar aquele lugar não pude mais parar. Sei que parece loucura,

mas com comecei a me sentir mais seguro em Marbury; pelo menos lá as coisas

eram mais previsíveis do que aqui e agora.

Preciso explicar.



DOIS

Fum aça.

Tudo cheira a cigarro.

O ranço m antém m inha m ente acordada e m eus olhos abertos. Não sei onde

estou, m as posso dizer que tem cigarros. A fum açã em brulha m eu estôm ago,

m as ao m enos é algo com que consigo m e conectar – com o um a âncora, eu

acho, que im pede m inha m ente de ficar à deriva novam ente.

Quero m e m exer.

Meus braços parecem duas toras.

Estou deitado de costas, certo?

Não deveria sair logo daqui?

Meus olhos estão abertos. Tenho certeza de que senti o líquido viscoso entre as

pálpebras ceder, m as é com o tentar enxergar dentro de um a piscina. Um a

piscina am arela e cinza, onde vej o o vulto de um a j anela e o contorno de Freddie

Horvath, de pé.

Fum açã.

Adorm eço novam ente.

Passei m eu prim eiro dia todo assim .

Consciente por cinco segundos.



TRÊS

Vou voltar um pouco.

Eu vivia na casa dos meus avós naquela época. Wyman e Stella. Acho que é

algo estúpido a dizer, já que nunca me orei em outro lugar.

Era uma das maiores casas em Glenbrook. Wyman a construiu quando me tinha

me não era criança. Fora assentada em um terreno que ocupava meus ais de quatrocentos acres da melhor terra de vinicultura na Califórnia Central, e era

assim que Wyman e Stella ganhavam a vida.

Nasci no chão da cozinha.

Stella disse que eu não aguentei esperar para vir ao mundo. E que por isso

tinha saído pelas pernas ensanguentadas de me tinha me não direto para o belo piso de

madeira da cozinha de Wyman e Stella, enquanto Amy se debruçava sobre o café

da manhã, grunhindo, com as pernas travadas pela única contração que teve.

Ela tinha 17 anos.

Só a vi uma vez, de que me lembre, e sem preme incomodavam as duas

vezes no ano que me sentia forçado a dizer constrangedores olá pelo telefone.

Algumas vezes (ok, uma porção de vezes), eu ficava olhando para aquele

lugar no chão – Stella desenhava círculos imaginários em torno dele quando

contava a história – e desejava que Amy estivesse no alto de uma escada, ou

algo assim, para que o pequeno Jack batesse a cabeça forte o suficiente para que

nunca soubesse da existência de qualquer mundo fora da sua escuridão do

útero.

Era o primeiro fim de semana do verão, e todos os meus conhecidos estavam

na casa de Conner Kirk naquela noite, se embriagando para comemorar os três

meses de férias. É claro que eu estaria lá também. É isso que os jovens fazem.

Mas o mais importante para mim era fugir dali. Wyman e Stella tinham me

prometido uma viagem de duas semanas para a Inglaterra, e meu voo partiria

em cinco dias. Wyman decidiu que eu visitaria sua antiga escola – a “escola de

gramática” de Kent. Ele disse que, se eu gostasse dela o bastante, cursaria o

primeiro ano lá. E eu já sabia que gostaria o bastante, pois algo por dentro me

incômodava, me fazendo ter uma vontade incessante de ir para o mais longe

possível daquele círculo imaginário no chão da cozinha. Conner iria comigo.

Com os pais dele também tinham dinheiro, eles fizeram a mesma proposta para

que ele estudasse na St. Atticus. Se nós dois gostássemos da ideia. Seria uma

oportunidade incrível para mim e para mim eu melhor amigo de
fazerem algo

juntos que nós provavelmente nunca teríamos a chance de fazer de
novo.

Eu podia dizer que seria a viagem da minha vida, mas só porque não
conseguia lembrar claramente de como era estar nu e malhado,
lutando para

respirar no chão da cozinha, enquanto Amy gritava e xingava,
“finalmente esse

bebê maldito nasceu!”. Pelo menos era assim que imaginava que
tudo tinha

acontecido.

No fim das contas, Conner e eu acabamos ganhando mais do que
havíamos os

barganhado, eu achava.

Mas, naquela manhã de sábado no início do verão, tudo parecia ter mudado

quando acordei: senti que alguma coisa mudou, ficou diferente. Fazia
um calor

infernal e dava para saber que seria um dia longo e muito entediante.
Saí da

camarada cedo e olhei pela janela, com o sol preguiçoso, vesti uma camiseta e um a

bermuda e peguei uma sacola de roupas para ficar um dia ou dois
na casa de

Conner. Troquei apenas uma palavra ou outra com Wynne e Stella
enquanto

passava pela cozinha.

Não sei ao certo por que me afastei tanto dos dois. Não os odiava, de
forma

alguém a, mas talvez pensasse que fossem me abandonar também, então fazia o

melhor possível para que nem me notassem.

“Vou ficar na casa do Conner até segunda. Os pais dele vão viajar no fim de

semana.”

Wy não levantou os olhos, olhando para mim, como se tivesse esquecido de

me vestir, ou algo assim. Apertei a trouxa de roupas debaixo do braço.

“Ele pode vir dormir aqui, se quiser”, disse Wy não.

Ah, pois é, ia ser legal, Wynn.

Dei de ombros. “Estou levando o celular.”

“Divirta-se”, disse Stella. “Nós te amamos, Jack.”

“Até segunda.”

Em purrei a porta e cruzei o gramado molhado até minha caminhonete. Iria

pelo viaduto e desceria até a praia. Acabei saindo no sentido oposto, por nenhum

motivo especial, em direção a Paso Robles, margeando as estradas de terra que

traçavam quadrados perfeitos pelos vinhedos de meu avô.

Liguei para Conner. Sabia que já estaria acordado às sete e meia de um

sábado e já estava preparado para desligar quando ouvisse aquela voz irritante da

caixa postal.

Conner atendeu. Apenas um grunhido.

“Fala, Con.”

“E aí, Jack? Cara!” Podia ouvi-lo se revirando na cama. “Sete da manhã.

Você foi preso ou o quê?”

“Estava entediado e resolvi ir à praia, mas acabei pegando o carro errado

vinhedos até Paso. Não sei por quê.”

“Talvez porque você está sem pre perdido”, Conner respondeu.

“Quer ir à praia?”

Virei o volante com o joelho, segurando o telefone com uma mão enquanto

passava a mão archa com a outra.

Conner grunhiu novamente.

Parecia um *não*.

“Estou indo praí. Ok?”

“Quando chegar, me acorde”, disse Conner. “E me traz um Starbucks.”

A casa de Conner era uma de uma série de casas de estuque enormes,

muradas, sem jardim e com telhas falsas. Ficavam tão perto umas das outras

que, segundo Conner, dava para mirar na privada do vizinho se ele deixasse a

janela bem aberta. Ainda bem que usavam ar-condicionado. Tenho certeza de

que Conner teria tentado. Nunca tinha visto a luz do sol chegar ao chão entre

aquelas casas, mas era assim que as pessoas na Califórnia gostavam de viver

agora. Sentindo os meus dedos queimarem enquanto segurava os dois copos de

papel com café, e a trouxa de roupas debaixo do braço, abri a porta da frente

com o cotovelo e fui até o quarto de Conner no andar de cima. Sabia que ele

ainda estaria dormindo.

Joguei as roupas sobre uma cadeira e deixei os cafés no criado-mudo

do lado.

“Trouxe o café.”

Conner descobriu o rosto e se sentou. Olhou para mim, acenou, conferiu as

chamadas não atendidas do celular e tomou um gole do café.

“Valeu, cara.” Bocejou enquanto coçava embaixo de um dos braços.

“Parece que tem uma longa festa, tipo, pelas próximas duas semanas.”

Minha viagem pela Inglaterra seria de pouco mais de duas semanas — dois

dias a menos para Conner. Eu iria antes e ele me encontraria lá. Admito que

estava bastante nervoso por ir sozinho sem conhecer ninguém, mas já

confessaria para Conner ou para os meus avós. Tudo deveria seguir o plano de

Wyann e Stella, e Conner não podia ir comigo porque seu irmão, que estava na

universidade, viria visitá-los. Coisas de família. Com o que eu entendesse disso.

Quando penso nisso agora, era com o que todos os envolvidos

estivessem

olhando nos olhos uns dos outros para ver quem piscaria primeiro.

“Não preciso voltar para casa até segunda. Dá tempo de arrumar minhas

coisas para a viagem”, falei para Conner.

“Quer sair para comer? Não quero bagunçar lá em baixo antes da festa.”

“Sem problema”, respondi.

“A Lauren está vindo. Talvez você ganhe o mesmo presente de despedida que

a Dana vai me dar. Assim não vou ter que aguentar por duas semanas um virgem

frustrado no mesmo quarto que eu, fingindo que nem pensa em sexo.”

Ele sabia com o eu me sentia atraído por Lauren, por mais que eu não ligasse

para namorar.

“Você já pensa demais nisso por nós dois”, respondi.

Conner saiu da cama, cabelos desgrelhados, não usava nada além de um

shorts vermelho e largo. Pegou o café e, descalço, contornou a parede de vidro

entre o banheiro e o quarto e entrou no chuveiro.

“É rápido”, ele disse.



QUATRO

Estava todo mundo na festa de Conner, até quem a gente não gostava. Mas é

assim que as festas são depois que a notícia se espalha. Enquanto a maior parte

dos convidados já comecava a se embebedar fazendo brincadeiras e joguinhos,

eu tentava ficar sóbrio, pelo menos por um tempo.

Eu gostava de pensar que um dia Lauren e eu teríamos o nosso encontro, ou algo

assim. Alguns colegas também acreditavam nisso, até mesmo alguns dos caras

que sempre me chamavam de gay. Não sou gay. Não que isso fizesse alguma

diferença. Mas às vezes parecia que até Conner ficava me testando, e eu só

queria que me deixassem em paz. Porque eu até posso ser estranho, realmente

não me interessava por sexo. Para falar a verdade, tinha até um pouco de medo,

por mais que achasse Lauren incrível.

Então quando ela chegou com outras meninas de Glenbrook, fiquei

observando enquanto ela cruzava o pequeno gramado de Kirk, e fui sorrindo até a

porta para encontrá-la.

Quando atravessam os a sala, Brian Fields m e viu e gritou, “Jack e Lauren,

sentem e j oguem !”

Brian era um am igo em com um . Éram os todos da m esm a equipe de *cross-*

country: Conner, Lauren, Dana e eu. Ele estava com outros cinco caras no sofá.

Devia ter um as vinte latas de cervej a na m esa de centro, então estavam j ogando

algum a coisa envolvendo bebida.

Olhei para Lauren.

Ela disse, “Ok!”.

E foi só isso que Jack precisou ouvir. Ficam os um pouco com petitorios dem ais

no j ogo de Brian, “A Torre”, algo que envolvia cinco copos de shot com cervej a,

em pilhados com descansos de papelão entre eles, e um dado.

Nem percebi, m as em algum m om ento Lauren se levantou do sofá e não

voltou.

Conner e Dana passaram depressa pela sala e acenaram para m im .

Ninguém m ais estava j ogando, então m e levantei de repente.

A casa estava m uito cheia e quente.

Tinha bebido dem ais e estava um pouco enj oado. Precisava m ij ar, o que só

piorava as coisas. Mas havia um a longa fila de garotas esperando para usar o

banheiro.

A maioria dos caras nas festas simplesmente iria no quintal, mas não

queria fazer isso. Vi Brian e outros caras da escola sentados numa rodinha,

fumando maconha, mas também não queria que me chamassem.

Subi, então, para o quarto de Conner. Eu só queria usar o banheiro dele e

dormir.

Fui aos tropeços pelo corredor, apoiando as mãos nas paredes para me

equilibrar. Abri a porta e entrei. A luz do banheiro estava acesa, preenchendo o

quarto com o tênue reflexo quadriculado da parede de vidro.

“Tranca a porta, mané!”

Era Conner.

Fiquei ali parado, com as costas apoiadas na porta e a mão no trinco.

Conner estava na cama com Dana. Estava deitado, enquanto Dana, montada

sobre os quadris dele, de costas para Conner e segurando seus olhos, ia para

frente e para trás e para cima e para baixo. Ela sorriu para mim, com os olhos

quase fechados.

Estavam pelados. As roupas, espalhadas pelo quarto. Conner me observava,

com um sorriso confiante e os braços dobrados atrás da cabeça, como se

estivesse deitado numa rede. Ele disse, “Vai ficar aí olhando ou

vem se divertir

com a gente? A Dana não vai achar ruim .”

Era um a daquelas situações em que não há um a resposta certa a se dar.

Dana continuava a deslizar sobre Conner, gem endo.

Am bos m e observavam .

“Foi m al, Con. Eu... eu só queria um lugar para...”

Me virei e voltei para o corredor. Fechei a porta atrás de m im e pude ouvir

Conner m e cham ado, “Jack! Ei! Deixa de ser bundão!”.

Esfreguei os olhos, voltei até a porta e m e perguntei, *o que tem de errado*

comigo?

Não sabia o que fazer. Talvez devesse ter voltado para o quarto, só para

acabar com aquilo de um a vez por todas e provar que não era o que pensavam

de m im – quem sabe assim o m eu m elhor am igo m e deixaria em paz. Mas

tam bém estava aliviado por ter saído. Quando m e virei, cam baleante, para a

escada, ouvi Dana do outro lado da porta, e Conner m e cham ou m ais um a vez.

Quase rolei escada abaixo, pensando, *eu devia ter ficado com eles.*

Eu queria ir em bora.

E eu havia deixado m inhas chaves e m eu telefone no quarto de Conner.

Talvez tenha sido m elhor assim .

No andar de baixo, a música estava tão alta que eu sentia as pernas vibrarem .

O jogo agora era “virar o copo”. Vi Lauren encolhida no canto do sofá,

dormindo.

“Jack, Jack”, alguém chamou. “Vem dançar. Nenhum menino quer dançar.”

Era uma das meninas que tinham vindo com Lauren. Eu nem mesmo sabia

seu nome. Ellen ou Eileen, alguma coisa assim .

“Já volto. Preciso sair”, eu disse. Saí pela porta da frente, para longe do

barulho.

Foi bom me afastar da agitação da festa. Vi uns caras saindo perto da casa.

Nada de mais. Eu sabia que não ia voltar lá para dentro. O chão parecia vir na

direção dos meus pés a cada passo. Vi minha câmera inhonete estacionada na rua e

quis ir em bora, mas demorei alguns minutos até me lembrar de que as chaves

estavam no quarto de Conner, com as roupas que tinha trazido pela manhã. Tentei

apagar a cena de Conner e Dana da memória.

“E aí, Jack, vai um a cerveja?”

O cara que estava saindo perto de mim estendeu uma cerveja que estava

no bolso de trás de sua calça.

“Valeu.”

Peguei a lata e segui pelo gramado, bebendo, enquanto ia, aos tropeços, pela

calçada, em direção à minha casa, que ficava a uns dez quilômetros dali. A noite

estava tão quente que eu suava, mesmo o de bermuda e camiseta.

Não sei que fim levou aquela cerveja, mas sei qual foi o meu fim naquela

noite. Não cheguei nem mesmo ao terceiro quilômetro. Adormeci em um banco

no Steckel Park.



CINCO

“Ei, garoto.”

Senti um abraço em meu ombro, me chacoalhando.

“Tudo bem com você, menino?”

Vi um rosto se aproximar do meu. Senti o calor de seu hálito.

“Precisa de alguma ajuda? Está machucado ou algo assim?”

“Hã?”, cobri os olhos com a mão. Minha cabeça doía. O sujeito olhava bem

dentro dos meus olhos, buscando algum sinal de consciência.

“Você tomou alguma coisa esta noite, garoto?”

Não sabia ao certo onde estava, tive de pensar, me lembrar. O homem

cheirava a café e cigarros. Estava todo vestido de verde, talvez fosse um médico.

Pensei que talvez estivesse em um pronto-socorro, mas estava muito escuro para

ser um hospital.

“Onde estão os?”

“Pois é”, ele disse. Ouvi ele me cheirando. “Bebeu muito?”

“Hã?”

“Consegue ficar sentado?”

“Estou bêbado.”

O homem me levantou. Tinha mãos firmes e cuidadosas. Quando me sentei,

tudo rodou com o meu a bússola em um corredor de ímãs.

“Sabe onde está?”

Não.

“Estava em uma festa. Estava tentando voltar para casa”, – respondi.

O homem olhou por cima dos meus ombros. Pensei que ele estava tentando

ver se havia outros garotos ali, com o que alguém soubesse o que fazer comigo. Eu

podia ouvir música vindo de algum lugar. Lembrei que o parque ficava em frente

ao Java & Jazz. Era jazz.

O homem ainda me olhava fixamente.

“Você vai vomitar?”

“Não.”

“Onde você mora?”

“Glenbrook.”

Tentei levantar, mas era com o sem minha cabeça estivesse sem sangue. Caí

sentado sobre o banco novamente.

“Sou médico, trabalho no Regional. Se quiser uma carona, vou para aqueles

lados.”

Passando os braços debaixo dos meus, o homem me colocou de pé.
“Mas

nada de vomitar no meu carro!”

“Não, está tudo bem”, eu disse. “Dá para ir andando.”

Ele me soltou. “Tem certeza? Não tem problema, posso te levar.”

“Está tudo bem”, repeti.

O homem se virou. Perdi o equilíbrio e, de repente, estava no chão, apoiado

sobre as mãos e os joelhos.

Ele se virou para mim novamente. “É melhor eu ligar para alguém.”
E já

estava pegando o celular preso no elástico da calça verde e larga.

“Não”, eu disse. “Você pode me dar uma carona, então?”

Ele sorriu e me ajudou a ficar em pé de novo. “Claro.”

Ele me disse que se chamava Freddie Horvath. Até me deu seu cartão, talvez

para provar algo. Não sabia o que fazer com o cartão de um médico, então o

coloquei na carteira, que caiu no chão quando tentei guardá-la no bolso. Freddie

riu, pegou a carteira do chão e me devolveu.

“Eu me lembro com o era ser um moleque. Você vai ficar bem.”

Ele estava sendo prestativo, e confiei nele. Mas estava bêbado e agindo de

forma estúpida.

Apaguei novamente na Mercedes de Freddie. Acordei com o tranco que

me deu na cabeça para frente. O carro tinha parado em algum lugar que eu não

conhecia. Precisava pensar, de novo, sobre onde estava, juntar os

acontecimentos desconexos da festa: tinha encontrado Conner e Dana e acabado,

não sabia com o que dormindo no carro que estava agora parado na porta de uma

casa escura que eu nunca tinha visto.

“Que idiota”, disse Freddie. “Esqueci-me de meu crachá em casa. Já volto.”

Abriu a porta. Eu poderia jurar que ele estava usando um crachá quando me

encontrou no parque.

“Onde estão os?”

“Não se preocupe”, respondeu. “Já devem estar bem perto da sua casa. Já

volto. Quer água? Deve estar com sede, não?”

Minha cabeça latejava. Minha boca estava seca.

“Obrigado”, eu disse.

Ele fechou a porta do motorista e deu a volta no carro. Fiquei observando

enquanto ele vinha abrir a minha porta.

“Quer entrar?”

Sei que fui idiota, j am ais deveria ter aceitado a aj uda dele. Mas, com o era

um m édico, acabei ignorando o fato de se tratar de um com pleto estranho. Ainda

assim , tudo o que eu queria era chegar em casa; queria apressá-lo tam bém .

“Obrigado”, eu disse. ”Vou esperar aqui.”

Freddie sorriu. “Não vou dem orar, John.”

John?

Não tinha dito m eu nom e a ele. Ao m enos eu achava que não. Im aginei que

talvez tivesse olhado m inha licença de m otorista quando deixei a carteira cair,

porque nunca diria que m eu nom e era *John*.

Passei a m ão sobre o bolso. A carteira ainda estava lá.

Acenei e agradei, “Obrigado”.

Freddie não dem orou a voltar com seu crachá preso à cam isa e um a garrafa

de água. Ele entrou, ligou o carro e m e entregou a garrafa.

“Está se sentindo bem ?”, perguntou.

Eu estava com sede. “Estou, sim . Obrigado.”

Abri a garrafa e bebi.

Eu j á estava inconsciente antes m esm o de Freddie ligar o carro.



SEIS

Foi assim que acabei naquele quarto enfumado.

Freddie fumava um cigarro atrás do outro.

Só depois de quase 24 horas - já era domingo à noite - que recuperei a

consciência e entendi que estava em uma situação surreal, com o
aquelas coisas

que você vê na TV, mas acha que nunca vai acontecer com você.

Mas estava acontecendo.

Tem alguma coisa machucando meu pé.

Esse é o primeiro pensamento claro que tenho: *está doendo.*

Me sento. Sinto algo se apertar cada vez mais ao redor do meu
tornozelo à

medida que tento puxar minha perna. É isso que está me prendendo.
Estou

deitado em uma cama sem lençol, sinto as ranhuras do colchão.

Minhas mãos estão livres. Eu sento e esfrego meu tornozelo. Parece
que estou

preso por um daqueles lacres grossos de plástico que a polícia usa. É
isso mesmo.

Sinto onde a parte denteada se prende.

Vejam um estreito fecho de luz no chão. Uma porta.

Passo as mãos pelo corpo. Verifico tudo. Aparentemente, não estou machucado. Não acho que ele tenha feito nada comigo. Não fez. Tenho certeza

disso. Mas estou aqui, despido de tudo que me e lembre brava estar vestindo, exceto

pela minha cueca, a minha esmaga que usei para ir à festa de Conner.

Há quanto tempo estou aqui?

Tento pensar enquanto tato ao redor da cama procurando minhas roupas,

minha carteira, ou alguma coisa para cortar aquele meu alfinete de lacre...

Nada. Passo os dedos pela beira da cama até o máximo que alcanço, minha

mão espremeida entre o colchão e o estrado, tentando achar algo no chão gelado.

Não acho nada, mas consigo alcançar bem longe. Enfiar a mão entre as minhas pernas.

Sinto algo metálico. Alcanço o objeto com os dedos e começo a puxar.

Uma sombra passa debaixo da porta.

Tem alguém lá fora.

Volto a me deitar. Meu tornozelo arde. O movimento me deixa sem ar. Estou

suando, meus olhos bem abertos; observo a luz que vem da fresta da porta.

Ela se abre.

Fecho os olhos.

Ouçoo se aproximar da cama. Ele coloca a mão aberta sobre meu peito.

“Eu sei que você está acordado, John.”

Abri os olhos.

“Com o você está?”

Pensei, *como esse filho da puta acha que eu estou?*. Queria gritar, urrar, m as

perm aneci calado. Mais que tudo, eu queria fazer várias perguntas. Elas estavam

m artelando em m inha cabeça, m as não queria dizê-las.

Que porra é essa que você tá fazendo comigo??

“Aposto que você está com sede”, Freddie disse.

E estava.

“Quer um gole, John? Cham am você de Johnny ou só de John?”

Jack, seu filho da puta!

“Prom eto que desta vez é só água”, ele continuou.

Freddie saiu e deixou a porta aberta. Meus olhos se aj ustaram à luz. Ele ainda

usava o traj e de m édico. Vi tam bém o crachá. Ele nem ao m enos tinha

escondido o nom e. Isso era ruim , pensei. E ele parecia enorm e, com o se eu

nunca pudesse lutar contra ele, m esm o se fosse m uito forte.

Logo, Freddie Horvath voltou, em purrando um a cadeira de escritório com

rodinhas. Havia algum as caixas de plástico sobre o assento – não conseguia ver o

que tinha dentro delas – e um a garrafa de água m ineral, da m esm a m arca que

ele tinha m e dado na noite anterior.

Um cigarro apontava da boca dele em m inha direção. A fum açã

subia

através do cabelo despenteado que cobria um de seus olhos. Tentava guardar

cada detalhe de Freddie, mas eu virava o rosto sem pre que olhava para mim. Ele

devia ter uns trinta anos. Talvez menos. Sua boca e seus olhos pareciam mortos,

como se ele estivesse entediado.

Retirou as caixas da cadeira e as colocou no chão, ao lado da cama. Tragou o

cigarro e, afastando-o da boca, exalou duas nuvens cinzentas pelas narinas.

“Eu sei”, ele sorriu, “um médico que fuma.”

Ele segurou a garrafa de água à sua frente e sentou-se.

Eu podia voar no pescoço desse escroto!

“Está com sede?”

Estendi a mão, mas Freddie afastou a garrafa.

“Primeira lição, John.” Deu outra tragada e continuou, através da fumaça.

“Você tem que pedir.”

Eu olhava para ele, seu crachá e a água.

Ele se recostou na cadeira.

“Você tem que pedir.”

“Posso, por favor, beber um pouco de água?” Minha voz soava débil e distante do meu corpo.

“Muito bem”, disse. “É assim que se faz.”

Então, me estendeu a garrafa.

“Viu?” Freddie disse. “Está fechada. Não fiz nada.”

Bebi e derram ei um pouco sobre m eu pescoço e sobre o colchão.

“O que você fez com igo?”, perguntei.

“Não fiz nada, você é quem fez a si m esm o.”

Tam pei a garrafa.

Então é assim, seu filho da puta?!

“Essa coisa está m achucando m eu tornozelo.” Estava tentando m edir as

reações dele. Precisava ser cuidadoso. “Poderia m e soltar, por favor?”

Freddie se inclinou sobre a cam a. Colocou um a m ão no m eu calcanhar e a

outra sobre o m eu pé. A m aneira com o girou m eu pé e olhou para m im

realm ente era a de um m édico.

“Então para de puxar”, ele sentenciou. “Posso passar um a pom ada para não

infeccionar. Am anã talvez troque o lacre para o outro tornozelo, se você quiser.”

Talvez m e forçasse a pedir “por favor” por aquilo tam bém . Ele se abaixou

até o chão. Ouvia ele m exendo em algum a coisa, o barulho de um a tam pa de

plástico se abrindo. Tirou o cigarro dos lábios com os dedos, estendendo-o em

m inha direção.

“Quer?”

Desviei o olhar.

“Achei m esm o que não ia querer. Seu negócio é beber, não é?”

Freddie deixou o cigarro em algum lugar. Eu não conseguia ver.
Esprem eu

um a pomada transparente de um tubo prateado na ponta de seus
dedos e a

aplicou sobre meu tornozelo ferido. Cuidadosamente. Olhei para a janela,

imaginando o que havia lá fora.

“Melhorou?”

Não respondi. Tomei outro gole e tampei a garrafa.

“Quer ir ao banheiro? Aposto que você precisa mijar, não é, John?”

Minha bexiga estava prestes a explodir.

“Meu nome é Jack.”

Olhei bem para ele em busca de qualquer reação. Seus olhos não
diziam

nada, era assustador. Sabia que eu tinha de cooperar para que nada
pior

acontecesse, mas assim tudo o que queria era avançar sobre ele e bater o meu
cabeça forte

que conseguisse. A única explicação para ele me chamar de John era
se tivesse

vasculhado minha carteira. Fiquei imaginando o que ele teria feito
com ela e

com minhas roupas. Com o que tinha me levado até aquele quarto. Sabia
que a culpa

de estar ali era minha e que ninguém tinha dado falta de mim.

Conner provavelmente achava que eu ainda estava chateado.

Devia ter ficado com ele e com Dana quando me chamaram.

Eu me sentia enjooado.

“Você me deixa levantar para ir ao banheiro?”

Freddie se inclinou e pegou algo no chão: um recipiente de plástico branco

que parecia uma garrafa, de boca larga, com uma tampa de borracha vermelha

presa a uma alça, por onde o segurava. Quando retirou a tampa, vi a guimba de

seu cigarro lá dentro.

“Urinol masculino”, explicou. “Cortesia do hospital, com o deus para ver.” Ele

inseriu o dedo na boca do urinol, apontando para baixo. “Assim . Pode usar.”

Meu estômago em brulhou. Freddie estendeu o objeto para mim , mas o

afastou provocativamente quando tentei pegá-lo.

“Tem que pedir.”

Comecei a pensar se ele não iria me machucar. No entanto iria doer. Me

perguntei se ele iria me machucar. E quando.

“Posso, por favor?”, repeti.

“Muito bem .”

Então, ele entregou o recipiente. Não queria usá-lo ali, bem na frente dele,

mas não tive escolha. Sabia que era algum joguinho doentio para que me sentisse

com o meu ânimo abalado, mas estava a ponto de me olhar todo. Não queria dar

a ele essa satisfação.

Tentei não olhar para ele enquanto assistindo, deitado, enquanto estava naquela

coisa de

plástico. Tentei me imaginar bem longe dali, mas era impossível.

Freddie acendeu outro cigarro enquanto me observava enchendo o urinol.

“Jack, seus pais são hippies ou o quê?”

Estava nervoso, não conseguia dizer nada. Não sabia o que ele queria de

meu irmão.

Freddie apontou o cigarro para as minhas mãos. “Você sabe. Não foi circuncidado.”

Parei, subi a cueca. Engoli seco. “Nasci no chão. Nunca entrei em um hospital na vida.”

Não consegui terminar. Molhei a cueca. Tentei cobrir o círculo úmido com

uma das minhas mãos. Fiquei com medo de que ele visse e ficasse nervoso. Com exceção

de mim. Nunca tinha medo de mim. Era como se estivesse testando meus

próprios limites: tinha ouvido falar de pessoas que tremiam incontrolavelmente

quando estavam assustadas, mas não acreditava. Até aquele momento.

Freddie pegou o urinol. Colocou a tampa e levantou, agitando, cheio de

metade. Eu podia ver o vulto negro da guimba do cigarro boiando lá dentro. Ele

me me deu de cima para baixo como se fosse fazer um caixão. “Você vai precisar de

um banho amanhã. Vou lavar a sua cueca também, mas só se você

se com portar

e pedir por favor.”

Então, ele deu um im pulso com os pés e deslizou a cadeira para longe da

cam a e se levantou. Colocou o urinol quase cheio sobre a cadeira, pegou a caixa

de plástico que tinha deixado no chão. Colocou outro urinol vazio, um a garrafa de

água cheia e um penico ao lado da cam a.

“Você poderia m e devolver m inhas roupas?”

“Por quê? Está com frio?”

Eu suava. Ele sabia que não estava com frio. Não disse nada.

“Por favor?”

“Preciso ir agora, Jack. Mas você m e verá em breve. Prom eto. Não faça

nada estúpido. Não tente gritar porque ninguém vai ouvir. Bem , se alguém ouvir,

serei eu. E você não quer m e deixar nervoso, não é? Você tem sido um bom

garoto até agora, Jack Wy nn Whitm ore, que acabou de fazer 16 anos em abril.

Bom garoto. Continue assim .

Todo o m eu corpo trem ia. É claro que Freddie via o quanto eu estava assustado, m as não dava a m ínim a. E dava para perceber – eu sabia – que ele

tinha feito aquilo outras vezes.

“Quer que eu te dê algum a coisa para relaxar?”

“Não, por favor.”

Tinha de forçar as palavras para fora, m eu queixo travava.

“Se quiser, eu posso te dar”, respondeu.

Então virou a cadeira e a deslizou em direção à porta.

Então gritei, “Vai se foder, seu filho da puta!”, E joguei a garrafa de água

nele. Não consegui evitar. A garrafa o acertou entre os ombros e caiu no chão.

Freddie parou e deu-me a volta. Pegou algo em cima da cadeira, um objeto

preto e metálico.

Um arma de choque.

Freddie disse, “Você está fazendo essa parte durar mais que os outros”.

Tentei desviar, mas, antes que eu pudesse reagir, as pontas de metal já

estavam encostadas na minha barriga.

Era como se fosse esfaqueado várias vezes. Tentei gritar e me mexer, mas estava

muito e paralisado. Ainda assim, em meio à dor que latejava em meus ouvidos,

ouvi Freddie gritar, “Vou te matar agora, é isso que você quer? É isso que você

quer? É só pedir! É só pedir, Jack!”.

Ele parou.

Meu corpo estava a ponto de ceder.

Sentia lágrimas correndo pelo rosto enquanto tentava encher os pulmões e me

recuperar dos espasmos.

Mas Jack não chora.

Nunca chorou.

Fechei bem os olhos. Então, Freddie colocou o aparelho debaixo do meu

braço e me eletrocutou mais uma vez, por mais tempo ainda.

Pensei que fosse morrer.

Quando ele parou, eu estava me esforçando para não chorar. Freddie colocou

a armadura de volta sobre a cadeira, com o se estivesse me dando um presente.

“Quer morrer agora, Jack?”

“Não.”

“Tem que pedir.”

“Por favor, não quero morrer, doutor.”

Freddie estalou a língua. Talvez não gostasse de ser chamado de doutor. Então

ouvi a cadeira sendo empurrada para fora do quarto.

Permaneci de olhos fechados. Estava com muito medo. Quase pude sentir a

sombra de Freddie sobre mim quando ele voltou e parou ao pé da porta. Abri os

olhos e vi o rosto para ele. Segurava uma seringa e tinha a armadura de choque no

bolso.

“Agora vai ser do meu jeito, Jack.”

Se aproximou da cama.

Eu tremi.

Ele apoiou a mão na minha coxa e puxou minha cueca para cima.

Senti o

álcool gelado sobre a pele.

Virei a cabeça e senti a seringa penetrando o m úsculo.

“Pode ficar tranquilo”, ele disse. “Só vai te acalm ar um pouco. Só isso.”

Retirou a agulha e esfregou o lugar da inj eção. Depois lam beu m inha perna,

bem devagar. Tive vontade de vom itar enquanto sentia seus dentes e a sua língua

sobre m inha pele, m as m eu estôm ago estava vazio.

Pude ouvi-lo engolir, ao term inar.

“Tenta ficar calm o, Jack.”

Ele pousou a m ão sobre m inha testa e depois m ediu m eus batim entos

cardíacos.

Correu os dedos pelos m eus cabelos.

Fechei os olhos e virei o rosto.

Freddie tentava m e levantar pelos om bros e m e virar de bruços. “Preciso que

você deite de barriga para baixo. Faça isso.”

Eu podia sentir o efeito da inj eção. Estava leve, estranho.

“Não! Me deixa em paz!!”

“Jack?”

Ele passou a arm a de choque pela m inha garganta.

Eu não ia suportar outro choque. Fiquei encolhido, contendo os soluços. Mas,

estranham ente, de repente nada m ais parecia ter im portância. Era tudo um a

grande piada, afinal. Eu me sentia com o se estivesse derretendo. Com
cei a me

virar sobre a cama e Freddie me empurrou até eu ficar com pletam
ente de

braços, com o rosto quase enfiado no colchão. Tentava fingir que nada
estava

acontecendo, que estava em algum outro lugar. Era assim que me
sentia mesmo.

Então, a outra mão dele deslizou por minhas costas e puxou a cueca
para baixo.

Freddie afastou minhas pernas, a cueca já estava dependurada no
lacre que

me prendia. Sua mão, coberta por algo gelado e escorregadio, subia
por dentro

das minhas coxas. Tentei me afastar, mas estava preso. Não me im
portava mais.

A culpa era minha. Com ela a perder a consciência enquanto ouvia
um

telefone tocar ao longe.

Ele tirou as mãos de mim. Ouvi Freddie limpá-las no colchão.

“Porra, você me atrasou.”

Freddie me agarrou pelos cabelos e apertou meu rosto contra o
colchão.

Saiu batendo a porta.



SETE

O barulho de um a televisão vinha de algum lugar da casa. Era um daqueles

canais de com pras. *A Hora da Ametista*. Eu estava desorientado, m as bem . A

cam a era confortável. Não sentia m eu tornozelo doer. Tentei subir m inha cueca.

Você não pode dormir, Jack.

Agora não.

Parece que fiquei ali, olhando para as cortinas, sem piscar, sentindo um leve

form igam ento sob a pele, com o se tivesse borboletas dentro de m im batendo as

asas sem parar, m e sentindo tão relaxado, tão relaxado, por horas. Mas talvez

tenha sido apenas alguns m inutos. A voz da televisão parecia repetir a m esm a

frase sem parar.

Até que ouvi algo diferente. Tive a im pressão de que vinha de debaixo da

cam a. Im aginei um m enino rolando um a bola de m adeira e depois batendo com

ela no chão.

Rolando.

Tac. Tac. Tac.

Achei que estava ouvindo coisas. Mas o som m e era fam iliar, com o se fosse

um a m ensagem que eu entendia inconscientem ente, m as não conseguia traduzir

em palavras, irritante com o um espirro que não sai.

Você está ficando doido, Jack.

Mexa-se.

Levante-se.

Jack, levanta daí.

Rolando. Tac. Tac. Tac.

Acho que aquele desgraçado já foi embora.

Com dificuldade, consegui m e sentar. Quase caí da cam a. Torci o corpo para

o lado, enfiei a m ão através no forro do estrado do box da cam a, Tateando entre

as m olas. Eu lem brei que havia algum m otivo para procurar algo ali. Senti algo

m etálico na base da cam a.

Um pedaço de m ola ou um a presilha de algum tipo. Abaixei a cabeça e a

apoiei no chão para olhar em baixo da cam a: escuridão total. Meus dedos

estavam descoordenados. Senti um puxão forte no tornozelo.

Isso.

Peguei.

Algo que conseguia entortar. Para frente e para trás. Para frente e para

trás.

Cortei a m ão. Não doía. Sentia o sangue escorrer pelo pulso, caindo em espessas

gotas no chão de Freddie.

Exatam ente com o nascer de novo.

Eu estava fazendo aquilo durar mais.

Ele tinha feito isso antes. Qual tinha sido o fim dos outros garotos? Por que não

lutaram? Como o filho da puta conseguia sair impune todas as vezes?

O que aconteceu com os outros?

Eu estava prestes a desm aiar. Soltei a m ola e m e alavanquei de volta para a

cam a. O sangue estava subindo para a cabeça. Precisava m e m exer e fiz

abdom inais. Era ridículo. Não por estar m e contorcendo sem inu, preso a um a

cam a, m as pelo que tinha feito para term inar ali. Torci o corpo para o lado m ais

um a vez e derrubei o urinol com o m ovim ento. Com ecei a entortar a m ola

novam ente.

Pic.

Ele era m uito idiota.

Devia ter m e deixado em paz no parque.

Com aquele pedaço de m etal, arranquei o lacre de ny lon do pé em cinco

segundos.

O sangue escorria da m inha m ão e do m eu tornozelo, cobrindo a

quina da

cam a. Coberto de sangue, eu devia parecer um assassino, se alguém
m e visse.

Não tinha percebido o quanto aquele laque tinha ferido m eu
tornozelo.

De ouvidos atentos, m e levantei.

Silenciosam ente, tateei pelo quarto. Não havia nada, a não ser a cam
a. Eu m e

deparei com um a porta corrediça dupla, que deduzi que fosse um arm
ário, e por

baixo da única porta do recinto vinha um resquício de luz. Eu m e
abaixei e coleí o

rosto no chão, tentando enxergar pela fresta. Não via nada, apenas um
a lâmpada

acesa refletida no chão. Senti que estava adormecendo, e m e pus de jo
elhos.

Tontura.

Espere.

Abri as cortinas. Havia um lado de fora do outro lado da janela, e era
noite lá.

Vi um telhado m ais abaixo. O quarto em que estava preso ficava no
segundo

andar. Na luz difusa, consegui vislumbrar um a cerca branca, um a
caixa de

correio, carvalhos e lum inárias sobre pilares de tijolos na entrada de
um a

garagem .

Tinha de sair por ali, não podia m e arriscar a sair pela porta e passar
pelo

interior da casa. Era de lá que Freddie vinha, arrastando aquela

cadeira, era lá

que a *Hora da Ametista* ainda estava passando.

Encostei o rosto no vidro gelado. Tentei pensar. Queria m inhas roupas, m inha

cam inhonete, m eu celular.

Queria poder pedir aj uda a Conner.

Queria que estivessem preocupados com igo ou ao m enos tentando m e ligar.

Fuja.

Queria chorar, queria até deitar de novo naquela cam a e ficar ali m orrendo

de m edo.

Mas Jack não chora.

Talvez.

Abri o arm ário e enfiei a m ão lá dentro. Nada. Estava escuro. Fiquei de

j oelhos, tateando o chão. Um pano. Talvez fosse apenas um pano de chão, nada

m ais. Peguei e fui para a j anela. Eram calças verdes de m édico. Havia m anchas

escuras de sangue em um a perna. Eram da m inha m ão.

Enquanto vestia as calças e am arrava o cordão, tentava não pensar em quem

as teria usado antes de m im .

Abri o trinco, em purrei a j anela e pulei para fora.

Era boa a sensação das telhas sob m eus pés descalços.

Quando pulei do telhado, não dava para ver o chão. A queda foi forte. Bati o

queixo num dos j oelhos e fiquei tonto novam ente. Tive de m e sentar no gram ado

por alguns segundos. Olhei para o sangue espalhado pelas calças dele e para a

entrada da garagem onde ele tinha estacionado para buscar aquela garrafa

d'água.

A entrada da garagem estava vazia.

Eu era o único por lá.

Sai dali e peguei e a rua à direita.

A casa m ais próxim a ficava a uns quinhentos m etros. Não queria ver ninguém , nem ser visto. Ao longe, podia enxergar as luzes em baçadas e o som

abafado dos carros passando pela rodovia 101.



OITO

Quase gritei quando vi m inha cam inhonete Toy ota estacionada na calçada da

casa de Conner. Alívio. Era com o se voltasse para o m undo real. Com o se tivesse

rastej ado para fora de um pesadelo.

Mesm o descalço, sem cam isa e drogado com o estava, tinha cam inhado até a

casa do meu melhor amigo antes do nascer do sol. E a cada passo
temia que

Freddie me encontrasse, então me escondia quando via a luz de
qualquer farol.

Cheguei a pensar que já estava morto e que era apenas a minha alma
a que

vagava pelas redondezas de Paso Robles naquela noite de verão, à
procura de um

lugar para descansar.

Esmorei a porta até Conner descer. Ele estava só de cueca e em
punhava um

taco de beisebol.

“Jack!” Conner abaixou o taco e abriu toda a porta “Caralho, o que
aconteceu

com você?!”

“Algo muito ruim, Con.”

“Mas o quê?”

Entrei e me sentei na escada. Com a cabeça entre os joelhos, olhei
para a

barra da perna direita da calça encharcada de sangue.

“Não sei. Preciso tomar um banho e trocar de roupa. E dormir.”

“Tudo bem, Jack, tudo bem.”

Dormi na cama dele. Fiz Conner prometer que ficaria comigo até eu
acordar,

e também fiz prometer que não falaria comigo nem me
perguntaria nada até

que eu conseguisse dormir e colocar a cabeça no lugar. Ele
concordou.

De noite, abri os olhos e entrei em pânico. Precisei apalpar os lençóis

para ter

certeza de que não tinha sonhado e de que minha perna não continuava presa.

Tirei as cobertas de cima de mim com tudo e olhava para os lados

freneticamente, e então vi Conner, que tinha se arrastado para a cama e dormia

ao meu lado. Adormeci novamente.

Quando acordei, havia dois copos grandes de café da Starbucks sobre o

criadouro. Acho que olhei para eles por um bom tempo. Conner me

observava, na cadeira de sua escrivaninha com os pés apoiados. Ele deu um

chute de leve no meu pé.

“Pedi pra entregarem”, ele disse. “Paguei cinquenta contos pro cara vir

aqui.”

Desviei o olhar para ele.

“Pode acreditar”, Conner insistiu. “Eu disse que não sairia. Tome.”

Ele se levantou, pegou um dos copos e me deu.

Sentei-me e recostei.

“Que horas são?”, perguntei.

“Três da tarde. Meus pais devem chegar antes da meia-noite. Todo mundo

está tentando ligar para você. A bateria do seu telefone morreu.”

“Todo mundo?”

“Bem, não todo mundo. Seus avós.”

“O que você falou pra eles?”

“Falei que a bateria do seu celular acabou e que você voltaria quando
m eus

pais chegassem . Está tudo bem . Você sabe, eles confiam em você.”

Conner se sentou na cama, ao meu lado. “Você se enfiou em alguma
encrenca?”

“Não.”

Ele chegou mais perto, como se estivesse se confessando, quase
sussurrando.

“Ficou bravo comigo? Pelo que aconteceu na festa? Tipo, eu só
queria... sei lá.

Desculpa se eu te deixei puto, Jack.”

“Não fiquei bravo com você, Conner.”

Ele sentou-se ereto, suspirando. “Ok! Porque eu... você sabe, não quero
que você

fique estranho comigo logo antes da viagem . Sério, cara, vou te
arrumar um a

mulher lá, você vai ver.”

Ele deu um sorriso amarelo.

Conner encostou os lábios no copo de café e os afastou rapidamente.
“Essa

porcaria não esfria nunca!” Ele deu outro sorriso constrangido. “Então,
cara. O

que aconteceu?”



NOVE

“Vam os m atar o filho da puta”, disse Conner.

Eu sabia que ele não estava falando sério. Conner nunca levava nada a sério.

Era por isso que nunca se alterava, com o quando o encontrei fazendo sexo com

Dana. Tudo para Conner era um j ogo, e ele sem pre m e testava para ver se

j ogaria tam bém .

Contei tudo o que tinha acontecido, com o m áxim o de detalhes que pude

lem brar, desde quando peguei a cervej a daquele cara que nunca vi depois de

m ij ar, até quando apareci na porta da casa dele. Conner balançava a cabeça

enquanto eu contava tudo o que Freddie fez, com o se fosse difícil de acreditar. Eu

quase não conseguia acreditar em m im m esm o, m esm o as palavras saindo de

m inha própria boca.

Em determ inado m om ento, Conner perguntou, “Ele... você sabe, ele... te

estuprou?”

“Não”, eu atalhei. Parei, esperei, tentei engolir. “Na verdade, não. Mas,

depois de m e dar um a injeção, ele tentou. Nessa hora o telefone tocou, ele ficou

puto e foi em bora. Daí, tive que m e esforçar para não apagar. Foi quando

consegui tirar um pedaço de metal que achei debaixo da cama e fugi daquela

merda de lugar.” Engoli em seco e continuei. “Ele tinha um a conversa de ‘eu que

mando’ e m e forçava a pedir ‘por favor’ pra tudo.”

Mostrei as bolhas que a arma de choque tinha feito em minha pele, na minha

barriga e debaixo do braço. Também mostrei o furo da agulha.

“Minha carteira e minhas roupas ficaram lá. E o tênis que eu tinha acabado

de comprar.”

“Você devia denunciar o cara.”

“Não”, eu cortei. “Não vou contar nada para ninguém, exceto para você,

Conner. O que é que eles podem fazer, afinal? Eu só ia m e encrencar por estar

bêbado e drogado. Não quero que ninguém saiba que fui tão idiota. Ainda mais

Wyann e Stella. Vou viajar na quinta, Conner. Não quero que isso estrague as

coisas. Só quero esquecer.”

“Mas e se ele sequestrar outra pessoa?”

“Não fui o primeiro”, disse. “Vão acabar pegando o cara. Não vão os

estragar as nossas férias com isso, Con. A culpa é minha, eu fui burro.”

Conner deu de ombros. “Você podia pelo menos dar um susto nele.”

“Não conta para ninguém, tá?”, pedi.

“Sem problema. Todo mundo acha que você é gay mesmo.”

Conner viu que sua piada não tinha graça e empurrou meu pé.

“Para, só tava brincando! Vai passar, Jack. Vamos esquecer esse assunto, se é

o que você quer. Acho que também não contaria para ninguém se um escroto

fizesse isso comigo. Só para você. É foda.”



DEZ

“Se divertiu no Conner?”, Stella me beijou na bochecha enquanto tentei

passar despercebido, vestindo a mesma bermuda de basquete e a camiseta que

usava no sábado de manhã, quando tinha saído.

Sabia que parecia abatido e me sentia culpado, com o peso carregado um a

placa com os dizeres “Jack fez algo horrível” e, do outro lado, “dá para ver que o

Jack foi dopado e quase estuprado, não é?”.

Vi Wy nn no fim do corredor, sentado no sofá, assistindo a um jogo de

beisebol na sala de estar. Ele olhou na minha direção e acenou.

Acenei de volta e abaixei a cabeça.

“É, foi legal”, respondi.

Quase engasguei.

Stella apoiou as mãos em meus ombros, me olhou de cima para baixo e disse,

“O que vai ser de nós sem você aqui, Jack? Estava tão sozinha. Senti sua falta no

fim de semana.”

“Deixa menino em paz pra fazer o que quiser, Stella! Ele está indo bem, pelo

menos até agora!”, interrompeu-me Wy nn, da sala.

“Jack, deixa o celular sem pre carregado quando estiver na Inglaterra, por

favor”, ela pediu.

“Prometo que vou deixar, Stella. Desculpa.”

Tentei passar por ela para ir logo para o quarto.

“O jantar sai em uma hora”, ela avisou.

Comeci a subir a escada.

“Vou sair com o Conner. Preciso comprar roupas para a viagem.”

Parei. “Ah, perdi minha carteira. Acho que vou precisar de outro cartão de

crédito.”

“Estou vendo com o que você está indo bem”, Stella falou alto para que me ouvisse,

mas ele não ouviu.

“Desculpa, Stella.”

Continuei a subir.

“Jack, m eu bem , o que aconteceu com o seu pé?”

Travei. Eu não m entia bem , e Stella sabia. Não tinha pensado em com o

responder àquela pergunta.

“Enrosquei o pé em algum a coisa”, respondi. “Correndo... com o Conner.”

“Parece até que foi aram e farpado.”

Senti m eu rosto ficar verm elho e torci para que estivesse escuro o suficiente

para que ela não notasse.

“Bom , passa um a pom ada para não infeccionar”, ela disse.

“Já passei.”

“Quer ir ao m édico?”

“Não precisa.”

Subi.

Sozinho no quarto, sentei-m e na quina da cam a e m e olhei no espelho estreito

do closet. Era a prim eira vez que realm ente sozinho desde que fugi de Freddie. A

cam inhada assustada até a casa de Conner não contava, porque aquilo foi com o

nadar contra um a correnteza de pânico, com a presença de Freddie por todo o

cam inho.

E eu nunca choro. Aquilo na casa de Freddie não foi choro. Era m ais com o se

m eu corpo estivesse se preparando para m orrer.

Por que naquele m om ento, a m orte parecia m esm o inevitável.

Olhei para m eu tornozelo. Estava m uito m achucado.

Tirei a cam iseta e joguei pela porta. As m arcas na barriga tinham se tornado

dois pequenos hem atom as, com o um a m ordida de cobra. Meu cabelo estava todo

desarrum ado. Tinha duas m anchas escuras sob os olhos e parecia ter perdido

cinco quilos. Eu consegui ver m inhas costelas.

Tirei a berm uda e desfiz o nó do cordão, puxando por um lado até ele sair por

inteiro. Joguei a berm uda no chão e m e sentei apenas de cueca. Olhando no

espelho, enrolei o cordão em volta do m eu tornozelo. Era com o assistir a um

film e bizarro.

Bem apertado.

A dor era boa. Um alívio.

Am arrei o tornozelo ao pé da cam a e fiquei ali, encarando m eu reflexo

patético no espelho. Puxava o cordão, abrindo m ais a ferida, até quase gritar de

dor.

Mas não chorei.

Por que ele tinha feito aquilo comigo?

O que ele queria de mim?

Eu sei que é estranho, m as parte de m im queria voltar para a casa de

Freddie.

Com o se tivesse deixado algum a coisa para trás, que só recuperaria se voltasse

àquele quarto, para aquela cama.

Era com o se aquele fosse o meu lugar.

Era com o se eu me erecesse aquilo.

Fiquei ali até que estivesse escuro demais para ver no espelho o reflexo

daquele cara sem roupas, sujo e doente.

Foi a primeira vez na vida em que quis me matar.

“Que porra é essa, cara? Tá doido?” Ouvi o sussurro desesperado de Conner

enquanto ele se espremiava pela porta entreaberta de meu quarto e a fechou com

as costas.

Eu continuava sentado, sua voz era com o um a corda me puxando das

profundezas de um abismo.

“Jack?”, Conner acendeu a luz. O filme recomeçava no espelho.

“Ah. Caralho! Foi mal, Conner.” Balancei a cabeça e cobri os olhos com a

mano.

“Tira essa merda do pé.” Conner começou a desatar os nós em torno do meu

tornozelo. Meu pé já estava roxo e sangrava novamente. “Cara, você precisa de

ajuda. Tira essa porra do pé!”

Deitei na cama enquanto Conner desenrolou o cordão encharcado de

sangue

e foi até a porta do quarto.

“Vou pegar algum a coisa pra fazer um curativo.”

Cobri o rosto com o braço.

“E para com essa merda, Jack, senão vou chamar alguém. Vou falar com

Stella.”

“Não!”

Conner saiu.

Não tinha notado o tempo passar. Talvez ainda estivesse drogado. Tinha

esquecido que ia sair com Conner naquela noite.

Ele voltou do banheiro com um kit de primeiros socorros nas mãos e se

ajoejou ao pé da cama. Espalhou uma pomada antibiótica sobre os cortes e,

cuidadosamente, espalhou com a ponta dos dedos, com o se queimasse ao

encostar em mim, ou com o se eu fosse tóxico. Depois, enrolou gaze em torno do

meu tornozelo, fechando o curativo com esparadrapo. Eu não disse nada durante

todo o processo.

“Você não acha melhor ir ao hospital, Jack? Eu te levo. Acho que você devia

ir.”

“Não... Sei lá.” Eu me sentei e olhei para ele. Meus olhos deviam estar horríveis. “Acho que essas drogas que ele injetou em mim estão me

deixando

doido. E não com o nada faz dois dias. Vou ficar bem , Con. Valeu.”

“Vem cá. Levanta e troca de roupa. Vam os com er.”

Conner m e levantou para que eu pudesse andar.

Mantive o olhar distante do espelho.



ONZE

Stella ligou para o banco para em itirem outro cartão de crédito para m im . E

m e deu dinheiro – ela sem pre tinha dinheiro pra m im –, então fui com Conner a

um a cervej aria que servia pizza e ham búrger. Com ecei a m e sentir m elhor,

acho, m as não conseguia evitar o sentim ento de vazio, com o se tivessem tirado

algo de m im , deixando um buraco.

O centro do universo.

Enquanto com íam os, m eu olhar se perdia no vazio, e as im agens de tudo o

que tinha acontecido se repetiam , m uito irreais. Conner percebeu o que acontecia

e m e cham ou de volta, “Jack, para com isso. Tem certeza que não quer que eu

conte pra ninguém ?”.

Ficam os no shopping até a hora de fechar, às dez. Com prei m ais roupas e um

tênis, m as nada disso substituía o que Freddie Horvath tinha roubado. Tentava de

toda form a parar de pensar naquilo, m as não conseguia.

Na volta, passam os em frente ao Java & Jazz. Vi a Mercedes conversível de

Freddie estacionada em um beco entre o café e a cerca de aram e das quadras de

basquete do Steckel Park.

Tinha quase certeza de que Conner tinha escolhido esse cam inho de propósito:

ele ficava olhando para m im à m edida em que nos aproxim ávam os do parque.

E, quando finalm ente passam os pelo Java & Jazz, eu disse, “O cara que m e

sequestrou está aqui. Aquela Mercedes é dele.”

Conner parou a picape no m eio da rua e olhou para onde eu apontava. O

carro de trás quase bateu na gente. Ouvi a freada estridente, e quando o carro nos

contornou, dedos m édios esticados saíram das duas j anelas.

“Vai se foder tam bém !” Conner respondeu.

“O que está fazendo?”

“Vam os foder esse filho da puta!”

“Não, cara!”

Mas Conner não estava ouvindo. Eu sabia só de olhar para ele. Éram os

am igos desde antes do j ardim de infância, e eu conhecia aquele olhar com petitivo de Conner Kirk. Aquilo dizia que ele não ia desistir até ganhar o j ogo.

Ele estendeu o braço por trás do banco do carro e pegou um canivete.

Ele o abriu.

Senti m eu estôm ago em brulhar, e Conner disse, “Lâm ina versus pneus igual a

um a luta inj usta.”.

“Não, Conner.”

“Com o assim , cara? Você tem que fazer algum a coisa. É o que você precisa.” E continuou. “Lâm ina versus teto de tecido da Mercedes igual a

carneirinho na boca do lobo.”

Conner ria.

Eu suava.

“Con, para com isso.”

Ele desligou os faróis e aproxim ou a picape do carro de Freddie.

“Foda-se, Jack! Agora eu j á estou envolvido. Ninguém fode com a gente.

Ninguém !”

Abriu a porta e deixou o carro ligado.

“Anda logo, Jack! É hora de um a pequena vingança.”

Minha cabeça estava a m ilhão quando fiquei ao lado de Conner olhando para

o carro. Sem perder tem po, ele cravou o canivete no teto da Mercedes. Pulei

com o se tivesse sentido a punhalada e ouvi o som de Conner retalhando a capota

acima do banco do passageiro.

“São as mesmas coisas ali”, eu aponte.

Conner parou.

Minhas roupas estavam dentro da Mercedes. A Bermuda, as meias e a camisa

que usava na festa, em bolados e jogados acima do Vans que eu tinha usado

apenas uma vez. Conner subiu no capô, enfiou o braço através do teto rasgado e

abriu a porta. Não tinha alarme. Aquele carro devia ter pelo menos trinta

anos.

Com efeito afogar quando ele abriu a porta. Vi que Conner também estava

assustado. E sabia que ele estava assim porque no fundo não havia acreditado

totalmente no que eu tinha contado – talvez ele tivesse medo de admitir que

coisas assim acontecessem a garotos normais como eu e ele –, mas, ver minhas

roupas no banco de passageiro daquele carro tinha trazido todo aquele mundo

horrível à tona.

“Pega as roupas”, Conner me andou.

Quase passei mal de tocar minhas próprias roupas e meu tênis. Abri minha

carteira. Estava tudo lá, mas fora do lugar.

Exatamente como o Jack.

Quando peguei as roupas, vi uma caixa plástica que me era familiar.

“Olha só, Con”, sussurrei.

Dentro dela, havia alguns lacres, iguais ao que Freddie tinha usado para m e

prender. Conner pegou dois deles, e enrolou as fitas pretas e grossas entre os

dedos. Na caixa, estavam ainda a arm a de choque de Freddie e um a cartela de

com prim idos. E tam bém agulhas hipodérm icas e um recipiente contendo um

líquido claro, com os dizeres do rótulo cobertos por rabiscos grossos de caneta

preta.

“Caralho!” Do j eito com o falava, parecia que Conner tinha desenterrado

um a tum ba. Pegou a arm a de choque, apertou o gatilho duas vezes e guardou no

bolso. “Esse cara é doente. Isso é sedativo.” Ele segurou as pílulas sob a luz fraca

que vinha das quadras.

“Acho que foi isso que ele m isturou na água naquela noite”, eu disse.

“E foi essa m erda que ele inj etou em você.” Conner girava o frasco entre os

dedos.

“Vam os nessa, Conner.”

“Eu quero ver ele.”

Parecia que m eu coração ia sair pela boca.

“Con...”

“Me m ostra quem é o cara”, ele insistiu. “Preciso ver esse escroto.”

“Estou ficando com m edo.”

“Eu sei. É por isso que eu quero saber quem é ele. Porque aí você nunca m ais

vai ter que ter m edo, cara. Me m ostra o filho da puta!”

Eu não disse m ais nada. Voltei para a picape de Conner, entrei e sentei,

segurando m inhas coisas no colo. Não conseguia olhar para elas, apenas para a

luz do poste no fim do beco. Fechei a porta e Conner colocou a cabeça pela

j anela.

Ele suspirou. “Beleza, Jack. Vam os nessa, então.”

Naquele m om ento, ele deve ter percebido a m udança no m eu olhar, que

ficou vidrado na esquina logo à frente.

Freddie Horvath vinha em nossa direção, trazendo um café, vestido para m ais

um a noite de trabalho.

“Ele está vindo.”

Conner se abaixou entre os carros, se escondendo do hom em que

aparentem ente tinha visto a gente ali, naquele lugar escuro. Eu trem ia m ais a

cada passo que ele dava. Tinha certeza de que Freddie m e veria, m esm o que

fosse quase im possível. Era com o se ele tivesse o poder de sentir m inha presença

onde quer que eu estivesse.

“Vam os em bora, Conner”, sussurrei. Meu pé trem ia. Eu não via m ais o

Conner. Pensei que ele já tivesse dado a volta e fosse abrir a porta da picafe,

mas, logo que Freddie notou o teto de seu carro todo retalhado, Conner atacou seu

pescoço com a arma de choque e gritou alguma coisa.

O café voou da mão de Freddie, espalhando-se sobre o capô da picafe de

Conner, e ele bateu a cabeça na porta da Mercedes antes de cair no chão. Conner

se ajoelhou e eu o perdi de vista. Fiquei aterrorizado, só queria sair dali.

“Conner.”

“Vem cá, Jack.”

“Con, vamos os dois em bora.”

“Vem cá e me ajude.”

Fiquei parado, sem saber o que fazer. Tudo estava tão silencioso e escuro. Por

fim, joguei minhas roupas e o tênis no chão do carro, entre meus pés. Saí da

picafe para a escuridão do beco novamente.

Conner tinha amarrado as mãos e os pés de Freddie com os lacres que tinha

guardado. Os olhos de Freddie estavam fechados e ele tinha um corte serrilhado

na testa, e havia um pequeno círculo de sangue no pavimento perto do pneu da

frente da Mercedes. Com o polegar, Conner forçava os comprimidos pela

garganta de Freddie.

“Conner, j á chega.”

“Já era”, Conner sussurrou. “Ele engoliu tudo. Agora vem cá m e ajudar.”

“Ele se m achucou m uito?”

“Ele não está m achucado. Só está desm aiado, eu acho...”, disse Conner,

enquanto lim pava na cam iseta a saliva de Freddie em seu dedo. “Mas ele vai

continuar desm aiado, com certeza.”

Conner olhou para m im e sorriu. Tinha aquela típica expressão no rosto:

estava ganhando o j ogo. Olhei para baixo, para Freddie Horvath. Ele parecia

frágil e doente, nada parecido com o m onstro que ocupava m inha m ente desde

que tinha fugido.

Chutei as costelas dele o m ais forte que consegui. Ele abriu os olhos por um

m om ento, com o se fosse um balão de água que quase explodiu com o chute.

“Isso, porra!”, disse Conner.

Chutei de novo e Freddie deu um leve gem ido. Cuspi nele.

Fiquei ofegante, estava em polgado e, ao m esm o tem po, tenso. Olhei rapidam ente para os lados, m as de repente m e senti m ais acordado e m ais cheio

de energia do que tinha m e sentido desde a noite da festa de Conner.

Fiquei de j oelhos, escondido ao lado de Conner entre os carros. Sussurrei, “O

que fazem os com ele agora?”.

“Você tem uma ideia de onde ele está agora?”

“Fui até a porta de lá até sua casa. Nunca vou esquecer. Ele está agora em Dos Vientos

Ranch Estates.”

“Jack, vamos colocar esse escroto na picape e jogá-lo na casa dele. Daí

ligamos para a polícia e denunciamos as merdas que esse filho da puta faz.”

“Tem algo que revelar nossa identidade?”

“Não, eu disse que não ia contar pra ninguém. Desse jeito ele vai ser pego e

vamos dar o troco.” Conner pegou a caixa de plástico. Depois, tirou a camiseta e

comprimos as partes em que tinha encostado no carro de Freddie. Olhou

para mim rapidamente, me entregou a caixa e disse, “Você dirige”.

Manobrei a picape de Conner e parei com a carroceria bem perto de onde

Freddie estava desmaiado. Então Conner abaixou a tampa da caçamba e juntos

levantamos Freddie, cada um segurando debaixo de um braço. Nunca tinha

carregado um corpo antes, e Freddie Horvath era muito mais pesado do que

parecia. Nós jogamos o corpo dele e Freddie caiu de cara no chão da carroceria.

Acho que quebrou o nariz.

Ninguém viu nada.

Ninguém soube de nada.

Ele não se importou com isso, e eu não me importaria com ele – era assim que

funcionava.

Enquanto fazíamos isso, ouvia o jazz que vinha do café.

Depois que finalmente terminei os, assumi o volante. Deixei os faróis

apagados e saí lentamente pelos fundos do Steckel Park, pelas íngremes colinas à

oeste da rodovia 101, em direção à casa que Freddie havia me levado.

As janelas estavam abertas. Conner tocava clipes no DVD do carro. A

música estava alta e fazia-me sentir livre. Conner também estava em polgono –

com o braço para fora da janela, cantava junto com a música. Eu dirigia

sorrindo.

“Isso, porra!”, ele disse. “É assim que a gente resolve essas merdas.”

Levantei a mão direita para que ele batesse, mas Conner a apertou tão forte

que doía, mas eu não ia soltar. Apertei também o meu forte que consegui.

Estava feliz por ter feito aquilo, convencido, em meio à empolgação do

momento, que Conner era o melhor amigo que eu poderia ter. Tinha certeza de

que ele faria qualquer coisa por mim, e eu nem precisaria pedir.

Mas, só quando chegaram à entrada da garagem daquele desgraçado, em

Dos Vientos Ranch, nós notamos a carroceria da picape vazia.

Freddie Horvath não estava mais ali.

“Ai, m eu Deus do céu!”, disse Conner.

Voltam os pelo m esm o cam inho.

O que parecia ser um m onte de cobertores velhos j ogados no m eio da

Nacim iento Road, na escuridão, era na verdade Freddie Horvath.

Desliguei os faróis e parei a picafe de Conner no acostam ento, debaixo de

um enorm e carvalho.

–“Porra”, disse Conner. Ele ria, nervoso.

“Ele deve ter se levantado, sei lá”, concluí.

“Será que ele m orreu?”

“Que m erda, Con!”

Ficam os ali, no escuro, por não m ais que um m inuto. Não conseguíam os dizer

nada. Não precisávam os. Estávam os apavorados e sabíam os.

Abri a porta.

Fom os devagar até o local onde Freddie estava estirado. As m ãos e os pés

ainda estavam am arrados, e sua cabeça estava sobre um refletor laranj a na

faixa central da rua. Os pés estavam virados para trás. Os olhos, vidrados, e a

poça negra de sangue ao redor de sua cabeça refletia as estrelas do céu noturno.

Ele expirou um a vez, e m ais nada.

“Meu Deus, Conner”, sussurrei. “Matam os o cara.”

“Não fizem os nada. A culpa é dele.”

“E agora, o que a gente faz?”

“Não encosta nele, Jack. Vam os em bora antes que alguém chegue.”

Fiquei olhando para Freddie, boquiaberto e estático.

Conner me puxou pelo ombro. “Me dá a chave e entra na picape.”

Enquanto saíam do local em que deixaram o corpo de Freddie Horvath,

voltando pela Nascimento Road em direção a Glenbrook – a estrada estava

completamente deserta –, Conner virou para mim e disse, “Nem comença, Jack!

A culpa não foi nossa, então trata de esquecer o que aconteceu. Ninguém vai

ficar sabendo.”.

Exceto nós.



DOZE

Stella provavelmente achou que a viagem era o motivo de eu estar tão

fechado nos dias que se seguiram. Na quarta-feira, noite anterior à minha

partida, os jornais começaram a noticiar sobre o médico que tinha sido

assassinado e abandonado no meio da rua, e com a busca em sua casa o ligaram a

um garoto de 14 anos, desaparecido desde o verão passado.

Suspeitavam da

existência de outros, mas disso eu já sabia.

Conner tinha até um pouco de orgulho daquilo. Mesmo o que ele tivesse tanto

medo quanto eu de sermos descobertos, ele falava sobre como eram os heróis por

termos encerrado a carreira de um escroto. Me assustava pensar naquilo, porque

eu me sentia como um animal sendo caçado, então pedi a ele para não tocar meus pais

no assunto.

Não dormi nas três noites seguintes ao que fizemos com Freddie Horvath;

devia estar parecendo um morto-vivo quando Conner e meus avós me levaram

até o aeroporto de São Francisco. Fiquei muito dividido ao longo de todo o trajeto:

não queria ir sozinho, mas também não queria ficar em nenhum lugar perto de

onde eu e Conner acidentalmente matamos alguém. Não imaginei portava-se a vítima

também era um assassino.

Stella e Wy não pediram para esperar pelo avião comigo.

“Vamos tomar um café”, Stella propôs.

“Quero tentar dormir no avião.” Tentava mantê-los bem longe de mim, com o

se estivessem me segurando à beira de um abismo no qual eu quisesse que me

deixassem cair.

“Café é um a boa ideia”, disse Wy nn.

Olhei o celular. Faltavam duas horas para o voo.

“Preciso ir ao banheiro prim eiro”, eu disse. “Já volto.”

“Vou com você”, sugeriu Conner.

Suspirei. “Tanto faz.”

Deixei m inha m ala de m ão com Stella e Conner e eu abrim os cam inho entre

as centenas de rostos anônim os que iam e vinham . Senti cada um deles nos

olhando, com o se soubessem o que tinham os feito.

“Estou passando m al.” Apoiado na pia, eu joguei água fria no rosto.

Conner m e observava pelo espelho, logo atrás de m im .

“Vai ficar tudo bem , Jack. Quanto m ais a gente deixar o tem po passar e nos

afastarm os daquela segunda...” A voz dele sum iu. “Vam os ficar bem . Eu sei

disso.”

Dei de om bros e peguei algum as toalhas de papel.

Eu não queria olhar para o m eu am igo, e ele sabia. Conner m e segurou pelo

om bro e deu um a chacoalhada.

“Olha só. Vam os tentar nos divertir o m áxim o que der quando eu chegar lá.

Vam os tentar, cara. Só alguns dias e eu vou estar lá com você!”

“Não sei se vou dar conta, Con. Não consigo nem dorm ir.”

Não tinham os notado, m as um hom em carregando no braço um a j aqueta

cinza dobrada tinha saído da cabine e ficou ali, parado, nos

observando em

silêncio. Conner olhou para mim, depois para o homem e sorriu para mim

dizendo, “A gente é gay mesmo, e daí? Algum problema, seu escroto?”.

O homem desviou o olhar para o chão, envergonhado, e tratou de sair.

Em purrei Conner, de leve.

“Seu sem noção!”

Conner riu. “Vai dizer que não achou engraçado?! Você viu com o aquele cara

tava olhando pra gente?”

Tentei sorrir de volta.

Assim que as toalhas foram olhadas e as joguei no cesto. Saí e fui ao encontro de

Wyann e Stella.

Nunca andei sobre um lago congelado. Só consigo imaginar com o seria –

enfrentar a possibilidade de a qualquer momento afundar os pés entre pedaços

afiados de gelo e ficar submerso em águas escuras, lutando contra o frio,

tentando enxergar, contorcendo-se para achar o caminho de volta à superfície e

temendo que tudo aquilo aconteça novamente nos próximos passos.

Era exatamente assim que me sentia enquanto me afastava de Conner e

meus avós para passar pelo primeiro portão do caminho do embarque.

Não tinha volta.

Até a tripulação do avião, que m e cum prim entou quando entrei segurando a

passagem na m ão trêm ula, parecia saber quem eu era. Com o se cochichassem

uns para os outros enquanto eu passava pelo corredor de em barque, “Olha, o

m enino que m atou o doutor Horvath”.

Senti que estava pálido.

Coloquei a m ala debaixo do assento e um travesseiro entre m eu om bro e a

j anela de plástico. Olhei para o céu da Califórnia do lado de fora, preso entre dois

m undos, no m eio de lugar-nenhum , naquele avião que m e levava para outro dia

em outro lugar.

Então, o hom em que há pouco tem po olhava para m im e para Conner no

banheiro se aproxim ou e m e cum prim entou. Enfiou sua j aqueta cinza no

com partim ento de bagagens acim a do assento e sentou-se bem ao m eu lado.

Então é assim que vai ser daqui em diante, não é?

Tentei m e convencer de que era absurdo pensar que todos sabiam e que

estavam m e seguindo e observando. Lutava para respirar, eu suava e sentia o

estôm ago em brulhar novam ente.

“Viaj ando sozinho?”, perguntou.

Encarei o homem, na esperança de que me deixasse em paz. Ele cheirava a

sabão de banheiro público e tinha a mesma aparência de todos os executivos de

minha idade que você poderia ver em um avião.

“Vai para Londres sozinho?”, ele insistiu.

“Vou estudar. Em Kent.” Minha voz soava distante, com o mesmo tom de outra pessoa

respondesse por mim.

“Ah, é?”, ele disse. “Seu amigo não vem junto?”

“Na próxima segunda.”

Vai embora.

Olhei em torno, na esperança de encontrar um assento vago na classe executiva. Todos ocupados. Fingi que estava tentando dormir.

“Bem, vocês vão se divertir bastante.”

Algo sobre como ele disse aquilo me deu muita raiva. Sabia o que ele queria

dizer.

Ele continuou, “Tenho um escritório em Londres. Se é a sua primeira vez lá,

posso mostrar todos os lugares legais no fim de semana.” Ele estendeu a mão.

“Meu nome é Gary.”

Não apertei a mão dele.

Ele se aproximou, quase sussurrando, “Conheço as melhores boates, se é que

você me entende.”

Sussurrei de volta, “Me deixa quieto, porra.” Pluguei o fone de ouvido

no

celular, dei as costas para aquele Gary e fechei os olhos.

Teria um a longa viagem pela frente.

Acordei quatro horas depois quando a aerom oça m e perguntou o que queria

para j antar. Gary estava com a m ão debaixo do m eu cobertor, afagando m inha

perna. Estava tentando desabotoar m inhas calças.

Pensei, *Por que isso está acontecendo comigo?* Não sabia o que a aerom oça

tinha dito, então respondi apenas sim , abaixei a bandej a, olhei bem nos olhos de

Gary e disse em alto e bom som para todos ouvirem : “Se você não tirar agora a

m ão do m eu pinto eu vou te m atar, seu cretino”.

Em um m ovim ento rápido, Gary puxou a m ão e olhou para frente, fingindo

não saber o que estava acontecendo. A aerom oça ficou preocupada, talvez um

pouco assustada. Ela se afastou do carrinho sem servir com ida a nenhum de nós

dois, seguiu para a frente da cabine e deu um a olhada rápida através da cortina

que nos separava da prim eira classe.

Gary pigarreava e dedilhava nervosam ente sua bandej a.

Se pudesse, eu teria pulado da j anela. Tentei pensar em Conner, que nos

encontrariam os em alguns dias, que nos divertiriam os novam ente; m as acabava

por m e ver de novo na casa de Freddie, preso à cam a –, e depois via o corpo dele

contorcido no m eio da rua.

Pânico.

Senti que estava prestes a perder o controle e fazer algo absurdo. Lembro-m e

de m e encolher no assento, pensando por que tinha entrado naquela droga de

avião, convencido de que não iria suportar as próximas duas semanas. Gary

em purrou o carrinho da aerom oça e foi em direção ao banheiro. Vi a luz de

“ocupado” se acender no painel acima de m im .

A aerom oça veio. Seu olhar era suave e focado em m im .

“Querido, tem os um lugar vazio na primeira classe”, ela disse. “Vamos pegar

suas coisas e você vem comigo. Tudo bem para você?”

Concordei com a cabeça.

“Tudo bem .”

Ao longo de toda a viagem , senti que ainda estava sob o efeito das drogas que

Freddie tinha me dado. Não assisti a nenhum filme; cochilei algumas vezes

durante o resto da noite e no com eço da manhã.

Não sonhei.

Nunca mais vi Gary. A tripulação deixou que eu saísse do avião antes dos

outros passageiros, e eu me apressei pelos corredores interm ináveis de Heathrow

até desaparecer na multidão de pessoas que esperavam na fila de imigração no

enorme salão de desembarque.

Após pegar a mala, tive de ir até a alfândega. Uma série de homens

uniformizados me olhava, talvez procurando um sinal claro de que havia algo

errado com aquele garoto pálido que tinha aparecido ali sozinho. E com o não

encontrariam? Eu estava totalmente perdido, nada fazia sentido. Fixei o olhar na

placa amarela com uma seta apontando para o embarque de trens e me

concentrei em continuar andando, com medo de olhar para trás, com medo de

parar.

Meu Deus, eu estava passando muito mal.

Foi naquele momento que comecei a perder o controle.

Agora eu sei.



TREZE

Olhei o celular. Um dia tinha se passado, e eu estava do outro lado do planeta.

Realmente, me sentia como se tivesse sido arrancado do meu mundo.

undo, m esm o

que ainda perm anecesse aquele vazio – com o se tivesse de esperar o resto de

m im m e alcançar.

Se é que alcançaria.

O trem até Londres estava vazio, pelo m enos onde eu m e sentei. Wy nn

insistiu para que com prasse um bilhete de prim eira classe no Heathrow Express,

m as percebi que os viaj antes norm alm ente optavam por m eios de transporte

m ais baratos até a cidade. Senti que estava dentro de um ovo ou de um a bolha.

Minha atenção se voltava para o repórter da TV à frente e o estranho m undo

verde e cinza que passava rapidam ente pela j anela ao lado.

Meus avós tinham reservado um quarto para m im e Conner em um dos

m elhores hotéis da cidade. Ficava próxim o ao Regent's Park, a poucos m etros da

estação Great Portland Street. Foi fácil encontrá-lo, m esm o sendo a m inha

prim eira vez na cidade.

Quando entrei no quarto, joguei a m ochila na cam a. Minhas costas suavam

com o calor úm ido do verão londrino. O quarto era até bom , m as nada do que

estava acostum ado nos Estados Unidos. Era m uito pequeno, claustrofóbico.

Tinha só um a cam a, que era enorm e e estava forrada com um

edredom

grosso e vários travesseiros. A cabeceira era tão alta quanto eu e tinha um

espelho circular no centro. Pensei, *Que ótimo, vou ter que dividir a cama com o*

Conner. Com um armário de computador, um armário com uma TV de tela plana,

uma poltrona, um espelho de chão e dois criados-múdos, quase não dava para

ver o piso. Tirei os tênis – os meus os Vans que usava na noite em que fui

sequestrado por Freddie Horvath. O homem que haviam os matado.

Chega, Jack.

Fui até o banheiro. Também era pequeno. Percebi que só dava para abrir a

porta do chuveiro se a porta do banheiro também estivesse aberta – ou eu teria de

subir pela banheira que tinha quase um metro de altura.

Estranho.

Enchi um copo de água da torneira e bebi. Era meio viscosa.

Conferi o fuso-horário no celular. Estava muito cedo para ligar para Conner e

ainda não queria conversar com Stella.

Fui até a janela.

Havia algo no céu londrino que parecia plano e sufocante. Estava muito

acostumado às montanhas e às colinas da Califórnia. Então o horizonte de

Londres me fazia sentir que estava atrás de uma lente. Mas o ar era

m uito m ais

leve. Definitivam ente, não tinha o m esm o cheiro da Califórnia. Um a cerca alta

delim itava o parque do outro lado da rua. Em com paração a onde eu m orava, as

coisas pareciam perfeitas dem ais. Tudo era bem cuidado, verde e vivo. Vi grupos

de pessoas correndo, entrando e saindo pelo portão de ferro.

Boa ideia.

Abri a m ochila. Estava com sono, m as decidi ficar acordado até a noite para

com eçar a m e aj ustar à m udança de horário. Peguei m inhas roupas de corrida e

m e despi. Por um m om ento, fiquei sentado na cam a olhando para o espelho, m as

sacudi a cabeça – com o um cão m olhado – e am arrei m eus tênis de corrida.

Se conseguir fazer isso, disse a m im m esm o, j á devo estar m elhorando.

O saguão do hotel era com o um a caverna com terraço. Do elevador, tive de

descer um lance curto de escadas até o salão principal, que estava lotado. Todos

ali pareciam estar vestidos para algum evento form al. Tentei m e convencer de

que olhavam para m im só porque não esperavam ver um m enino cansado,

franzino e despenteado, usando apenas um a berm uda e um a cam isa furada em

um lugar com o aquele.

Percebi, então, que não tinha bolsos para guardar o cartão do quarto.
Fiquei

nervoso só de pensar em deixá-lo com alguém . Olhei para o balcão da recepção.

O sujeito atrás dele olhava para mim , sorridente. Parecia saber o que eu estava

pensando. Coloquei o cartão dentro do bolso da bermuda, torcendo para que não

caísse. Nada confortável. Ele continuava me olhando.

Fui até a entrada onde homens uniformizados estavam de pé. Tentei me manter

meu olhar no chão. Madeira escura. Igual ao do piso onde eu tinha nascido,

pensei. Eu estava tão envergonhado por algum motivo, era com o sem minha pele

queimasse sob tanta atenção.

Parem de olhar para mim, caramba!

Os porteiros estavam a postos. Com suas luvas brancas, indicavam a saída.

Passei pelo bar do saguão.

Alguém a coisa me fez parar.

Aquela foi a primeira vez em que vi o homem dos óculos roxos.

E, apesar de não ter percebido naquele momento, era a primeira vez que via

do outro lado.

Acho que preciso desacelerar um pouco aqui para me lembrar exatamente

com o que tudo aconteceu.

Com o que as coisas começaram a desmoronar para Jack.



CATORZE

Alguns a coisa naquele homem em de óculos roxos me e me admirava e,
ao

me mesmo o tempo, me e deixava tranquilo. É difícil explicar, mas era mais
ou menos o

me mesmo o que eu sentia quando olhava para Freddie Horvath.

Ele estava ali, obviamente me e observando e, quando eu o olhava, ele
não

virava o rosto. Apenas continuava me e observando através dos óculos,
com um

sorriso no canto dos lábios, com o se já estivesse esperando por mim
.

E, considerando onde estavam os, ele parecia tão deslocado naquele
lobby

quanto eu: usava um sobretudo desbotado e um suéter, apesar do
calor, e tinha

um chapéu surrado na mão. Parecia ser novo, uns vinte e poucos
anos, mas

também parecia muito cansado, com o se estivesse viajando há
meses. A barba

por fazer, castanho-clara e irregular, dava àquele homem um ar quase
infantil e

parecia que ele não lavava o rosto há semanas. Quando passei, ele se
levantou do

banco do bar onde tomava uma cerveja, tirou rapidamente os óculos do rosto e

disparou em minha direção, como se tivesse me reconhecido de algum lugar.

Tentei me convencer de que estava sendo paranoico e precisava relaxar para

confiar em alguém novamente.

O que me chamou a atenção nele – e agora eu sei, depois de tudo que

passei, me esmago o que tivesse ignorado no momento – eram os óculos roxos. Porque

eles não eram somente roxos, havia algo diferente neles. Quando o flagrei

olhando para mim, podia jurar ter visto, somente por um segundo, algo do outro

lado daquelas lentes.

Algo branco e acinzentado, com quinas e dobras.

Algo com os dois grandes buracos que se estendiam para dentro de uma coisa

que eu nunca tinha visto antes. Algo grandioso, como abrir uma daquelas bonecas

russas e encontrar algo que não parecia caber ali dentro.

E posso jurar que, por uma fração de segundo, vi também pessoas do outro

lado das lentes.

Ao longo de toda a minha vida fiquei pensando que as drogas que Freddie Horvath

tinha me dado poderiam ter arruinado alguma coisa em meu cérebro.

Olhei diretamente para o sujeito. Estava farto de pessoas me

encarando.

Aquela m erda nos óculos dele não deveria ser nada além de reflexos dos

velhos esquisitos que vagavam pelo saguão do hotel.

Nada além disso.

Que se foda este lugar.

Os porteiros abriram as pesadas portas de vidro.

Com ecei a correr antes m esm o de sair do hotel.



Q UINZE

Eu corria.

Meu tornozelo ardia. Provavelm ente, estava sangrando dentro da m eia. Não

olhei. A ferida não tinha sarado por com pleto.

Pois é, eu me lembro de você, Freddie.

Vai se foder, também.

Assim que eu te esquecer, você estará realmente morto.

Eu corria m uito rápido. O suor pingava do m eu queixo e dos m eus cotovelos.

Às vezes, olhava para trás para ver se não tinha deixado cair um a trilha de

m oedas escuras pelo cam inho.

O parque parecia se estender infinitamente ao longo de um enorme gramado

onde homens de branco jogavam críquete. Toalhas desenhavam retângulos

vermelhos e amarelos pelo gramado onde casais enamorados dormiam

aninhados sob o sol, após esvaziarem todas aquelas garrafas de vinho.

Conner e Dana.

E todos pareciam olhar para mim.

Chega, Jack!

Uma torre de pedra do outro lado das árvores à minha esquerda ostentava um

enorme relógio em seu topo. Cinco em ponto. Tinha de calcular que horas

realmente eram para mim.

Corri sobre uma ponte e pelas margens do lago onde velhos jogavam

me iguais aos pássaros que pousavam no gramado entre a água e a pista.

Contornei o perímetro do parque por trás do zoológico, em sentido horário, de

volta até a entrada.

Em sentido horário.

Parei diante de um pequeno jardim cercado, repleto de flores coloridas e

cintilantes margeando o cascalho da trilha. Estava encharcado de suor. Minha

camiseta colava à pele. Tirei ela, levei ao rosto e me abaixei, apoiado sobre o

joelho.

“Está m achucado?”

Assustado, deixei a cam iseta cair e m e levantei.

Um velho bigodudo se curvou em m inha direção. Era um dos que j ogavam

críquete. Cheirava a tabaco.

Fum aça.

“Hã?”

“Seu pé”, ele disse. “Precisa de aj uda?”

Minha m eia estava coberta de sangue no ponto onde o tênis roçava contra o

que restava da m arca que Freddie Horvath tinha deixado em m im . Nem tinha

notado.

“Ah!” Peguei a cam iseta, desconcertado. “Machuquei faz algum tempo,

achei que j á tinha sarado.”

“Cuide disso, então”, disse o velho. “Até m ais.”

Ele se afastou.

Encontrei o cam inho de volta até a entrada do parque e virei à direita na

Mary lebone Road.

O hom em dos óculos esperava por m im ali.

Parado, com as costas apoiadas na cerca de ferro do parque, ele observou

quando passei a cam iseta encharcada pela cabeça. Estava sem os óculos, o que

achei estranho, j á que estavam os em um am biente aberto e os óculos eram

escuras. Ele ainda tinha aquele olhar, com o se me conhecesse ou quisesse me

dizer alguma coisa.

Meu estômago em brulhou. Tinha certeza de que estava sendo seguido pelo

que Conner e eu tínhamos feito.

Olhei feio para ele novamente, virei o rosto para a entrada do hotel e continuei a corrida, deixando-o para trás.

Tirei os tênis e as meias. Abri a janela, descolei a camiseta olhada do corpo e

a pendurei sobre a dobradiça. Me alonguei na cama.

No celular, uma ligação perdida de Conner. Era bom ver o nome dele.

Ele nem disse “oi” ou algo assim. “Jack, com o estão as coisas aí?”

“Oi, Con. Sei lá. Acabei de chegar. É bem legal. Só que tudo é diferente.

Estranho. É bem fácil achar os lugares. Acabei de dar uma corrida de treze

quilômetros no parque. Você vai ver o quarto que arrumaram pra gente. É mesmo

esquisito.”

“Tipo o quê?”

“Ah, tem uma cama só.”

“Não conta pra Dana. Você sabe que ela te acha mesmo gay.”

“Você não contou nada pra ela, né? Sobre o que aconteceu comigo.”

“Sem essa, Jack. Você sabe que eu não faria uma coisa dessas.”

Suspirei e me sentei na cama, com o se visse o quarto com os olhos de Conner.

“E você tem que deixar a porta do banheiro aberta para conseguir entrar no

chuveiro.”

“Nossa, que gay !”

“E a água tem gosto de peixe.”

Conner riu.

“Fora isso e o povo estranho, acho que vai ser legal. Vou te buscar no aeroporto na segunda.”

“Então está tudo bem com você, Jack?”

“Con, sinto que tem alguém me seguindo.”

Silêncio.

Olhei pela janela, minha camiseta molhada pendurada ali, convencido,

agora, de que talvez alguém ouvia tudo o que eu dizia.

Chega, Jack.

Conner quis descontrair. “Rá, você? Feio desse jeito, só se você pagasse pra

alguém te seguir!”

Então me lembrei do sujeito do banheiro. Gary.

“Estou meio paranoico”, continuei. Respirei fundo. “Mas acho que essa

viagem vai ser boa para mim, e para você também. Estou evitando dormir para

me acostumar ao fuso-horário. Vou tomar um banho e comer.”

“Cara, não fica aí preso dentro do hotel. Sai pra tomar um a cerveja.”

Nós dois tínhamos identidades falsas do estado de Idaho. Não que fizesse

algum a diferença. E tinham os ouvido falar que era fácil com prar
cervej a por

aqui.

“É, pode ser”, eu disse, com o se não quisesse, apesar de achar um a
boa ideia.

“Ah, Con, você pode fazer um a coisa pra m im ?”

“O quê?”

“Esqueci o carregador do celular. A Stella vai m e m atar. Pode passar
em casa

e pegar pra m im ?”

“Caraca! Você precisa colocar a cabeça no lugar.”

“Eu sei.”

“Bom , m e dá um a ligada antes de a bateria acabar.”

“Ok.”

“E, Jack? Tá tudo bem agora, viu? Fica tranquilo.”



DEZESSEIS

Deixei a televisão ligada enquanto tomava banho. Ainda não
consequia

entender com o aqueles quartos eram projetados, porque não havia
com o entrar

ou sair da banheira com a porta fechada, a não ser que você se esprem
esse por

debaixo da porta de vidro do box. Era muito ridículo ter de fazer aquilo, pensei.

Mas dava para ver a imagem invertida do jogo de futebol que passava na TV

pelo espelho, então até que tinha sua vantagem .

Já estava escuro quando me vesti e desliguei o telefone após conversar com

Stella. É claro que ela reclamou por eu ter esquecido o carregador do celular.

Wyman repetia ao fundo: “Fala com o Jack que a visita dele e Conner ao St. Atticus

está marcada para quinta”. Pelo menos tinha uma desculpa para encerrar logo a

conversa, precisava economizar a bateria do celular.

Segui para leste assim que saí do hotel naquela noite e encontrei um lugar

perto da Warren Street chamado The Prince of Wales, um pub onde caras que

pareciam ter a minha idade tomavam cerveja e comiam .

Percebi como estava com fome, e como seria bom estar num lugar que

serviria cerveja para mim , então entrei.

Foi muito estranho ficar ali sozinho. Tive de me sentar em uma mesa

com prida com garotos barulhentos que riam e bebiam . Depois de comer um

sanduíche com batatas fritas, tomei coragem e pedi uma cerveja que, como

paciente tinha-me explicado uma menina da mesa, devia ser pedida pelo

nome, para que eu não “desse uma de turista”.

Todos m e cum prim entaram e perguntaram se eu era da Califórnia, por causa

da m inha berm uda, então m e ignoraram depois de m e desej arem um a boa

estadia nas m inhas “férias”. Saíram quando eu estava na segunda cervej a.

Finalm ente m e senti relaxado, quase feliz, por ter superado todos os percalços e

ter chegado até ali.

Queria ligar para Conner e contar o que estava fazendo, m as deixei o celular

cair quando o tirava do bolso. Quase tive que m e arrastar por baixo da m esa para

alcançá-lo. Enquanto olhava rente ao chão, vi o hom em dos óculos roxos entrar

no pub e se sentar perto do bar, de frente para m im ..

Ele continuava a m e observar.

Endireitei o corpo e guardei o celular no bolso. Ele afastou os óculos do rosto.

Tinha certeza de que ele estava m e seguindo, e agora eu estava encurralado. Era

com o se estivesse sendo descoberto por todas as coisas horríveis que j á tinha feito

na vida, e não conseguia deixar de pensar que aquele suj eito sabia o que eu tinha

feito com Freddie Horvath, que talvez estivesse planej ando fazer algo pior

com igo.

Senti vontade de vom itar.

Peguei o dinheiro na carteira e deixei ao lado do prato. Quando com

eccei a

m e levantar do banco para sair dali, o hom em se levantou com um a
cervej a na

m ão e ficou de pé perto da m esa, bem à m inha frente.

De repente tudo ficou quieto.

“Olá.” Sua voz era am igável, e ele tinha sotaque inglês. “Posso m e
sentar

aqui, Jack?”.

Meu coração quase parou quando ele disse m eu nom e.

O que eu podia fazer?

Sentia m inhas costas escorregando pela parede atrás de m im , talvez
em um

desej o involuntário de escapar através dela.

O hom em se sentou e colocou a cervej a na m esa. Ele sorriu para m
im , com o

se esperasse que o reconhecesse. Mas nunca o tinha visto antes, a não
ser pelas

poucas vezes naquele m esm o dia.

“Você m e conhece?” Eu girava autom aticam ente o copo de cervej a
em

cim a da sobre a m esa. Em sentido horário. Já estava vazio.

O hom em olhou para trás, em direção ao bar. “Você quer outra cervej
a?”

“Não.”

Sufoquei de pânico; m eu coração disparou enquanto eu era
estrangulado por

um a m ão invisível. Me sentia com o se estivesse am arrado novam
ente. Pensei

em sair correndo.

“Só queria saber se você me conhecia”, ele disse. “Não queria incomodar.”

Olhei para ele. Ainda havia algo de hum ano naqueles olhos, não eram com o

os de Freddie. Os olhos de Freddie Horvath não se importavam com nada.

“Não te conheço”, eu disse. “Por que você está me seguindo?”

O homem tomou um gole.

Pensei que estava prestes a ser preso, ou pior.

“Peço desculpas se fui mal-educado”, ele disse. “Não era minha intenção

assustar você.” Então ele estendeu a mão por cima da mesa e se apresentou.

“Meu nome é Henry Hewitt”

Era como cair de um penhasco. Apertei sua mão.

“Sério”, ele continuou, “você parece estar com medo de mim. Posso te

garantir...”

“De onde você me conhece?”, perguntei. Olhei bem em seus olhos e fiz o que

pude para intimidá-lo.

Henry aproximou o rosto. “Conheço você há muito, muito tempo, Jack. Não

de Londres. De Marbury. Quando te vi, quando finalmente te encontrei em

Heathrow, sabia que era você.”

Deve ser uma coincidência, pensei. Talvez ele conhecesse alguém parecido

comigo de algum outro lugar.

“Acho que você se confundiu”, respondi. “Não conheço nenhum lugar com

esse nome.”

“Marbury?”

“É, onde fica esse lugar?”

“Tem certeza, então?”

“Tenho. Deve ser outro Jack.”

“Mas você se chama Jack”, ele insistiu, como se pedisse satisfações ou

tentasse provar a si mesmo o quem eu era. Ou tentar me convencer.
“Jack

Whitmore.”

Meus olhos lacrimejavam. Eu reprimi um bocejo e bati de leve com a mão

na mesa. “Olha só, eu estou muito cansado. Passei o dia todo no avião. Vou

em bora. Desculpa, mas você se confundiu, tá legal?”

Quando comecei a me levantar, Henry sacou seus óculos do bolso atrás da

lapela do casaco. Quando vi o brilho das lentes, a luz parecia cintilar de forma

peculiar dentro delas.

Henry colocou os óculos e olhou para mim por um segundo, como se tirasse

uma foto. Em seguida, ele os dobrou e os deixou sobre a mesa sem dizer uma

palavra.

Henry virou a cervej a.

Olhei para os óculos e depois para aquele hom em do outro lado da m esa.

“Jack, por favor, cuide bem dos seus am igos por lá. Quero dizer em Marbury.”

“Nunca estive nesse lugar, j á falei.”

“Olha só”, ele disse, aproxim ando o rosto. “Tem certeza de que não quer

tom ar outra cervej a com igo?”

Meus pensam entos estavam em baralhados. Precisava dorm ir, m as algo m e

m antinha ali, conversando com ele.

“Não, m as obrigado.”

“Acho que vou beber m ais um a”, Henry declarou, enquanto voltava para o

balcão do bar.

Os óculos estavam à m inha frente. Ele era definitivam ente estranho. Havia

algo se m exendo dentro deles. Eu podia ver, m as tinha m edo de olhar. Queria

encostar neles, abri-los, m as sabia que isso seria m eio rude. Ainda assim , algum a

coisa m e dizia que ele era um obj eto único e interessante – e ele estava na m esa

à m inha frente, com o se Henry estivesse m e tentando.

Olhei para o bar.

Henry Hewitt não estava m ais lá.

Som ente um copo cheio de cervej a sobre o balcão e um garçom

olhando

para mim, de braços cruzados.

Fiquei de pé. Estava tonto. De repente, o lugar tinha ficado vazio.
Havia

apenas dois homens mais velhos, sentados em um canto escuro ao
lado dos

banheiros. E mais ninguém.

Perguntei ao garçom, “Você conhece o sujeito que pediu a cerveja?
Sabe

aonde ele foi?”

Ele levantou o queixo. “Ele pagou uma para você, camarada.”

Ele empurrou a cerveja para mim. O copo gelado deixou um rastro
úmido

sobre o balcão de madeira do bar, com o um a lesma.

Um cartão de visita estava preso pela borda debaixo do copo.

Saí do pub, olhei para os dois lados da rua, mas não sinal de Henry.

Entrei de novo.

“Vai querer a cerveja?”, perguntou o garçom.

Peguei o cartão. Era um cartão branco. Nada além de rabiscos de tinta
preta,

letras de forma borradas pela força da escrita: NÃO ME PROCURE,
JACK.

CUIDE-SE. LEMBRE-SE DO QUE EU DISSE. – H.H.

“Não, obrigado.”

Fui até minha mesa, guardei os óculos no bolso da bermuda e voltei
para o

hotel.

Não estava entendendo.

Henry disse que m e conhecia há m uito tem po. De um lugar cham
ado

Marbury. Mas eu nunca tinha ouvido falar de lá. Ele só podia estar
errado.

Ele tinha m e seguido o dia todo. Não podia ser por coincidência que
ele

deixou os óculos na m esa. Tudo parecia m uito proposital, planej ado.
Mas eu não

conseguia entender a m ensagem . Seria um j ogo psicológico de um
cara m aluco?

Ou um program a de TV?

Bebi dem ais, pensei.

Freddie Horvath deixou minha cabeça assim.

Às vezes, quase podia ouvir sua voz tentando m e assustar, m as sabia
que

estava im aginando coisas.

Você ainda não conseguiu escapar.



DEZESSETE

Meia-noite.

Fazia frio, fechei a j anela. Deixei as cortinas abertas e tirei m inha
roupa para

dorm ir. Deitado ali, olhava para o quarto que quase brilhava sob o
lunar prateado

refletido pelo vidro irregular da janela antiga.

No meio da noite, ouvi algo se mexendo dentro do quarto.

Primeiro, o ruído de alguma coisa rolando debaixo da cama.

Com o na cama de Freddie.

Melhor olhar logo, Jack.

Devia ser algo pequeno e esférico, de madeira – talvez um carretel de linha,

talvez uma noz. Enquanto o objeto rolava, media a distância pelo som que fazia.

Parecia ir de um lado ao outro da cama. Rolava e parava. E então, três batidas.

Depois rolava para o outro lado.

Ele deixou minha cabeça assim.

Melhor olhar, Jack.

Rolava e dava três leves batidas. Cruzava o chão, traçando uma linha horizontal imaginária bem no centro de minha barriga.

Silêncio.

Rolava e... Tac.

Tac.

Tac.

Com o se alguém estivesse batendo na porta, mas tinha certeza de que o

barulho vinha de debaixo da cama.

Afastei as cobertas e acendi o abajur. Sei que foi um reflexo ridículo, mas a

primeira coisa que fiz foi olhar para meu pé, para ter certeza de que não estava

preso novam ente. Passei as m ãos sobre o tornozelo e depois m e agachei para ver

o que havia debaixo da cam a.

O que você está procurando, Jack? Alguma maneira de fugir?

Não se engane, Jack. Você ainda não conseguiu escapar de nada.

Não via nada. Tudo escuro. Estiquei o braço para trazer o abaj ur para perto.

Ele ficou dependurado no criado-m udo, balançando lentam ente. De j oelhos,

apoiei o rosto e as m ãos no chão.

Piso de m adeira.

Ouvi um sussurro sibilante, com o se alguém fizesse “shhh”, ou dissesse algo.

Era m uito real.

Ele deixou minha cabeça assim.

Não havia nada lá.

Não se engane.

Você ainda não conseguiu escapar de nada.

Perm aneci no chão. Estava tão cansado. Voltei para a cam a e apaguei o

abaj ur.

Dorm i.

Parte dois

MENINOS ESTRANHOS



DEZOITO

Acho que nunca dormi tão bem quanto naquela primeira noite em Londres.

Quando acordei, fiquei deitado por alguns minutos, e meu corpo afundava na cama

debaixo sob o pesado edredom de penas, que parecia ser a única coisa que

me mantinha em meu corpo coeso. Olhei para a perfeição do dia do outro lado da

janela.

Talvez tenham sido ratos, pensei. Não importava, não tinha ouvido mais nada

depois de dormir. Nem mesmo o tinha sonhado.

Me levantei e abri a janela.

Mais tarde, depois de tomar o café da manhã e sair para correr, enquanto

desajeitadamente me vestia para sair do hotel e explorar a cidade, sacudi a

bermuda que tinha usado na noite anterior para procurar o celular, e os óculos de

Henry Hewitt caíram nas dobras do lençol em que acabara de dormir.

Peguei os óculos e me sentei na cama. Eram muito antigos e frágeis. Tinham

hastes m etálicas douradas, delicadam ente trabalhadas com fios entrelaçados e

pequeninos altos-relevos pintados de preto. As lentes pareciam ser bem m ais

pesadas que o norm al, com o discos de rocha cristalina. Em um a delas, havia

um a pequena lasca na borda, a coloração era irregular: roxo-claro e leitoso em

algum as partes, e um tom de púrpura escuro e intenso em outras.

A HORA DA AMETISTA.

Chega, Jack.

Desdobrei a haste e estiquei os braços, levantando os óculos para ver a luz da

j anela através das lentes.

Ouvi novam ente aquele som de algo rolando, m as dessa vez era m ais alto.

Quando olhei através das lentes, vi algo estranho, era difícil entender. Vi um

inseto, grande, preto, brilhante e m olhado. Abaixei os óculos. Não ouvi m ais o

barulho.

Pensei que os óculos funcionavam com o um telescópio se segurados à distância. Procurei por um inseto que poderia estar cam inhando pela j anela.

Mas eu havia deixado a j anela aberta.

Mesm o assim , pensei, o inseto estaria andando por ali em algum lugar. Pelas

paredes, talvez pelas cortinas...

Fui até a j anela. Exam inei cada lugar e balancei as cortinas, m as não

encontrei o inseto. Ele seria fácil de achar, era bem grande. Não poderia ter

desaparecido assim , de repente.

Estava lá, eu vi.

Sentei de novo.

Levantei os óculos.

E os coloquei.

Você ainda não conseguiu escapar de nada, Jack.

Não me lembro nem de ter abaixado os braços depois. E por que me lembraria? Após colocá-los, já não estava mais no hotel.

Lá estava o inseto.

O céu era como um domo acima da minha cabeça, como o teto de uma

catedral, claro e quente.

Eu estava de pé, perto de um muro, olhando o inseto sair de um buraco

vermelho-escuro do tamanho de uma ameixa podre. O ar era denso, úmido e

fétido; adocicado e putrefato ao mesmo tempo. Estava fascinado por aquela

coisa repugnante. Se o pegasse, o bicho era mais com prido que minhas duas

mãos juntas. Nunca tinha visto nada parecido, nem mesmo em pesadelos. Ouvia

a criatura mastigando enquanto desenhava um círculo em sentido anti-horário

em torno da borda carnosa da concavidade de onde tinha saído, emitindo leves

cliques m olhados. Então, m ais dois deles saíram do m esm o buraco
úm ido. Um

deles caiu perto do m eu pé, fazendo um barulho abafado. Dei um
passo para trás.

Foi quando percebi que com iam a carne de dentro da órbita ocular de
um a

cabeça hum ana.

O corpo não estava lá, som ente a cabeça com o se estivesse pronta
para

conversar, fincada ao m uro, na altura dos m eus olhos, por um a
grossa estaca de

m adeira que trespassava a outra órbita.

“Caralho!” Dei outro passo para trás enquanto o vô m ito subia pela m
inha

garganta.

Tropecei em algo sólido porém m acio e caí com as m ãos abertas na
terra.

Ainda assim , não consegui tirar os olhos daquela cabeça presa ao m
uro cinzento

que se im punha diante de m im . Um dos insetos escancarava sua
carapaça negra

e envernizada enquanto rasgava um a das narinas com as m andíbulas.
O verde

vivo de suas asas vibrava, e ele zum bia com o o crepitar de um a
carga elétrica. O

sangue brotava do pescoço em nervuras, form ando ram ificações
abruptas e

reluzentes que entravam pelos sulcos do m uro.

Senti algo nas costas da m ão.

Mais um daqueles bichos.

Olhei para baixo, tremendo. E que roupas eram aquelas que eu estava usando? Não eram minhas.

Então eu o reconheci.

A cabeça no meu uro era de Henry Hewitt.

Fiquei ali, sentado na terra cinzenta. O resto do corpo de Henry estava bem

próximo a mim, minha mão esquerda, aberta, apoiada sobre seu peito enrijecido.

Suas mãos também tinham sido decepcionadas. As mangas de seu casaco estavam encharcadas de vermelho até os ombros.

“Jack! Jack! Tem os que sair daqui! Agora!”

Me virei. Reconheci aquela voz. Alguém chamado Miller. Ben. Tive de pensar, não tinha certeza de onde conhecia aquele nome. Não consegui ver de

onde vinha a voz.

Um zumbido, e três flechas, de penas negras com oscaras carapaças daqueles

insetos, alvejaram meu uro, bem acima de mim.

“Jack! Aqui! Jack!”

De joelhos, rasteei para longe do corpo de Henry. Olhei para aquele meu uro

apenas mais uma vez. Estava coberto de cabeças empaladas, além de meus ombros

e órgãos apodrecidos: mãos, corações, pés, orelhas, pênis.

Que porra de lugar era aquele?

Bem-vindo ao lar, Jack.

Você ainda não conseguiu escapar de nada.

Eu rastej ava no chão. Mais flechas cortavam o ar por cima da minha cabeça.

Pensava estar indo em direção à voz de Ben, mas não via nada. Tudo naquele

lugar era um grande amálgama: o céu branco, o solo cinzento, sem

calor, neblina, o cheiro, o som de algo rolando com o aquele que vinha de debaixo

da cama.

“Por aqui! Vem !”

Levantei o queixo, olhei para o chão entulhado. Havia a carcaça de um

cavalo, sua barriga aberta e suas entranhas espalhadas pelo chão. A parte de

baixo do corpo de um homem tinha sido enfiada pelo corte no corpo do cavalo: o ato

final e obscuro de um ato performativo grotesco.

Só o pé esquerdo estava calçado.

Onde estaria o resto daquele corpo?

Ben Miller vinha em seu sobretudo cinza-claro, sujando de borrifos de sangue,

trazendo dois cavalos cansados, segurando as rédeas firmemente com suas mãos

feridas. Ele estava atrás de uma ravina onde uma avalanche de pedras

esmagado cadáveres e ossos. As pedras chegavam à altura dos ombros,

em pilhadas ao pé do muro de um assentamento.

Sabia quem era aquele menino, e também tinha uma vaga lembrança de

onde estava.

De onde o conhecia?

Fiquei de pé e com ecei a correr.

A flecha veio, silenciosam ente. Me atingiu do lado direito, bem abaixo de

m inhas costelas.

Entrou.

Saiu.

A haste penetrou e passou, com aquelas penas negras horríveis, e vi m eu

sangue colorir de verm elho o chão desbotado, com o se fosse algum a piada de

m al gosto. Mas sentia m uita dor. Com o a dor de ser eletrocutado por Freddie,

aum entada m il vezes e ainda m ais.

Você ainda não conseguiu.

Caí de j oelhos. Tentei im pedir a queda com a palm a das m ãos, m as m eu

rosto acabou no chão, de lado, assistindo a um daqueles insetos voar em m inha

direção.

“Jack! Jack!”

O garoto, Ben Miller, corria em m inha direção.



DEZENOVE

Subitam ente, levantei as mãos e senti um choque.

Lá estava eu, sem camisa, encharcado de suor, sentado na beira da cama

olhando pela janela aberta, onde uma de minhas camisas tremulava etéreo

com a brisa gelada, dependurada no fecho. Devo ter saído para correr. A camisa

estava ensopada.

Era noite.

Minhas mãos tremiam.

Olhei para meu lado direito e esfreguei o local atingido com a mão.

Os óculos roxos estavam caídos no chão perto do meu pé. Com os cotovelos

sobre os olhos, apoiei a cabeça nas mãos. Estava coberto de suor. Fechei os

olhos bem apertado e senti o ardor provocado pelas gotas de suor que escorriam

sobre eles.

Ok.

Que merda era aquela, Jack?

Vamos pensar: o que tinha acontecido já mais poderia ser real.

Freddie

Horvath deixou m inha cabeça assim .

Freddie Horvarth deixou minha cabeça assim e preciso pedir ajuda.

Tinha de pensar. Colocar a cabeça no lugar.

Me deu vontade de tomar um a cerveja. Seria bom . E real. Fui até o frigobar

e abri um a garrafa. Wy nn e Stella ficariam sabendo. Stella ficaria furiosa. Aquilo

seria bom , tam bém . Wy nn e Stella. Eles eram reais. Bebi. Não desceu bem .

Calma, Jack.

Acendi cada luz daquele pequeno quarto, de interruptor a interruptor.

Aqui

Eu estava aqui.

Deste lado: Inglaterra. Nove da noite. A última coisa de que m e lem brava era

de estar sentado na cama depois do café da manhã, e de sacudir as cortinas à

procura de um inseto.

Insetos.

Daquele lado: As piores coisas que já tinha visto na vida. A cabeça de Henry

Hewitt em palada em um muro. Um muro de corpos dilacerados. Flechas. Um

menino chamado Ben Miller gritando o meu nome, puxando dois cavalos atrás de

cadáveres e rochas. E eu, atingido por uma longa flecha negra. Ainda podia

sentir a dor, a vibração da haste que oscilava a cada respiração e pulsação de

m eu sangue, a dor, queim ando, esfaqueando cada nervo do m eu corpo.

Corri até o vaso e vom itei.

Sentei na beira da cam a. Não vestia nada além da cueca, e estava todo

m olhado. Fechei a j anela e tom ei outro gole daquela cervej a quente e

espum ante. Meu cabelo pingava água sobre os om bros e o chão de m adeira. Fui

ao banheiro novam ente e dei um a conferida no am biente. Tinha tom ado um

banho. Um a toalha, tênis de correr, a berm uda e as m eias espalhados pelo chão.

As roupas estavam úm idas e cheiravam a suor. Provavelm ente eu tinha saído

para correr de novo.

Por que não consigo me lembrar?

Freddie Horvath fez alguma coisa com a sua cabeça e é melhor pedir ajuda,

Jack.

Procurei as roupas que ia usar depois do café da m anã e esvaziei os bolsos

da calça sobre a cam a.

Os óculos. No chão. Pensei nos óculos. Não queria olhar para eles, então

tateei ao redor. Senti que m eus dedos tocaram a haste fina dos óculos, então eu os

peguei e os enfiei dentro de um a das m eias suadas.

Não queria ver aqueles insetos novam ente.

A cervej a com eçava a subir. Queria outra. Sentia-m e culpado por beber, m as

tam bém m e sentia bem .

Porra! O Jack se sente culpado por tudo.

Abri outra cervej a e voltei para a cam a.

A bateria do celular tinha acabado. Tentei lem brar se tinha conversado com

Conner, com qualquer um que pudesse confirm ar que eu estava ali hoj e.

Passaporte, dinheiro, papéis dobrados. Encontrei o cartão todo borrado que

Henry Hewitt tinha deixado no pub debaixo de um copo de cervej a.

Enquanto tom ava outro gole, peguei o papel e esfreguei a tinta preta com o

polegar. Balancei a cabeça.

Devo estar ficando louco.

Não, estou completamente maluco.

Havia um pedaço de papel am arelo, do tam anho de um cartão, guardado

entre as folhas do passaporte. Era um bilhete de um passeio de barco pelo

Tâm isa, e tinha sido em itido naquela tarde.

Muito bem. Aparentemente, Jack Maluco tinha ido passear de barco.

Liguei a câm era. Fiquei atordoado, com o se fosse perder os sentidos. Eu m e

aj oelhei e apoiei cotovelos na cam a, com o se fosse rezar, segurando a câm era

na altura dos olhos. Avançava as fotos um a a um a: Mary lebone
Street em frente

ao parque, um a foto borrada da estação de metrô, barcos no rio e as
Camaras do

Parlam ento. Depois, fotos de um barco coberto por um teto de vidro:
a London

Bridge e, finalmente, eu, sorridente, de pé em um dia ensolarado,
apoiado em

um corrimão vermelho no convés de um barco, sob o céu azul
perfeito da

cidade.

Acho que fiquei olhando aquela foto por meia hora, examinando
cada

detalhe.

Eu parecia feliz ali, de pé, de calça jeans larga e camiseta branca com
os

dizeres COLÉGIO GLENBROOK, CROSS-COUNTRY, as mãos no bolso,
com

um boné virado para trás, o cabelo caindo sobre um dos meus olhos,
desalinhados

por uma brisa que sentia que me lembrava de sentir, que me
relaxava. Sorrindo.

Fiquei me perguntando quem teria tirado a foto?

Tentei ligar o celular novamente, irracionalmente esperando que ele
ligasse.

Vesti uma camiseta e calça jeans. Então guardei os óculos de Henry,
ainda

enrolados na minha, no bolso de trás. Calcei meus Vans.

E então voltei ao Prince of Wales.



VINTE

Isto é real.

Meu pé dentro do tênis.

O barulho dos carros na rua.

Enfio a mão em baixo da camisa e aliso o lado direito do meu tronco.

Isto é real.

Os óculos de Henry estão enrolados na minha e sei que estão no bolso de trás.

Não consegui fugir de nada ainda.

Sábado à noite.

O pub estava cheio; um trio tocava folk com violão, bandolim e tambor, em

um palco improvisado ao fundo. Vi o mesmo o garçom da noite anterior e, assim

que com ele a ir em sua direção, senti alguém colocando a mão sobre meu

ombro.

Era um toque delicado. Me parou e virou meu corpo.

“Achei que você não vinha mais. Quase fui embora.”

Senti que estava ficando pálido, com o meu todo sangue fosse drenado de meu

corpo, e meus olhos encontraram os dela.

“É a Nickie, com i-e”, explicou, soletrando devagar. Naquele momento me

lembrava que tinha salvado o número dela no celular, mais cedo, antes de a bateria

acabar. Foi ela que tirou minha foto, após nos conhecermos no barco. Lembra

agora, com o celular tocando de forma tão suave minha mão enquanto eu fotografava,

perguntando se eu queria que ela tirasse uma foto minha, já que eu estava

sozinho, para enviar aos meus amigos. Nickie.

Que raios está acontecendo comigo?

Suspirei e sorri. “Des... desculpa. Não vi o tempo passar. Acho que é o jeito

lento... Vou melhorar.”

Ela sorriu de volta.

“Que bom que você chegou”, ela disse, e acrescentou, “Jack.”

Então segurou minha mão.

Engoli em seco. Provavelmente era a menina mais bonita que já tinha

conversado comigo.

Ela usava uma daquelas calças jeans que são apertadas nos tornozelos e um

suéter cor-de-rosa que me encobria sua cintura e que tinha um decote V que deixava

à mostra a pele perfeita e me aquecia do seu colo. E olhava para mim com doces

olhos azuis – e um leve sorriso em seus lábios, e o brilhante cabelo

negro se

esparramando sobre os ombros –, com o se quisesse me contar um segredo.

Nickie.

“Quer beber alguma coisa? Com o que?”

“Está muito cheio aqui, Jack”, ela disse “Vam os dar um a volta?”

Olhei para trás, em direção ao garçom. Ele nos observava.

Todos estão olhando para você, Jack.

Segurei a mão de Nickie. “Vam os.”

Na calçada, Nickie passou o braço por baixo do meu e perguntei,
“Para

onde?”

Nickie sorriu e disse, “Vem, vou te mostrar um lugar”.

Enquanto caminhávamos em direção ao metrô, decidi ficar calado e deixar

Nickie falar. Afinal, não era todo dia que um cara com o eu deixava
uma garota

com ela esperando. Quanto menos eu falasse, melhor. Senão,
acabaria

assustando a menina.

*Ei, Nickie, já te disse que fui sequestrado por um maníaco chamado
Freddie*

*Horvath? Pois é, ele injetou umas drogas em mim, me eletrocutou e achei
que ele*

fosse me matar? E, ah, depois ele tentou me estuprar também.

Mas eu fugi dele.

VOCÊ AINDA NÃO CONSEGUIU ESCAPAR DE NADA, JACK.

Freddie Horvath deixou minha cabeça assim.

E, então, eu e meu melhor amigo, Conner, matamos o cara. Foi um acidente,

mas o fato é que o filho da puta acabou morrendo. Te contei isso, Nickie? Ou te

contei que não consigo nem lembrar como te conheci porque fiquei a tarde toda

alucinando pessoas sendo esquartejadas e devoradas por insetos gigantes. Achei

até que tinha levado uma flechada.

Contei sobre essas coisas, Nickie?

Porque dessas coisas eu lembro.

Passei a mão sobre o bolso de trás e senti o volume daqueles óculos.

Ela me levou até Hamstead, a região de Londres onde morava com a

família. Com eles com uma tailandesa em um café e depois fomos os dois até

Piccadilly.

Nickie me flagrou enquanto eu a observava no metrô. Na verdade, eu não

olhava diretamente para ela, olhava para a janela, para as manchas e reflexo

que passavam. Vi meu rosto refletido, e em alguns momentos eu parecia

assustado.

Então Nickie disse, “Você tem um segredo, não é, Jack?”

Desviei o olhar, desconcertado.

“Não sei, o que você acha?”

“Por mim, tudo bem.”

Ela disse aquilo com o se soubesse, com o se pudesse me curar. Talvez fosse

apenas me eu desejasse que aquilo fosse verdade, porque já não sabia mais em

que acreditar.

Eu disse, “Obrigado por jantar comigo, Nickie. Estou com medo de adivinhar e sentir

bem, meus meninos sozinhos”.

Estava quente e úmido, e nos sentamos nos degraus sob a estátua de Eros,

olhando para as luzes e para os carros. Eu ficava muito à vontade com ela, mais,

ao mesmo tempo, era como se não estivesse totalmente ali.

“Por que você fez aquilo?”, eu disse. “Perguntar se eu queria que você tirasse

aquela foto, quero dizer?”

Nickie estava sentada ao meu lado, a perna dela encostada na minha.

“A Rachel apostou que eu não teria coragem.”

Então lembrei. Ela estava com uma amiga. Estavam de vestidos, uniformes,

como se tivessem saído da escola.

“Ah, a Rachel.”

“Era só de brincadeira.” Nickie sorriu. “Quer dizer, a gente nunca faria um

passo turístico em qualquer outro dia. Mas, quando vi você na fila, precisava te

seguir.”

“Você me seguiu?”

Todos estão te seguindo.

“Você chamou a minha atenção. Não sei por quê, mas eu tinha que ver o que

você estava fazendo ali, sozinho. A gente riu observando sua tentativa de pedir um

café no barco. Quando o garçom perguntou se você queria um americano você

ficou todo perdido e disse, ‘eu sou americano’. Aquilo foi tão... bem ...”

A voz dela foi sumindo devagar, se misturando aos sons daquela praça e

daquela noite de verão perfeita.

Isto é real.

Não é?

“Bom, seja como for, o café era horrível”, eu relembrei.

Como você pode se lembrar do gosto do café e não de Nickie?

Freddie Horvath deixou minha cabeça assim.

Você precisa de ajuda.

“Então, imagino que você pensou que eu precisava de ajuda ou algo parecido.”

“Eu disse que te achava interessante”, Nickie confessou. “E Rachel apostou

que eu não conseguiria nem te cumprimentar.”

“Interessante?”

Nickie riu. “Ah, você sabe, um charme e algo assim. Bem. Você é muito

bonito. Quando eu finalmente me aproximei, você foi simpático e aberto. E não

fez cerimônias para pedir meu telefone.”

“Não pude evitar.”

Ela pegou a minha mão.

“Por que você não vem pra um carregador para o seu celular amanhã, Jack?”

Pensei por um momento. “Acho que não. Não quero ficar muito conectado

ao mundo lá de casa. E o Conner vai trazer meu carregador na segunda.”

“Se quiser, pode ligar para ele do meu celular”, ela disse, enquanto conferia

as horas em seu relógio. “Ainda não é noite lá. E já está ficando tarde aqui.”

Ela me estendeu o telefone.

“Podem os fazer algo amanhã?”, perguntei.

“Vou à igreja com meus pais de amanhã. Posso ligar para o seu hotel à tarde.”

“Que horas?”

Peguei o celular dela.

“Às três”, disse Nickie.

“Estarei lá, sem falta.”

“Não me deixe esperando de novo, Jack. Vem cá, vou colocar o código.” A

mão de Nickie se apoiou sobre a minha enquanto ela digitava o código dos

Estados Unidos. Olhei para seu rosto e, quando teclei o telefone de Conner, ela se

aproximou um pouco e seu cabelo roçou meu rosto.

“Pronto”, ela disse.

Quase esqueci o telefone de Conner.

“Alô?”, ele atendeu.

“Fala, Con”, eu parecia chocada, até mesmo pra mim.

“Jack? O que aconteceu? Já sei. Sua bateria acabou de novo.”

“Pois é.”

“Tentei te ligar. Tudo bem, aí?”

“Tudo bem. Fala pro Wyann e pra Stella que estão tudo bem. Estou ligando do

celular de um amigo.”

“Um amigo? Quem?”, Conner perguntou.

“Conheci uma menina hoje.”

“E aí, cara, se deu bem? Já posso contar pra todo mundo que você não é gay?”

Acho que a Dana vai ficar chateada.”

“Deixa de ser babaca, Con.” Afastei o celular do ouvido. “Vou te colocar no

viva-voz.”

Segurei o celular à frente de Nickie e ela apertou um botão.

“Tá me ouvindo?”, perguntei.

“Estou.”

“Conner, essa é a Nickie.”

“Oi, Conner”, Nickie cumprimentou. “Acho que você tem um amigo muito

legal!”

“Nossa!”, foi tudo o que Conner disse. E então, “Jack, me tira do viva-voz.”

Estava com vergonha, coloquei o celular ao ouvido novam ente.

“Que foi?”

“Cara”, ele disse. “Voz de m ulher gostosa!”

Senti que estava ficando verm elho enquanto olhava para Nickie.
Tenho

certeza de que ela sabia o que ele estava dizendo.

“Ela é, Con.”

“Qual que é o *defeito* dessa m ulher? Ela tem um olho só ou o quê?”

“Até segunda, seu babaca.”

Já era quase m eia-noite, e cham ei um táxi para Nickie voltar para
Ham pstead.

“Até am anhã”, eu disse. Soltei m eu braço do dela e fiquei olhando
para seus

olhos enquanto o taxista esperava com a porta aberta.

Era tão estranho. Queria beij á-la na boca, m as nunca tinha beij ado
ninguém .

“Boa noite, Jack”, ela disse.

Nos abraçam os, e eu fiquei olhando para Nickie enquanto ela se
afastava de

m im em direção ao carro. Estávam os os dois frustrados, im agino.
Quando o táxi

partiu, eu chutei o chão. Me odiava. Devia ter dado um beij o de boa
noite e agora

ela nunca vai ligar para m im am anhã.



VINTE E UM

Tentei encontrar um a estação de metrô, mas a mais próxima estava fechada.

Com isso a andar pelas ruas, sem direção. Percebi, então, que não fazia mais

ideia de onde estava. Decidi voltar para a estátua onde estavam os mais cedo, ou

pelo menos *acreditava* estar indo para lá, na esperança de encontrar um a estação

aberta, ou talvez um táxi.

Mas não me importava. Me sentia finalmente feliz. Era a primeira vez em

que sentia algum alívio.

Ainda que não fosse durar.

A rua se alongava à minha frente, escura e estreita. As casas, espremidas

umas nas outras, se elevavam retas e sisudas por trás de cercas de ferro e

árvores esmaecidas. Não via ninguém. Talvez tivesse virado a esquina errada.

Ouvi um barulho. Baixo, com o som de uma pequena bola de madeira rolando sobre

um piso de tacos.

Com ecei a correr, na esperança de que os sons de minha respiração desesperada e das pisadas cada vez mais duras abafassem a pergunta insistente:

por que isso tudo está acontecendo comigo? Continuei seguindo na direção das

luzes que via e finalmente cheguei a um cruzamento de ruas mais movimentadas.

Uma escada levava ao subsolo, onde estavam pessoas, barulho.

Você ainda não conseguiu escapar de nada, Jack.

Ao longo de todo o caminho de volta ao hotel, fiquei com a mão dentro do

bolso de trás, sobre a mancha que me embrulhava os óculos roxos. Pensei em deixá-los

no vagão, jogá-los no rio, em meio às formas de me livrar deles, mas era tarde

demais.

Precisava deles.

Precisava deles para ter certeza de que não estava ficando louco. Ou talvez

para me lembrar de que o que eu tinha visto ficava do outro lado das lentes,

porque de fato *estava* perdendo a noção da realidade.

Pedi ao recepcionista um pedaço de fita adesiva e ele olhou para mim com o

se estivesse imaginando que tipo de drogas precisavam de fitas adesivas. Ainda

assim, me entregou um rolo. Prometi devolver pela manhã.

Dentro do quarto, fechei a janela e as cortinas. Descalcei os tênis e me sentei

à escrivania. Deixei os óculos dentro da minha sobre a cama.
Peguei, então, o

bloco de notas do hotel e comecei a escrever bilhetes para mim mesmo.

Jack; Não saia do quarto.

Jack; Nickie vai ligar às 3 da tarde.

Jack Wyman Whitmore

Colei todos os bilhetes na porta, bem à vista.

Ouvi novamente o som de algo rolando.

Algo estava para acontecer.

Rolava.

Tac.

Tac.

Tac.

Vinha de debaixo da cama, de novo.

Olhei para o relógio sobre o criado-mudo. Escrevi as horas em outro papel:

12h37

Rolava.

Tac.

Fiquei de joelhos e olhei debaixo da cama.

Ouvi uma voz. Um sussurro:

“Seth.”

Seth.

Freddie Horvath deixou minha cabeça assim e preciso de ajuda.

Respirando com dificuldade, me joguei para cima da cama e me

recostei na

cabeceira, descalço, vestindo jeans e uma camiseta. Em outro papel, fiz uma

lista das roupas que estava usando.

Peguei a minha e enfiei meus dedos nela. Senti os óculos lá dentro.

Puxei os óculos para fora.

Rolava e... Tac. Tac. Tac.

“Não vai acontecer nada”, disse para mim mesmo.

Você ainda não conseguiu escapar de nada.

Coloquei os óculos.



VINTE E DOIS

Dor.

Doía muito. Eu estava passando mal, sentia a febre ardendo dentro de mim.

Abri os olhos e estava deitado no interior do que parecia ser uma caverna,

enrolado em um cobertor fedido que estava encharcado com meu suor. Podia

ver o céu branco e chapado através das reentrâncias pontiagudas de uma fenda

lá no alto, e eu não sentia minhas pernas. Tudo o que sentia era uma agonia

insuportável.

Virei a cabeça para vom itar.

Vi som bras. Outras duas pessoas estavam ali com igo. Garotos. Eu os conhecia.

Mas com o? Sabia tudo sobre eles: Ben e Griffin. Meio-irm ãos. O pai de Ben

tinha m orrido no com eço da guerra, quando a peste se espalhou. Era um a doença

que não nos contam inava. Griffin tinha nascido quando a escuridão j á tom ava

conta de tudo.

Ben Miller sentou-se ao m eu lado. Ele se inclinou quando viu eu m e m exer.

Quando vom itei, foi com o se um anim al escavasse um túnel para fora do m eu

corpo. Gritei.

“Ei! Faz ele parar de gritar!”, ouvi Griffin Goodrich vindo em nossa direção

do lugar em que estava perto da entrada.

“Shhh...”, Ben passou um pano m olhado no m eu rosto. “Calm a, Jack.”

Depois ouvi dizer, “Ele está acordando.”

“É bom m esm o, Ben. Ou vou deixar ele aqui. Vocês dois. Dois dias aqui é

tem po dem ais. A gente tem que ir em bora.”

“Vai ficar tudo bem ”, Ben tentou acalm á-lo.

“Se encontrarem a gente, não vai, não! Você quer acabar com a cabeça fincada na porra de um m uro com o Hewitt e os outros?

O cheiro de vômito na minha cara me fez querer vomitar de novo,
mas eu

tentava me controlar. Minha barriga se contraía involuntariamente,
com o se

rasgassem meus órgãos. Passei a mão pelo peito até o quadril. Estava
me olhado e

pegajoso. Então me lembrei da flecha negra, mas ela não estava
mais cravada

em mim. Com a ponta dos dedos, senti os nós de uma sutura
implantada com o

que parecia um cadarço. “O que aconteceu?”

“Com o está se sentindo, Jack?”, Ben perguntou.

Tentei me sentar, mas não consegui. Respondi com um, “Uh”.

Ben limpou meus lábios e colocou a mão em baixo do meu braço.
Ele olhou

para Griffin.

–“Vou tentar te tirar dessa poça que você fez, Jack. Tente não fazer
isso de

novo se conseguir, cara.”

Ele me arrastou para que minha cabeça ficasse mais próxima da luz
que

vinha da entrada da caverna.

Griffin segurou uma garrafa de plástico acima do meu rosto.

“Foi o que sobrou”, ele disse.

Ele abriu a garrafa e despejou um pouco de água turva e quente em
meus

lábios.

Engoli.

“Valeu, Griff.” Me lem brei de que todos – pelo m enos os que restavam –

chamavam o menino de Griff. Ele tinha só 12 anos. Ben tinha 14. Pelo que

sabiam os, agora eram os apenas os três. Apenas meninos. E não viam os um a

menina havia anos. Pelo menos nenhum a menina viva. Ou um ser hum ano que

fosse.

Sabia onde estava.

Marbury.

Griffin tomou a garrafa e voltou para a entrada da caverna.

Com esforço, levantei o corpo, me apoiando sobre os cotovelos.

“Quero ver se está muito feio, Ben.”

Ben Miller veio até mim e se agachou ao meu lado. “Não está tão feio”, ele

disse. Afastou a cobertura do meu peito. “Passou por onde haveria gordura, se você

tivesse um pouco. Mas não fica com raiva de mim. Foi o Griff que te costurou.

Você sabe que não conseguia nem olhar, Jack, estava tão assustado que achei que

você fosse me orrer.

A ferida se dobrava para fora, com os dois beijos inchados, costurados por um

fio sinuoso. A pele em volta também estava muito escura, exatamente com o a

ferida das costas.

“Tivemos que rasgar sua camisa toda para conseguir aquele fio. Ela j

á estava

destruída m esm o.”

Afastei a coberta. Eu vestia só um a calça larga e rasgada nas pernas.
Nada

além de um a calça. Havia um a enorm e faca de lâm ina reta no chão,
ao m eu

lado. Sabia que era m inha.”

“O que aconteceu?”, perguntei.

“Você não lem bra?”

“Não estou conseguindo m e lem brar de nada”, disse. Fechei m eus
olhos,

tentei im aginar Conner, Nickie, Londres.

Conner e Dana na cam a naquela festa.

Freddie Horvath.

Que m erda está acontecendo com igo?

Você ainda não conseguiu escapar de nada, Jack.

“Foi há dois dias, perto do assentam ento de Bass-Hove. Nós
encontram os.

Mas j á estavam nos esperando, sabiam que estavam os indo. Pegaram
quase

todos.” Baixou a voz até sussurrar. “Agora som os só nós três.”

Ben olhou para Griffin. “O que a gente faz agora, Jack? Estou com m
edo e

não tem os para onde ir.”

“Porra!”, gritou Griffin. Então ouvi o som de duas pedras pesadas
batendo

um a contra a outra.

Ben se levantou de um a só vez.

“Os necrófagos estão vindo”, disse Griffin. “Eu sabia! Tem alguma coisa

morta nessa caverna. A gente tinha que ter procurado melhor. Agora esses

mal-ditos sabem onde a gente está!”

Griffin levantou a pedra que tinha usado e jogou novamente no chão,

esmagando um inseto que acabava de invadir nosso esconderijo.

Eu sabia que logo milhares deles viriam. Milhões. E também sabia o que viria

atrás deles.

Ben me alertou, “Você vai ter que cavalgar, Jack. Pega os cavalos, Griff.”

Sem dizer nada, Griffin deixou seu posto novamente e desapareceu no véu

branco da neblina.

“Me ajuda a levantar.”

Estendi a mão para Ben.

“Fica aqui. Deixa eu pegar os sapatos primeiro.

Eram botas de trabalho, de pares diferentes, tinham o couro bem surrado.

Ben me calçou e amarrou os cadarços segurando cada pé entre os olhos.

“Você vai aguentar, Jack? Não sabem os o que fazer sem você.”

Levantei o tronco até conseguir me sentar.

Doeu.

“Acho que vou.”

Rolando e... Tac. Tac. Tac.

Aquele barulho.

Ainda segurando m eu pé entre as pernas, Ben virou o rosto em direção ao

ruído.

Então vi, de pé no fundo da caverna, ao lado de Ben Miller, um m enino pálido

e descalço, de olhos fundos e negros, que parecia ter a m inha idade.

Ben disse, “Maldito fantasm a! Tudo que a gente precisava. Por isso aquele

necrófago encontrou a gente tão fácil.”

O m enino se sentou e abraçou os j oelhos contra o peito. Ele parecia assustado.

Pensei que havia chorado, m as sentou lá e ficou m e observando; e entendi

que ele tam bém m e conhecia e que estava m e seguindo, esperando que algum a

coisa acontecesse.

Podia ver as rochas da caverna através de seu corpo. Então ele foi ficando

m ais rarefeito até se dissipar em um tipo de névoa, espalhando-se pelo chão onde

estava sentado.

Ben olhou para m im . “Nunca fiz isso antes. Ouvi dizer que funciona. O Henry

disse que j á tinha feito, você se lem bra?”

“Não.”

Não m e lem brava bem das coisas.

Ben virou o rosto para o fundo da caverna onde a névoa acinzentada

pairava

sobre o chão quente e disse, “Se você pode agudar, então faça isso logo, seu

meleque! Por sua causa tem os que fugir de novo, então é o mesmo inimigo que você

pode fazer. E, se não fizer nada, os necrófagos vão te pegar”.

A névoa se condensou, com o um tapete, e o menino estava lá de novo, agora

de pé.

Rolando e... Tac.

Ele era bem magro, quase esquelético, descalço. Vestia só um a calça rasgada

presa à cintura por um a corda, que já com o tempo se desmanchara, sem camuflagem

ou chapéu. Estava sujo e mal cuidado. Seu cabelo repicado e claro descia pelo

rosto, para baixo das sobrancelhas.

“E então?”, Ben perguntou, impecavelmente. “Se não vai agudar em nada, pra que

está seguindo a gente, porra?”

O menino desapareceu no ar, formando novamente a névoa sobre o chão. A

fumaça veio serpenteando em minha direção e, antes que eu pudesse reagir, se

infiltrou entre os pontos da ferida.

A névoa era morna, podia senti-la preenchendo cada parte do meu corpo. Eu

sabia quem ele era.

Ouvi dizer seu nome e me assustei uma vez:

“Seth.”



VINTE E TRÊS

Involuntariamente, levei a mão ao ferimento.

Não senti os pontos.

Os óculos estavam desdobrados sobre o travesseiro ao meu lado e a cama,

encharcada com meu suor.

Precisava vomitar, lutei para tirar minhas pernas da cama e colocá-las no

chão. Tropecei e vi os bilhetes que tinha colado na porta.

Que merda está acontecendo comigo?

Engasgando, cheguei ao vaso bem a tempo.

Quando acabei, lavei o rosto com água fria e voltei para a cama.

Olhei as horas no relógio sobre o criado-mudo.

12h37

Nem mesmo o minuto tinha se passado desde que colocara os óculos.

Aquilo não podia ser real.

Freddie Horwarth deixou minha cabeça assim, preciso pedir ajuda.

Já chega, Jack. Hora de dar um fim nessas malditas lentes.

Agora.

Dobrei os óculos, coloquei-os na minha eia, e depois enfiei no fundo da minha mochila.

Precisava de tempo para pensar. Precisava de ar. Abri a janela e olhei para as

luzes que passavam pela rua.

Quem eu estava enganado? Não conseguiria minha e livrar daquelas lentes.

O vidro da janela espalhava a luz que vinha do parque.

Espalhar a luz.

É isso. Talvez aqueles óculos fossem algum tipo de prisma que filtrava o que

podiam os ver, que separava a superfície, com o abrir aquelas bonecas russas, e

revelassem o que estava acontecendo em outro lugar.

Dentro

Marbury.

Era a única explicação.

O centro do universo.

Cacete, você está ficando doido, Jack.

Queria olhar através das lentes novamente, mas não me segurei.

Precisava me segurar.

Porra, é loucura demais, Jack.

Corri até o vaso e vomitei meus aias uma vez. Caí de joelhos. Sentia frio e tremia,

coberto de suor. Apoiei o rosto sobre os braços cruzados, pairando sobre a água

turva. Ouvi algum a coisa rolando pelo chão, bem atrás de mim.

Tinha passado

tão perto que sua vibração fez cócegas em m eus pés descalços.

Tac. Tac. Tac.

Levantei a cabeça. Nada.

Se Conner achasse que m inha aparência estivesse pior do que naquela noite

que fugi de Freddie Horvath, pálido, coberto de suor e cheirando a vômito, seria

difícil de im aginar. Estava exausto. Olhei dentro dos m eus olhos – não sei por

quanto tem po – e disse: “Seth?”

Ouvi o estrondo surdo de um m urro na parede do banheiro.

Sussurei, “Você está aqui?”

Dei um passo pela porta.

Clique. Clique.

Todas as luzes se apagaram . Então, m inha m ochila caiu sozinha debaixo da

j anela e algum a coisa veio rolando dela, pelo piso, e parou diante dos m eus pés.

Um papel em bolado, bem am assado.

Abri. Era o bilhete que eu tinha colado na porta – aquele com o m eu nome.

Abaixo dele, com letras de fôrma infantis e traços trêm ulos, estava escrito EU

ME CHAMO SETH.

Fiquei parado. Tudo ficou silencioso e inerte.

Desam assei o papel e o deixei sobre o criado-m udo. Entrei em baixo das

cobertas, tremendo, sem me trocar, e aguardei no silêncio até que, exausto,

dormi.

O dia se alongava em uma sucessão infindável de perguntas e dúvidas, até

que se aproximou a hora que Nickie tinha com binado de me ligar. Durante a

corrida, pela manhã, tinha decidido pedir ajuda, ainda que nem soubesse com o

comentar.

Ei, Nickie, você conhece algum psiquiatra bom? Porque o Jack aqui perdeu a

noção da realidade e pode até ser uma ameaça para você.

Só para você saber.

Freddie Horvath me deixou assim e nunca vou me recuperar.

Chega, Jack.

Tentei ficar longe do quarto, com medo de ceder e usar novamente os óculos.

Caminhei para o mais longe que pude. Fui até o metrô para comprar bilhetes

para buscar Conner no aeroporto de Heathrow pela manhã.

Vaguei pela cidade.

Procurei ocupar a cabeça com qualquer coisa que não fosse Marbury ou

Freddie Horvath, mas não conseguia pensar em nada que não levasse a um dos

dois.

Por fim, voltei ao hotel para tomar banho. Ainda era início da tarde e o

telefone do quarto com eçou a tocar assim que a abri o chuveiro.

Corri para atender, deixando pegadas m olhadas pelo cam inho e respingos

sobre a escrivaninha. Tirei o fone do gancho. Tentei falar norm alm ente enquanto

recuperava o fôlego. Tinha deixado o chuveiro ligado. O barulho da água parecia

chuva.

“Alô?”

“Oi, Jack.”

Não era a Nickie.

“Sou eu. Henry.”

Puxei a cadeira e m e sentei. Olhei para as duas poças que se form avam sob

m eus pés com a água que escorria de m inhas pernas no piso de m adeira.

Era com o nascer.

“O que foi?”, perguntei.

“Só queria saber com o estão as coisas.”

“Um a m erda.”

Acho que ele deu um a risada.

“Tenho algo que é seu. Acho que preciso te devolver”, disse a ele.

“Eles não m e servem de nada agora. Você j á deve estar sabendo... Ou ainda

não foi para lá?”

“Fui, sim .” Ouvia a água, olhei para o vapor que saía pela porta do banheiro.

“Mas nunca m ais volto.”

“Você não faz ideia de quantas vezes jurei a mesma coisa, Jack. Mas você

precisa voltar.”

“Por que você ligou?”

“Para saber com o que você está, já disse. Mas quero perguntar uma coisa também.”

“O quê?”

“Quantos ainda estão vivos?”

“Ben e Griffin. Mais ninguém.”

“É uma pena.” Pude ouvi-lo expirar. Suspirar, talvez. Ou talvez fumar um

cigarro. “Cuide-se, Jack. Ah, só quero ter certeza de uma coisa. Com o que estão as

coisas em Marbury?”

“É um deserto branco.”

“Certo.”

“Henry?”

“Hm?”

“Aquilo é real?”

“Você sabe tão bem quanto eu, Jack. Claro que é. Tão real quanto qualquer

outra coisa. Cuide-se. Talvez ainda nos falemos. Deste lado, é claro.”

“Não pode me ajudar?”

“Foi por isso que disse para não me procurar, Jack. Não há nada que eu possa

fazer. Você sabe disso. E não há mais ninguém capaz de ver através das lentes a

essa altura. Tentei encontrar Griffin e Ben, mas não consegui. Fique bem. Você

sabe o que deve fazer. Tenho certeza.”

Henry desligou.

Fui até o banheiro e entrei novamente na água molhada.

Nickie me encontrou no saguão. Ela trouxe uma cesta de piquenique, estendem sobre uma toalha no gramado do parque e tomamos chá juntos. Foi um dia

perfeito.

Por mais que eu tentasse, não conseguia agir naturalmente perto dela. Então,

após várias tentativas desengonçadas de conversa – perguntando-lhe sobre a da

igreja, com o ela dormiria depois de nosso jantar –, ela começou a suspeitar que

alguma coisa estava me incomodando.

“Tudo bem com você, Jack?”

Deitei-me sobre a toalha e olhei para o azul do céu, imaginando se ele era

mesmo o azul.

“Eu gosto de você, Nickie.”

Ela encostou a cabeça no meu ombro. Era tão bom, nunca tinha sentido algo

com aquele toque. “Também gosto de você. Quer dizer, para um americano

você é até bem legal”, ela riu. “Bem misterioso... e parece ser inteligente,

também.”

“Aconteceram umas coisas muito ruins comigo”, suspirei.

Nickie aproximou o rosto e ficou bem perto de mim. Seus cabelos caíram

sobre mim e fizeram sombra nos meus olhos.

“Que coisas?”

“Alguém fez algo. Horrível. Não sei se consigo te contar ainda. Mas queria

dizer pelo menos alguma coisa. Acho que tem algo errado comigo depois do que

aconteceu e não quero que isso atrapalhe tudo.” Desviei o olhar, observei os

cabelos dela. Queria que eles me cobrissem inteiro. “Espero que você tenha

paciência comigo.”

“Posso ser paciente. Mas até certo ponto.”

“Desculpa, Nickie.”

Ela colocou a mão sobre a minha e se sentou de frente para o pequeno lago.

“Quando você quiser falar, eu vou escutar.”

“Tudo bem.”

Nickie tentou mudar de assunto, mas senti que ela se sentia mal por mim,

talvez sentisse pena.

“Você deve estar em polgono para ver seu amigo amanhã, não é?”

Pensei um pouco. Ainda me sentia muito culpado pelo que eu e Conner

tínhamos feito e nem sabia como contar para ele sobre Henry e os óculos. Talvez

fosse m elhor não dizer nada.

“Estou”, respondi.

“Sabe, vou a Blackpool com a Rachel am anã durante o feriado. Acho que

vou sentir m uito sua falta, Jack, até eu voltar para Londres no fim de sem ana que

vem .”

“Que ótim o!”, ironizei. “Agora o Conner vai pensar que eu inventei a história

toda de ter conhecido você.”

“Se você tam bém sentir a m inha falta, vocês podem ir encontrar a gente em

Blackpool. É m uito bonito lá. Aí apresentam os o Conner para a Rachel.”

“Você tem certeza que quer fazer isso com a sua am iga?”

Ela riu de novo. Parecia um passarinho cantando.

Tam bém m e sentei, com o om bro encostado no dela. Já não tinha m ais m edo.

Não havia m ais m otivo. Não após o que eu tinha visto. Finalm ente consegui dizer:

“Nickie, eu nunca beij ei ninguém na vida. Você acha isso m uito estranho?”

“Não sei. Deixa eu pensar.”

Naquele m om ento, m e esqueci de tudo. Era com o se nada m ais existisse

além do espaço entre m im e Nickie.

“Não, não acho”, ela respondeu.



VINTE E QUATRO

Não queria me despedir dela naquela noite.

Nos beijamos e ela desceu as escadas do metrô.
Antes,

paramos e pedimos para um casal mais velho tirar uma foto nossa.
Queria ir

com ela, mas a Nickie me pediu para ficar; disse que só deveria ir
encontrá-la se

realmente não suportasse Londres sem ela, então deveria ligar e pegar
um trem

Queria ser mais com o Conner e convidá-la, descaradamente, para
subir para

o quarto, mas mesmo que o motivo fosse o medo de voltar para o hotel
sozinho.

Porque eu sabia o que ia fazer assim que chegasse.

Não comi nada à noite, não queria vomitar novamente.

Logo que entrei no quarto, com efeito o procedimento: coleí os papéis
na porta.

Conner está vindo. Seis e quinze. Deixei as passagens do trem ao lado
do telefone.

Tinha pressa. Minhas mãos tremiam com o medo de um viciado à
procura de outra

dose.

E estava com muita raiva de mim mesmo. Tirei as lentes de onde as tinha

escondido e joguei a minha no chão, ao lado da porta.

“Caralho!”, gritei. “Caralho, Jack! Para com isso!”

Não podia parar, mesmo que quisesse.

Chutei minhas roupas espalhadas pelo chão, onde as havia deixado.

Vi que tinha guardado os lacres plásticos que Conner tinha tirado do carro de

Freddie.

“Vai se foder, Jack!”

Enfurecido e tremendo, chutei a minha.

“Vai se foder, Freddie!”

Então me despi, rasgando as roupas, e preendi meu tornozelo ao pé da cama.

Doeu.

Coloquei os óculos.

Até onde sabíamos, eram os únicos seres humanos vivos no mundo. Quem

poderia contestar?

Na manhã do segundo dia, bebíamos nossa própria urina antes de cruzarmos

a terra esturricada e salgada do deserto. Destilar o próprio suor usando o calor do

chão, um pedaço de plástico e a garrafa de água de Griffin era apenas mais um

rotina de sobrevivência a que já estavam acostumados.

Se não encontrassem água, seria nosso último dia.

Os cavalos também mal ficavam de pé.

Pus esverdeado escorria da minha ferida e colava a cintura da calça ao meu

quadril. Fizem os um buraco em um dos cobertores para que eu pudesse usá-lo

com o um poncho e cobrir meu peito, diminuindo a desidratação, mas acho que

não servia de nada.

Não conversávamos os meus pais.

Griffin e Ben me seguiam. Cavalgamos em direção às espirais negras dos

picos rochosos ao norte, onde prometiam que encontraríamos os água. Eles acreditavam em mim, já eu, apenas pensava qual de nós me orreria primeiro.

Não via Seth desde que tinham os partido, mas as sentia o que ele fazia por mim

e sabia tudo sobre ele – que fora uma criança abandonada e que tinha me atado

alguém. Também acho que sabia o motivo de Seth esperar por mim por tanto

tempo. Um dia, contaria sua história aos meus filhos, para que soubessem que ele

não era uma pessoa ruim.

Apenas teve muito azar na vida.

Assim como eu.

No primeiro dia depois de partirmos, observei a planície seca e pude ver um

rio negro brilhante, avançando para nós com uma inundação. Eram necrófagos,

procurando a caverna onde estavam os escondidos. Atrás do meu ar cintilante de

insetos, subia a poeira levantada pelos cavaleiros que nos seguiam .

Eram os Rastreadores. Demônios, nós os chamávamos. Caçadores. O que

me poderiam ser? Seria sem pre assim , agora quase nenhum de nós sobrara.

Por isso cavalgávamos, queríamos encontrar alguém . Qualquer pessoa.

Quando saímos com Henry em busca de outros, éramos vinte.

Os garotos não se lembravam de nada além daquela vida – a guerra, e eu me

perguntava se me tinham em ótimas condições dali ou se seriam de outro lugar. Estar

em Marbury era com o estar aprisionado por Freddie Horvath: eu não tinha

tempo ou forças para pensar no que era ou não real. Eu podia estar imaginando

tudo: Marbury, Londres, Conner, Nickie.

Griffin se inclinou para frente e abraçou o pescoço de seu cavalo. Nenhum

dos animais tinha sela, e eles eram guiados apenas por rédeas feitas de cordas

toscas. Era agonizante cavalgá-los daquela forma.

“Tudo bem aí?” Perguntei. Aproximei-me do meu cavalo do dele para alcançá-lo.

“Não.” Sua voz estava áspera.

Ben cavalgava à frente. Parou o cavalo e olhou para gente.

“Sabe o que é aquilo, Jack?”

Apontou para frente e seguiu seu braço.

“Não sei.”

Vim os o que parecia ser um m uro de caixas escuras, distribuídas ao longo de

um cam inho coberto de sal, a alguns quilôm etros dali. “Continuam os nessa

direção?”, perguntou Ben.

Olhei para Griffin.

Ele vai ser o prim eiro a m orrer, pensei.

“Vam os”, respondi.

“Que porra é essa?”, Ben perguntou.

Griffin levantou a cabeça. Seus olhos eram fendas negras.

Eu sabia o que era. Conseguia m e lem brar.

Estendido no cam inho adiante, coberto de sal até o rodapé das portas, estava

um trem de passageiros: sete vagões e um a locom otiva. Parecia que tinham

colocado aquilo com o decoração, no m eio do nada, pois não havia trilhos em

direção algum a.

Cutuquei o cavalo para aum entar o passo. Ele se contorcia um pouco e

balançava a cabeça. Talvez sentisse cheiro de água.

“É um trem ”, eu disse. “Vam os.”

“E isso é bom ?”, perguntou Griffin, que tinha deitado o rosto sobre o pescoço

do cavalo novam ente. “Vai servir para algum a coisa, Jack?”

“Vai, sim ”, respondi. “Eu prom eto.”

Levam os os cavalos até um dos lados do trem , dando a volta por trás da

locomotiva, onde os vagões nos protegiam do vento seco. Mesmo montados, não

conseguíamos alcançá-las e ver o que havia lá dentro.

Fui o primeiro a desmontar, depois Ben. Griffin precisou da minha ajuda.

Puxei a calça no ponto em que ela colava em minha cintura.

“Está tudo bem?”, Ben perguntou.

“Estou aguentando.”

Saquei minha faca.

Ben tinha uma lança feita de um vergalhão afiado. Era tudo o que tinham os.

Por isso, tinham os decidido ir com Henry Hewitt até o assentamento, na

esperança de encontrar algo melhor.

Descalço, Griffin Goodrich não tinha nada. Apenas suas mãos e sua maldade,

com o que dizia Ben. O garoto não conhecia nada além da guerra e nem mesmo o se

lém brava de seus pais. Cavalgadas, fugas, lutas e pessoas morrendo foi tudo o

que aconteceu desde que Benjamin chorou a Henry Hewitt que o levasse com seus

cavaleiros. Os dois teriam virado com ida para os Caçadores anos atrás se Henry

tivesse negado o pedido.

Na maior parte do tempo, Griffin se recusava a usar roupas, dizendo não

precisar delas. Tirei o poncho e joguei sobre o cavalo. Depois, coloquei a mão

sobre o ombro de Griffin e disse, “Vam os dar um jeito de entrar neste trem . Mas

tem os que ter cuidado. E precisam os ficar juntos. Faça um esforço para isso,

certo, Griffin? Vou procurar água.”

“Tudo bem .”

“Jack”, Ben me chamou, “se conseguirmos entrar e tiver alguma coisa morta

ali dentro... Você sabe.”

“Tanto faz”, respondi. “Eles já estão nos seguindo de qualquer maneira.”

Os garotos me seguiram até a traseira do último vagão. Havia uma porta

corrediça retangular com uma pequena janela. Servia para que as pessoas

pudessem observar o que deixavam para trás, pensei.

A porta era delimitada por uma calha preta e grossa, uma borracha já

descalada e esbranquiçada. Forcei a faca através da calha e alavanquei a porta

o suficiente para abrir uma fenda onde eu e Ben enfiávamos os dedos para

empurrar.

Foi fácil.

Entramos e fechamos a porta novamente.



VINTE E CINCO

O único indício de que tinha existido vida no último vagão eram as manuseadas.

Havia manuseadas de dez delas abandonadas, enfileiradas sobre as janelas nos

compartimentos que ladeavam o corredor. Na pior das hipóteses, eu e os garotos

encontraríamos as roupas novas para manusear e talvez encontrássemos os um par de

sapatos para Griffin.

Eu ia à frente. Ben e Griffin manuseavam e seguiam enquanto andávamos os

cuidadosamente pela penumbra do corredor. Às vezes, os manuseados paravam para

passar a manusear sobre a superfície fria do couro dos assentos e dos tapetes de

fórmica. Uma das manuseadas tinha manuseadas igalhas.

“Será que tem comida nas manuseadas, Jack?”, perguntou Griffin.

“Com certeza vamos encontrar alguma coisa”, respondi. “É melhor conferirmos tudo o que tem aqui antes de sair pegando qualquer coisa”, ponderou

Ben.

“Tudo bem”, concordei.

Abri a porta para o próximo vagão. Um rajada de ar seco tomou conta do

ambiente.

O cheiro de morte era evidente. Não era o cheiro horrível e sufocante de

morte putrefata, mas as percebem os que havia passageiros mortos no vagão.

Sábiam os, pelo odor seco, que estavam ali há anos.

Seis pessoas.

Muricadas.

Um homem e uma mulher sentados, inclinados para a janela, como se

tivessem dormindo há anos e ainda estivessem sonhando. A pele afundada, parda,

como se seus crânios fossem adornados de couro curtido. Ele estava bem vestido:

calças jeans, um cinto de couro e uma camisa azul listrada que ainda tinha vincos

nas mangas.

Não queria ter despi-lo apenas para tirar as roupas molhadas. Notei que

Ben olhava para ele também. Sabia que estava pensando a mesma coisa.

Ficamos os três de olhos para conferir o que o homem calçava. Eram

novos. Tênis brancos.

Entre seu quadril e o descanso de braço abaixo da janela, havia uma garrafa

de água de um litro tampada, três quartos cheia. Abri a garrafa para sentir o

cheiro. Parecia boa, mas não bebi.

Passei a garrafa para Griffin.

Compartilhamos a água cuidadosamente, nos revezando até esvaziar a

garrafa. Coloquei a garrafa vazia sobre a mesa à frente do casal em um
ifcado.

Na fileira seguinte, três crianças deitadas de lado nos assentos, com as
cabeças apoiadas sobre um dos braços, com o travesseiros. Dois meninos e um a

menina, não tinham mais de 8 anos. Era difícil olhar para eles, mesmo o que já

estivessem acostumados àquilo.

“Parece que estão dormindo”, eu comentei. “Parece que simplesmente

decidiram dormir.”

Olhei de relance para Griffin. Podia notar seu incômodo.

“Não deve ter sido um morto ruim”, eu disse.

Encontramos um velho no fundo do vagão. Vestia um uniforme e
tinha um a

identificação oval, de bronze, presa à lapela da jaqueta azul-marinho.
Estava

debaixo de uma mesa com os olhos dobrados, olhos e boca
abertos.

Tinha feridas com crostas secas e escurecidas. Não tocava aquele
corpo por

nada.

O próximo vagão era o refeitório. Vibravam os enquanto seguíamos
pelo

corredor. Ninguém precisava dizer; sabíamos que encontraríamos os

com ida e

bebida. As m esas estavam postas: toalhas brancas, pratos e talheres que ainda

brilhavam , guardanapos dobrados, vasos triangulares de cristal com bases

circulares – e as cinzas das flores que contiveram um dia.

Havia m ais três corpos ali, sentados no chão e apoiados na outra porta.

Hom ens. Os garçons da últim a ceia. “Se quiserem , podem ficar aqui procurando

com ida enquanto eu confiro os outros vagões”, disse aos m eninos.

Ben respondeu a m inha faca.

Ben olhou para Griffin. A pouca água que tinham os bebido j á tinha devolvido

algum brilho a seus olhos. “Vam os ficar j untos, Jack”, Ben respondeu.

Não havia qualquer sinal de resistência no rosto delgado de Griffin.

“Vam os tirar esses três do cam inho”, eu disse.

Ben puxou um dos corpos pela perna e caiu sobre nós quando ela se soltou do

corpo.

“Puxem pelas roupas”, sugeri.

Eles não pesavam m uito e, após o erro sinistro de Ben, conseguimos os arrastar

os três corpos para trás da últim a m esa. A toalha branca que a cobria agora

tapava os rostos dos cadáveres. Senti pena por arrastá-los daquela form a.

Mais vagões, m ais do m esm o. Corpos ressecados, m alas,

condutores... nada

indicava que qualquer coisa fora do normal tivesse acontecido.

Parecia uma

viagem de trem qualquer.

O penúltimo vagão era um vagão-quarto, com um corredor estreito, revestido

de painéis que ladeavam a única fileira de janelas.

Ben correu a porta do primeiro com partimento e enfiou a cabeça.

Ele saiu rapidamente, assustado, caindo sobre mim e Griffin, gritando, “Eita

porra! Eita porra!”.

Caíram os três sobre o carpete ressecado. Derrubei minha faca.

Alguns

coisas se mexeu lá dentro. Vi um clarão, uma sombra se estendeu pelo corredor.

Uma velha saiu do com partimento e olhou para nós, balançando a cabeça. Com

o braço estendido, aproximou a mão do rosto de Ben, que se levantou de uma só

vez, preparado para lutar. A mulher deu meia volta e desapareceu no corredor

adentro.

Ben seguiu a aparição, cortando o ar com sua lança de metal, esfaqueando

vidros e perfurando portas, gritando, “Caralho! Odeio esses fantasmas!”.

“Ben! Ben!”, gritei e me levantei, puxando Griffin para perto de mim, mas

Ben não escutava. Ele correu até o fundo do vagão, destruindo o que via pela

frente, xingando até que o espectro escapasse através das rachaduras de um a das

j anelas que ele tinha acertado.

Ben soltou a arm a e caiu de j oelhos, ofegante.

Coloquei a m ão na sua nuca e disse, “Está tudo bem ”. Ele apenas olhou para

o carpete entre seus j oelhos, e eu insisti, “Ben, está tudo bem ”.

Ben inspirou fundo. “Desculpa, Jack. É que ela m e deu um susto do caralho.”

Ouvi Griffin vindo pelo corredor, abrindo os com partim entos um a um .

Havia corpos deitados em quase todas as cam as, m as encontram os um a

desocupada e feita, com o se o trem tivesse acabado de partir.

“Podem os dorm ir aqui depois”, sugeri.

Encontram os o m aior núm ero de corpos no últim o vagão que exploram os,

antes da locom otiva. Vinte e dois, contam os. Estavam todos fardados, eram

soldados. Suas m ochilas, perfeitam ente alinhadas dentro dos com partim entos de

bagagem , tinham seus nom es escritos em estêncil.

Ben deixou cair a lança ruidosam ente no piso de linóleo.

“Eles têm arm as!” Ben passou por m im correndo.

Eu tam bém tinha visto.

Em Marbury, as arm as transform avam garotos com o nós em deuses.

Cada um daqueles soldados, exceto um , tinha um a ferida de bala na lateral da

cabeça. Havia borrifos pardos de sangue em todas as direções. Alguns dos

homens ainda tinham a mão agarrada às armas. Algumas delas estavam

próximas ao local onde os últimos espasmos moribundos as deixaram.

Suicídio.

Todos eles. Griffin não tinha percebido, eu tinha certeza.

Ben parou onde estava, “Jack, esses caras...”

“Eu sei.”

Havia um rifle. Estava entre as pernas esticadas de um soldado sentado no

chão, seu dedão ainda curvado sobre o gatilho, sua mandíbula pendendo no fim

do cano, um jorro escuro de sangue e grumos encefálicos espalhados pela

estampada floral do papel de parede.

Eu observava enquanto Ben fazia uma busca pelo vagão, de cadáver a cadáver. Ele parecia tentar ler os nomes nos uniformes.

“E agora?”, perguntou Griffin.

“Pegamos as armas”, respondi. “Olha com o que as coisas estão melhorando,

Griff. Pegamos as armas e fechamos este lugar. E vamos os pegar algumas roupas

dessas mochilas. Depois, vamos procurar algo para comer e beber. As coisas

estão melhorando, Griff!”.



VINTE E SEIS

As coisas estavam melhorando.

Estavam os três despidos e sujos. Ben começou a abrir as minhas

ochilas dos soldados. Eu tentei esticar meu pescoço para ver a sutura que Griffin tinha feito

em mim. Já era hora de retirá-la.

Pendurada ao lado de um extintor de incêndio, havia uma caixa de metal

com uma cruz vermelha pintada na tampa. Abri a caixa e inspecionei os objetos:

bandagens, tubos metálicos com pomadas antibióticas – pareciam ser iguais

àquela que Freddie Horvath tinha passado no meu tornozelo naquela noite,

naquele outro inferno – luvas de látex, fita adesiva, uma tesoura e uma pinça.

É a mesma coisa, pensei – aqui e a casa de Freddie – tudo estava conectado.

Talvez nada daquilo importasse. Talvez nada fosse real.

“Griff, me ajuda a tirar os pontos.”

Ben continuou revirando as minhas ochilas e separando as roupas. Às vezes, as

levantava contra a luz e apertava os olhos para ler as etiquetas que traziam o

tamanho das roupas que aqueles homens nunca mais vestiriam .

Griffin, um garoto esquelético, parecendo ainda mais franzino e frágil sem as

roupas para cobri-lo, pegou a tesoura e começou a cortar o fio. Ao terminar,

espalhou antisséptico por onde a flecha tinha passado, cobrindo com gaze e

selando com esparadrapo. Tudo ainda cheirava a novo.

“Acho que você vai ficar bem ”, ele disse.

“Eu não tenho escolha.”

Ouvimos o barulho de alguma coisa batendo nas paredes do trem e um rolo

de esparadrapo veio pelo corredor até parar perto de nós. Olhamos para trás e

vim os Seth, do outro lado do vagão, nos observando.

“Ok. Você já pode sumir daqui, porra”, irritou-se Griffin.

O espectro se esvaiu sutilmente, agachando-se entre dois soldados mortos.

Seth olhava para mim .

De alguma forma, eu me sentia mais leve. Tentei olhar nos olhos de Seth,

mas ele abaixou a cabeça.

Ben passou as roupas para a gente. Nos vestimos. Os meninos já não se

lembravam de como era vestir roupas de baixo ou meias, fazia muito tempo

desde o início da guerra, quando tinham sido abandonados. Ficaram

surpresos por

eu saber o que fazer com aquelas coisas. Tive de ensiná-los a se vestir.

Griffin não se acostumava com a cueca.

“É pano demais”, reclamou.

“Fique com elas”, insisti. “Você vai se acostumar. É bom pra você. Confie em

em mim. É bom usar roupas, ok?”

Griffin não respondeu. Notei que Ben também estava desconfortável.

As calças que tinham encontrado eram largas, com ufladas e tinham bolsos

grandes por todos os lados. Cintas afiveladas as prendiam em nossas cinturas.

Amarramos as pernas das calças em volta dos tornozelos, bem presas, e

afivelamos os cintos de nylon. Enfiamos as camisas para dentro das calças. Cada

uma delas tinha um nome e bordado do lado esquerdo do peito.

As camisas de Ben e Griffin vinham da mesma mochila. Tinham o sobrenome e STRANGE bordado no bolso. O meu era RAMIREZ.

“Esse nome fica bem em vocês”, elogiei. “Provavelmente é o melhor nome

para se ter nesse lugar.

Ben sorriu. Os meninos nunca sorriam. “Quer trocar de camisa, Jack?”

Peguei a tesoura que Griffin tinha usado para cortar meus pontos e cortei as

costuras que prendiam aquela etiqueta ao meu uniforme.

“Vou ser o cara sem nome”, respondi. “E vocês, os Meninos

Estranhos.”

As botas que tinham os encontros eram de tecido grosso. Estavam novinhas

em folha. Seus cadarços subiam até as canelas.

Griffin não sabia arrancar cadarços, mas aprendeu em apenas uma tentativa.

“É gostoso, não é?”, incentivei. Fiquei observando Griffin e Ben naquelas

roupas limpas. Era a primeira vez que os via totalmente vestidos.

Griffin balançava a cabeça.

Próxima etapa: arrancar.

Recolhem o tudo o que podiam carregar. Reviram os cantos e roupa

e, então, cuidadosamente, separam os e agrupam as todas as caixas de união e

pacotes de suprimentos sobre duas mesas.

Escolhi o rifle. Girei a correia pelo corpo até que ele ficasse pendurado na

diagonal atrás do meu ferimento. Cada um de nós guardou duas pistolas

semiautomáticas nos coldres dos cintos – uma 9 milímetros e uma .45 para cada

um. Eram muito pesadas, mas já sentia o quanto aquelas coisas nos deixavam

mais fortes.

Seth continuou do lado oposto do vagão, flutuando para frente e para trás,

com o um pêndulo etéreo, cruzando o corredor de uma janela à outra. Às vezes,

desaparecia por com pleto, principalm ente quando o flagrava olhando para m im .

E sem pre fazia aqueles ruídos im pacientes de rolar e bater.

Por algum m otivo, não conseguia sentir pena daqueles soldados com o sentia

dos outros que tinham m orrido naquele trem . Tínham os encontrado um a cena

grotesca naquele vagão quando o abrim os e, quando saím os, deixam os para trás

outra pior. Corpos retorcidos, com suas m ochilas abertas e seus bolsos revirados,

até rasgados.

Voltam os para o vagão-dorm itório que agora tinha j anelas estilhaçadas e

painéis quebrados.

Ben encolheu os om bros, envergonhado.

“Desculpa, Jack. Eu estava assustado.”

“Foda-se, Ben. Não tem problem a”, Griffin interferiu.

Coloquei a m ão no om bro de Ben e o conduzi pelo vagão onde dorm iriam os

até o vagão-refeitório.

Ben conseguiu acessar o encanam ento do vagão e, com um a m angueira,

sifonou a água e enchem os um balde. Agora os cavalos não vão m orrer, pensei.

“Não beba dem ais”, avisei. “Podem os passar m al.”

Havia tantos tesouros naquele vagão que não sabíam os por onde com eçar.

Griffin se abaixou atrás do bar e se levantou com algum as garrafas de

bebida, que pôs sobre o balcão. Abriu um a garrafa de uísque e cheirou,

apertando os olhos e as narinas.

“Deixa eu experim entar”, pediu Ben.

Olhei para Ben e ele entendeu que era um olhar de reprovação.

“Não sej a estúpido, Ben.”

“Só um pouquinho.”

O observei virando a garrafa, contando os goles que tom ou. Cinco. Ainda que

Ben Miller tivesse evitado assistir enquanto o pequeno Griffin arrancava a flecha

de m im e fazia a sutura com a linha da m inha própria cam isa, aquele garoto era

resistente. Tinha certeza de que aqueles Meninos Estranhos eram incrívelm ente

m ais fortes que eu.

“Você tam bém ”, Ben ofereceu. “Só um pouco.”

Balancei a cabeça. Griffin levantou um a lata grande. Tinha um a galinha

inteira dentro dela. Ben argum entou, “Nunca terem os um dia com o esse de novo,

Jack. Nunca. Então beba um pouco, tam bém ”.

Olhei para Griffin. “Vej a se consegue achar um m odo de abrir isto, Griff.”

Então peguei a garrafa de Ben e disse, “Mas é m elhor você não beber, certo?

Isso não faz bem , Griffin”.

“Nem fodendo vou beber essa m erda.” Griffin esfregou o nariz na m anga da

cam isa. “E desde quando você sabe o que faz bem pra mim ? Você me mandou

vestir esse monte de roupas – que elas me fariam bem – e agora nem estou

sentindo mais minhas bolas. Quando vocês caírem de beber, vou tirar essas

meirdas de novo.”

Ben riu.

Eu bebi. Era muito bom .

Fiquei sentado, sorrindo, alternando o olhar entre a comida que Griffin

organizava, os pés tortos dos três funcionários que haviam os escondido no canto

do vagão e o espectro solitário de Seth, parado do outro lado do corredor, me

observando.

Antes de comer, levei para nossos cavalos um balde de água e outro com

frutas secas, doces vencidos e pão. Conferi as rédeas para ter certeza de que

estavam bem presos ao trem e inspecionei as redondezas para me certificar de

que não tinham os seguido. Quando passei pelo vagão-refeitório, do lado de

fora, Ben e Griffin apareceram na janela, em pé sobre os assentos, e acenaram .

Ben estava bêbado.

Mesmo que por algumas horas, sabia que ele estava certo: nós nunca

teríamos o outro dia com o aquele e era com o se tivessem os ganhado mais do que

m erciam os.

Você só está bêbado, Jack.

Você ainda não conseguiu escapar de nada.

Aquela voz novam ente. Tentava pensar em Conner e em Nickie, em Wy nn e

Stella, m as m al conseguia proj etar suas feições, com o se fossem im
agens de um

livro que tivesse lido m uito tem po atrás.

Vai se foder, Jack.

Mas era fácil m e lem brar de Freddie Horvath.

“Você não vai falar com igo nunca?”

Seth parou. Um a som bra vaga ao lado do trem , olhando para m im .
Abaixou a

cabeça e com eçava a desaparecer, m as interrom pi, “Droga, Seth, não
vai

em bora”.

Ele apoiou a m ão no trem , com o se o segurasse no lugar.

“Você estava naquele quarto, não estava? Quando o Freddie...”

“Estava.”

“Obrigado pela aj uda. Você não precisava.”

“Você m e lem bra de alguém que eu conheço”, sua voz, quase
inaudível.

Então desapareceu.

A noite em Marbury nunca era totalm ente escura. O horizonte perm
aneia

branco e o céu sem estrelas ficava cinzento; m as cores não eram
capazes de

descrever qualquer coisa naquele m undo.

Estávamos os satisfeitos.

Eu e Ben não conseguíamos os ficar de pé.

Tínhamos os bebido demais. Seguimos os Griffin pelos corredores mais
órbidos do

trem até encontrarmos as nossas camas. Dormimos os.

Fui o primeiro a acordar.

Havia dois beliches no compartimento onde tínhamos os dormido, um
para cada

parede. Fiquei em uma das camas de baixo e Ben ficou na outra.
Griffin dormiu

na de cima da qual eu estava. E cada peça de roupa que usava tinha j
ogado no

pequeno espaço entre os beliches. Dormia de bruços na cama acima
de mim ,

sem roupas, quase sem respirar, com as mãos segurava os coldres das
armas ao

lado do travesseiro. Peguei suas roupas do chão e coloquei na cama
ao lado dele.

Vesti as calças e amarras as botas. Não pus minha cama nova,
apenas a

correia do rifle sobre o ombro. Sacudi o braço de Ben.

“Ei, estou levando água para os cavalos, tá?”

Ben não abriu os olhos ainda grogue e cheio de remela.

“Hã? Ah, tudo bem , Jack.”

Dei um tapinha no braço dele. “Foi do caralho, ontem , né?”

“Demais.”

Fui e voltei duas vezes, enchendo o balde para os cavalos e levando a
comida

que tinham os separado para eles. No dia anterior, tinha certeza de que

morreriam, mas as hoje já estavam teimosamente revigorados.

No deserto de Marbury, o céu estava quase branco novamente e o chão

exalava o calor que distorcia a paisagem, mas mesmo antes de o dia acabar de

nascer.

Tinha deixado a camisa dentro do vagão e olhei para o curativo que Griffin

tinha feito em mim. Um pouco de pus, algum sangue. Coçava. Eu ia deixar que o

menino-médico cuidasse da ferida mais uma vez, antes de abandonarmos o

trem.

Não posso ficar mais tempo aqui.

Mas já era tarde demais.

Vi a silhueta de um dos Caçadores sobre a linha do horizonte, contra o branco

ofuscante do céu: alto, esbelto e de membros esguios. Perfeitamente inerte.

Mesmo à distância, eu via a marca vermelha em seu peito, ardendo com o um

olho aberto em chamas.

Todos eles tinham marcas diferentes sobre seus corpos. Não podiam cobri-las

pois queimavam com o fogo. Eram como os faróis. Era fácil identificá-los.

Mas era impossível se esconder deles.

Sabia que ele me observava. Eles enxergavam melhor que nós. No mínimo,

tinham visto os cavalos ou sentido o cheiro deles.

Fiquei agachado atrás do trem enquanto a silhueta cavalgava em minha

direção, sem medo, se aproximando cada vez mais.

Tac. Tac. Tac.

A janela atrás de mim.

Virei o rosto. Nada.

Tac.

Seth.

Ouvi o barulho de objetos batendo nos vidros. Ouvia objetos sendo atirados

dentro do trem, quebrando contra as paredes.

Ele estava chegando muito perto.

Em punhava uma machadinha, que balançava displicentemente, apontada

para a lateral de seu olho. Não tinha arco. Ele já teria me atingido se tivesse

um.

Seth continuava fazendo barulho dentro do trem.

“Para com isso, Seth!”

Pesei minhas opções: acordar Ben e Griffin ou enfrentar o batedor sozinho?

Então, me agachei e me apoiei sobre um olho. Eu já podia vê-lo claramente.

Era alto e delgado com uma flecha, não vestia nada a não ser uma tanga de

penas e cabelos amarrada em volta da cintura por uma corda de tendões secos.

Era feita de um escalpo humano. Todos usavam uma parecida. Seu cabelo caía

pelos ombros em mechas retorcidas, e mechas anchas ovais roxas do tamanho de um

punho fechado subiam pelo seu corpo, dos quadris até as axilas.

Apenas alguns deles tinham aqueles círculos.

Levava no pescoço um colar que cobria os ombros. Era feito de DVDs antigos.

A marca em seu peito ardia em forma de um W, vermelho. Comecava nos

ombros e convergiam para seu abdômen definido. A marca que segurava a arma

tinha apenas três dedos com longas garras, enormes espetos reluzentes.

Apenas alguns deles eram assim .

Ele olhava fixamente para mim e certamente se perguntava por que eu

estava ali parado, sem tentar me proteger. Virou o rosto sutilmente, levantando o

nariz, e farejou o ar.

Um de seus olhos era totalmente branco. O outro, totalmente negro.

Os olhos deles eram assim , de todos eles.

Ele se curvou e levantou a arma. Olhei para os lados, para as duas pontas do

trem . Ainda ouvia o barulho dos objetos. Ben e Griffin já deveriam estar

acordados, pensei.

Desdobrei a coronha e apoiei o rifle no ombro.

Ele vinha em minha direção a toda velocidade. Com dois tiros no pescoço,

abati a criatura em uma espiral vermelha contra o chão branco, onde ele caiu

morto, em silêncio.

Abaixei o rifle e esperei. Mais três jatos de sangue vazaram de seu

pescoço. Ouvia o barulho do jorro e das gotas caindo no chão. Com a criatura sob

a minha ira, caminhei até o círculo escarlate que crescia em baixo de seu corpo, suas

pernas trançadas com o se dançasse um balé ridículo. Não sangrava mais.

Nem respirava.

Olhei para o rosto dele.

Eu o conhecia. Brian Fields, meu colega da equipe de cross-country do

colégio, estava deitado ali olhando para o céu branco, com olhos mortos, um

buraco grande com o meu nome no pescoço, logo abaixo de seu jovem queixo.

“Brian?”

Porra, isto não pode ser real.

“Brian!”

Girei o corpo e outra daquelas criaturas pulou do teto do trem e me derrubou.

Com a boca aberta, salivava sobre mim. Virei o rosto e aquela coisa lambeu

m eus lábios. Vi seus dentes, afiados e longos; e com um grunhido agudo cravou

um a m ordida em m eu peito.

Eu urrava de dor, m as ainda assim tentava rolar para cim a dele. Queria

alcançar o rifle, m as ele estava preso em baixo de m inha perna. Ele arranhou

m eu abdom e com as garras e torceu m eus testículos com a outra m ão, gritei e

desisti do rifle. Lutei contra sua m ão e ele afastou o rosto, a boca escancarada.

Ele estava todo lam buzado com m eu sangue, m as eu j á não sentia m ais a

m ordida, apenas a dor latej ante entre as pernas, onde parecia que m inhas

entranhas tinham sido tiradas de m eu corpo.

Era m eu m elhor am igo, Conner Kirk, que m e atacava.

“Conner? Que porra é essa?”

Ele tentou m e m order de novo, m irando m inha garganta, m as consegui

afastar sua testa com a palm a da m ão. Sua língua fazia um som viscoso ao passar

pelos lábios.

“Conner!”

Então, o eram pido de um tiro. Conner se abaixou e rolou para longe de m im .

Correu para a frente do trem sobre os quatro m em bros, com o um anim al fugindo

em um a caçada. Olhei para trás e vi Griffin, com pletam ente nu, tentando firm ar

a m ira de sua .45. Trem endo, atirou novam ente na direção de Conner, m as

acertou a locom otiva, e ele desapareceu.

Fiquei de pé, vi o sangue escorrer do m eu peito, os dois arcos de feridas

escuras acim a do m eu m am ilo direito. Minhas entranhas doíam m uito, m e curvei

para frente e vom itei.

Conner tinha m e m ordido.

Caí com o rosto no sal do deserto e desm aiei.

Então, senti Seth deitado sobre m im , derretendo-se de novo.



VINTE E SETE

Que merda está acontecendo comigo?

A m ão de Griffin sobre m eu tórax: ele tentava m e reanim ar.

Doía m uito. Com o se tivesse sido rasgado por dentro.

“Levanta, Jack. Não tem os m uito tem po.”

Podia ouvi-lo, m as não conseguia abrir os olhos.

“Jack.”

Ouvia Ben se aproxim ando.

“Que porra é essa?”

“Dois batedores”, Griffin disse. “O Jack me atou um deles, mas o outro fugiu.”

Ben me agarrou por baixo dos braços.

“Vem, vamos levá-lo para dentro. Depois, vamos embora dessa merda de lugar.”

“Vou ficar bem.” Me levantei me apoiando nos joelhos. Os garotos me ajudaram a andar até o último vagão.

Precisávamos nos apressar. Logo os Caçadores voltariam.

Enquanto Griffin me costurava novamente, Ben me provisava alforjes com

partes das bolsas encontradas no vagão, prendendo umas às outras por cintos que

tinha tirado dos passageiros. Fez um para cada um de nós e os encheu com o que

poderia ser útil: roupas, comida e munição.

“A ferida está feia, Jack. Tão ruim quanto a outra, acho que até pior.” Com os

polegares, Griffin aplicava pomada sobre a minha mordida. Examina-me tão de perto

que eu sentia sua respiração. “Não dá para costurar.”

“Não precisa.”

Ele olhou para mim e perguntou, “O que você estava falando com eles?”

“Eu sei quem eles eram.”

“Mas com o?”

“Apenas sei.”

“Agora tanto faz. O que conseguiu fugir vai continuar voltando até matar a

gente.”

“Aqui”, Ben jogou as roupas de Griffin aos pés dele. “O Jack mandou você

usar as roupas, então usa. Não dá pra fugir pelo deserto com você andando

pelado por aí.”

“Ainda não acabei.”

“Suas camisas, Jack. Peguei tudo o que podia. Quando ele estiver vestido,

vamos em bora antes que aquele batedor volte com reforços.”

Conner.

Griffin Goodrich mordida o lábio, concentrado, enquanto fechava o curativo

com esparadrapo. “Pronto.”

“Agora veste a roupa”, ordenou Ben.

Griffin deixou a cueca e as meias de lado. “Não consigo usar essas coisas.”

Vi que Ben perdia a paciência.

“Deixa ele, Ben.” Vesti primeiro a camiseta. Doeu. Meu peito estava enrijecido. Coloquei a camisa e comeci a abotoar. Enfiei para dentro da calça.

“Mais uma coisa. Tem os que dar um jeito naquelas armaduras lá atrás”, eu disse.

“Tamém pensei nisso”, respondeu Ben. “Acho que não dá para levar todas.”

“Não precisam delas, vamos em bora”, disse Griffin, enquanto amarrava as

botas.

Voltei com os meninos até o vagão onde os soldados haviam se matado.

Mostrei a eles com o desmontar as armas. Tinham sobrado apenas algumas delas.

Retiram os tampões de cada uma e, então, usei minha faca para abrir a válvula

da descarga no vaso do banheiro no fundo do vagão. Jogamos os tampões dentro

do tanque da descarga.

Tampamos novamente a válvula, que parecia um grande olho negro.

“Eles vão desistir de procurar antes de conseguir encontrar”, garanti.

Quando saímos, vimos uma mancha negra de necrófagos indo em direção ao

corpo de Brian Fields. Dava para ouvir os cliques de suas mandíbulas cortando a

carne dele. Era horrível.

Deixamos o trem .

Griffin olhava para trás de tempos em tempos. Todos nós olhávamos os.

Se houvesse Rastreadores levantando poeira em nosso encalço, esta se

misturaria ao branco do céu. Às vezes, com a cabeça e o membro de com o aquele

mondo em ruínas tinha sido antes da peste, antes da fome. Fazia muito tempo;

tanto tempo que garotos com o Griffin não se lembravam de nada.

“Com todas as pegadas que estamos deixando, melhor fazer uma trilha para

eles nos seguirem ”, disse Griffin.

“Eu sei”, concordei. “Por isso precisam os subir as montanhas.”

“Com essas armas e munições, aposto que podem os matar milhares deles”,

disse Ben. “Talvez precisem os”, respondi.

“Ia ser legal”, disse Griffin.

Que jogo legal.

Se não matar Conner primeiro, ele me mata.

Não tinha conseguido escapar, afinal. Nem ali, nem do outro lado. Tinha

certeza de que não havia nada real ou imaginário que pudesse me salvar.

Cavalgam os.



VINTE E OITO

Sabia onde estava.

De alguma forma, tinha me contorcido pelo chão e acordado – se é que se

pode chamar assim – debaixo da cama. Meu pé estava dormente, ainda

estrangulado pelo lacre de nylon preso ao ponto onde a barra de metal da cama

estava soldada ao estrado. Olhei para fora em direção a um estreito

facho de luz.

Vi as lentes no chão.

O sol já tinha saído.

Que porra é essa, Jack?

Freddie Horvath me deixou assim.

O telefone tocava. Estava tocando há muito tempo?

Quanto tempo fiquei em Marbury desta vez?

Saí de debaixo da cama. O telefone parou.

Tinha deixado uma tesoura sobre o criado-mudo. Cortei o lacre e me arrastei

até o banheiro para vomitar, mas meu estômago estava vazio. Subia apenas o

meu ácido que fazia a garganta arder. Fiquei deitado de lado no chão gelado do

banheiro, encolhido, até recuperar as forças para me mexer novamente.

Levanta, Jack.

Você está fodido.

Chega.

Chega.

Chega.

Você está fodido de novo. Exatamente como na noite da festa. A culpa é toda

sua.

Você merece isso, seu filho da puta!

Fiquei de joelhos, liguei o chuveiro e apoiei a cabeça na beirada da banheira.

Voltei para o quarto. A água fria escorria pelo corpo, pingando dos cabelos.

Deixava rastros m olhados pelo chão. O quarto estava todo bagunçado. Tinha

j ogado m inhas coisas por todos os lados. Virei o relógio do criado-mudo. Seis da

m anã. Tinha de sair. Tinha de buscar Conner no aeroporto.

Tirei a cueca e fui até o chuveiro aos tropeços, apoiando as m ãos pelas

paredes. Tom ei um banho gelado. Meu corpo se contraía e m eus pulm ões

prendiam um grito. Não era do choque térm ico.

Com o poderia olhar para Conner agora?

Tinha m entido para m im m esm o e m e convencido de que poderia escapar de

toda aquela m erda se viesse para a Inglaterra, m as era com o aquela voz dizia na

m inha cabeça: ainda não tinha conseguido escapar de nada.

E agora acreditava que havia m atado Brian Fields tam bém .

Estava enj oado e pálido, trem endo, enquanto observava, sentado, pela j anela

do trem , olhando para o nada, a cam inho do aeroporto.

Há mortos neste trem.

Chega, Jack.

Nas m anãs de segunda-feira, os trens para o aeroporto de Heathrow iam

lotados, m esm o na prim eira classe.

Eu devia parecer um assaltante, ou algo assim ; e tinha certeza de que todos

naquele vagão olhavam para mim, focando sobre aquele menino de sem blandeza

doente e olhos vidrados, encostado com seu cabelo me olhado contra a janela.

O cobrador veio pelo corredor, me arcando os bilhetes. Era o mesmo esmoquinado

que eu, Ben e Griffin tinham encontrado no pátio, encolhido debaixo de uma das

mesas do primeiro vagão. O homem em que tinha me arrastado de olhos abertos,

escondendo-se de algo. Ele sorriu para mim. Minha mão tremia tanto que não

consegui alcançar o bilhete dentro do bolso. Tive de me levantar e me alisava

forças para sustentar meu próprio peso.

O sorriso do cobrador deu lugar a um olhar de preocupação, talvez de irritação. Talvez ele estivesse pensando que eu estava drogado, ou algo assim.

Eu vi você morto.

E, quando me levantei, aproveitei para olhar ao longo do corredor. Um

mulher e um homem estavam sentados no fundo do vagão. Ele usava um

casaco azul listrado, bem passada, e levava uma garrafa de água sobre o assento,

perto da cintura. Ambos sorriram para mim. Três crianças brincavam nos

assentos e havia: duas garotas e um garoto, todos bem vestidos.

Também os reconhecia.

Entreguei meu bilhete ao cobrador sem tirar os olhos do nome e me

seu

uniforme, e o mesmo que tinha visto em Marbury. Logo que me devolveu o bilhete

me arcadei, desmordei sobre o assento.

Que se foda este lugar.

Esperei por Conner na saída da alfândega. Tentei agir normalmente, mas

ainda sentia todos olhando para mim. Prestava atenção aos calçados das pessoas

que vinham pelas portas automáticas. Reconheceria os tênis de Conner. Mas já

sabia que ele não reconheceria meus olhos; ele notaria alguma coisa diferente

deles. É claro que veria. Nos conhecíamos os muito bem e não éramos capazes de

esconder coisas tão graves um do outro. Então, quando Conner passou pela porta,

esperei do outro lado dos cordões azuis. Ele deixou a mochila no chão, deu a volta

e me abraçou.

Não queria que ele encostasse em mim, mas me forcei a abraçá-lo também.

Parecia que não o via há anos.

Anos e meses.

Afastei Conner com o braço e olhei em seus olhos. Eram claros e acinzentados, com o mesmo preceito. Era apenas Conner. Nada daquela merda de

um olho preto e outro branco que com certeza tinha imaginado.

Jack Maluco.

Isto é real.

“Que isso, cara?! Vai m e dar um beijinho agora?”

“Senti sua falta, seu cuzão!” Forcei um sorriso.

“Mas foram só três dias.”

Pensei naqueles três dias. Conner ficou ali, esperando que eu dissesse algo.

“Você está diferente. Aconteceu algum a coisa?”, ele perguntou.

“Acho que não”, pigarreei. “Vam os pegar o trem , acho que você vai gostar

daqui.”

“E a sua amiguinha imaginária?”

“Aquele que você viu na foto e que conversou com você no celular?”,

respondi. “Falando nisso, você trouxe m eu carregador, né?”

Enquanto esperavam os na plataforma, Conner vasculhava sua mochila para

provar que não tinha esquecido.

“A Stella m e encheu todos os dias para eu não esquecer. Ela até com

outro de reserva caso você perdesse m ais um .”

“Pelo visto, eu ando m eio desligado.”

Conner riu.

“Me empresta seu celular”, pedi.

Conner m e entregou o telefone. “Vai ligar para ela? Nickie?”

“Não, depois.” Vasculhei sua lista de contatos, encontrei o que procurava,

apertei o botão e levei o celular ao ouvido. Dei as costas para Conner e m e

afastei alguns passos. Ele entendeu. Sabia que eu não queria ser ouvido.

Voltei e devolvi o telefone para ele enquanto o trem chegava à estação.

Outras pessoas também aguardavam ali e me antinham uma distância respeitosa

uma das outras.

Conner colocou a minha orelha sobre um dos ombros e olhou para o celular.

Peguei sua outra mão.

“Por que você ligou para o Brian?”

“Ah, por nada. Ele queria que eu ligasse quando você chegasse.”

“Ah, tá. E o que ele disse?”

“Ficou puto, porque já está tarde lá.”

“Você anda mesmo muito desligado, Jack”, Conner riu.

Entramos no trem. Tentei me concentrar, mas não consegui. Conner ficou

farto daquilo e me deu um soco no peito.

“Que porra é essa, Con?”

“Para com isso, Jack.”

Ele não sabia o quanto estava certo.

“Eu sei. Desculpa”, respondi, passando a mão no local em que tinha me

acertado.

“Não podem os fazer nada, Jack. Então, para com isso, não precisa se sentir

culpado.”

“Tem razão”, concordei. “Que bom que você chegou, Con. Está

cansado?”

“Não, quero sair.”

“Trouxe as coisas pra gente correr?”

“Trouxe.”

Na viagem de volta a Londres, tentava me convencer de que estava acabado,

não iria a Marbury novamente. O Jack e o Conner de Marbury que resolvessem

suas questões por lá, porque eu já não voltaria.

Tentava me convencer de que me livraria daquelas lentes malditas.

Tentava me convencer.

“Vam os correr uns quilômetros pra relaxar”, sugeri.

“Boa ideia. Depois, vam os tomar uma cerveja?”

“Pode ser.”

“E aí? Encheu a cara enquanto eu não chegava?”

“A Nickie não bebe. Eu bebi uma vez. Cerveja.”

Então, me lembrei daquele uísque que tinha bebido com Ben Miller – quando

foi aquilo?

Chega, Jack.

Para que guardar aquelas lentes?

Só desejava que Ben e Griffin ficassem bem sem mim.

“Não me diga que você não andou aprontando, Jack.”

Não tinha me lembrado de arrumar o quarto.

“E não me diga que não trouxe a Nickie aqui e traçou ela. Esse lugar aqui

‘Jack fez m uito sexo selvagem por todo canto’.”

Senti m inhas bochechas ficando verm elhas. Com ecei a am assar os bilhetes

que tinha espalhado pelo quarto, chutando m inhas coisas para o canto para poder

enfiar tudo na m ochila de novo.

“Não foi isso. Ela não é dessas, Con”, expliquei. “Acho que perdi a cabeça

ontem .”

Quase pude sentir os om bros de Conner desabarem quando disse aquilo.

Mudei de assunto: “Dá um a olhada neste chuveiro esquisito”.

Conner foi até o banheiro. Ouvi ele m ij ar e enfiei m inhas coisas dentro da

m ochila. Conectei m eu celular no carregador e no conversor de voltagem que

tinha m e lem brado de levar. Cham adas perdidas e m ensagens. Não m e

im portavam .

Os óculos – De algum a m aneira tinha chutado as lentes para debaixo da

cam a. Me aj oelhei para pegá-los. O lacre que prendia m eu pé tam bém estava lá.

Rolando e... Tac. Tac. Tac.

Entrei em pânico. Enterrei os óculos bem no fundo da m ochila.

Rolando...

“Shhh...”, sussurrei, im plorando. “Agora não.”

Tac. Tac.

Conner saiu do banheiro.

“É mesmo, esse lugar é mesmo estranho”, ele confirmou. “Qual lado da cama

você quer?”

“Não sendo o seu, tá ótimo”, respondi.

“Nunca se sabe”, Conner sorriu.

Abri a janela e apontei para o Regent’s Park. “É muito bom correr ali. Já viu

alguém jogando críquete?”

Vestimos nossas roupas de corrida. Eu estava tenso, virando o rosto em todas

as direções, ouvidos atentos, esperando pelos sinais de Seth. Mas ele não se

manifestou.

Respira fundo, Jack.

Acalme-se.

Isto é real.

“Antes de irmos, olha isso”, eu disse. Liguei a câmera e percorri as fotos – as

que tinha tirado no primeiro dia com Nickie, que conseguia me lembrar, algumas

com Nickie no parque, as de nós dois juntos, quando nos despedimos no metrô.

“Eu e a Nickie”, entreguei a câmera a Conner. “Eu acho que ela é bem real!

E gostosa.”

Conner ficou analisando a fotografia por algum tempo. Aproximava e afastava a imagem. Então, ele sorriu e me devolveu a câmera. “E

esse cara

estranho atrás de vocês? Será que é um ex-nam orado cium ento?”

Não tinha notado. Na estação de metrô, atrás da roleta, quase encoberto pela

sombra, Henry Hewitt nos observava.

Ele ainda me seguia.

Olhei para Conner e dei de ombros. “Não conheço.”

Mas não sei mentir. Conner já começava a perceber algo estranho em mim.

Com o que não notaria?

“Vem cá, Con, vamos os tirar uma foto juntos.”

Passamos o braço um no ombro do outro e sorrimos. Com a janela aberta ao

fundo, seguramos a câmera a um braço de distância. Apertei o botão.

Tac.

Joguei a câmera na cama e disse, “Vamos sair desse quarto”.

A corrida foi boa. Eu puxei o ritmo, e Conner reclamou que estava cansado

da viagem, mas não dei muita bola. Paramos para beber água numa fonte e

depois nos alongamos à sombra perto do lago.

Com ele a correr novamente e Conner veio logo atrás.

“Está com pressa por quê?”

“Ah, desculpa. Estou com a cabeça cheia.”

“Ah”, Conner respondeu, com um tom de decepção.

“Não é isso. Sabe quando você fica pensando quando corre? Com todas as coisas

vêm na sua cabeça?”

“Não sei, cara”, disse Conner. “Quando eu penso enquanto corro, é sobre sexo.”

“Ah, tá.”

“Pelo visto, você nunca pensa nisso, né? Mas então, Einstein, o que é que você pensa tanto?”

Então, contei a ele.

“Sabe aquelas bonecas esquisitas que a Stella coleciona? Aquelas que você

abre e, dentro delas, tem um monte de outras?”

“Sei. Então você fica pensando em *bonecas* quando está correndo?”

Tive de rir. E pensei que não im portava a m aluquice que eu estivesse inventando na m inha cabeça, Conner Kirk, m eu m elhor am igo, sem pre

conseguiria arrancar um sorriso de m im . E por isso eu o am ava. Aquilo, sim , era

real.

“Eu fico pensando, e se o m undo tam bém for assim ? E se o que vem os for

apenas a superfície, o lado de fora, m as várias coisas acontecessem além do que

podem os ver? O tem po todo. Em um a cam ada abaixo. E não vem os, m esm o

fazendo parte disso. Mesm o estando envolvidos. E se você pudesse ver outra

cam ada, com o se m udasse de canal? Ia querer ver? Mesm o que a outra

realidade fosse um inferno? Ou pior?”

Conner parou de correr. Não esperava aquilo. Dei alguns passos a frente dele,

então tive de recuar para onde ele estava.

“Virou um aconheiro agora, Jack?”

“Não, cara. Deixa de ser babaca.”

“Porque parece que você tá queimando até a última ponta, cara!”

“Só estava pensando nisso”, sorri.

“Recomendo que quando você começar a pensar nessas merdas, fale comigo

para eu te convencer a pensar só em sexo”, Conner disse. “Tipo, com o meu cara

normal. Sério! Alguém tem que dar um jeito em você!

“Vou me lembrar disso”, respondi e sorri para meu amigo. “Sabe, Conner,

você é a única pessoa com quem eu posso conversar sobre essas merdas.”

Conner deu de ombros e me deu um tapinha nas costas. Jack, estou com sede.

Você não acha que já está bom por hoje?”

“Tudo bem, vamos os voltar.”

Conner balançou a cabeça e riu enquanto voltávamos os dois em direção à

Mary Lebone Road, dizendo, “Sério, cara. Sério! Acho que eu deveria te contar

um pouco sobre o pornô que tá rolando na minha cabeça neste exato

momento!

“Eu passo. Talvez da próxima, Con.”



VINTE E NOVE

Naquela noite, fomos os dois em beber no Prince of Wales.

E não foi por acaso: era uma das coisas que tinham planejado desde que

decidimos ir para Londres.

Conner me fazia rir tanto que eu quase me olhava as calças.

Era bom. Finalmente alguma coisa boa.

Havia poucas pessoas no pub; o garçom até tinha se sentado conosco para

tomar uma cerveja. Queria falar sobre basquete e pensou que o assunto nos

interessava, já que eram os da Califórnia. Ele contou que torcia para os Lakers,

mas a gente não ligava muito para basquete.

“Aquele rapaz que te pagou uma cerveja outro dia veio aqui ontem. Falei que

você estava com os óculos dele, mas ele disse que eles são seus, não dele.”

Conner olhou para mim. Tudo o que eu queria é que ele estivesse muito

bebado e se esquecesse logo daquilo.

Não me preocupava que Henry estivesse me procurando. Ele devia estar

sofrendo muito, querendo voltar para Marbury, mas ali ele estava morto. *Game*

over. E sentado ali no bar, naquele estado, não conseguia parar de pensar em Ben

e Griffin, ainda que ficasse com raiva de mim mesmo.

“Bem, acho que houve uma confusão”, respondi. Mesmo já satisfeito, tomei

toda a cerveja. Queria que o garçom calasse logo a boca e fosse encher meu

copo.

“Mas a menina”, ele continuou, “não a vejo desde aquela noite em que vocês

estavam juntos. Bonita ela, hein?”

“Ela está em Blackpool”, eu disse. “E, sim, ela é bonita.”

“Então liga pra ela, Jack”, interrompeu Conner.

“Cara, eu não vou ligar pra ela bêbado.”

“Então eu ligo.”

“Nem vem.”

O garçom recolheu os copos e voltou para o bar.

Conner apertava meus bolsos. “Me dá esse celular.”

“Chega, cara, tá bom por hoje”, eu disse, rindo.

“Só mais uma”, pediu Conner.

“Tá bom, mas é a última.” Pedi mais duas cervejas e me levantei. “Já volto.

Preciso ir.”

Menti novamente. Só queria ficar longe de Conner. Queria ligar para Nickie,

mas não perto dele. Assim que fechei a porta do banheiro, liguei para

ela.

“Desculpa estar ligando tão tarde, mas o Conner está aqui. Só queria dar um

oi e ouvir a sua voz.”

“Por quê?” Sabia que ela sorria enquanto falava.

“Para ter certeza de que você é de verdade mesmo”, sussurrei. Queria que

soasse com o um elogio, uma frase de efeito, mesmo o que, para mim, significasse

outra coisa completamente diferente.

“Não sabia que você era tão carente, Jack.”

“Eu tento mesmo controlar.”

Ela riu. “Seu amigo está se divertindo?”

“Acho que agora ele finalmente cansou e vai dormir.”

Conversamos por alguns minutos e prometi a ela que iria a Blackpool antes

que a semana terminasse. Ela parecia animada.

“Você é diferente, Jack.”

“Eu sei, espero que você não pare de gostar de mim por causa disso.”

Ao sair do banheiro, vi que Conner estava na metade da cerveja. Um copo

cheio ainda mesmo esperava. Conner estava escorregando no banco. Se deixasse, ele

dormiria ali mesmo.

Eu estava satisfeito. Minhas pernas estavam moladas.

Então, olhei para o bar.

Apoiado sobre os braços cruzados, estava Henry Hewitt, usava a mesma blusa

e o m esm o sobretudo, com a barba por fazer e desgrenhado com o da últim a vez.

Seus olhos não conseguiam se decidir entre m im e Conner. Estava apavorado,

atordoad o, com o se testem unhasse um a execução.

Você ainda não conseguiu escapar de nada, Jack.

Conner não percebeu a presença dele.

Andei apressadam ente até a nossa m esa, abaixei a cabeça e disse, “Vou

pagar a conta, Con. É hora de ir dorm ir.

Conner acenou com a cabeça e term inou a cervej a.

Fui até o bar perto de Henry e, enquanto tirava o dinheiro, sussurrei sem olhar

na direção dele, “Espera aqui. Preciso falar com você. Volto logo. Não vá

em bora”.

Henry não respondeu.

“Por favor?”, insisti.

Então, m e virei e saí puxando Conner pelo braço.

Acho que pareciam os bêbados caricatos, eu e Conner, trocávam os as pernas,

um apoiado no outro, cam baleando até ao hotel. Adm ito que exagerei, pois não

estava tão m al quanto ele. Na verdade, enquanto Conner tagarelava

desafinadam ente sobre qualquer coisa sem im portância, tudo o que eu pensava

era o que dizer a Henry Hewitt – e o que fazer com ele.

Quando finalm ente chegam os ao quarto, Conner não conseguia ficar

de pé

sem se apoiar em mim. Eu levei meu amigo até a cama e o ajudei a deitar do

lado mais próximo.

“Então, vai ser esse lado, Conner.”

“Esse lado o quê?”, Conner perguntou.

“Onde você vai dormir.”

“Ah, tudo bem. Tira minha roupa, Jack?”

“Deixa de ser gay”, respondi. “Pronto.” Tirei seus tênis. “Agora se vira. Boa

noite.” Joguei os tênis dele no chão, perto da minha mochila.

“Boa noite. Que bom que você resolveu se divertir. Essas férias vão ser muito

legais.”

“Talvez.” Abri a mochila e enfiei o braço no meio das coisas que tinha

guardado antes. “Vou dar uma saída para falar com a Nickie. Já volto.”

“Não precisa sair. Fale aqui, para eu ouvir.”

“Vai dormir.”

Senti o relevo das hastas entre os dedos.

Rolando... Tac. Tac. Tac.

“O que você está fazendo?”

“Nada”, respondi.

O barulho insistia.

“Que barulho é esse?”

Tirei os óculos de dentro da mochila. No escuro do quarto, via claram

ente

através das lentes. O céu branco e o ar parado, os picos negros das montanhas,

Griffin olhando para mim de cima de seu cavalo...

Apertei os olhos. Estava entre o pânico de que Conner prestasse atenção ao

insistente ruído de Seth e a necessidade de ver – apenas um olharzinho – se

Griffin estava bem .

“Não é nada. Está vindo da rua. Vai dormir.”

Conner se deitou de lado e tentou tirar as calças, mas desistiu.

Encontrei um mapa dentro do tênis de corrida e coloquei as lentes dentro

dela. Não queria olhar para os óculos.

Mas estava enganando a mim mesmo. Queria tanto colocá-los que tremi até

ficar completamente sóbrio, suando com o se tivesse engolido um vidro de

comprimidos de cafeína.

Guardei o mapa com os óculos no bolso da minha calça..

A respiração de Conner estava pesada. Ele dormia.

Olhei para ele por um momento. Parecia tão relaxado e feliz. Tinha inveja

dela. E pensei, *Não importa o que aconteça em qualquer outro lugar, Conner,*

sempre será meu melhor amigo.

Prometo.

Apaguei as luzes e corri de volta para o Prince of Wales.

Ao longo de todo o caminho, pingando de suor, aos tropeços, uma a uma vez quase

sendo atropelado por olhar na direção contrária ao atravessar a rua, continuava

querendo colocar aqueles óculos, só mais uma a vez.

Vai ser rápido, Jack.

Só uma olhadinha.

Ben.

Griffin.

Queria urrar, bater em alguém, bater em mim mesmo.

Não aguento mais essa merda!

Não me aguento mais!

Tinha de parar. Apoiado em uma lata de lixo na Warren Street, tentava

refrear o vômito.

Minha barriga doía.

Rolando... Tac. Tac. Tac.

Algo se moveu no chão, vibrando enquanto passava pelo chão ao lado de mim

pé.

Eu senti.

Tac.

Tac.

Minhas mãos tremiam incontrolavelmente. Tirei a máscara com os óculos, com o

um viciado que prepara sua injeção. O suor descia pelo meu rosto. Enfiei os

dedos dentro da minha. .

“É difícil se controlar uma vez que se aproxima da beira do abismo, Jack.”

Meu corpo se contraía todo. Cada respiração era um esforço enorme. Sentia

o estômago revirar.

Henry saiu da escuridão do beco, olhando para mim.

Derrubei os óculos na lata de lixo.

Rolando e... Tac.

“Vai se foder!”, gritei. “Vai se foder, seu filho da puta!”

Corri até ele, com os punhos fechados, esmurrando o mais forte que conseguia, em todos os lugares que conseguia, até Henry cair na calçada,

tentando se defender. Continuei a acertá-lo até que minhas mãos doessem. Caí ao

lado dele.

Não chorei.

O Jack não chora.

“Vai se foder, Henry.”

Vai se foder, Freddie.



Henry gem eu e rolou, tentando se afastar.

Cuspiu sangue em um a pequena poça no chão bem em baixo de seu rosto.

Ele lim pou os lábios e disse, “soubesse que era para isso que você queria m e

ver.”

Abracei os j oelhos enquanto recuperava o fôlego. Observava a rua.
“Bem .”

Henry se levantou. Podia sentir que olhava para m im , m as não m e m exi. “Se

servir de consolo, eu tam bém m e sentia assim , Jack.”

“Por que ainda está m e seguindo?”

“Sabe, não consigo parar. Em parte, fico feliz por estar livre daquele lugar,

m as, no fundo, o que eu m ais quero é voltar para lá, desesperadam ente.”

“Então traga os m eninos de volta.”

“Não tenho com o voltar. E você não pode abandoná-los j usto agora.”
Henry

deu um passo em m inha direção. Queria bater ainda m ais nele.
“Daria tudo para

poder voltar. Os óculos não m e levam m ais a lugar nenhum . As lentes não m e

m ostram nada. Você viu o que aconteceu com igo em Marbury ? Você viu, não

viu?”

Eu vi sua cabeça empalada naquele maldito muro.

“Vi.”

“Não é um m undo m uito acolhedor, não acha?”

“Qual deles?”

Henry riu. “Gosto de você. Sem pre gostei. E aqueles m eninos te am am . Você

é tudo que Ben e Griffin têm agora.”

“Não tem m ais ninguém vivo do lado de lá?”

“Não sei.” Henry se aj oelhou atrás de m im , quase sussurrando. “Não sabia

sobre o seu am igo, aquele do pub. Juro que não sabia.”

“Você j á tinha visto ele em Marbury ?”

“Já.” Henry pôs a m ão no m eu om bro, m as m e afastei. “Eu não sabia. Se

soubesse, não tinha procurado você, Jack. Teria procurado o Ben. Você tem que

acreditar em m im , Jack. O nom e dele é Conner.”

“Mas o que eu posso fazer?”

“Não sei. É por isso que disse que você precisa ter cuidado com quem procura, principalm ente se são seus am igos. Não sei. Acho que j á não tem quase

ninguém vivo naquele lugar. Muito m enos de nós que deles. Mas sei que nossas

conexões neste m undo estão relacionadas às nossas conexões em Marbury. Foi

por isso que nunca perdi as esperanças de encontrar você. Juro que tam bém

pensei em procurar Ben e Griffin.” Henry se levantou e deu um passo para trás.

“É assim que todos os m undos com eçam , Jack. E é assim que todos eles acabam .

Em guerra. Não sei dizer se é o com eço ou o fim de Marbury.”

Mas não me interessava o que ele dizia.

“Você só fala merda.”

“Olha, vou em bora. Vou tentar te deixar em paz, prometo. Só mais um a

coisa: me diz o que aconteceu com vocês desde a primeira vez que foi pra lá? Se

me contar, tento esquecer tudo e deixo você em paz. Pode ser?”

“Vai se foder.”

Não olhava para ele, não queria. Henry era só mais um monstro roubando

alguma coisa de mim. Já estava farto dele, de Marbury, de tudo.

Fiquei sentado na calçada, olhando para a rua, enquanto ouvia os passos de

Henry Hewitt se afastando.

Tac. Tac. Tac.

Debruçado sobre a lata de lixo, estendi o braço até encontrar a minha que

envolvia os óculos. Virei para trás e vi que Henry me olhava.

“É difícil se controlar quando você já está à beira do abismo, Jack.”

Guardei as lentes na parte de dentro da calça e segui pela rua, para longe dele.

Henry gritou, “Se cuida, Jack. Eu não vou sumir.”

“Vai se foder, Henry”, falei para mim mesmo.

Uma das minhas.

Eu tremia.

Estava sentado com os cotovelos na escrivaninha, olhando para aquele
em brulho branco sobre a madeira envernizada.

Como um bebê que acaba de nascer.

Um a da m anã.

Observava Conner dorm ir, queria estar dorm indo.

Escrevi as horas em um papel com a m ão trêm ula: *Uma da manhã.*

Rolando e...

Tac.

Tac.

Tac.

“Shhh...”

“Seth”, ele disse.

“Meu nom e é Jack”, sussurrei.

“Eu sei.”

“Por que não te vej o aqui?”

“Estou com m edo.”

“De m im ?”

Então, percebi que Seth estava bem ali ao m eu lado, entre a cam a e a parede.

A m esm a im agem translúcida do garoto que tinha visto em Marbury, na caverna

e, depois, no trem . Estava bem ali, im óvel, o rosto sereno, com os olhos negros

nos m eus. Era Seth, descalço e sem cam iseta, vestia as m esm as calças rasgadas

presas ao quadril por um cordão. Logo que olhei para ele, desapareceu

novam ente, fazendo aquele ruído debaixo da cam a: rolando e batendo, rolando e

batendo.

“Shhh...”, eu disse, engolindo em seco. “Eu deveria voltar, não é? Você quer

que eu volte?”

Tirei os óculos da minha mão.

Via o céu morto de Marbury do outro lado das lentes.

Um mundo entre meus dedos.

Não posso fugir e não quero fugir.

Mereço tudo isso.

Vai se foder, Jack.

Os óculos tremiam nas minhas mãos enquanto eu desdobrava a haste.

Um dia da minha infância.

Ficarei só um pouco por lá.

Parte três

BLACKPOOL



TRINTA E UM

Cavalgávamos pelas colinas, através de uma floresta de crucifixos.

A princípio, ao ver aquelas formas indistintas em meio à névoa da distância,

pensei que fossem árvores. Seria tão bom encontrar árvores de verdade. Talvez

nas montanhas, quem sabe.

Mas não eram árvores. Eram fragmentos de postes e outras estruturas, presas

em X umas às outras por cabos frouxos. Armaduras do que tinham sido tendas,

reviradas entre as rochas e ravinas daquele lugar que um dia tinha sido uma

pequena comunidade. Cada uma delas decorada com três ou mais cadáveres.

Aquilo tinha acontecido uma semana antes.

Talvez alguns dias.

Há mais pessoas em algum lugar.

Não podemos ser os únicos que restaram.

Cavalgavam os em fila, Ben na dianteira. Eu ia atrás de Griffin, observando o

embalo dos cavalos sobrecarregados pelas sacolas que tinham os imprevistos

com os pertences dos mortos. Com o cobertor imundo que eu tinha usado, Griffin

tinha imprevisto um assento entre seus alforjes. Ele olhou para trás enquanto os

cavalos nos carregavam através do caos de destroços.

Necrófagos ainda caminhavam pelos restos mortais que tinham escavado,

entrando e saindo de mandíbulas e golas. As carapaças salientes moviam os

trapos que restaram das roupas enquanto faziam seu ruidoso banquete.

Havia m ulheres tam bém . Não disseram os nada, não precisávam os.
Cada um

de nós sabia o que o outro estava pensando.

Quase todos os corpos estavam pendurados de cabeça para baixo,
aqueles

com cabeça tinham o pescoço arqueado para trás, com o queixo virado
para o

chão num ângulo quase im possível. Hom ens e crianças, adornados,
cada um

deles, com estacas ensanguentadas ou flechas. Todos tinham sido
despidos,

escalpelados e castrados e tinham o ventre rasgado e a cabeça em
carne viva

com o sangue coagulando ao sol. De um a das estruturas, pendiam os
corpos de

dois garotos e a carcaça de um cão. A pele tinha sido totalm ente
retirada, das

orelhas até as patas.

Cavalgam os.

“Talvez encontrem os algo que possam os usar por aqui”, Griffin disse.

Ele apontou em direção a um abrigo im provisado com os destroços de
um a

loj a de bebidas.

“Estam os bem abastecidos por agora”, respondi.

Havia um a velha rua asphaltada que ladeava a com unidade.
Cavalgávam os

com facilidade por onde o asfalto escuro em ergia do chão cinzento. O
cam inho

com eçava à altura daquela paliçada m órbida e subia em linha reta
até as

escarpas das montanhas ao norte.

“Tem alguma coisa lá no fim?”, perguntou Ben. Parou e virou o cavalo para

nós. “Alguém tem ideia?”

“Um milagre, talvez”, Griffin respondeu.

Ben apertou os olhos. Viu alguma coisa vindo atrás de nós, podia dizer pela

expressão em seu rosto.

Dei meia-volta. Um cachorro branco de pintas pretas tinha seguido nossos

cavalos. Ele se encolhia enquanto caminhava, tentando passar despercebido.

O cachorro se aproximou, parou e se sentou no asfalto com orelhas e cabeça

abaixadas. Era pequeno, talvez nem chegasse à altura dos nossos olhos. O

animal tremia, mas não de frio. Não naquele calor infernal.

Griffin desceu do cavalo e endireitou as calças. Quando ele se aproximou, o

cão se contorceu todo e disparou pela estrada. Em seguida, parou de novo e olhou

apreensivamente para trás em direção a Griffin.

“Não precisam de um cachorro estúpido seguindo a gente”, protestou Ben.

“Nunca tive um cachorro”, disse Griffin, desapontado.

Ele montou novamente e recomparamos a cavalcada em direção às montanhas. Griffin olhou para trás e sorriu. O cão voltou a nos seguir.

“Vou dar um nome pra ele. Spot”, disse Griffin.

Ben olhou para Griffin e balançou a cabeça. “Com o você está, Jack?”

“Estou bem ”, respondi. “Esse rapazinho sem pre faz eu m e sentir m elhor. Ele

sabe com o m e aj udar.”

“Já tem os um espírito atrás de nós, não precisam os de m ais um a coisa nos

seguindo.”

“Não estava falando do fantasm a.” Sorri. “Estava falando do Griffin.”

“Não enche”, Griffin riu. Então, deu m eia-volta, abriu os braços e disse em

tom doce, “Vem cá, garoto!”

“Cachorro idiota”, Ben resm ungou.

“Não estava falando com o cachorro, estava falando com o Jack.”

Rim os.

Ao cair da noite, subindo a prim eira cadeia m ontanhosa, vim os claram ente a

planície desértica do alto de nossos cavalos. Mas não tinham os com o saber se

havia alguém seguindo nossa trilha.

Havia vida nas m ontanhas. O ar era m ais fresco. Com os pescoços enfiados

na vegetação, os cavalos pastavam . Antes do anoitecer, prendem os os anim ais e

descarregam os nossa bagagem . Tíham os encontrado um a clareira entre vários

arbustos.

Sentam os em círculo. Ben e eu descalçam os as botas, gem endo baixinho.

Griffin já estava descalço, com o de costume. Tinha vindo descalço por todo o

caminho. Ben lhe entregou uma garrafa de água e começou a separar o que

comeriam os: uma lata pequena de salsichas e um pacote de amendoins. O

cachorro se escondia atrás de Griffin, mas sempre que o menino tentava

acariciá-lo, se esquivava e corria.

Ben balançava a cabeça enquanto observava.

“Vou dar um pouco da minha parte pra ele comer”, disse Griffin.

“Você não precisa fazer isso”, respondeu Ben. “A gente também pode dar um

pouco.”

Ben olhou para mim.

“Tudo bem”, concordei.

Tirei a camisa, dobrei e coloquei no chão entre as pernas. Pressionei o curativo no peito com a palma da mão. Doía muito, não apenas a mordida. Ainda

não tinha esquecido a imagem grotesca de Conner naquele outro mundo.

“Quer que eu troque o curativo?”, perguntou Griffin.

“Pela minha.”

Ben deu uma salsicha a Griffin. “Tom a, vê se ele comer.”

O cão não se aproximava para comer. Então, Griffin deixou um pedaço no

chão, chamando pelo animal, até que ele finalmente chegou mais perto. “Bom

garoto, Spot.”

“Pelo menos essa coisa não comê”, disse Ben.

Eu não tinha percebido que Seth estava sentado ao meu lado. Mas logo

desapareceu ao ouvir o comentário de Ben.

“Ele me ajudou”, eu disse. “Mais de uma vez.”

“Nós também os ajudamos”, respondeu Ben. “Quando saímos da caverna. Já

viu o que os necrófagos fazem com os fantasmas?”

Tentava me lembrar. Eu sabia. A memória estava lá em algum lugar.

“Desde que fui flechado, não consigo me lembrar das coisas.”

Tentei me lembrar da imagem de Conner à qual estava acostumado, mas só

conseguia ver as criaturas que tentaram me matar pela manhã enquanto

alimmentava os cavalos.

Aquele não podia ser Conner.

“O Henry falou que você ia comêçar a esquecer as coisas”, disse Griffin.

“Você acha que a gente não sabe, Jack? Você acha que ele não contou pra

gente?”

A vegetação se agitava. Uma das castanhas pardas caiu de um galho

espinhoso e rolou pelo chão até parar aos meus pés. E então rolou de volta para a

escuridão, em purrada por uma mancha invisível.

Tac.

“Para com isso, Seth”, eu disse. “O que o Henry falou para vocês?”

“Ele disse que você mudaria.” Ben se curvou para frente, olhando para mim.

“Disse que te conhecia de outro lugar e que você ficaria diferente.”

“Tem mais comida?”, perguntou Griffin.

Ben vasculhou uma das sacolas. “Espera, acho que tem bala.”

“Bala?”

“E então”, continuei, “estou diferente?”

Os galhos estalavam. Três gravetos caíram sobre meu pé.

“Shhh...”, eu disse.

“O que ele quer?”, perguntou Griffin.

Olhei ao redor à procura de Seth na escuridão. “Não sei. Então, estou diferente?”

Ben abriu um saco de balas azuis. “Aqui, abram as mãos.”

E ele despejou pequenas balas coloridas em nossas mãos.

Griffin com uma bala e fechou os olhos. “É a melhor coisa que já comi na

vida.”

Dei um tapinha em suas costas. “Pode ficar com as minhas.” E passei

balas para as mãos do nosso menino-médico.

“Viu?”, disse Ben. “É assim que você mudou. Uma semana atrás

teria feito isso, Jack.”

“Tem alguma menina lá?”, perguntou Griffin.

Olhei para ele sem entender.

“Lá no outro lugar”, ele explicou.

“Tem .”

“Eu e Ben estão os lá?”

“Não sei. Espero que sim . O Henry disse que sim .”

“É um lugar legal?”

Desviei o olhar de Griffin para Ben. “Não. É a mesma coisa.”

“Conta-me aí”, pediu Ben.

Pensei em Conner, Nickie, Freddie Horvath.

“Melhor não. Mas não faz diferença.”

Rolando e... Tac. Tac. Tac.

“Seth”, eu disse.

“Fica quieto, porra de fantasma”, disse Ben.

Os galhos estalavam ainda-me e-me gravetos partidos caíam do alto nas

minhas pernas.

“Posso contar a história dele. Do fantasma”, eu disse. Vi o rosto de Seth entre

os arbustos atrás de Ben.

“Tom-a”, disse Ben. E despejou-me balas nas mãos de Griffin.

“Agora

acabou.”

O cão se aproximou imediatamente e se sentou ao lado de Griffin. Ele ofereceu

uma bala vermelha ao animal e acariciou seu dorso. O bichinho se retorcia todo.

“Fala dele, então”, pediu Griffin.

“Tudo bem . O que vou contar foi a primeira coisa que fiquei sabendo

dele,

mas não é o com eco da história, é o meio. Acho que é a parte que ele quer que

vocês saibam .”

“Com o você sabe?”, perguntou Ben.

Não sabia com o responder. Minha ligação com Seth era profunda, mas eu

não a entendia totalmente. Não era como imaginava ser assombrado por um

fantasma, como via nos filmes e lia nas histórias. Para mim, não havia nada de

assustador, nem se com parava a ser assombrado pelos ecos do que Freddie

Horvath tinha feito comigo.

A imagem mais vívida que eu tinha de Seth era ele e o pai carregando o

cadáver de um homem em um campo. Foi um episódio decisivo na vida dele,

um destino do qual não conseguiria escapar.

Assim como eu, quando coloquei os óculos que Henry tinha deixado sobre a

mesa naquela noite no Prince of Wales.

“É...”, precisei parar para entender o que estava sentindo. “Todas as vezes

que Seth me ajudou era como se eu pudesse ver tudo sobre ele. – É quase como o

se eu fosse ele. Não existe diferença, e eu posso falar por ele.”

A História de Seth [1]

Ajudei a papai a tirar o corpo de tio Teddy da carroça. Era um a

pequena

carroça de madeira, de quatro rodas, que usavam os para transportar lenha e, às

vezes, animais. Tio Teddy era muito pesado. Nunca tinha carregado um homem

no ortó. Nunca tinha visto um ortó antes. Era difícil transportar o corpo dele,

estava endurecido pelo frio da manhã; e a idade de seu sangue devia ter vazado

na carroça.

Papai fumava um cigarro. Para mim, era um feito com o qual ele fumava sem

usar as mãos enquanto carregavam os tio Teddy até a beira de uma vala que

ladeava a estrada.

Sem querer, acabei descalçando tio Teddy e joguei seu sapato no chão e,

com custo, consegui segurá-lo pela barra das calças. Não queria que papai

pensasse que eu era fraco.

Tentamos jogá-lo em um buraco. Papai retirou a grade de arame e que o

tampava, mas era impossível empurrar o corpo para dentro. Tivemos de deixá-lo

ali, com a cabeça enfiada no buraco. Papai voltou à carroça para buscar as

coisas que tinha trazido para queimar.

Tio Teddy não era meu tio. Não era parente de nenhum de nós, apenas o

chamavam os assim. Mas papai também não era meu pai. Era um

hom em que

tinha m e encontrado dorm indo à beira de um a estrada de terra,
havia nove anos,

quando eu tinha 7 anos de idade. Papai e m am ãe m e adotaram , e
passei a viver

com eles, além de Davey e Hannah, que eram com o irm ãos para m
im . Eram

m uito especiais, principalm ente Hannah.

“Não vam os ser presos, papai?”

“Não, Seth. Só é preso quem é pego. E ninguém vai nos pegar.”

As cham as com eçavam a se espalhar. Eu tentava fugir da fum aça, m
as ela

m e alcançava, com o se tio Teddy estivesse m e seguindo.

Papai j ogou m ais lenha.

E ele estava errado.

Fom os pegos.

Tac. Tac. Tac.

Interrom pi a história.

Griffin dorm ia deitado de costas, descalço, com a cam isa para fora da
calça

e torcida em torno do corpo, o que o fazia parecer ainda m enor. Seu
cachorro

estava esticado, colado à sua perna, m as nos observava de olhos bem
abertos.

“O que fizeram com ele?”, perguntou Ben.

“Com o garoto? Seth?”, eu disse. “Ele foi enforcado.”

“Ah.” A expressão de Ben se abrandou. Talvez tenha ficado com ovido
com a

história.

Então, os arbustos atrás dele chacoalharam violentamente, e ouvimos os

grito de dor que fez o cão se levantar e rosnar.

“Não vou contar mais nada.” A imagem pálida de Seth apareceu em

aqueles galhos retorcidos, olhando para mim, suas mãos esguias uma

sobre a outra, um leve neblina permeando o ar emaranhado espinhoso. “Tudo bem, não vou

contar mais nada.”

Ben esticou as pernas. “Você acha melhor nos revezarmos para dormir?”

“Acho uma boa ideia”, respondi. “Pode dormir primeiro, fico de guarda.”

Ele não discordou. Com a cabeça em uma das sacolas, deitou-se de

lado, virado para Griffin.

Era fácil o bastante ver aquelas criaturas à noite. Fiquei de pé. Seth estava

bem ao meu lado, tão perto que podia sentir um tipo de calor vindo de sua

presença. Andei até a borda da clareira e olhei para o imenso deserto.

“Quem é você?”, sussurrei.

“Ninguém”, respondeu Seth.



TRINTA E DOIS

Sem pre parecia o mesmo, sem pre parecia com o mesmo orror, a pior parte do

pesadelo.

Um a hora depois, eu os vi se aproximando; um pequeno mar de montanhas

vermelhas fulgurando pela escuridão do deserto.

“Ben”, sussurrei, sacudindo seu ombro. “Eles estão vindo.”

Ben se levantou rapidamente, olhando ao redor. Podia ver que ele tentava se

localizar, entender o que estava acontecendo.

“Tem o tempo”, eu o acalmava. “Pega as botas. Vou acordar o Griffin.”

Ben esfregou os olhos e, de repente, andou até o barranco para ver.

“Não são muitos.”

“Era o que estava pensando.” Quando me aproximava, o cachorro de Griffin

correu para os arbustos.

“Ei, Griff”, pus a mão sobre o peito dele. “Griff, tem os que levantar.”

Griffin abriu os olhos lentamente. Ficou imóvel, deitado, todo contorcido

naquelas roupas largas. Olhava para mim com a testa franzida,

confuso.

“Cadê o Ben?”

“Está aqui. Está tudo bem , mas tem os que ir.”

Mais acima na montanha, antes de a luz difusa da manhã branca nos revelar,

encontram os um lugar onde poderiam os nos defender. Griffin levou os cavalos

para um lugar seguro e voltou correndo, descalço, sem camisa, com as armas

presas às calças, seguido de seu novo amigo.

Tínham os estocado dezenas de caixas de munição, e os carregadores das

pistolas estavam cheios. Tudo pronto. Além disso, eu levava munição extra presa

à correia do rifle. Estavam os em vantagem . Tudo o que tinham os de fazer era

esperar, mas aquilo, sim , era muito difícil.

Os olhos de Ben seguiam a poeira levantada pelos cavalos deles e pelas

carroças que puxavam . Tiveram de abandoná-las ao pé da montanha; era muito

escarpada para chegarem até onde estavam os.

“Se não errarmos a mira, não vamos os nem precisar recarregar. Não parece

ser mais pior que um pelotão”, Ben calculou. “São menos dos que enfrentam os

quando Henry e os outros morreram . Talvez os mesmos. Mas hoje a vantagem é

nossa.”

“Talvez nem nos encontrem”, eu ponderei.

“Não com ele aqui.” Ben apontou para Seth com a cabeça. Estava agachado,

quase invisível.

Necrófagos seguiam fantasmas. Ainda que fossem lentos, aqueles insetos

seguiram espíritos, e os demônios vinham no rastro deles.

Com o braço dobrado e a arma apontada para cima, Griffin observava o

chão do deserto, escondido atrás de uma crista de granito.

“Ainda estão longe”, informou. “É melhor o fantasma entrar em você, Jack.”

“Não sei.”

“Tira a camisa para eu trocar o curativo, de qualquer modo.”

“Não precisa.”

“Não discute, porra!”, Griffin me fuzilou com o olhar.

Suspirei, pus o rifle no chão e tirei a camisa. Então, me sentei de frente para a

Griffin. Cada um tinha sua função. Tinha de obedecer ao garoto.

Ben ficou de guarda.

“Abaixe-se.” Griffin abriu o estojo de primeiros socorros e espalhou meus

daquela pomada nas duas feridas no meu quadril. Doía quando ele esfregava.

Talvez Griffin quisesse mostrar o quanto era forte e que era capaz de fazer o

trabalho que tinham os dado a ele. A ferida da flecha que tinha atravessado meu

corpo ainda não estava totalm ente curada.

“Ainda está feio, Jack.”

“É de tanto cavalgar, estou bem . De verdade.”

Griffin retirou o esparadrapo do m eu peito. A gaze estava presa dentro da

ferida, solucei de dor enquanto ele arrancava aquilo. O curativo cheirava m al e

tinha um a m ancha am arela. O cachorro cheirou a bandagem e a pegou com a

boca quando Griffin o espantou de perto de nós.

Griffin pegou outra gaze do estoj o e colocou sobre m inha barriga. Curvado

sobre m eu peito, apertou a ferida com os dedos.

“Porra!”, afastei Griffin instintivam ente.

“Está cheia de pus, Jack.”

Griffin lim pou a ferida, apertou e lim pou novam ente.

Meus olhos lacrim ej aram .

Ele levantou a cabeça e perguntou a Ben, “Já ouviu falar de alguém que foi

m ordido por esses m erdas?”

Conner é meu melhor amigo.

Ben olhou para nós e balançou a cabeça. “Está m uito feio?”

Griffin deu de om bros e passou m ais antibiótico sobre a m ordida, usando os

polegares. Ele olhou bem nos m eus olhos, e sabia que Griffin se sentia m al por

ser tão duro com igo às vezes, m esm o que ele não dissesse. ”Você vai ficar bem ,

Jack?”

“Está tudo bem , Griff.”

Percebi que Seth me observava por cima dos ombros de Griffin. O menino se

transformou em uma fumaça, fazendo um redemoinho sobre meu peito. Sentia

quando ele entrava por cada fenda da minha ordida, sentia-o com o uma substância

molhada e gelatinosa. Isso me fez ficar tonto, com o se tivesse respirado muito

rápido, então fechei os olhos e tentei relaxar até Griffin terminar o curativo.

Por um instante, vi tudo: o homem que Seth chamava de papai, tio Teddy,

Hannah... E também ouvi a voz de Conner, parecia vir do fim de um longo túnel,

tentando falar comigo.

Eu caí fora de Marbury.

“E aí, menino.”

Quando abri os olhos, estava no chuveiro. A luz que vinha da porta era um

alaranjado de fim de tarde. Conner usava uma camisa branca, calça de minha filha,

uma gravata desamarrada em torno do pescoço, minhas mãos olhadas e estava

pulando de pé para pé no meio de uma poça de água que escorria da banheira,

enquanto me falava alguma coisa e segurava meu celular.



TRINTA E TRÊS

“Porra, cara! Cê tá *chapado*? Eu disse *Nickie quer falar com você*.”
Conner

escancarou a porta do box até que ela saísse pela porta do banheiro.
Então levou

o celular ao ouvido novam ente. “Nickie? Então, ele tá aqui peladão
no chuveiro.

Só um segundo.”

Ele acenou com o celular, debochadam ente. Sua expressão
denunciava que

tinha flertado com Nickie.

O que eu poderia esperar de Conner?

Ele virou o telefone e tirou um a foto de m im .

Tam bém era de se esperar.

“Vou desligar e te m andar um a coisa agora. Segura aí, m enina.” E
saiu

correndo do banheiro.

“Conner, seu cuzão!”

Enquanto a água caía, ouvi m eu am igo se j ogar no chão e rir
histericam ente.

“Ah, que beleza! Mandando... agora!” Ele continuava a rir.

Desliguei o chuveiro e fechei os olhos. Fiquei ali na banheira,

pingando,

esfregando o rosto com as mãos.

Seth, me leve de volta.

Que se foda este lugar.

Tenho que voltar. Ben e Griffin precisam de mim.

E, num momento de revelação, percebi que as lentes de Henry me levavam

para Marbury, mas era sem perceber Seth que me trazia de volta.

Pense Jack. Pense.

Faz quanto tempo desta vez?

As lentes.

Porra! As lentes!

Seth!

“Caralho, Seth”, gritei.

“O quê?”, Conner gritou do quarto.

Enrolei uma toalha na cintura e saí do banheiro. Conner estava deitado de

costas na cama, chorando de rir, hipnotizado pela tela do celular. “Ela vai adorar,

Jack.” Deu uma risada e continuou: “Foi mal, cara, acho que também me andei

para a Stella sem querer.”

“Deixa de ser cuzão.”

“Tô brincando!” Conner enxugou os olhos. “Mas eu me andei pra Nickie

me esmolar.”

Naquele momento, não me importava. A única coisa que eu queria

era

encontrar aqueles m alditos óculos.

“Porra!” Arrem essei a m ochila na parede, espalhando tudo o que estava

dentro dela pelo chão.

“Calm a, cara.” A voz de Conner tinha m udado para um tom tranquilizador.

“Eu só estou brincando.”

Com os pés m olhados, chutava m inhas coisas, procurando.

“Ei, Jack, desculpa.”

“Porra!” Vasculhei o interior da m ochila. “Não é com você, Con. Não estou

nem aí pra porra da foto.”

A m eia. No fundo da m ochila. Senti as hastes dobradas dentro dela. De

algum a form a, tinha guardado os óculos ali, para escondê-los de Conner. Suspirei

aliviado. Precisava deles.

A toalha caiu. Fiquei com pletam ente nu, de frente para a j anela aberta.

Peguei a toalha e a estiquei à m inha frente. O relógio m ostrava que j á passava

das seis da tarde. Da cam a, de cam isa e gravata, Conner m e olhava com

preocupação.

Por que estamos bem vestidos?

“Que dia é hoj e?”, perguntei.

Conner se levantou rapidam ente e se sentou na beira da cam a.

Desligou o

celular e o colocou sobre m inha calça social azul-escura.

“Cara, tudo bem com você?”

Vi o m odo com o m e olhava.

Eu estava assustando Conner.

Vai se foder, Jack.

Puxei a cadeira e m e sentei à escrivaninha. Coloquei os óculos no colo e

apoiei a cabeça nas m ãos.

“Que m erda!”, eu disse.

Conner se aproxim ou e se sentou perto de m im .

“Jack, o que foi?”

“Que dia é hoj e, Con?”

“Está de brincadeira, Jack?”

“Queria estar.”

“É quinta-feira, Jack. Acabam os de voltar do St. Atticus. Quinta-feira.”

Conner levantou a ponta da gravata com os dedos e lem brei que Wy nn tinha

insistido para usarm os gravatas quando fôssem os visitar seu antigo colégio. “E

agora a gente estava trocando de roupa para sair.”

Três dias.

Não olhei para ele.

Cacete, para onde tinham ido aqueles três dias?

“Não estou bem , Con.”

Senti enjoo. Fiquei de pé, corri até o vaso e com ele a vomitar tudo o que

tinha no estômago.

Freddie Horvath deixou minha cabeça assim.

Não há nada que eu possa fazer. Não quero fazer nada.

Vai se foder, Jack.

“Jack? Jack!” Conner estava de pé atrás de mim, meus olhos escorregavam

sobre um a poça de água molhada.

Era como tinha nascido.

A viagem da minha vida.

“Jack, você está me assustando, porra!”

A cena devia ser ridícula. Conner buscou minha toalha e me cobriu enquanto

eu cuspiam ácido dentro do vaso.

“Sai, Conner! Eu não tô bem. Eu sou todo fodido mesmo. Me deixa em paz,

porra!”

Debruçado sobre o vaso, tremendo, ainda segurava a minha eia que envolvia

aquelas lentes molhadas. Ouvi Conner se afastando.”

“Desculpa, cara.”

“Me desculpa também, Con. Me desculpa também.”

Apertei os olhos. Queria muito chorar naquele momento. Sentia meus olhos

cheios de lágrimas. Mas nunca tinha chorado, e não choraria ali.

Respire, Jack. Respire.

“É quinta-feira m esm o?”, perguntei.

“Você não está zoando?”

“Não.”

“Cara. Você tem que conversar com igo, Jack.”

Concordei com a cabeça, m as não olhei para ele.

E não chorei.

“Preciso m e deitar”, eu disse.

Conner abriu cam inho quando passei por ele. Desconcertado e assustado, ele

m e observava com olhos arregalados, com o se eu estivesse fazendo um a coisa

horrível. Ele não sabia com o reagir.

Você está fazendo uma coisa horrível, Jack, e ninguém pode impedir.

Entrei debaixo do lençol e m e deitei de lado, olhando para a parede. Sob o

travesseiro m olhado, m inha m ão apertava os óculos.

Ouvi a descarga.

E, depois, um a cadeira sendo arrastada pelo chão de m adeira. Por um

m om ento, pensei ser Seth novam ente, m as vi Conner ao lado da cam a, sentado

na cadeira que tinha trazido, com as m ãos sobre os j oelhos, esperando por

algum a coisa.

“Não m e lem bro de nada, Con.”

“Tudo bem , m as você se lem bra de quem eu sou, né?”

“Não m e lem bro de m ais nada depois de segunda. Quando a gente saiu. Não

m e lem bro de nada depois da briga.”

“Não nos metem os em nenhum a briga.”

“Eu me meti. Depois que você dormiu, eu saí e acabei arranjando briga. Bati

em um cara que estava me seguindo desde que cheguei aqui.”

“Era um policial ou um pervertido?”

“Nenhum dos dois, Conner. Ele só quer brincar com a minha cabeça, eu

acho.”

“Tem certeza?”

“É sério, Con.” Limpei minha garganta. “O que aconteceu de segunda até

hoje?”

Conner aproximou a cadeira e disse, quase sussurrando. “Sério?”

Olhei nos olhos dele. “Sim.”

Ele suspirou. “Vou ser sincero com você, cara. Também não lembro o que

aconteceu segunda à noite depois que dormi. Espero que tenha sido bom pra você

também.”

Conner tentou sorrir. Sem pretensão de fazer piada de tudo.

Então disse, “Você não acha que deveria procurar ajuda, cara?”

Sabia o que ele queria dizer. Conner achava que eu estava ficando doido, mas

eu não me importava. Provavelmente ele estava certo. “Não sei.”

Conner se aproximou ainda mais.

“Na terça, acordamos tarde, depois do meio-dia. Então, comemos e fomos

correr. Andam os de m etrô pela cidade e tomam os um a cerveja.
Basicamente o

mesmo de ontem, só que a Nickie e você ficaram se ligando toda hora, e você

combinou de irmos a Blackpool amanhã e voltarmos todos juntos para Londres

no fim de semana. Já comparamos as passagens de ônibus. Hoje de manhã fomos

ao St. Atticus. Você se lembra de alguma coisa?”

Tentei lembrar.

“Tiramos alguma foto?”

“Além da que mandei para o celular da Nickie?”, Conner respondeu
meu pé e

sorriu. Quando viu que eu não reagia, ele disse, “Cara, você tá estranho pra

caralho! Tá me assustando!”

“Não é a primeira vez que isso acontece, Con. Eu saio do ar e depois volto

sem me lembrar do que aconteceu. Mas é a primeira vez que se passaram dias e

eu não me dei conta.”

Conner inspirou profundamente, bem devagar.

“Para onde você vai quando isso acontece?”

“Não sei, me diz você, Conner.”

“Vou pegar sua câmera”, ele disse.

Meu celular vibrava sobre o criado-mudo. Olhei para a tela.

Nickie.



TRINTA E QUATRO

“Agora entendi o que você falava sobre o seu amigo.” Nickie riu.

“Que vergonha.” Tinha dado as costas para Conner, que não percebeu. Ele

estava ocupado procurando minha câmera, revirando as coisas que eu tinha

chutado pelo chão. Percebi que ainda estava sem roupas e me senti ridículo.

“Na verdade, você não está nada mal na foto”, ela disse. Quase via o sorriso

em seu rosto enquanto ela falava. “A Rachel também acha.”

“Nossa.” Peguei a toalha do chão e enrolei na cintura. Passei por Conner e

entrei novamente no banheiro. “O que você faria se a Rachel fizesse algo

parecido com você?”

“Se ela tirasse uma foto minha, eu desconfiaria apresentando o Conner para

ela.”

Afobado, eu procurava o que vestir na pilha de roupas que tinha deixado no

armário do banheiro. Eu devo ter guardado elas lá, mas não me lembrei. Vesti

um a cam isa cinza e m e olhei de relance no espelho.

Nickie m e fazia sorrir.

Conner insistia para que eu m e vestisse logo e reclamava, dizendo que estava

com fome, mas me esm o que eu tivesse im plorado ele não me deixaria sozinho no

quarto. Encontram os um restaurante italiano onde faziam pizzas brotinho. Conner

bebia cerveja e tentava me convencer a beber também, mas daquela vez não

quis beber nada.

Enquanto com íam os, ele passava na câmara as fotos que tiramos desde

segunda-feira.

Algumas delas pareciam familiares enquanto Conner contava tudo o que

tínhamos feito – da minha esm a forma com o aconteceu quando falei com Nickie

naquela nossa primeira noite –, ainda assim, três dias era um espaço de tempo

enorme para preencher.

Na última foto, estavam os eu e Conner de camisa branca e gravata, um

apoiado no outro, com o verde vivo de um campo de futebol ao fundo.

Sorríamos os.

“Deu para refrescar a minha memória?”

“Mais ou menos. Na verdade, não”, suspirei.

“Você acha que aquele negócio que o Freddie injetou em você fez

alguém a

coisa com a sua cabeça?”

Freddie Horvath deixou minha cabeça assim, preciso pedir ajuda.

“Não sei, Con. Acho que sim. Talvez.”

Estava nervoso. Não deixava de pensar que tinha deixado as lentes debaixo do

travesseiro. Precisava guardá-las em um lugar seguro. Estava me sentindo

envergonhado. Continuava olhando ao redor para ver se Henry continuava a me

seguir. Acho que Conner percebeu. Tentei relaxar e tomei um gole de água, mas

engasguei.

“Então, a gente gostou o suficiente de St. Atticus para passar um semestre ou

dois aqui?”, perguntei.

Conner balançou a cabeça. “Continuo esperando que você comece a rir e me

diga que está só de sacanagem, Jack.”

Mal toquei na minha comida.

Não tinha fome.

“Acho que você gostou bastante, mas você é todo assim, desde o seu. Mas

para mim, bem ... Eu sei que eu não gostei da ideia de um monte de homens

juntos no mesmo lugar.”

Isso me fez rir. “Seu bizarro, você só pensa nisso.”

Conner ficou sério. “Queria poder te ajudar, Jack.”

“Tam bém queria que você pudesse.”

“Quando a gente voltar pra casa, faço o que você quiser pra te ajudar a

colocar a cabeça no lugar. Se não quiser contar pra ninguém , não contam os. Ok?”

Ele não sabia.

Jack não tinha salvação.

Pelo menos, não do lado de cá.

“Tudo bem , pode ser”, respondi.

“Tem certeza que não vai querer um a cerveja?”

“Não, valeu, Con. Pode tomar outra se quiser, te levo pro hotel.”

Esperei.

Estava deitado no escuro. Olhava pela janela de vez em quando, sem fazer

barulho. Queria ouvir se Conner já tinha dormido. Era insuportável. Acho que ele

tam bém estava me ouvindo, me vigiando.

Aquelas lentes pareciam abrir dois buracos no travesseiro, entravam na

meinha cabeça.

Suando, tirei a coberta e olhei para a janela novamente.

“Tudo bem , Jack?”

“Um merda.”

“Vai dormir.”

“Tá.”

Senti Conner rolando na cama. Ainda estava me vigiando. Só queria que ele

parasse e fosse dormir.

Conner sussurrou, “Não me sinto nem um pouco culpado pelo que aconteceu

com aquele cara”.

Rolei para o lado e olhei para a parede. “Não quero falar disso, Con.”

“Só pensa no que ele teria feito com você. Se não tivesse fugido, você nem

estaria vivo agora.”

“E daí, porra?”

“O que aconteceu com ele foi um acidente. Não. Foi culpa dele. E ele teria

feito as mesmas merdas com outro cara logo que tivesse outra chance. Você viu

na TV o que eles descobriram sobre ele. Então, que se foda esse cara.”

“Tá.”

“Fala, então.”

“Falar o quê, Con?”

“Fala, *vai se foder, Freddie.*”

Foi difícil soltar aquelas palavras. Soou com o um sussurro. “Vai se foder,

Freddie.”

“Mais alto.”

“Não, chega.”

“Não vou deixar você fazer isso, Jack.”

“Fazer o quê?”

“Sei lá, qualquer merda contra você mesmo.”

“Mas não sou eu que faço essas coisas.”

“Então quem é, cara?”

“Chega, Con. Vai dormir.”

Esperei e finalmente ouvi aquele ruído: o som de uma circunferência de

metal que rolava, tombando, girando em sequência, bem fraco, perto da parede,

em um movimento triangular entre a minha orelha e a janela.
Uma orelha.

Rolando e...

Segurei a respiração, levantei a cabeça e olhei para Conner. Ele dormia.

Tac.

Enfiei a mão em baixo do travesseiro. Sentia um alívio em ondas

tranquilizadoras que percorriam meu corpo enquanto meus dedos entravam pela

minha e se aproximavam dos óculos. Mas também me sentia culpado.

Só uma olhadinha.

Tac.

Só um segundo, Jack.

Um segundinho.

Tac.

Puxei os óculos, desdobrei a haste.

Mas Conner me olhava.

“Que porra é essa?”, Conner se levantou de uma só vez, com o se acordasse

de um pesadelo.

Minhas mãos tremiam . Quase derrubei os óculos. Tentei me virar e colocar

a mão em baixo do lençol. Naquele instante, enxerguei através das lentes. Apenas

uma breve imagem : a expressão de raiva e preocupação de Griffin enquanto

trocava o curativo no meu peito. Uma luz tênue e arroxeada se espalhou pelo

quarto, com a luz de uma televisão ligada no escuro.

Tac. Tac. Tac.

O ruído vinha de trás da minha mochila, mais duro e insistente.

Conner segurou meu pulso com força.

“Que porra é essa, cara? Fala!”, insistiu.

Não sabia o que responder, só queria que ele parasse de olhar para mim .

“Um rato, sei lá.”

“Não. Na sua mão.”

Conner tentava tirar meu braço das cobertas.

“Solta, Con!”

“Você viu aquela merda? Deixa eu ver.”

Soltei os óculos.

Tac. Tac.

Virei o corpo e cobri as lentes com a perna.

“Porra, Con. Para com isso.”

Quando levantei a mão, afastei Conner, fechando o punho. Ficamos ali, um

olhando para o outro. Estava sem ar.

Tac.

“O que é isso, Jack?”

“Shhh...”

Respirei fundo.

Fique calmo, Jack.

“Você viu aquela m erda?” Conner se sentou na cam a de pernas cruzadas.

Senti o calor do corpo dele, quase encostado em m im . Ele estava ofegante. “Me

m ostra.”

“Não posso.”

“Você viu aquilo? Deixa eu ver, cara.”

Conner sabia que eu estava escondendo algum a coisa debaixo da perna. Ele

m e em purrou, m as passei a m ão pela cam a e escondi os óculos atrás das costas.

“Para, Con. Sério.”

“O que é isso aí?”

“É...” Não sabia o que responder. “Ah, esquece, não vale a pena.”

“Eu quero ver. Quero ver aquilo de novo.”

Eu apertava as lentes na m ão. Parte de m im queria esm agá-las. Mas a m aior

parte, não.

Levantei os j oelhos. “O que você viu, Con?”

“Você vai m e m ostrar esse negócio aí na sua m ão ou não vai?”

“Antes, m e fala o que você viu.”

Conner olhou para m im . Via o retângulo desbotado da j anela refletido em

seus olhos. Não piscavam . “Eram cenas. Um film e resum ido em m eio segundo,

vindo de dois buracos. Com o dois olhos. Era tudo branco. Vi um as pessoas

correndo de um lado para o outro, pareciam homens das cavernas, e eu estava lá

com eles. Estava todo mundo praticamente pelado, comendo em volta de um a

fogueira. Era como se eu estivesse lá. Depois, vi um monte de insetos asquerosos.

Foi muito bizarro. Você já viu isso, Jack? Você viu aquilo? Foi um sonho ou o

quê?”

“Não foi.”

“Foi o que, então, Jack?”

Fiquei aterrorizado.

Por favor, Con, não vá para lá.

Não faça isso.

“Não vale a pena.” Suspirei. “Olha, vou te pedir uma coisa e quero que você

me prometa, porque somos amigos. Sem discussão. Ok? Promete?”

“Prometo, Jack. Você sabe que eu faço tudo por você. Nem precisa pedir.

Não quero discutir contigo.”

“Prometo então que não vai mais olhar pra isso?”

Tirei os óculos debaixo do cobertor e dobrei as pernas. Mostrei os óculos na

palma da mão e Conner não tirava os olhos deles. Dentro deles. Eu sabia que ele

podia ver algo. Eu o observava. Eu olhava direto nos olhos dele.

Não piscavam os.

“Olha pra mim, Con.”

Ele olhou para mim.

“Que porra é essa, Jack?”

“Não sei, Mas é ruim e vou me livrar deles.”

Enfiei os óculos dentro da minha nova lente.

“Você tem que cumprir a promessa, Conner.”

Então estendi a mão e Conner a apertou. Mas tinha dúvida nos olhos dele. Eu

o conhecia havia muito tempo, ele não conseguia esconder nada de mim.

Enfiei a mão em baixo do travesseiro um ido e deixei as lentes lá.
Conner

ainda seguia minha mão com os olhos.

“Aquilo tudo estava acontecendo de verdade?”, ele perguntou, sem tirar os

olhos do travesseiro.

“Se você viu, então é real.” Fiquei olhando para o teto, com os braços atrás da

cabeça. “Você também viu, então, não estou ficando doido.”

“E o que você vai fazer?”, ele perguntou.

“Preciso dar um fim neles. Você não entende, preciso dar um fim neles.

Acho que já sei o que vou fazer.”

“Deixa eu dar mais uma olhada, Jack. Só mais uma olhadinha. É rápido.”

Conner tentou colocar a mão por baixo do travesseiro, mas o segurei pelo

om bro e o afastei. “Você prom eteu. Confia em mim . Não vam os brigar por

causa disso.”

Então, soltei Conner. Não sei com o tive coragem , se tivessem os meus

brigado, ele acabaria comigo. Mas Conner também relaxou e se deitou no lado

dele da cama.

“Desculpa, Jack. Desculpa.”

“Tudo bem .”

“Mas que porra é aquela lá?”

“Não sei, deve ser o inferno. Aquele lugar fode com a sua cabeça, Con.”

“É por isso que você anda tão estranho?”

“Deve ser.”

“Vai acontecer comigo também ?”

Eu pensei que Conner estivesse realmente assustado.

“Não.”

“De onde eles vieram ?”

“Não sei. Você se lembra do cara com quem briguei outra noite? Foi ele que

me deu esses óculos.” Sentia o suor começando a escorrer sobre meu peito.

“Preciso me livrar disso.”

“Sério, Jack. Posso dar meus olhos uma olhada?”

“Confia em mim , cara.”

“Posso?.”

“Não.”

Quando Conner dormiu, perdi o controle.

Vai se foder, Jack.

Saí da cama devagar, sem fazer barulho. Nem um a vibração sequer.
Fui ao

banheiro levando os óculos.

Sentia um frio na barriga, vibrava, com o se tivesse 5 anos de idade,
acordando na madrugada antes do Natal, naquela época em que
ainda acreditava

não haver nada de mau no mundo.

Estava encharcado de suor. Abaixei a tampa do vaso e me sentei,
tremendo –

e sentia que estava sendo eletrocutado novamente por Freddie
Horvath, pálido,

suado, de cueca, tremendo com o um viciado.

“Me traz de volta logo, Seth. Antes que ele acorde.”

Tac. Tac. Tac.

Apenas um minuto.

Só uma olhadinha.

Coloquei os óculos. De algum lugar, ouvi Conner ao longe:

“Jack! Abre essa porta, porra!”

Tac.

“Jack!”

Tac.



TRINTA E CINCO

Tac.

Os poucos reféns que eles m antinham serviam de com ida, ou de coisa pior.

Eles se aproximavam . Tão perto que ouvia os cascos dos cavalos batendo nas

pedras e os grunhidos dos cavaleiros. O cachorro de Griffin estava todo

encolhido, tremendo debaixo da folhagem de um arbusto. Estávamos os a postos,

com a m unição preparada. Era hora de nos separarmos.

“É agora”, eu disse. Apoiados nos ombros uns dos outros, fizemos um círculo.

Então, encostamos nossas cabeças.

“Vamos acabar com esses filhos da puta”, disse Griffin.

Ben nos abraçou forte e disse, “Eles nem vão saber o que os acertamos . E

depois vamos comermos balas.”

Griffin abriu um sorriso.

“E tomamos uísque”, comopletei.

“O que faz você pensar que eu trouxe o uísque?”, Ben perguntou.

“Eu volto ao trem se você não trouxe.” E quando Ben sorriu, falei,

“Merda,

eu vou andando até aquele trem se escaparmos dessa”.

E Ben disse, “Nós vamos os nos sair bem, e você não vai andando a lugar

nenhum”.

O posto de Griffin ficava sobre uma pedra de granito, atrás de onde
faziam os

uma em busca. De lá, podia ver quase todo o caminho até o mar de
cruzes ao

longe. Ben e eu cobriríamos os seus flancos, mais ao alto e mais
expostos, uns trinta

metros de distância para cada lado.

“Cuidado para não me acertar”, disse Griffin enquanto subiam os.

O pelotão me arquivava pela encosta escarpada, entre as trilhas
pedregosas, as

fendas e os traços de vegetação rasteira. Vinham cavalcando ou a pé,
dois a dois.

Eram cerca de quarenta, estimou. Levavam armas primitivas me
anchadas de

sangue. Eram feitas de madeira, pele, pedra, pedaços de metal, vidro
e ossos.

Não havia mulheres nem crianças. Assim era aquele mundo.

Coloquei o seletor de disparo do meu rifle em modo automático.

Você ainda não conseguiu escapar de nada.

Quase todos usavam tangas feitas de cabelo humano, algumas de fios
loiros

ou brancos. Alguns deles vinham totalmente nus, exceto por seus
troféus e

adereços: mãos secas presas a cordas de tripa em torno da cintura,

chaves de

porta ou carro penduradas nas orelhas e tornozeleiras feitas de dentes. Alguns

tinham m anchas nas linhas laterais do corpo. Através da pele coriácea, esporas

recurvadas em ergiam das vértebras protuberantes dos m ais velhos. E cada um

deles tinha sua própria m arca verm elha, que fulgurava m esm o durante o dia,

todas diferentes um as das outras. Ficava m e lem brando da im agem do dia

anterior: a m arca de Conner era pequena, com o um peixe ou um oito incom pleto

na horizontal, alguns centím etros abaixo do um bigo, entre os prim eiros fios dos

pelos pubianos. Procurei Conner entre eles, m as não o encontrei. Não queria

encontrá-lo.

Estava preocupado; então olhei para cada um deles, sabendo que m esm o à

distância reconheceria o andar de Conner Kirk. Eles subiam . Estavam tão perto

que quase via o reflexo do que procuravam em seus olhos negros e brancos.

Nossos dedos suavam nos gatilhos.

Esperando.

Griffin se escondeu; j á estavam perto dem ais. Ele tinha de esperar até que

todos passassem . O plano era sim ples: Ben e eu com eçariam os a atirar assim que

o último deles passasse por Griffin, e o menino não deixaria nenhum deles voltar.

Aquela montanha era nossa, disseram os.

Enquanto passavam inadvertidamente, pensei que, se o cachorro atravessasse

o caminho correndo, teria de atirar. Fiquei firme. Com a minha ira do rifle, seguia o

peito do cavaleiro que vinha à frente da fila.

Olhei para Ben. Ele me observava e acenou com a cabeça.

Voltei a me irar.

O último deles, que cavalgava solitário atrás dos que vinham a pé, sem o

antebraço esquerdo, passou pelo posto de Griffin.

Naquele momento, tive vertigens e senti frio. Todo meu corpo doía e me dei

conta de que a última noite de sono que tive tinha sido dois dias antes, no trem dos

corpos mutilados. Notei que mal conseguia suportar o peso do rifle.

Virei o rosto. Ben acenava com a mão. Era hora.

Abaixei minha arma e os gestos de Ben ficaram mais insistentes. Sabia que

ele se perguntava por que eu ainda não estava atirando. Vi Seth agachado sobre a

rocha atrás de mim. Ele estava indo em bora.

“Seth”, sussurrei.

Sua voz era apenas um suspiro, fora de sincronia com seus lábios. “Não, Jack.

Tenho que fugir.”

Eram os necrófagos, eu sabia.

Então, ele desapareceu.

Nossos perseguidores já quase cruzavam a linha que ligava meu posto ao de

Ben. Os três primeiros estavam sob a minha ira. O da dianteira vinha em um

cavalo alado que levava um colar de mandíbulas humanas no pescoço.

Parecia usar perneiras de couro preto, mas sua armadura era, na verdade, um

punhado de necrófagos. Vinham agarrados a suas pernas, estalando suas

carapaças, mexendo as mandíbulas e vibrando as asas. Aguardavam

pacientemente os espólios do massacre. O soldado estava tão perto que eu sentia

seu cheiro. Tinha a cabeça raspada e o couro cabeludo coberto por cicatrizes em

zigzag e uma série de espetos escuros que perfuravam suas bochechas,

como o bigode de um tigre. Estava relaxado e levava uma besta armada com

uma flecha negra.

Via suas feições claras e me perguntava se já não o conhecia de algum

lugar. Talvez já o tivesse visto no parque ou na lanchonete de Glenbrook.

Quando puxei o gatilho, a rajada de tiros quase o cortou ao meio, borrifando

uma massa disforme de grumossos vermes sobre o abdome dos dois cavaleiros

que vinham atrás. Eles não tiveram tempo de reagir ao choque. Atirei nos dois

seguintes no rosto, até descarregar o pente da minha arma, e ouvi os cavalos à

frente cair soltando bufadas e lamentos agonizantes, bloqueando a passagem ,

girando seus olhos negros e soltando esguichos de sangue de suas narinas. A fila

de demônios parou e apenas olhou, boquiaberta de terror enquanto os que

estavam em sua frente caíam , desfazendo-se em poças de sangue.

Ouvi os disparos mais altos e secos das pistolas de Ben, que cuidadosamente

escolhia seus alvos do posto do outro lado da trilha.

Pânico.

Gritos.

Não estavam preparados para aquilo.

Éram os deuses.

Liberei o carregador e recarreguei.

Flechas cruzavam o ar acima de mim . Um martelo acertou o granito com

tanta força que faíscas voaram com o impacto. Fiquei abaixado atrás das pedras,

olhando enquanto Ben atirava calmamente contra o pelotão. Um a das criaturas

se aproximava do posto dele. Estava coberta de sangue e tinha uma alça feita dos

intestinos de outro soldado em volta do pescoço. Fui atrás dele por uma

depressão, sem que os outros me vissem. Ele puxou uma lança delgada com uma

lâmina serrilhada na ponta e calmamente apontou para Ben.

Mais flechas.

Ouvi outra arma, a de Griffin. Os sobreviventes tentavam bater em retirada.

Sem me irar, atirei no soldado que emboscava Ben com a lança, fazendo-o

desabar sobre as pernas dilaceradas. A criatura rolou pelo chão escarpado,

girando seu bizarro cachecol de vísceras, e perdeu a arma pelo caminho. Caiu ao

lado de Ben, com as pernas destroçadas e jorrando sangue. Rolou para cima dele

e tentou segurá-lo pelos cabelos, dando dentadas no ar.

Ben grunhiu e rolou para o lado por baixo de seu agressor. Levantou sua

por baixo do braço da criatura e atirou duas vezes. Ouve o chiado do esguicho que

saía por suas costas. Com o que se apenas se livrasse de um contratempo, Ben afastou

o cadáver e voltou a atirar contra o caos que tinha se tornado o pelotão.

Fiquei de pé novamente e atirei, varrendo o campo de batalha com balas para

acabar com os que ainda tentavam fugir. Seguindo a trilha vermelha que ia

montanha abaixo, depararam-se com a emboscada de Griffin.

Agora de pé, Ben e eu corremos atrás dos demônios que sobraram.

O último morreu com um tiro de Ben na nuca, a menos de dez

etros da

linha que tinham cruzado poucos m inutos antes.

Caiu com o rosto no chão.

E, então, silêncio.

Não tinham os um arranhão sequer. As roupas de Ben estavam cobertas de

sangue, nada m ais.

“Eles nunca viram uns filhos da puta com o a gente”, disse Ben.
“Nunca.”

Griffin se levantou, descalço, sua pele coberta de areia se esticava sobre as

costelas a cada respiração. Ainda segurava as arm as acima da cabeça e gritava,

“Isso aí, porra!”.

Um a faixa escura e envernizada com eçava a cobrir as escarpas, vindo em

nossa direção.

Necrófagos.

“Olhem as m arcas”, pedi. “Preciso encontrar um deles.”

Conner.

Ben e Griffin guardaram as arm as.

“Ele tem um a m arca assim .”

Com as m ãos paralelas, cruzei os indicadores estendidos e os polegares

curvados.

“É pequena, parece um peixe. Bem aqui.” Desenhei a m arca com o dedo

logo acima da virilha. “Foi o que m e m ordeu ontem . Preciso ver se

ele está

aqui.”

Griffin me encarava. “É aquele que você sabe o nome, não é?”

Levantei o rosto do último o que Ben tinha acertado. “É.”

“Tá bom, Jack. Tá bom”, Ben concordou, mas eu podia ouvir sua respiração

pesada enquanto me afastava deles indo em direção ao próximo o corpo. “Vem,

Griffin. Vai ser rápido.”

Griffin suspirou. “Vão se foder, seus bastas.” Então desabotoou a braguilha e

começou a mijar em um dos corpos. Ben olhou para o menino e balançou a

cabeça, mas Griffin insistiu, “Fodam-se eles, Ben. Isso é pelo que eles fizeram

com o Henry e com a gente. Vão se foder!”. Então o cachorrinho dele saiu do

esconderijo na vegetação, cheirou o mijado de Griffin, e levantou uma pata no

mesmo lugar para comemorar a vitória.

“Isso aí, Spot!”

Um tiro.

Girei o corpo e vi Griffin, com a braguilha ainda aberta, de pé sobre um dos

soldados com a arma apontada para baixo.

“Esse ainda estava vivo. Mas não era o que você está procurando, Jack.”



TRINTA E SEIS

Eram quarenta e dois mortos no total.

Meu amigo não estava entre eles.

Conner

Conferimos cada um dos corpos. O cachorro de Griffin cheirava todos, um a

um, enquanto iam os juntos pela cena do massacre. Era repulsivo.

“Vam os pegar os cavalos, Jack”, pediu Ben.

“Vam os.”

Griffin finalmente guardou a arma. Talvez quisesse encontrar mais um ainda

vivo. “Está fazendo tudo. Por quanto tempo ainda vamos os cavalgar?”

“Até a gente encontrar alguém, Griff”, respondi. “Vam os tentar chegar ao

topo hoje e para ver se achamos um caminho.”

Subimos os penhascos até onde Griffin tinha amarrado os cavalos

e, a cada momento, eu parava e procurava ao longe qualquer sinal de que ainda

nos seguiam. Isso era estúpido.

É claro que ainda nos seguiam .

Tinha esperanças de que, ao ver a carnificina que tinham os deixado para trás,

eles decidissem deixar aqueles três garotos em paz.

Quanto mais alto, mais fria a neblina. Chegava a se condensar. Bastante água

se acumulava entre as pedras de granito. Deixam os que os cavalos bebessem das

poças. Griffin ria enquanto o cachorro tentava mais ordenar seu próprio reflexo

Ben e eu fomos até um a clareira e olhamos para baixo, para o caminho que

tinham os trilhado. Já era noite, e não havia sinais de que estavam os sendo

seguidos.

“Acha que tem os tem po?”, perguntou Ben.

“Do jeito que essas rochas são, acho que eles não conseguirão nos encontrar.”

“Quer continuar, então?”

“Vamos. Vamos chamar o Griffin e continuar, Ben.”

Mas, quando voltamos para onde os cavalos bebiam , Griffin e o cachorro

tinham desaparecido.

Olhei para Ben e chamei, sussurrando. “Griff? Griff?”

“Ele deve estar só mais indo.” Ben deu um pulo. Pegou sua arma. Vi alguma

coisa se mexendo ao meu lado. Me virei e um homem em alto nos observava, logo

ele desapareceu na neblina.

Um fantasma.

“Odeio essas coisas, porra”, disse Ben.

“Vê se não vai atirar em mim sem querer.”

“E aquele seu fantasma mesmo?”

“Não sei. Foi mesmo.”

“Griff?” Ben estava nervoso. Sua mão tremia sobre o coldre.

Contornei a água para investigar o outro lado. Vi as pegadas molhadas de

Griffin: seguiam as pedras para o leste. Era uma trilha natural, estreita, ladeada

por galhos e folhas pontiagudas de pinheiros. Acenei para Ben. “Acho que ele foi

para lá.”

Ben respirou fundo e me seguiu pelas árvores.

Não mais que vinte metros à frente, ouvimos o cachorro latir. Griffin berrava,

“Spot! Vem cá! Larga meu cachorro!”.

Armei o rifle e fui em direção aos gritos de Griffin.

“Griff!”

Ben corria logo atrás.

“Solta ele!”, Griffin urrava, enfurecido.

Quando alcançamos, encontramos o garoto seminu, puxando a saia de uma

mulher que, por sua vez, agarrava o cachorro com os braços e prendia seu

focinho com as mãos. O bicho se debatia.

Outras pessoas.

“Griff! Volta!”, gritei, apontando a arma para a mulher.

Não poderia dizer que era uma cena estranha, porque em Marbury o estranho era o normal. Mas a mulher era enorme, forte. Seus cabelos grisalhos

esvoaçavam desgrenhados enquanto tentava se livrar de Griffin. Vestia um hábito

de freira e tinha olhos desesperados, ensandecidos até.

“Pierre!”, ela chamou. “Pierre!”

“Mary!” Um homem veio correndo em nossa direção.

Ben já em punhava as duas pistolas, uma apontada para a mulher, a outra

para o farfalhar que vinha das árvores na escuridão.

“Solta!”, a mulher gritava enquanto tentava chutar Griffin.

“O cachorro é meu!”

“Ei”, eu gritei. Queria que ela olhasse para mim, para minha arma, mas

talvez nunca tivesse visto uma antes. “Para com isso! Devolve o cachorro!”

“A gente divide! Por favor! A gente divide!”, ela implorou.

“Você não vai com o meu cachorro, porra!”, Griffin segurava pelas mangas da roupa e chutava suas pernas.

“Mary!” Um homem surgiu atrás deles, segurando uma enorme clava

retorcida com a ponta coberta de galhos e espinhos. Ele a levantou, mas Griffin

girou a mulher entre ele e o homem, enquanto a chutava.

“Solta meu cachorro, porra!”

Ben levantou a arm a e apontou para o peito do velho.

“Não atira, Ben!”, gritei.

Vi que Ben não sabia o que fazer. Eram pessoas, afinal. Há quanto tempo

aqueles m eninos não viam pessoas de verdade?

O homem tentou acertar a clava nas costas de Griffin, mas o garoto era

rápido. Ainda segurando as roupas da mulher, ele se jogou ao chão, tentando

puxá-la para baixo. Parecia um inseto tentando tomar um a árvore.

Então, Ben esticou os braços e disparou acima da cabeça do homem .
Pierre,

completamente perplexo, soltou a clava imediatamente e cobriu os ouvidos

enquanto os estalidos ensurdecedores explodiam em chamadas
esbranquiçadas

nos canos das armas.

O tempo pareceu parar.

Griffin largou a mulher, conferindo se alguém tinha sido atingido.

Encarei Ben em reprovação. Não podíamos fazer barulho, e ele sabia.

“Porra, Ben!”

“O que eu podia fazer, Jack? Aquele filho da puta ia matar o Griff.”

A mulher tremia, ainda agarrada ao cão. Ela choramingou, “Por favor, tenha

piedade. Eu cozinho. Eu cozinho! Por favor! Vamos dividir? Por favor? Sei que

você é um homem de Deus. Eu cozinho para você!”.

“Você não vai cozinhar o meu cachorro, caramba”, insistiu Griffin.

“Griffin...”, Tentei acalm á-lo. O m enino j á se preparava para voltar a brigar.

“Dona, solta o cachorro”, pedi.

Ben continuava m irando o hom em que ainda cobria os ouvidos.

“Devem ser deuses”, exclam ou, ainda trêm ulo.

“Dem ônios, dem ônios!”, disse Mary. Lágrim as enlam eadas desciam pelo

rosto da freira, m as m esm o assim m e olhava desafiadoram ente; curvando-se,

ela soltou o cachorro. O anim al tentou m order sua m ão, m as logo correu para se

esconder atrás de Griffin, com os pelos do dorso eriçados com o penas.

Griffin deu dois tapinhas no dorso do anim al e olhou para ela. “É um a m ulher

m ais velha. Não é, Jack?”

“Vocês são cruéis e infiéis”, disse Mary, enxugando seu rosto. Ela se sentou

no chão e balançou a cabeça. “Dem ônios cruéis, com as m arcas escondidas.

Pierre!”

O hom em abaixou as m ãos e olhou para nós.

“Conte a eles! Conte a verdade!”, a m ulher pediu a Pierre.

O hom em , velho e corcunda, encolheu os om bros com o se não entendesse o

que a m ulher pedia.

Cautelosam ente, Griffin se aproxim ou da senhora, que ainda estava sentada.

Tocou seu rosto com a ponta dos dedos. “É um a m ulher”, ele disse. Então,

abaixou a mão para sentir o seio dela. Mary acertou um tapa tão forte nele que

soou com o outro tiro. Griffin se estatelou no chão com as armas tilintando pelas

pedras; a pancada foi tão forte que quase arrancou o garoto do meio de dentro

das calças. Ele se levantou rapidamente, de punhos cerrados, e avançou contra a

mulher. Griffin lhe deu um murro bem no meio do nariz, e ela desabou de costas

no chão.

A velha soluçava, e Pierre veio ao seu socorro, acariciou seus cabelos emaranhados e balbuciou, “Mary, Mary ! Veja o que os perversos e maldados fazem

conosco!”

Griffin parecia se preparar para atacar Pierre também , então girei o rifle

para as costas e agarrei o menino pelos ombros.

“Chega, Griffin. Ela tinha razão de te bater. Depois explico.”

O menino ficou ali, olhando para aquele casal patético. Confuso, esfregava o

rosto. Sabia que Griffin estava furioso por ter sido estapeado daquela forma e, se

eu não interferisse, continuaria brigando.

Acho que Griffin Goodrich nunca chorou na vida.

“Por favor, misericórdia”, Pierre implorava, enquanto sua mão trêmula

acariciava os cabelos da mulher. “Estão os famintos. Ela só estava me ajudando

a procurar com ida. Por favor, nos deixe ir.”

A freira fechava as narinas com os dedos ensanguentados.

Ben guardou as armas nos coldres. “Tem mais gente aqui em cima?”

Pierre olhou para mim para responder. Devia ter medo das armas de Ben.

“Alguns. Um a cada unidade bem pequena.”

“Ai de mim!”, queixava-se Mary. “Ai de mim! São demônios, Pierre!

Aquele degenerado me estuprou! Você não viu? Ele me estuprou!”

A freira se curvou para frente escondendo o rosto no tecido preto do hábito

esticado entre os olhos. Balançava para frente e para trás, com as mãos

agarradas aos cabelos, murmurando um prece em latim.

“E onde estão os outros?”, perguntei.

“Às vezes os vemos, aqui e ali. Eles se escondem bem, todos nós temos de

nos esconder muito bem. Mary e Pierre, sem perceber, se escondem os durante o dia.

Com os fantasmas. Mas somos os bons. Compartilhamos nossa comida, nossa

bondade. É tudo o que temos.”

“Já falei que vocês não vão com o meu cachorro, porra!”, Griffin grunhiu.

“Shhh...”, interrompi. “Eu voto para dar com ida para eles.”

Levantei minha mão.

“Eles são doidos”, Ben protestou.

Griffin parou de esfregar o rosto e levantou a mão. “Vamos dar com

ida para

eles.”

“Tudo bem , então”, Ben mostrou a palma da mão.

“Ouça”, disse para o velho. “Som os bons também . Tem os com ida e
vamos

dividir com vocês.”

“Demônios!”, disse Mary, com a cabeça ainda enterrada no hábito.

“Desculpa”, disse Griffin. “Eu não te estupro. Acho que nunca vi um a
mulher. Não que eu me lembre. Desculpa.”

“Tudo bem , Griff”, eu disse. Virei o rosto para o homem e continuei.
“Vamos

trazer com ida. Voltamos em um minuto, pode confiar na gente.”

“Por favor, por favor”, continuou o velho.

Com o cachorro à frente, voltamos os três para onde estavam os
cavalos para

levar algum a coisa para o casal idoso. Tirei duas em balagens de
suprimentos que

tinham encontrado no trem dos soldados e guardei no bolso das
calças

camufladas.

Por um instante, vi Seth de pé, do outro lado da água. Sua imagem
estava tão

fraca que era quase um borrão. Assim que olhei para ele, desapareceu
com seu

sussurro característico, “Seth”.

“Precisamos nos preparar para cavalgar”, avisei. “O velho disse que
tem

mais gente aqui. Não quero atrair os Caçadores para cá. Vamos

voltar pela trilha

que viem os até encontrar outro cam inho para o topo.”

“E até quando vam os ficar fazendo isso?”, perguntou Ben.

“Até quando for necessário, Ben. O que você quer que eu responda?”

Balancei cabeça. Ben parecia se sentir culpado e m ontou seu cavalo.

“Fiquem

preparados que eu vou dar com ida para os doidos e j á volto.”

“Jack!”, Griffin cham ava, preocupado. “Um a das m inhas arm as sum iu!”

Em apenas um instante, enquanto com eçava a procurar a arm a de Griffin

pelo chão, ouvim os dois estam pidos vindos de onde estavam o velho e a freira.

Corri.

Olhei para trás e vi que Griffin com eçava a descer do cavalo. “Não m e siga.

Só venha se eu cham ar.”

Parei de correr logo que cheguei à clareira onde Mary agarrara o cachorro

de Griffin. Tentei controlar a respiração e escutei atentam ente.

Nada.

Fiquei de bruços no chão, com o rifle apontado à frente. Com ecei a rastej ar.

Pés.

Vi as solas de seus pés, lado a lado, com o se estivessem deitados j untos,

im aginando suas loucuras enquanto observavam o m onótono céu de Marbury.

Fiquei de pé.

A mão da freira ainda agarrava firme em ente a pistola de Griffin.
Pierre

estava de olhos abertos e um pouco de sangue escorria de seu nariz.
Um buraco

preto com o carvão ainda borbulhava acima de sua orelha direita. A
freira tinha

atirado em si própria no peito, talvez tentasse expurgar a parte do
corpo que o

garoto tocara com curiosidade. A boca dela, contraída, mostrava os
dentes, e os

tendões saltavam do pescoço em uma expressão paralisada de fúria.

Tirei a pistola da mão do cadáver e voltei até os cavalos.

Segurei o cano da arma e devolvi para Griffin.

“Tomara. Tomara e meais cuidado. O velho quase teve um enfarte quando
a arma

disparou na mão dele.”

“Tudo bem com eles?”, perguntou Griffin.

“Tudo. Acho que nunca com eles eram tão bem. Pediram para agradecer,
Griffin.”

Voltamos os uns três quilômetros até encontrar outro caminho para o
alto da

montanha. Griffin e Ben já pareciam estar quase dormindo sobre os
cavalos,

mas me seguiam mesmo assim. Assim que virei entre dois troncos
de árvores,

olhei ao longo da encosta escura da montanha e vi duas marcas vermelhas –

apenas rapidamente, mas eles estavam lá.

Dois deles. Em nossa direção.

Então, eles sumiram .

Talvez estivesse cansado. Talvez não pensasse com clareza, ou apenas sonhasse acordado. Não importa o que era, sonho ou realidade, sabia que um a

daquelas criaturas subindo pela montanha atrás de nós era Conner.



TRINTA E SETE

“Abre a porra da porta, Jack!”

Jogo os braços para frente, palmas abertas, pronto para me defender.

Um sonho com o se estivesse caindo, tentando me segurar em algo.

Vai se foder, Jack.

Consigo focar o olhar. Estou sentado no vaso.

Suando. Tudo me olhado.

Ah, é!

A porta. Abro a porta.

Meu estômago está se revirando. Preciso vomitar.

Conner fica de pé ao meu lado. Ele diz alguma coisa.

“Que merda está fazendo, Jack?”

“Hã?”

Ele está apenas de cueca.

Agora m e lem bro.

É porque estavam os dorm indo.

Ele está de cueca e segura os óculos roxos na mão.

Conner está colocando os óculos. Tento abaixar minha cabeça, me viro nos

olhos para vomitar dentro do vaso.

Vomito, mas vejo os pés descalços de Conner no piso, ao meu lado.

Ele não se mexe.

Me desculpa. Me desculpa.

Não vá, Con.

Por favor, não faça isso.

A porta do banheiro está aberta.

Comigo e me lembrar daquela criatura, coberta de bile e sangue do seu

colega, com uma corda de intestinos sobre os ombros.

A freira e o velho olhando para o nada com os olhos relaxados, vazios.

Tive de me enterrar para o menino. Tive mesmo.

Olho para cima.

Conner está usando a porra dos óculos.

Vai se foder, Jack.

“Con?” Fiquei de pé, quase caindo em cima dele. “Con! Não faz isso, cara.

Por favor.”

Com os braços para baixo, ele me almejava. Respirava tão pesadamente que

parecia estar a ponto de explodir, ou de se afogar. Arranquei os óculos do rosto de

Conner, as lentes tremiam em minhas mãos. Dobrei as hastes sem olhar para

elas e tateei o chão com o pé para encontrar a maneira em que as guardava.

Conner estava de olhos abertos, mas sabia que não me via. Comuniquei a

tomada para a pia e me apoiou no balcão. Corri até o quarto e guardei os óculos

por trás do forro da parede. Conner não os encontraria ali, pensei.

Não deixaria ele encontrar.

“Con? Con?” Voltei para o banheiro.

A água corria. Conner estava debruçado sobre a pia com a cabeça debaixo da

torneira.

“Conner!”

Ele levantou a cabeça, jogando água fria para todo lado. Seus olhos estavam

mortos.

“Jack?”

Ainda não tinha voltado totalmente. Então disse, “O que...”, e caiu de joelhos,

abraçando o vaso.

“Preciso sentar, Jack. Preciso sentar.”

Então Conner vomitou também.

Estava assustado, imaginando as coisas horríveis que me eu amo agora viu, o que

ele poderia saber.

Tudo bem. Vamos pensar, Jack.

Desta vez não foi Seth que trouxe você de volta, foi Conner. Devo ter feito a

mesma coisa com Conner. Quanto tempo ele tinha passado em Marbury? Um dia?

Um mês? Talvez apenas um momento.

Porra! Pense!

Ele não poderia estar entre as criaturas da montanha. Se estivesse morto, não

veria nada pelos óculos. É por isso que Henry não via mais nada. Você pode estar

morto lá e vivo aqui, como as pessoas que tinha visto no trem.

É por isso que vi a cabeça de Henry Hewitt empalada em um muro e estávamos tomando cerveja aqui outro dia.

Tenho que me livrar desses óculos, merda.

Você não vai conseguir.

Vai se foder, Jack.

Conner finalm ente com eçou a se acalm ar.

Com as costas apoiadas na banheira e os cotovelos sobre o vaso, ele esticou as

pernas sobre o chão m olhado.

Foi assim que eu nasci, Con.

Qual é a sensação?

“Tudo bem , Con?”

“Aquilo é insano, Jack.”

“Você não está louco, Conner.”

“Aquilo é real, não é?”

Podia ver com o ele apertava os dedos contra o chão m olhado.

“É.”

“E sobre aquela outra m erda?”

“Não sei. Quer m e contar sobre isso?”

“Foda-se tudo isso, Jack! Nunca m ais quero ver aquelas m erdas de novo!”

“Tudo bem .”

“Você m e avisou. Eu não te escutei.”

“Tudo bem .”

Conner se apoiou com os braços e ficou de pé. Parecia ter levado um a surra.

Parecia pequeno e frágil, derrotado, nada com o Conner Kirk.

“Quer tom ar um a cervej a, Jack?”

“Claro. Vam os lá, Con.”



TRINTA E OITO

Pegam os o ônibus para Blackpool na estação Victoria antes das oito da

m anã. Não tinham os dorm ido m uito depois daquela m erda de noite. Esvaziam os

o frigobar de tudo o que fosse vagam ente alcoólico, m as não aj udou.

Tenho

certeza de que ficam os deitados a noite inteira, pensando sobre o que o outro teria

visto, ou descoberto. Mal nos falam os depois de Conner ter se levantado do chão

do banheiro.

A viagem duraria seis horas.

Quando o ônibus saiu da cidade, liguei para Nickie. Era quase com o se tivesse

de ouvir a voz dela para ter certeza de que *aquilo* estava acontecendo, para saber

que havia m esm o um lugar cham ado Blackpool e de que ela estaria lá, nos

esperando, quando o ônibus chegasse no fim da tarde.

Tirei um a foto de Conner com o celular e enviei para Nickie: “olha aqui um a

foto do conner. não se preocupa, ele nao ta pelado, pra variar um pouco. eh so

pra rachel ver com o ele eh feio! hahaha”. Conner estava encostado na j anela,

com olhos sonolentos, usando um capuz preto, torto. Seu cabelo loiro-claro caía

sobre um dos olhos e ele sorria com o canto da boca. Sem pre sorria assim : com o

se soubesse de algum a coisa que você não sabe. Era um a ótim a foto dele, porque

assim era Conner Kirk de verdade. O Conner do m undo de cá.

Chega, Jack.

Você sabe que não vai deixar Ben e Griffin sozinhos.

Quanto tempo você acha que aguenta até pegar aqueles malditos óculos de novo.

Quanto tempo até Conner perguntar onde você está escondendo eles.

Conner tossiu e se ajustou no assento. Seu olho bateu no meu.

“Desculpa, Jack.”

Conner nunca diria isso pra mim.

Que se foda este lugar.

Suspirei. “É, pois é, desculpa também, Conner.”

“Com o quê assim?”

“A gente não vai conversar mais, é isso?”

Um mulher grisalha se virou e começou a olhar para nós pela fresta entre os

dois assentos da frente.

“Deixa de merda”, Conner sussurrou.

“Ahã. Que nem aquele Gary do banheiro do aeroporto.”

“Você sabia o nome dele?”

“O filho da puta se sentou do meu lado no avião e se apresentou. Ficou me

cantando o tempo todo, me chamou para sair em Londres... Então a aeronave

sentiu pena de mim e me levou pra primeira classe depois do cara tentar agarrar

minhas bolas.”

“Cara, por que você só atrai esse povo bizarro?”, Conner riu.

“Pois é.”

“Então”, ele disse, “quem vai falar primeiro?”

Senti meu corpo ficar tenso. Olhei para os assentos à frente. A mulher não

olhava para mim. Mesmo assim, abaixei a voz e me inclinei para ele.
“Você. Me

conte sobre como foi.”

Conner olhou em volta, tinha uma expressão estranha, de culpa.
Aquilo me

assustou demais. Quer dizer, ali estava aquele cara – meu melhor
amigo,

que crescemos juntos –, sabiam todos os detalhes da vida um do outro.
Não havia

segredos ou constrangimentos entre nós. Nem mesmo quando o
flagrei fazendo

sexo com a namorada – até me convidou, como se não fosse nada
para mim, como o

se eu passasse por ali e ele me chamasse para jogar bola.

Mas, naquele momento, no ônibus para Blackpool, enquanto tentava
encontrar

as palavras para me dizer o que tinha visto pelas lentes de Marbury,
meu melhor

amigo parecia assustado, constrangido e nada confiante. Nunca tinha
visto

Conner Kirk naquele estado em toda minha vida.

“Achei que estava ficando doido ou algo assim”, cometeu. “Como se
não

estivesse acontecendo de verdade.”

“Eu sei.”

“Quantas vezes você foi pra lá?”

Não tinha certeza. Levantei os ombros e balancei a cabeça.

Conner olhou para os olhos. Em aranhava os dedos e apertava até as unhas

ficarem brancas. “No período que fiquei, com ecei a m e lem brar de coisas

daquele lugar, e quem eu era. Era com o preencher todos esses buracos, com o se

j á soubesse toda a história daquele lugar, m esm o sem nunca ter ouvido nada

sobre isso antes da noite anterior.”

“Quanto tem po você ficou?”

“Dois dias.”

“Não foram nem cinco segundos no banheiro, Con.”

“Não faz sentido, Jack. Fiquei lá dois dias.” Conner olhou pela janela por um

instante. “No início, era com o se estivessem os no deserto. Era noite, m as o céu

não estava todo escuro, só cinza-claro. Não tinha estrelas. Tinha sempre um a

neblina que não sum ia. Fizem os um a grande fogueira.”

“Eu estava lá?”

“Você? Não. Não estava. Mas tinha um as pessoas que eu conhecia. Sabia o

nom e deles e tudo m ais, m esm o sem nunca tê-los visto na vida.” Conner

finalm ente relaxou os dedos, passando a palm a das mãos pelas coxas. “Era com o

se a gente fosse uns hom ens das cavernas, ou algo assim . Uns cem , pelo m enos.

Era um tipo de festa enorm e. Estava quase todo m undo pelado. As m ulheres

totalm ente peladas e os caras, só de tanga, m ais nada.”

Olhou para m im com o se pedisse desculpas. “As tangas eram de cabelo de

gente, Jack. Eu lem bro disso. Bizarro dem ais, né? Era um banquete, a gente tinha

m atado um cavalo com um m artelo e colocado na fogueira para assar. Tam bém

estavam assando um cara. Todo m undo destroçando o cara e com endo. Eu

tam bém com i.”

Eu percebi que ele estava assustado enquanto falava. “Lá não é aqui, Conner.

É outro lugar. Deve ser o inferno.”

“Lá som os diferentes”, continuou. “Não som os pessoas de verdade. Os olhos

zoados, um todo branco, outro todo preto. Alguns caras têm m anchas na pele,

outros têm espinhos. Algum a doença do caralho fez aquilo com a gente, espalhou

pra todo m undo.

Nem todo mundo.

“Lem bro de algo coisa sobre isso”, com entei.

“E todo m undo tinha um as m arcas, e elas brilhavam , sei lá. Pareciam

tatuagens, m as pegavam fogo. Não sei com o cham ar aquilo.”

“A sua é aqui.” Apontei para o lugar onde tinha visto a m arca dele. “Com

esse form ato.”

Desenhei com os dedos.

“Você m e viu?”

“Vi.”

“Quando?”

“Você não se lem bra?”

Conner olhou para frente e fez um não com a cabeça.

“Onde fica a sua?”

“Não sei.”

“Sério, Jack. Eu fico conferindo toda hora para ver se a m arca ainda está lá.

Porque aquela porra era real dem ais.”

“Levei um a flechada, Con. Aqui.”

Levantei m inha cam isa e apontei o lugar por onde a flecha tinha passado.

Então, m e virei. “Entrou aqui e saiu por aqui. Quase m orri. Não sei dizer

quantas vezes olho para ver se a ferida está aqui.”

Conner se aproxim ou, tentando encontrar algum vestígio do ferimento que eu

não tenha visto.

Ele estava irrequieto, suas m ãos não paravam no lugar. “E então, naquela

noite, depois de com er, rolou um a orgia absurda, Jack. Todo m undo fazendo sexo

com todo m undo, em qualquer lugar. Durou a noite toda, até todo m undo

desm aiar e dorm ir. Eu ficava pensando com o era do caralho viver assim e não

queria voltar para cá. Mas pensei em você, e lem brei que estava em

Londres,

m as lá as coisas eram tão intensas que não queria voltar pra cá.”

Lem brei que Henry Hewitt tinha m e perguntado um a vez com o era Marbury

para m im . Acho que ele tam bém deve ter duvidado da própria sanidade e teve

de perguntar. Com a descrição que Conner tinha feito de Marbury, nem

pareciam os estar naquele m esm o lugar, naquela m esm a época. Mas não m e

sentia m elhor: sabia que estavam os os dois lá, ainda que separados.

Conner esfregou os olhos. “É com o se tivesse um a guerra rolando, não é?”

Confirm ei com a cabeça.

“De m anã, era tudo branco”, continuou. “Com o se fosse um a nevasca, m as

era um deserto e era m uito quente. A gente estava seguindo um grupo de

soldados que tinha ido na frente, m as nosso grupo estava m ais atrás porque

estavam os quase todos a pé, com m ulheres grávidas e crianças tam bém . O

obj etivo era chegar às m ontanhas. Era um a m ontanha bem escura e escarpada.

E eu era um dos caras no com ando, eu era im portante. Então, depois de algum as

horas, passam os por um lugar onde havia um m onte de corpos pregados em

postes, de cabeça para baixo. A m aioria sem cabeça, escapelados. Cortaram o

pinto e as bolas dos homens. E tinha uns insetos grandes pra caralho comendo os

meus ortos. Dava para ouvir eles me estigando.”

“Necrófagos”, com pleitei.

Conner olhou para mim com os olhos arregalados. “Isso! É assim que a gente

chamava aqueles bichos. Você viu, então?”

“Vi tudo, Con.”

“A gente continuou indo para as montanhas e, bem antes da segunda noite,

encontramos os soldados. Todos meus ortos. Tinham sido massacrados. Tinha tripa e

sangue para todo o lado, não dava para saber qual parte era o quê. Os cavalos

deles também. Foi a pior coisa que eu já vi e nem tenho certeza se vi de verdade.

Depois, a única coisa de que me lembro é de estar no banheiro com a cabeça

debaixo da pia e você falando comigo. E foram dois dias, merda. Só me lembro

que a gente tinha, tipo, brigado e, de repente...”

“Para mim é a mesma coisa, Con. Tudo igual.”

“Mas e você? O que você viu?”

Não sabia o que dizer a ele.

Pois é, Con. A gente estava tentando se matar, cara. Você me mordeu e tentou

abrir um buraco no meu peito com a boca. E, por falar nisso, eu fui um dos caras

que massacraram seus amiguinhos na montanha. Pois é! A mesma merda que

você

passou.

Ah, e sabe essa doença que você tem? Péssimas notícias sobre isso, Con.

Legal, né?

Então, eu m enti. De novo. Com o poderia dizer a verdade para m eu único

am igo? “Era o m esm o lugar. Mas só tem dois caras com igo. Dois m eninos, na

verdade. Um tem 12 anos e o outro, 14. O resto m orreu.”

“Nunca m ais quero ver aquilo, Jack.”

Foi isso que o Jack disse também.

“Você não vai.” Olhei para ele. Sabia ele estava m e dizendo a verdade a

verdade – sej a lá o que isso significasse. “E você não se lem bra de ter m e visto

m esm o?”

Conner balançou a cabeça. “O que você fez com os óculos?”

“Nada.”

“Vam os quebrar aquilo.”

Não posso.

Não respondi.

“Ah, e que saber de m ais um a coisa, Con?”

“O quê?”

“Tam bém tem fantasm as lá. Um deles está m e seguindo. O nom e dele é

Seth, é um m enino. Ele j á apareceu no quarto do hotel algum as vezes, então eu

sei que Marbury é real. Você já ouviu os barulhos que ele faz, ele fica batendo no

chão.”

Conner engoliu em seco. Vi seu pombo de adão subir e descer. “Eu acho que

sei desses fantasmões, mas não consigo lembrar.”

“Sei que é difícil se lembrar das coisas, Con, mas sei muitas coisas sobre esse

menino.”

“Tipo o quê?”

“Vou te contar.”



TRINTA E NOVE

A História de Seth [2]

Blake Mansfield me encontrou dormindo à beira da estrada quando eu tinha 7

anos de idade. Pelo menos acho que tinha. Naquela manhã de maio, ele levava

alguns bezerros e um porco para vender em Necker's Mill. Quando me viu ali,

achou que eu estava morto, então parou.

Eu era tão franzino, ele me contou que a princípio ele pensou se tratar de um

bicho até descer e olhar m ais de perto. Eu vestia apenas um par de calças

rasgadas e estava m ais suj o que o porco que ele levava na carroça.

Não tenho a m ais vaga lem branca de onde venho ou de com o acabei ali à

beira da estrada naquela m anhã. Já fazia m uito tem po e eu m uito pequeno.

Mam ãe costum ava dizer que eu era um m acaquinho e um a coruj a tinha m e

pegado pela cauda e m e j ogado no chão. Mas papai, com o passei a cham ar o Sr.

Mansfield, dizia que eu estava suj o dem ais para ter vindo de um a árvore, que

tinha sido tirado de um buraco no chão por um coioote e que a m inha sorte foi que

eu cheirava tão m al que o coioote não quis m e com er.

O im portante é que papai m e colocou naquela carroça, m e levou até Necker's

Mill e m e apresentou a todos com o eu filho. Foi quando ganhei o único nom e de

que m e lem bro: Seth.

E foi isso.

Talvez ele tenha salvado a m inha vida, m as a m inha m aldição tam bém

com eçou naquele dia. Não im porta. Eu faria tudo de novo. Foram os m elhores

m om entos da m inha vida, nunca tinha am ado alguém até conhecer Hannah, a

filha de Blake.

Ela era um ano m ais velha que eu e seu irm ão, Davey, tinha 11 anos

quando

fui adotado. Nenhum deles jamais questionou meu direito de fazer parte da

família. Os Mansfields eram assim .

Então, não me importava se caía de uma árvore ou se fui tirado da boca do

próprio inferno, tudo o que me lembrou é de que minha vida começou em uma

manhã azul de primavera, no ano de 1878, em uma fazenda num lugar chamado

Pope Valley, na Califórnia.

A primeira coisa que me aconteceu quando me viu naquele dia foi me abraçar.

Ela me beijou a cabeça sujando com o se eu fosse um filho que retornava após uma

longa viagem . Todos me cercavam , fazendo perguntas, mas eu só falava a

primeira palavra meses depois. Então, me levou ao poço, tirou minhas

calças esfarrapadas e as jogou no chão, dizendo que cheiravam tão mal que nem

pegariam fogo. Ela me deu um banho na água mais fria que já tinha sentido.

Hannah e Davey riam , mas me repreendeu e disse que eles seriam os

próximos na banheira se não respeitassem e não fossem bonzinhos com o novo

irmão deles.

Ficaram quietos, então. Mas me deixou ali, sem roupas, na tina de

aço que parecia m ais um a m anj edoura que um a banheira, e voltou para a casa

para buscar algum as roupas de Davey para m im . Antes de ir, advertiu Davey de

que, se ele m e provocasse por qualquer razão ou m e fizesse chorar, daria suas

calças para m im e que ele teria de usar vestido até que pudesse costurar outras

para ele.

Ela era assim , sem pre nos provocava, nos fazia rir e nos deixava preocupados

ao m esm o tem po. Com o crescia m eio m etro por m ês, segundo papai, Davey

tinha várias roupas que j á não lhe serviam m ais.

“Não dê ouvidos a ela, Seth”, disse Davey. “Tudo o que ela diz é para deixar

você pensando, pensando...”

Fiquei ali, trêm ulo, sem entender o que ele queria dizer.

“Pobrezinho, está trem endo tanto!” Era Hannah que se aproxim ava.

Com eçou a esfregar m inhas costas com as m ãos, para cim a e para baixo,

subindo pelo pescoço até m eu cabelo. No com eço, tive m uito m edo dela, m as

após sentir seu toque, quis ficar ali para sem pre.

Pelo m enos até ver o que m am ãe trazia para m im . Ela m e vestiu dos pés à

cabeça, até com roupa de baixo e sapatos, que logo tirei. Estava m e sentindo um

príncipe em um palácio.

Papai enrolou um cigarro e acendeu, olhando para mim :

“Agora sim parece um Mansfield.”

“Seth Mansfield. É um nome digno”, confirmou Davey.

Hannah me ajudou a enrolar uma das minhas pernas da cama nova. “Ele não fala

nada, mamãe. Será que ele é russo?”

“O menino é tímido, meu amor. Esta cabecinha deve estar cheia de coisas

para dizer.”

Então, mamãe olhou para Davey. “Que tal você levar Seth ao rio para ver se

ele é um bom pescador?”

“Pescador ou isca?” Ele riu.

Mamãe me deu outro beijo na cabeça e um tapinha nas nádegas, gesticulando com os braços para que fossem os logo. Olhei para Hannah. Parecia

um tanto sentida. “Mamãe, quero ir também.”

“É coisa de menino, Hannah.”

Davey corria em direção à floresta o mais rápido que podia, e eu ia logo

atrás.

“Com o que sabe disso tudo dele?”

“Não faço ideia, apenas sei. O mais estranho é que Wyman me disse que os

Whitmore vêm de Pope Valley também. Quando voltar para a Califórnia, vou

procurar saber se tinha mesmo uma família Mansfield lá em 1878.”

Não contei a Conner sobre minha ligação com Seth, nem que entrava

no m eu

corpo e curava m inhas feridas. Tam bém não contei que tinha m edo de Seth ir

em bora e nunca m ais voltar. Sabia que ele ficava m ais fraco toda vez que m e

aj udava.

“Sei m uito m ais coisas sobre ele. Às vezes, acho que ele não quer que eu

conte nada, m as às vezes acho que devo contar.”



Q UARENTA

Depois da parada para o alm oço, Conner encostou a cabeça na j anela e

dorm iu por um a hora. Meu celular vibrou no bolso. Nickie m andou um a

m ensagem : “a rachel falou que o conner eh m uito bonito e te agradeceu por

trazer ele. ela tá m andando um a foto pra vc m ostrar pro conner.”

Rachel, sorrindo na praia, um píer e um a roda-gigante ao fundo. Ela estava

descalça na areia m olhada, sua cam isa aberta deixava entrever um piercing no

um bigo e as form as de seus seios fartos no biquíni que ela usava. Sua pele era

meu cabelo me olhado descia reto, se espalhando pelos ombros, preto e

viscoso com o petróleo.

Acordei Conner. “Olha só.”

Mostrei o celular. “É a Rachel.”

Ele se levantou de uma só vez, com o se alguém tivesse jogado água fervente

em seu colo. “Cara, fiquei de pau duro! Me dá seu telefone. Tenho que ir no

banheiro.”

Meu telefone vibrou novamente.

“oi, Jack”

Era uma foto de Nickie, sorrindo. A praia se estendia por uma planície

enorme até o mar, em um horizonte a quilômetros de distância.

Respondi: “me liga”

O celular vibrou novamente. Não era o número de Nickie.

“Alô?”

“Oi, Jack.”

Henry.

“As coisas não andam bem, não é? Estou preocupado com você e os meninos.”

“Não andam, não.”

Chega, Jack.

Silêncio.

“Posso ajudar se você quiser.”

“Não.”

Olhei para Conner, engoli em seco e desliguei.

“Quem era, Jack?”

“Ninguém .”

O celular vibrou novam ente.

“Ah, claro. Ninguém .”

“Era o cara que m e deu os óculos. Não quero falar com ele.” Mostrei o

núm ero na tela do celular.

Continuava a vibrar.

“Então m e dá.” Conner tom ou o telefone da m inha m ão e atendeu.
“Alô?”

Esperou. “Não responde, Jack. Alô?”

Aquilo era real. Tinha visto o núm ero na tela. Tinha de ser real.

“Não liga de novo, tá legal? Deixa a gente em paz, seu m erda!”

Sentia o estôm ago se revirando. Conner m e devolveu o telefone.

“Não era ninguém ”, disse, olhando bem para m im . Ele achou que eu estava

m entindo. Ou ficando doido. Sabia.

“Era ele, Con.”

“Talvez o cara sej a um policial ou sei lá. Será que ele sabe o que a gente

fez?”

“Não deve ser. Não faz sentido.”

“Bem , m as ele não falou nada. Nem ouvi a respiração dele. Não tinha ninguém na porra do telefone.”

“Liga de volta”, eu falei.

“Quê?”

“Liga de volta pra porra do núm ero pra ver quem era!”

Conner tomou ou o celular de volta e ligou.

Ficou escutando.

“Pronto. Tomou. Me diz o que você ouviu, Jack.”

Ele me passou o telefone. Olhei para a tela. O mesmo número era que tinha

aparecido quando Henry ligou. Mas, daquela vez, não ouvia nada. A chamada

não completava.

Nada.

Desliguei.

Isto é real.

Não é?

“Desculpa, Conner.” Minha voz era pouco mais que um sussurro.

Então, me afundei na poltrona e enfiei o telefone no bolso.

“A gente tem que dar um jeito nesses óculos, Jack. Fiquei aqui pensando e

agora sei que aquilo não é real. Se aquele cara está fazendo o mesmo o
isso, então

talvez ele esteja tentando fazer algum tipo de experimento na gente,
para ver

com essa coisa fode a cabeça das pessoas. Deve ser algum tipo de
pesquisa

secreta, ou uma merda assim. Vamos jogar aquela porra fora e
acabar com

isso.”

Era im pressionante com o Conner podia fazer as coisas parecerem tão
simples. E, quando colocava alguma coisa na cabeça, levava até o
fim. Ponto

final. Acho que era uma das coisas que mais gostava em Conner Kirk.
Na

verdade, eu dependia daquilo, pois nunca conseguiria ser assim.

Vai se foder, Jack.

“Você tá certo, Con. Não tem como aquilo ser real mesmo.”

O telefone vibrou novamente.

Suspirei, aliviado.

Nickie.

As garotas nos esperavam na calçada, com seus pezinhos de fora em

delicadas sandálias, quando descem os do ônibus com nossas mochilas. Logo que

viu as meninas, Conner sorriu e disse baixinho: “Grande Jack!”.
Nickie veio e me

deu um beijo na boca.

Vi pelo canto do olho Rachel abraçar Conner e depois me deu um
abraço

também.

“Que bom que vieram visitar a gente! Vam os nos divertir muito”,
disse

Nickie.

“Você acha que tem vaga no lugar onde vocês estão hospedadas?”,
perguntei.

Nickie segurou minha mão. “Vem, é por aqui. Nosso quarto dá para
nós

quatro. Vocês dois podem ficar com a gente.”

Conner me cutucou com o cotovelo. Ia falar algum a besteira. Sabia. Pelo

meus falou baixo, no meu ouvido.

“Super, me egaduro, cara!”

Havia apenas duas camas no quarto. De casal, mas muito menores que a

king-size do hotel de Londres. Nickie logo avisou qual delas seria a “camã dos

meus”. Depois ela e Rachel saíram do quarto para trocar os a roupa e irmos

à praia.

Já sabia o que Conner estava pensando, então disse, “Elas são legais, Con.

Não vai fazer merda”.

Já tinha espalhado as roupas pelo chão e vasculhava a mochila. “Sei, quero

ver quando a gente voltar com elas pro quarto hoje e à noite. Além do mais, essa

camã é pequena demais para nós dois. Não sei se vou conseguir me controlar

com você dormindo agarradinho em mim”.

“Então tenta se controlar uma vez na vida, Con.” Vesti um short e calcei meus

tênis de correr. “Que tal uma corrida na praia antes do jantar?”

“E vamos deixar as meninas sozinhas? Pra correr juntos? Cara, isso foi *tão*

gay.”

Vesti uma camisetinha limpa. Já estava pronto. Vi que Conner também tinha

calçado seus tênis de corrida.

“Hm m , viadinho!”, falei, apontando para o tênis.

“Tá bom , tá bom . Mas acho que j á rola de ativar o Plano J hoj e à noite,

quando elas apagarem a luz.”

“Sei.” Já sabia que o que viria a seguir seria totalm ente absurdo.

“Que Plano

J?”

Conner deu aquele sorriso de m enino levado. “Depois de dar boa noite e

apagar a luz, a gente espera uns cinco m inutos e eu falo: 'que isso, Jack?!' Quanta

falta de educação ficar batendo um a com as m eninas dentro do quarto'. Elas vão

ficar com pena do virgem am ericano que não deixa seu pobre am igo dorm ir,

vão se oferecer para trocar os parceiros de cam a e vão fazer sexo selvagem

com a gente por caridade.”

Conner gargalhava.

Sabia que não era sério, m as tam bém sabia que, se não dissesse nada, talvez

ele até tentasse pôr esse plano em prática.

“Con, você é e sem pre será o m eu m elhor am igo, m as se fizer qualquer coisa

parecida, vou enfiar um m urro no m eio da sua cara, sem piscar.”

Ele riu de novo.

Batidas na porta. Rachel abriu apenas um a fresta e perguntou, “Por que vocês

estão demorando tanto?”.

“O Jack...”, Conner respondeu.

Fechei o punho e olhei para ele, que continuou. “O Jack está me dando um a

lição de boas maneiras. Caramba!”

“Podem entrar, meninas, já estão os prontos”, eu disse.



QUARENTA E UM

Tirei o tênis e a camiseta e me sentei na areia fria com Nickie, olhando para o

oceano, com as pernas dobradas e entrecruzadas umas nas outras, abraçando sua

cintura.

Era bom .

Podíamos ver Conner e Rachel andando perto do mar, em direção ao píer.

Riam .

“Parece que eles se deram bem ”, comentei.

“O que você vai fazer? Eu digo, quando as férias acabarem , Jack?”

“Não sei. Voltar pra escola, acho.”

“Você volta pra cá? Para estudar em Kent?”

“Com certeza, mas não sei se vou para aquele colégio. Acho que o

Conner

não gostou. Não vou ficar lá sozinho. Mas eu vou voltar pra cá, sim .”

“Você gostou da Inglaterra?”

Engoli em seco. “Gostei de estar com você.”

“Kent não fica longe de Londres. Se você fosse para o St. Atticus, im agino

que a gente poderia se ver todo fim de semana. Quer dizer, se você quisesse. Você

sempre teria amigos aqui.”

“Teria?” Olhei para o mar. “O que você viu em mim, Nickie?”

“Eu... acho que alguém que é muito genuíno e honesto. Um menino que

valoriza suas amizades mais que tudo. Posso ver isso.”

Senti minhas bochechas queimando. Não queria que ela me visse

envergonhado, então me deitei na areia e acabei pousando a cabeça nos tênis de

Conner. Eu os empurrei pro lado.

“Estou tão cansado, Nickie. Quase não dormi nas últimas duas noites.”

Nickie se esticou perto de mim. Deitou de lado, apoiando a cabeça na mão.

Olhava para mim de cima. Seu seio estava encostado no meu braço esquerdo.

Sabia que ela tinha notado. Gelei. Não consegui falar, fiquei totalmente inerte,

quase sem respirar. Acho que ela viu com o que fiquei tenso.

“Vocês estão saindo muito?”, ela perguntou.

Quando ela perguntou isso, pensei no que realmente me tirava o

sono:

Marbury, Ben e Griffin. Mas o calor dela ao meu lado tinha uma força

agnética que não deixava que eu me perdesse nos meus pensamentos.

“Acho. Sim”, respondi.

“Então, hoje a gente volta cedo pra casa. Prometo.”

“Não, tudo bem.” Minha voz sumia enquanto falava. Notei que minha timidez

fazia Nickie sorrir.

Nickie tinha 17 anos e era uma menina inteligente, já devia ter percebido

com o que deixava nervoso. Afinal, eu já confessara nunca ter beijado uma

menina até aquele dia no Regent’s Park. Não devia ter dúvidas, eu acho, sobre se

eu era virgem ou não.

Eu odiava ter 16 anos. Era a pior coisa. Por todas aquelas merdas que eu li

nos livros sobre “problemas da adolescência”, a mudança de voz, o modo

desengonçado, o comportamento estranho e as mudanças fisiológicas

inconvenientes com o ejaculação noturna e ereções implacáveis nos piores

momentos; ter 16 nunca foi confortável, legal e nem de longe engraçado. Com o

se já não bastassem todas essas coisas, ainda tinha de lidar com homens dando

em cima de mim e até uma tentativa de estupro, e o meu amigo

superconfiante,

que tinha sexo quando quisesse.

E agora, m e m o com um a m enina tão incrível deitada ao m eu lado, com a

pele colada na m inha, ainda m e sentia o m aior fracassado do m undo.

Odiava absolutam ente tudo o que era ter 16 anos de idade.

Vai se foder, Jack.

Vai se foder, Freddie. Eu te matei.

Ela se aj eitou, de m odo que seus olhos estavam diretam ente acim a dos m eus,

e seus cabelos caíam sobre m eu rosto. “Olhe pra você”, ela disse. “Parece que

está com a cabeça em outro m undo, Jack. O que é que você pensa tanto?”

Ela cruzou os braços sobre m eu corpo. Sentia seus seios apertados contra o

m eu peito.

Fiquei olhando nos olhos dela, sem piscar.

“Às vezes não gosto de ser eu, Nickie.”

Ela suspirou e rolou para o lado, deitando-se de costas na areia, olhando para

as nuvens. Segurou m inha m ão.

“Se você pudesse ser outra pessoa, quem você seria?”, ela perguntou.

Pensei em silêncio por alguns segundos.

“Griffin Goodrich.”

“Quem é ele?”

“Um m enino que eu conheço.”

“E o que você adm ira nele?”

Apertei a mão dela. “Ele é forte, ninguém passa por cima dele. E ele não é

inseguro nem fica constrangido com nada.”

Ela se deitou novamente de lado e colocou a mão aberta sobre a minha

barriga, cuidadosamente, limpando a areia na minha pele com os dedos. Era a

melhor sensação do mundo.

“Eu acho que você é tudo isso também, Jack.”

Queria muito beijá-la, mas não beijei.

“Acho que é um bom projeto para mim provar que você está certa”, eu disse.

“Eu quero que você esteja certa, Nickie.”

“Já tá na hora de vocês dois arrumarem um a cama.” Era Conner, sorrindo.

Segurava a mão de Rachel. “Mas, pera aí. A gente já tem duas camas. Acabo de

ter uma ideia sensacional para nós quatro e aquelas camas.”

Fiquei de pé e joguei um de seus sapatos nele. “Também tive uma ideia

sensacional. Vam os correr.” Então olhei para Nickie e disse, “A gente encontra

vocês no quarto em uma hora. Dá tempo de vocês se arrumarem para sair sem o

Conner ficar babando atrás de vocês”.

Calcei o tênis e comecei a empurrar Conner para a areia molhada. “Anda!”

A maré estava baixa. Era fácil correr pela areia plana. A praia parecia

se

estender infinitamente à nossa frente.

“E então?”, perguntei.

Conner me deu um tapinha nas costas. “Não dá nem para acreditar que Jack

Whitmore arrumou uma viagem com duas gostosas. E sozinho! Sou obrigado a

dizer que estou reavaliando meu parecer sobre sua orientação sexual, meu

amigo!”

“Cuzão!”

“A Rachel é sensacional, cara. Dá até um dinheiro para falar a verdade,

porque nunca saí com uma menina que não fosse uma a...” Ele hesitou.

“Vadia?”

“Basicamente. Sim.”

“E a Dana?”

“Você não viu que meu celular não toca desde que a gente chegou aqui? Eu

terminei com ela um dia antes de vir.”

“Deu sorte.”

Conner sorriu. “Exatamente, meu amigo. Estou te devendo uma. Até duas.”

“Bom saber. Estou pensando em voltar para estudar um semestre aqui. Quem

sabe um ano.”

Ele estendeu a mão e disse, “Se você vier, eu topo. Para ficar com a

Rachel,

eu até aguento aquele m onte de hom em e as gravatinhas idiotas.”

“Vou ligar para o Wy nn neste fim de sem ana. Vam os ver com o as coisas vão

ficar.”

“E dá um j eito na m erda daquelas lentes.”

“Pode deixar.”

“Tô falando sério, Jack.”

“Pode deixar, cara.”

Continuava m entindo para ele. Ficava cada vez m ais fácil.

Fiquei assistindo televisão com as m eninas enquanto Conner tom ava banho.

Com o era de se esperar, ele saiu enrolado em um a toalhinha, pingando água para

todo lado, e abriu a m ochila.

“Desculpa, m e esqueci de levar as roupas para o banheiro.”

Ele levantou um a cueca da m ochila, sacudiu e, bem antes de term inar de

vesti-la, deixou a toalha cair. E continuou ali procurando, despreocupadam ente,

apenas de cueca, depois de m ostrar tudo para todo m undo, suas roupas até achar

um a que o agradava. Olhei para Nickie e Rachel, m as elas não esboçavam a

m enor reação.

Não entendia com o ele fazia aquelas coisas. Eu ficava nervoso só de pensar

em trocar de roupa na frente das m eninas na hora de dorm ir. Era um

a das coisas

que tam bém nunca tinha feito na vida.

Balancei a cabeça para Conner, em reprovação, peguei a m ochila e entrei no

banheiro úm ido.

Fechei a porta.

O silêncio e o isolam ento eram esm agadores.

Sabia que estava acontecendo de novo.

Jack, seu mentiroso de merda.

Você mente até para o melhor amigo, não é?

Ouvi algum a coisa rolando no fundo da banheira.

Olhei. Um a tam pa de xam pu, girando em círculos pequenos.

Agora não. Por favor.

Rolando e... Tac, Tac, Tac.

Freddie Horvath deixou m inha cabeça assim e não posso fazer nada.

Vai se foder, Jack.

Tente se controlar.

Sentei no vaso. Meu corpo trem ia. Seth estava ali m andando sinais de um

lugar onde eu queria m uito estar.

O que está acontecendo comigo, merda?

“Não!”, sussurrei im paciente, im chorando.

Talvez Jack devesse encher a banheira.

Talvez ele devesse encher a banheira e afundar a cabeça lá dentro para acabar logo com essa merda toda.

Abri a m ochila e tentei m e concentrar em procurar as roupas que usaria, m as

m inhas m ãos doentes buscavam os óculos. Tinha de senti-los, saber que estavam

ali, guardados atrás do forro da m ochila. Quem sabe apenas encostar o dedo em

um a das lentes. Apenas um toque. Tinha que sentir elas ali.

Chega, Jack.

“Não!”, eu im plorava a Seth, a m im m esm o, a qualquer um que fosse.

Bati os punhos fechados nas coxas, tirei as roupas e, trem endo, entrei na

banheira. Abri som ente a água fria.

Fria, como mamãe me dando banho com a água do poço.

Já chega, Seth.

Rolando e... Tac, Tac, Tac.

Vamos, Jack. É só um segundo, Jack.

Vamos.

“Não! Por favor!”

Era fácil dem ais.

Sentado no fundo da banheira.

Trem endo.

A água soa com o um a cachoeira, respingando nos azulej os da parede, na

porcelana branca da banheira e na m inha pele gelada.

Minha m ão tocou nos óculos.

Eu os coloquei.

Só por um segundo, Seth.

Por favor.



QUARENTA E DOIS

Quando nossos cavalos chegaram ao topo da cordilheira, o ar estava úmido e

soprava constantemente do oeste. Parecia que havia um oceano por perto,

pensei, mesmo o que tudo o que pudessem os ver fosse a constante neblina branca

que escondia o horizonte, com o se cavalgássemos para o fim do mundo.

E o fim do mundo continuava a se afastar de nós, a nos tentar: *se quiser sair*

de Marbury, tem de se esforçar mais.

Do outro lado da cordilheira, encontramos os mares água. Havia vida ali.

Fazia dois dias desde a emboscada no desfiladeiro e tínhamos um aligeira

segurança de que não estavam os sendo seguidos. Estávamos os três cansados e

doloridos da cavalcada, então concordamos em acampar por pelo menos um dia,

em um lugar que tínhamos encontrado no vale de um cânion. Assim, os cavalos

poderiam descansar e nós teríamos tempo para pensar sobre o que fazer em

seguida.

A paisagem do cânion era formada por um largo riacho que serpenteava no

meio do vale.. Havia muitas paineiras e salgueiros nas encostas, e sinais de que

havia animais para caçar. Era o lugar mais decente do qual podemos

lembrar, mas também sabíamos os que não podíamos ficar ali por muito tempo.

Tínhamos de continuar.

Os Caçadores estavam atrás de nós.

Prendemos os cavalos com cordas com prisas para que pudessem comer e

beber. Ben descarregou as sacolas, ainda cheias do que tinham encontrado no

trem . Desde a emboscada, não tinham parado por mais de algumas horas para

descansar e comer. Griffin, descalço com o sem-pre, desceu até a margem do rio,

deixou as calças com as armas no chão e pulou na água. Seu cachorro o

observava, confuso, testando a correnteza com a pata. O cãozinho tremia,

choramingando e ganindo para o menino.

Ben soltou o cinto com as armas e se sentou ao meu lado. Apoiavam os

costas sobre o tronco liso e bipartido de uma paineira, de frente para o rio, para

observarm os Griffin nadando e batendo os braços na água.

“Eu poderia dorm ir aqui”, disse.

“Não vou m entir, Jack, acho que esse é o m elhor lugar que eu j á vi na vida.”

“Sim .”

Para além daquelas m ontanhas íngrem es, no m undo desbotado de Marbury,

tínham os encontrado um oásis verde e vivo, ainda que pálido e tem porário.

Vi a cabeça de Griffin desaparecer sob o reflexo da água e aparecer novam ente rio abaixo. O cachorro agoniado ainda uivava para ele, m as o m enino

apenas ria e brincava com a água. Cuspiu para cim a com o um chafariz e acenou

com o braço para nós. “Vem pra água tam bém ! Vocês dois estão precisando de

um banho m esm o! Nunca vi água assim na vida! Nunca!”

“Já estam os indo, Griff”, disse.

Desam arrei as botas e tirei as m eias.

“Então, eu trouxe aquela garrafa de uísque”, disse Ben. “Vam os beber?”

“Não sei.”

“A gente está se saindo m uito bem . O Henry ia ficar orgulhoso de você.”

“Será?”

“É com o ele falou. Não sei por que, m as ele falou m esm o. Você não se

lem bra m esm o, não é?”

“Não m uito bem .”

“Você era com o um filho para ele, Jack. O favorito. Confiava em você m ais

que tudo.”

“Queria que nunca tivesse confiado.”

“Sem pre falava que você era com o ele. Que eram do m esm o lugar horrível.

Você não se lem bra?”

“O que é m ais horrível que aqui?”

De repente, Griffin com eçou a se debater e gritar. “Caralho! Tem um peixe

aqui! Pega a arm a, Ben. Eu vi um peixe!”

Ben e eu rim os.

Ben descalçou as botas e as m eias, e com eçou a esvaziar os bolsos das calças.

“Acho que é um a boa ideia lavar as calças se a gente entrar na água. Ele não vai

m esm o sossegar até a gente entrar.” Então m e olhou, confuso. “Dá para pescar

atirando?”

“Não, não dá. Mas vou pensar em algum a coisa para pegar aquele peixe. E

talvez a gente tom e um pouco de uísque tam bém .”

Ben se levantou e foi até um a m ala que tinha am arrado a um alforj e e olhou

para Griffin, que não tirava os olhos da superfície da água, com o um gato

encurralando um a presa.

“Não vai sair atirando. Já estão os indo. Vem cá e esvazia seus bolsos tam bém , para você lavar suas calças.”

Havia algum a m unição dentro dos m eus bolsos. Desafivelei o cinto da arm a e

deixei m inha faca ao lado dele. Então, tirei as em balagens de com ida que daria à

freira e ao velho doido dois dias antes. Ben viu.

“Você não deu a com ida para eles”, ele disse. Não era um a pergunta.

“Não.”

“Foi m elhor m esm o não falar nada para o Griffin.”

A água estava ótim a. A única coisa pura e refrescante desde o prim eiro dia

naquele lugar onde tinha visto a cabeça de Henry Hewitt em palada em um

m uro. De onde estava, com água até a cintura, no m eio do riacho, via Seth,

esperando no lugar onde Ben e eu deixam os a garrafa de uísque pela m etade,

olhando para gente enquanto nadavam os e brincavam os um com o outro. Mas,

quando olhei para ele novam ente, desapareceu entre as árvores.

Naquele m om ento, estava convencido de que Seth iria em bora.

Lavam os nossas roupas, m as as de Ben ficaram com m anchas pretas de

sangue. Quando ficam os todos cansados de nadar, prom eti aos m eninos que os

ensinaria a pescar.

Usando um anzol feito de um pino de segurança e um a linha do kit de

prim eiros socorros de Griffin, e com nada mais que algodão de curativo com o

isca, pegam os dois peixes. Sentado sem roupas à margem do rio, cortei os peixes

com a minha faca e com a carne crua enquanto nossas roupas secavam sob o

calor da tarde, penduradas nos galhos de um salgueiro.

Nenhum dos dois tinha comido peixe antes e Griffin disse preferir peixe a

balas.

“Podem os meus orar aqui?”, perguntou.

“Acho que não estão os longe o suficiente, Griff”, respondi. “Podem os ficar

aqui alguns dias e ver o que acontece.”

Ben jogou um pouco de comida para o cachorro de Griffin. “Até onde a

gente precisa andar?”

“Não sei. Acho que estão os no caminho certo. Estou sentindo cheiro de meu ar.

Talvez, continuando a descida pelas montanhas. Tenho um pressentimento de que

vamos os encontrar gente lá.

“Gente normal”, disse Ben.

“Tudo bem”, disse Griffin. “Você esteve certo até agora, Jack. Se

encontrarmos gente, talvez sejam de todos os tipos. Quem sabe algumas meninas

também.” – Ele aproximou o rosto do meu peito ferido. “Parece que me elhorou.

Ainda está doendo?”

“Agora só está coçando.”

“Que bom .”

O cachorro latiu um a vez. Ficam os a postos, ouvindo, observando, esperando

algum a coisa acontecer. O cão agora rosnava, com as orelhas em pinadas.

Algo vinha pelas árvores.

Então os vi.

– Duas das criaturas.

Pararam quando o cachorro latiu m ais um a vez, m as dava para ver o verm elho flam ej ante de um a das m arcas.

Era Conner.

Ouvi batidas insistentes.

O som de um a m açaneta girando.

“Dorm iu na banheira, cara?”

Abri m eus olhos, tive de pensar onde estava.

Conner estava ao m eu lado.

Esticou o braço para fechar a água.

“Tá gelada, cara. Você entrou naquelas de novo?”

Apalpei o rosto, m as não senti os óculos.

Era com o se apenas tivesse feito um passeio por lá. Era a única explicação:

Marbury estava se tornando m ais e m ais com o esse m undo. Tão fácil quanto

entrar em outro côm odo da casa, ou m udar o canal da TV.

Isto é real.

Você estragou tudo de novo, Jack.

Preciso voltar.

“Não, eu... eu...”

“Jack? Conner? Tudo bem aí?”, era a voz de Nickie, do outro lado da porta.

“Tudo bem . Acho que ele dormiu na banheira”, disse Conner.

Ele parecia puto.

Esfreguei os olhos e senti o enjoo que já comecava. Mas não sentia as pernas.

Não conseguia me mexer.

Conner se abaixou e, com força, tentou me levantar pelo braço. Não tinha

cuidado, não parecia Conner. Doía. Conner aproximou o rosto do meu

sussurrou, “Você tava fazendo merda de novo, não é?”.

Conner tentou me levantar novamente.

“Não, Con, eu juro! Eu... acabei dormindo.”

“Olha pra você. Sua boca tá roxa, porra. Levanta.”

Logo que me sentei, virei o corpo de lado para vomitar no vaso.

“Você estava lá, não é?”

“Não.”

Onde coloquei aquelas lentes malditas?

Conner apenas olhou para mim e sacudiu a cabeça.

Ele sabia que eu estava mentindo.

Jack, seu mentiroso de merda.

“Agora veste a roupa, seu bosta. As meninas estão esperando.”

Meu am igo nunca tinha falado assim com igo. Era com o um soco na cara.

Mas eu m erecia.

Vai se foder, Jack.

Conner j ogou um a toalha sobre a m inha cabeça e soltou um suspiro exasperado.

“Você falou que ia dar um j eito naquela m erda, Jack. E agora olha o que tá

acontecendo com você. Olha no espelho, porra!”

Conner saiu e fechou a porta. Ouvi quando ele falou com Nickie, “Não sei o

que está acontecendo com ele. Dorm iu na banheira, m as falou que está tudo bem

e que j á está vindo”.

Me senti horrível, m ais por ter decepcionado m eu m elhor am igo, por m entir

para ele. Conner devia estar pensando que eu não m e im portava, que tudo o que

eu queria era foder m inha cabeça com aqueles óculos.

Sequei o rosto com a toalha. Estava pálido, com os m úsculos travados de frio.

Tac. Tac. Tac.

Ah, não.

“Jack?”

Era apenas Nickie que batia à porta com a palm a da m ão.

Suspirei.

Vai se foder, Jack.

Nickie olhava para m im pela porta entreaberta.

Aflito, tentava cobrir o corpo com aquela toalha minúscula, enrolada desajeitadamente em volta da cintura.

“Desculpa”, Nickie disse, escondendo-se atrás da porta, com o seio a trespasse

assustado.

“Está tudo bem”, respondi, vestindo a toalha com o um a saia.

“Se não estiver se sentindo bem, a gente pode ficar no hotel pra você descansar.”

Estava eu me sentindo ridículo. Olhava para mim tinha minha orelha aberta com as

roupas e depois para a porta. Entre um a e outra, ficava ali, parado, sem saber o

que fazer. Acabei abrindo a porta, para que ela pudesse me ver.

“Estou bem. Mesmo.” Tentei sorrir. “Lembra que te falei que eu estava

cansado? Eu acabei dormindo, só isso.”

Nickie me fitava com um sorriso confiante. Nem se preocupava em disfarçar

enquanto seus olhos desciam pelo meu corpo.

Fiquei tão acanhado. Mesmo com a minha mão agarrada ao nó na cintura, tinha

medo de que aquele paninho de nada estivesse me mostrando alguma coisa. O olhar

de Nickie me exia com algo, tanto que já começava a sentir aquela toalhinha ridícula

se esticando. Tentei disfarçar o volume inconveniente que me ergia.

Querida um buraco para me esconder.

“Olha!”, ela disse, um tanto surpresa. “É seu?”

Nickie se abaixou tão perto da minha cintura que senti a brisa de seus cabelos

esvoaçantes na minha mão que eu tinha colocado na frente do meu pinto. Ela pegou os

óculos entre as roupas dentro do meu chila.

“Que meu odernoso.” Ela disse. E riu. “E roxos ainda por cima!”

Afobado e confuso, quase entrei em pânico.

“Não, Nickie...”

E fiquei ali, indefeso, totalmente paralisado, um a minha mão lutando contra a

ereção impossível e a outra agarrada àquela toalhinha, tudo aquilo enquanto

Nickie desdobrava as hastes e colocava os óculos em seu lindo rosto.

“Nickie...”

Quando Nickie se virou para mim, vi as lentes ganharem vida, com o se

fossem buracos profundos brotando da cabeça dela, iluminando um outro mundo.

As árvores.

Vejam o Conner em pé no meio delas.

E Griffin.

Assustado, Griffin foge de alguma coisa. Corre muito. Está sem roupas e

ainda me olhado da água do rio. Suas calças balançam ao vento, penduradas ao

galho do salgueiro.

Correndo.

Não olhe, Jack.

Estendo os braços e seguro os óculos pelas hastes.

“Tá bom , Nickie. Já chega.”

Enquanto tiro as lentes de seus olhos, eu o vejo.

Freddie Horvath.

Ele está lá tam bém .

Freddie Horvath deixou minha cabeça assim.

Socorro.

Ouvia os gritos de Griffin.

Ele precisava de ajuda.

Nickie sorriu e, confusa, franziu a testa. “Não me diga que você consegue

enxergar por essas lentes, Jack?”

“Ahn, sim .” Estiquei a toalha com as mãos.

Nada rolava lá embaixo depois do que Jack viu essa merda.

Então, sem olhar, dobrei os óculos e os enrolei em um a cueca, que enterrei

no fundo da mochila.

Freddie Horvath estava lá.

E tinha me visto.

Griffin precisa de ajuda.

Engoli seco, endireitei o corpo e acertei a toalha na cintura. “Você conseguiu

enxergar alguma coisa?”

“Não”, Nickie levantou os ombros. “Não dá para ver nada. Tudo escuro.”

“Ah, tá.” Suspirei.

Alívio.

Talvez.

“Então anda logo”, ela disse, passando a mão pelo meu peito. “A gente está

morrendo de fome. Você precisa pelo menos vestir uma calça ou alguma coisa

que dê para cobrir... suas partes mais salientes, Jack.”

Nickie sorriu, piscou para mim, girou nos calcanhares e, saiu do banheiro.

Parte quatro

A LENTE DE MARBURY



QUARENTA E TRÊS

Vou te contar algumas coisas sobre Jack.

Meu pai se chama Mike Heath. Apesar disso, me chamam o John Wyman Whitmore IV, com o pai de Amy, conhecido como o Wyman.

Nunca vi Mike sequer uma vez na vida. Na verdade, somente soube dele

olhando alguns álbuns de fotos do colégio de Amy. Não tinham se preocupado

em escondê-los.

Nem ao mesmo tempo pensaram que o pequeno Jack pudesse ter tal curiosidade.

Mike Heath e Amy se formaram no mesmo ano: 1994, um ano antes de o

pequeno Jack sair para o mundo por entre as pernas de Amy, escorregando pelo

chão da cozinha. Mike parecia ser um sujeito de poucas palavras. Tinha escrito

apenas “Te amo, Amy” abaixo de sua fotografia. Olhar para aquela foto era

como me ver no espelho. Não restava qualquer dúvida no triste caso de

paternidade de Jack Whitmore.

Mike era do time de basquete, alto e magricela – todo joelhos e cotovelos,

exatamente como seu garoto aqui –, e mesmo o que todos os garotos do colégio

usassem cabelos curtos e perfeitos penteados em 1994, os cabelos castanhos

de Mike eram exatamente como os do filho: com pridos, na altura do queixo, um a

onda que terminava em pontas leves loiras. Mike inclusive tinha o mesmo

sorriso torto que Jack mostrava nas fotos de seu próprio álbum.

Meu pai.

Meio que dá um nó na garganta, não é?

Vai se foder, Jack.

Tinha descoberto que Mike tinha se mudado para San Luis Obispo depois de

se formar. Sempre o procurava pela internet. Ainda me orava lá.

Alguns as vezes,

com o eçava a dirigir até lá para tentar ver seu rosto, apenas para saber com o seria

o Jack de 30 anos, mas as Conner sem pre me convencia a desistir da ideia. Para

quê, afinal? O papai de Jack não estava lá muito interessado em passar as tardes

no parque jogando beisebol com seu filhinho.

É, vai se foder também, Mike.

Amy não se formou no Glenbrook. Wyann e Stella a transferiram para outro

lugar assim que Jack se esparramou pelo belo chão da cozinha deles. Mas não

im porta. Não precisavam me contar a história. Era fácil adivinhar que Mike tinha

dado um pé na bunda da pobre garota logo que soube onde seu sêmen tinha ido

parar: não em uma privada ou em um pedaço de papel higiênico qualquer, mas

sim na incrível fábrica de fazer Jacks da Amy. E assim que meus avós

me andaram Amy para longe, e longe a me antiveram, Jack nunca mais viu sua

me amãezinha.

Quando completei 16 anos, Amy estava me orando na Indonésia com um

artista australiano que era um ano mais velho que Wyann.

Ah, que gracinha. A mamãe do Jack.

Vai se foder, Amy.

Era isso. Odiava os dois: Mike e Amy. Mas não odiava Wyann e Stella.

Era

diferente. Não sentia nada por eles. Nada. Se fossem m obília ou papel de parede,

não faria diferença.

Apesar de tudo, não sinto pena de m im m esm o. As coisas eram assim e,

depois de dezesseis anos, Jack j á estava acostum ado. Na verdade, para ser

sincero, a única pessoa que am ava de verdade era Conner. Além de Ben e

Griffin, do outro lado. Desconfiava de que estava com eçando a sentir o m esm o

por Nickie tam bém – e não só porque eu e ela notam os que ela m e deixava de

pau duro.

Mas Jack j á estava estragando as coisas com Conner e não dem oraria a fazer

o m esm o com Nickie.

Não gostava daquilo.

Não gostava de não saber por onde com eçar.

Fom os a um restaurante indonésio em Blackpool e durante o j antar contam os

nossas pequenas autobiografias. Não m e senti envergonhado por falar sobre Mike

Heath e Am y e do quanto os odiava, ainda m ais naquele m om ento em que tinha

pisado na bola com Conner e por tudo o que acontecia em Marbury. É claro que

não contei a parte sobre Ben e Griffin e o quanto Nickie m e estim ulava ereções,

me as olhei diretamente nos olhos de Conner quando disse que ele era a única

pessoa no mundo que eu realmente amava.

Sei que aquilo também era importante para ele porque não fez nenhum a

piada de gay, com o qual sempre fazia. Conner apenas deu um tapinha na minha mão

sobre a minha, com um olhar um tanto desconcertado. Pelo menos, sabia que

Conner estava arrependido de ter falado daquele jeito comigo, mesmo o que eu

merecesse.

“E então aconteceu uma coisa muito ruim umas três semanas atrás”, falei,

olhando para as pequenas porções de comida sobre a minha. “Um cara me

drogou, me sequestrou e tentou me estuprar. Ele me deixou sem roupa por dois

dias e pode-se dizer que me torturou também. Com uma arma de choque. Mas

eu consegui fugir. Às vezes, acho que as drogas que injetou em mim para me

dopar fizeram alguma coisa com a minha cabeça.”

Freddie Horvath fez alguma coisa.

Conner me ordeou o lábio.

Nickie e Rachel ficaram olhando para mim e depois para Conner, tentando

decifrar se eu falava sério ou não.

Tomou um gole de água. Estava sufocado. “Desculpa. Só estava vendo se

conseguia contar. Nunca tinha falado sobre isso com ninguém além do Conner.

Ele salvou minha vida. Olha só, foi por aqui que fiquei preso.”

Arrastei a cadeira para trás, tirei o calcanhar do tênis e abaixei a minha

mostrando a cicatriz que Freddie tinha deixado em Jack. Nickie olhou para mim

como se talvez também sentisse a dor que senti. Ou talvez fosse o alívio de finalmente

saber alguma coisa de verdade sobre mim, não sei. Colocou os dedos sobre a

cicatriz e a acariciou levemente. Ela acreditava em mim. Beijou minha

bochecha e disse, “Você é muito corajoso, Jack”.

“Pronto. Agora é a vez da Rachel”, falei, pigarreando.

Desconfortável, Rachel se ajoelhou na cadeira, olhando para cada um de nós.

“Moro perto de Harrogate, com quatro irmãos mais novos, minha mãe e eu

pai, que é médico numa clínica em Leeds. Minha vida é bem normal. Estou

sem visitar a Nickie. Já fui para os Estados Unidos, mas nunca para a

Califórnia e, até pouco tempo, não dava muita bola para meus amigos americanos.”

Rachel deixou escapar uma risadinha e colocou a mão sobre a de Conner.

Conner sorriu. Ele sempre tinha aquela expressão quando ficava nervoso.

Essa era uma coisa que nunca tinha entendido a seu respeito: ele sempre ficava

se m ostrando quando estava com igo, m as ficava envergonhado quando era o

centro das atenções. “Nasci e cresci em Glenbrook. O Jack foi m eu prim eiro

am igo, e é m eu m elhor am igo. Faço qualquer coisa por ele. Eu am o esse cara.”

Então, m e olhou de relance e continuou, “A gente sabe tudo um do outro, sem

segredos. Fazem os cross-country j untos, dirigim os o m esm o tipo de cam inhone, som os praticam ente irm ãos. Meus pais são corretores, e tam bém

am o os dois”.

Enquanto falava, Conner olhava para m im , franzindo um pouco a testa, m as

j á deveria saber que não precisava se preocupar. Não m e sentia m al com o que

ele estava falando. Sabia o quanto era próxim o da fam ília.

“Tenho um irm ão m ais velho, o Ry an, que estuda em Berkeley, então sou o

único que sobrou em casa. Ah, e eu não tenho nam orada, não im porta o que o

Jack disse. E o Jack e eu decidim os vir estudar em Kent no próxim o sem estre.

Pronto, agora é a vez da Nickie.”

Já sabia o que ela diria. O nom e dela é Nickie Strom berg, o pai trabalha em

um a em presa do ram o portuário em Estocolm o, onde a fam ília tem outra casa.

“Tenho um irm ão m ais novo, o Ander. Ele tem 15 anos e j oga futebol. Ele é

muito engraçado, vocês iam gostar dele. Espero que vocês dois venham mesmo

estudar na Inglaterra, porque já me considero uma de vocês.

“De qual dos dois?”, Nickie ficou vermelha com a pergunta de Conner.

Nickie deslizou a mão por minha coxa. Aquilo me deixou louco. Naquele

momento, admito, queria fazer sexo com Nickie mais que tudo. E, quando sua

mão subiu para a minha virilha, também descobri outra coisa sobre Jack e o sexo:

não queria ser o mesmo filho da puta que Mike Heath tinha sido comigo e com

Am y.

“Vou continuar a sessão biográfica”, falei. A mão de Nickie estava dobrada

por debaixo da minha perna. Não queria me levantar. Com certeza iam perceber.

Gaguejei e tentei não pensar na mão dela. “É uma história de fantasma, de um

menino que viveu na Califórnia nos anos 1880. Seu nome era Seth Mansfield.”



QUARENTA E QUATRO

A história de Seth [3]

Em 1885, em um a m anã de verão escaldante, tio Teddy nos visitou pela

prim eira vez. Atravessou a fazenda olhando reto, a passos duros. Ia em direção à

cidade. Sentado nas escadas da varanda, logo após o café da m anã, eu

observava Hannah alim entrar as galinhas. Foi quando o vi ali, parado, segurando

sua pouca bagagem debaixo do braço, esperando ser convidado para entrar.

Davey trabalhava no m oinho e papai j á tinha saído para cuidar das vacas. A

culpa parecia pesar ainda m ais sobre m im naquele dia, pois aquele hom em

parecia o próprio diabo, que vinha cobrar o preço de m eus pecados com Hannah.

Tio Teddy levantou a m ão e disse, “Olá, crianças”.

Hannah deixou o balde no chão. “Vou cham ar m am ãe.”

“Vou com você. Talvez ele vá em bora.”

“Seth”, Hannah m e repreendeu. Com um leve tapa na m inha cabeça, entrou

pela porta da casa.

Aos 14 anos, duas coisas eram verdades im utáveis para m im : Hannah e eu

nos am ariám os para sem pre e um dia seriam os m arido e m ulher. Ela tam bém

acreditava: m e dizia isso todas as vezes que fugíam os para a floresta ou para o

celeiro de papai. Em nossas escapadas, nos acariciávam os e nos beij ávam os de

boca aberta, com as mãos por baixo das roupas, chegando perigosamente perto

de fazer aquilo que meninos da nossa idade já mais poderiam ser pegos fazendo.

Queria ser puro, ser uma pessoa boa, e sabia que era errado o que eu e

Hannah fazíamos. Mas a todo momento, dormindo ou acordado, era consumido

pelas fantasias do próximo momento em que ficaríamos a sós.

Davey tinha 18 anos naquela época e sabia muito bem o que estava acontecendo, mas nos amava tanto que fazia de tudo para que nós não nos

visse. Sem prenos sentíamos os desesperadamente culpados. Todos nós.

Tentava medir as consequências do que então já se tornava uma atração

incontrolável. Às vezes, me convenciam de que papai e mãe receberiam bem

nossa relação, mas, na maioria delas – principalmente quando estavam os todos

bem vestidos, sentados no banco da igreja um ao lado do outro: papai, mãe,

Davey Hannah e eu –, sentia-me um pecador pervertido por ter pensamentos tão

vulgares.

Mas então me senti ainda mais culpado, de várias formas, quando o antigo

pastor tinha adoecido e morrera no fim do inverno, porque Necker's Mill não

tinha mais um padre, o que me deixava muito aliviado, já que não seria mais

escrutinado pelo Senhor a cada domingo.

Quando viu que ia em sua direção, tio Teddy deixou a sacola no chão e

exclamou:

“Mas que rapaz aprumado!” Ele sorriu e estendeu a mão, mas não a apertei

com o um homem em de verdade deve fazer. Tio Teddy suava muito, e eu contraindo

cantos da boca, tentando disfarçar a repulsa que meu rosto queria demonstrar.

“Sou o reverendo Theodore Markoe, mas todos me chamam de tio Teddy.

Necker’s Mill ainda está muito longe, meu jovem?”

“Não muito distante”, eu disse, e, pensei que era melhor me uder minha

atitude, já que Hannah e mamãe se aproximavam.

Mal tinha chegado, mamãe já me fazia carregar a mala de tio Teddy até a

casa. Tinha convidado o reverendo para o café da manhã, dizendo que não seria

direito deixar um homem de Deus caminhar tanto sob aquele sol sem um a

refeição decente. Prometi até pedir a papai ou a Davey que o levasse pelo

resto do caminho em nossa carroça.

Não foi difícil para a população local se ajustar ao Preterismo de tio Teddy.

Era uma vertente do Cristianismo muito popular entre várias comunidades dos

Estados Unidos daquela época e trazia uma espécie de alívio aos

pecadores já

que, com o tio Teddy prometia, “o acerto de contas já estava feito” e viviam os na

era da glória de Deus.

Eu tentava acreditar naquilo sem pre que saía às escondidas com Hannah.

A única coisa que podia fazer era suportar. Quando o assunto era a minha

domingo, não podiam os contestar. Davey dava o melhor exemplo de resistência

quando o desafio era permanecer sentado por horas no banco da igreja. Tinha

me ensinado, desde que eu era bem novo, a me concentrar em outras coisas

mais interessantes, com o caçar e pescar. Ainda assim, devo admitir que esperava

ansiosamente pelo momento das orações: era quando podia segurar a minha

Hannah sem ter de me esconder.

Hannah tinha pensamentos tão corrompidos e desvirtuados quanto os meus.

Na primavera daquele ano, com em oramos meu aniversário de 14 anos na data

em que papai tinha me encontrado dormindo no meio do ato e da lama, com o

sem pre faziam os. Era apenas uma estimativa da minha idade, mas os Mansfields

chegaram à conclusão de que eu era um ano mais novo que Hannah, talvez ao

verem o quanto era franzino quando me despirem no dia do meu primeiro banho.

Mesmo assim, com 14 anos eu já era mais alto que a mamãe e minha fisionomia

e meu porte estavam mudando.

Então, naquele dia, pouco mais de um mês após a visita de tio Teddy, Davey

e eu fomos nadar no rio antes do jantar, essa era a única forma de tomar os

banho no verão, pois a água do poço ficava muito gelada. Hannah saiu escondido

de casa e se esgueirou pelas árvores para nos observar. Era muita ousadia fazer

aquilo, ela nos encontraria sem roupas.

“David Ewan Mansfield!”, ela chamou. Soava toda imponente quando dizia

nossos nomes com pletos. “Vista as roupas e volte para casa. Mamãe está

chamando.”

Davey estava ao meu lado, os dois com a água esverdeada até o pescoço.

“O que ela quer?”

“Não perguntei.”

Comemos e nadamos até a margem e gritei, “Hannah, olha para o outro

lado”.

“Ela não te chamou, só o Davey.”

“Droga.” Davey disse para si mesmo.

Foi alarmante ouvir a reprovação de Davey. Logo ele. Talvez tio Teddy

tivesse surgido em uma boa hora, afinal de contas.

Davey vestiu as calças, jogou o resto das roupas sobre o ombro e desapareceu pela vegetação.

Ouvi a risada de Hannah.

“Davey vai ficar furioso com isso, Seth. Mamãe nem está em casa.”

“Isso foi mal, Hannah, Por que você fez isso com ele?”

“Porque eu queria ficar a sós com você, ora.” Então Hannah saiu de trás das

árvores onde estava escondida.

“Quer entrar na água?”, perguntei.

“Não, sai você.”

“Então olha para lá.”

“Não.”

“Então não vou sair.”

Hannah se virou e se sentou na grama. Fiquei olhando para ela enquanto

esperava pacientemente que eu vestisse as calças.

“Pronto, pode olhar.”

Hannah estendeu a mão e, quando a segurei, me puxou para sentar-me ao

lado dela. Me sentei e olhei para seu belo rosto, ouvindo o sonolento barulho da

água. Sabia, sem dúvida, que não havia ninguém nesse mundo de que eu poderia

me sentir tão próximo, ou que seria mais bonita do que Hannah, sentada sob

aquele céu de verão.

“O que você está olhando?”, ela perguntou.

Fechei os olhos. “Você acredita no que tio Teddy diz? Que esse é o último dos

mundos? O mundo da glória eterna?”

“Enquanto eu estiver com você, Seth, não me importam outros dias, nem

passados, nem futuros.”

“Você não se sente culpada?”

“Por quê? Você se sente?”

“Não por te amar. Mas fico com medo, às vezes.”

“Apenas me sinto sozinha esperando por esses momentos em que posso ficar

com você, Seth.”

Corri os dedos pelos cabelos de Hannah. Suas bochechas coravam quando a

beijei.

“Te amo, Hannah.”

Ela trouxe um livro de casa, e o lia para mim enquanto eu estava deitado na

camada, olhando para ela e me deleitando com sua voz tão bonita.

“Lembra onde paramos?”

“A Marcha”, eu respondi.

“A Marcha de Miles Standish”, ela respondeu, encontrando a passagem no

livro.

Após alguns minutos, Hannah parou de ler e olhou para mim. “Já lembrou dessa

parte.”

Sorri e segurei sua mão. “Eu gosto dessa parte com os índios.”

“Nós nunca vamos chegar ao casam ento se ficarm os lendo trechos de guerra

e m orte.”

“Casam ento de quem ?”

“O nosso. Ou o m eu com Brett Whitmore, se você dem orar m uito.”

Assim com o m am ãe, Hannah adorava provocar o Davey e a m im ; e todos

sabiam o quanto aquele Whitmore gostava de m inha Hannah.

“Brett Whitmore daria um bom m arido”, provoquei de volta.

Hannah riu e colocou a m ão sobre m eu peito nu. Fui fraco. Não resisti e puxei

sua boca para a m inha língua.

Naquela tarde, sobre a gram a tenra à m argem do rio, Hannah e eu fizem os o

que não deveríamos ter feito, aquilo que sabíamos os ser inevitável. Depois, fiquei

atrás dela à beira do rio, vendo ela agachada, com a saia levantada acim a dos

olhos, se lavando entre as pernas.

“Te m achuei?”

“Um pouquinho.”

“Desculpa.”

“Não precisa pedir desculpas, Seth. Te am o m uito.”

“Me desculpa.”

Eu m e sentia tão consum ido pela culpa e pela vergonha que assim que voltei

para casa não disse nada a Hannah, fui direto para o quarto rezar por nós dois.

Menti para mamãe que tinha febre e me tranquei no quarto até a casa ficar em

silêncio. Juntei as roupas que podia e enfiei em uma fronha, convencido de que

se ficasse mais um dia ali, acabaria por destruir a família que tinha me acolhido.

Não me esqueço do que testem unhei enquanto caminhava pelas ruas escuras

do vilarejo: a maior chuva de meteoros que já tinha visto na vida. Com o seu

céus chorassem lágrimas cintilantes por mim e por Hannah. E pela minha alma

vil.

Em tempo, mamãe e Hannah ficaram tão chateadas que Davey saiu à minha

procura.

Um menino chamado Whitmore.

E eu sabia, agora me lembrei brava daquilo que me conectava a Seth.

“É uma história muito bonita, Jack”, Rachel elogiou. Via a luz tênue da vela

refletida em seus olhos.

“Muito romântica”, concordou Nickie. “Onde você leu?”

“Vocês acreditam em fantasmas?”

Conner chutou minha canela debaixo da mesa. “Ele está brincando. É só uma

lenda da nossa região.”

“Eles ficam juntos no final?”, perguntou Nickie.

“Seth foge para uma cidade chamada Napa e acaba sendo encontrado pelo

Davey, quatro m eses depois, no inverno.”

“Chega, por ora. Acho que a gente podia fazer algum a coisa m ais anim ada.

Depois, na hora de dorm ir, o Jack conta m ais historinhas.”, Conner disse.

E riu.

Segurei a m ão de Nickie. “Conto m ais depois.”

“Prom ete?”

“Prom eto.”



Q UARENTA E CINCO

Depois de com erm os, fom os a um a boate. Estávam os suados e cansados

quando chegam os ao hotel, às duas da m anhã.

Nickie não soltou m inha m ão ao longo de todo o cam inho e, enquanto

cam inhavam os pela calçada, encostou a cabeça no m eu om bro e perguntou

baixinho o que m e assustava – porque ainda estava tão assustado.

É o seguinte, Nickie. Ele fez alguma coisa com minha cabeça, e agora estou fudido.

Tentei não m e sentir envergonhado, estava feliz pelo escuro e pelo silêncio, e

contei o que lem brava sobre aqueles dias, desde que fui sequestrado até a volta

para a casa de Conner. contei até com o achava que m erecia aquilo e que tinha

m achucado m eu próprio tornozelo de propósito, m as não consegui falar sobre a

m orte de Freddie.

Jack matou Freddie Horvath.

Não por m im , m as por Conner. Não queria arrastá-lo para aquilo. Tudo o que

Conner tinha feito, parecia, tinha feito por m im . O m ínim o que eu podia fazer

para retribuir era guardar o segredo.

Nickie parou de andar. Suspirou. A noite estava fria e podia escutar as ondas

quebrando na praia.

“E se eu não for a aj uda que você precisa, Jack?”

“Não é isso, Nickie.”

“E se ninguém puder te aj udar?”

Ela parecia assustada.

“Eu vou ficar bem ”, m enti.

Conner e Rachel iam à frente. Ele parou, sorrindo, apoiado na porta aberta do

quarto enquanto Nickie e eu nos beij am os um a últim a vez no corredor.

E, então, tudo desm oronou para o Jack, de um a vez.

Tinha sido fácil ocupar a m ente com a m úsica e as distrações de Blackpool,

mas, logo que a porta se fechou no silêncio do quarto, Jack sentiu o pânico tomá-lo

conta. Tinha vergonha de tirar a roupa na frente das meninas e medo de estar

afastando Nickie de mim. Mas não conseguia fazer nada. Sabia que Conner

esperava que eu me livrasse dos óculos. Também tinha medo de Seth comê-la

fazer barulho. Tentava esquecer, sem sucesso, o que tinha visto do outro lado das

lentes de Marbury : Griffin correndo assustado, gritando por minha ajuda, e ver

Freddie Horvath lá, com o se estivesse me esperando, caçando.

O espaço que separava os dois mundos já não era um abismo: era quase

nada.

Frustrado, não disse nada. Peguei uma coberta e um travesseiro da “camara

dos meninos” e joguei no chão, abaixo da janela.

“Pode dormir na cama, Con. Vou para o chão”, eu disse.

Tremendo, aterrorizado, olhava para o chão, com o se fazer aquilo me

deixasse invisível. Tirei a roupa o mais rápido que pude, antes que Conner fizesse

algum comentário, e me enrolei na coberta.

“Tem certeza, Jack?”

“Sem problema, cara. Estou tão cansado que dormiria até na banheira de

novo.”

Não devia ter falado aquilo.

Tentava disfarçar, mas não conseguia tirar os olhos de Nickie enquanto ela

deslizava as pernas longas e delgadas para fora das calças e subia a blusa pelos

braços, bem ali ao meu lado, só de calcinha e sutiã.

Conner nem se alterou. Tirou as roupas despreocupadamente e se jogou na

cama. “Jack, lembra do que eu te falei? Podem os dar um jeito naquilo amanhã

de amanhã, não é?”

É claro que eu sabia o que ele queria dizer.

Os olhos.

“Claro. Pode deixar. Boa noite, Con. Boa noite, meninas. Foi muito legal.”

“Tamém achei”, disse Rachel. “Gostei das suas histórias, Jack.”

“É. Você é lindo”, cometeu Nickie. Ela se ajoelhou ao meu lado para me

dar boa noite e encostou sua boca na minha, foi a primeira vez que a língua de

Jack sentiu a de uma menina. Se tivesse me beijado por mais um segundo, eu

teria perdido o controle.

Nickie apagou a luz, mas continuei a olhar para suas pernas, e as de Rachel

também, enquanto elas se deitavam. Meu coração batia tão forte. Jack nunca

tinha sentido isso por alguém. Era assustador. E emocionante.

Ouvi a respiração pesada de Conner. Já dormia.

Mesm o cansado, eu não conseguia dorm ir. Era im possível relaxar m inha

m ente por um segundo sequer: entre Nickie, Conner e os m alditos óculos. Queria

tanto m e levantar só para pegá-los na m ochila e voltar para Marbury, m as não

faria aquilo com Conner. Estava determ inado. Ou talvez fosse apenas um

covarde com m edo de deixá-lo nervoso de novo.

Fiquei deitado de lado, olhando pela j anela.

Vai se foder, Jack.

Então, ouvi algum a coisa se m exendo e pensei, *Que ótimo, vai acontecer de*

novo.

Mas era Nickie.

Bem devagar, Nickie levantou a m inha coberta e enfiou as pernas em baixo

dela, para dentro de m inha pequena cam a.

Achei que m eu coração ia sair pela garganta quando ela m e abraçou por trás

e m e beij ou a nuca.

“Nickie”, sussurrei.

Ela não respondeu. Sua m ão percorria m eu corpo e descia pela barriga.

Trem i. “Nickie, não dá, eu... não sei fazer nada...”

Sua m ão desenhava um círculo em volta do m eu coração e quando ela

apertou o corpo contra o m eu, percebi que ela não vestia nada. Podia sentir as

pontas de seus mamilos se esfregarem nas minhas costas. Nickie me apertava

forte. Me deixei levar, tremendo todo, com o que sentisse uma coceira em cada

nervo do meu corpo. Mas era bom. Ela me abraçou firme, sua língua

suavemente provando meu pescoço.

Nunca imaginei isso.

Não queria estar em nenhum outro lugar.

“Eu nunca fiz isso”, sussurrei. Estranhei minha própria voz. Estava assustado.

“Eu sei.” Sua voz era um sussurro quente no meu ouvido.

Ela deslizou para mim pela minha barriga, seus dedos subitamente levantaram o

elástico da cueca, sua mão me orna seguindo a curva dos meus quadris. Quando

seus dedos me agarraram, Jack parou de tentar se segurar; e tudo, rapidamente,

jorrou para fora de mim, me senti como se tivesse virado do avesso, por todo

lado, dentro de minha cueca, derramando tudo sobre a mão de Nickie.

“Ai, meu Deus, Nickie”, sussurrei. Estava muito assustado e envergonhado.

“Desculpa.”

“Shhh...” Ela beijou minha orelha, e seus dedos deixaram uma trilha viscosa

por minha barriga.

Eu me virei e me deitei de costas. Nickie colocou o ombro debaixo do meu

braço e seus cabelos cobriram meu peito. Estava muito constrangido.
Tinha feito

um a bagunça nas cobertas e no chão, e minha cueca estava
encharcada e

grudada na pele. Nickie me beijava devagar.

Queria ficar ali para sempre.

Sob a tênue luz que vinha da janela, Nickie e eu fizemos amor
outras duas

vezes naquela noite.

E Jack finalmente dormiu.



QUARENTA E SEIS

Acordamos quase ao meio-dia.

Conner e Rachel, sabe-se lá com o quê, foram parar juntos na “camada dos
meninos”.

Aquela divisão não tinha durado nada, pensei.

Nickie e eu estávamos deitados, olhando o céu nublado pela janela,
enrolados

na coberta que tinha levado para o chão. Me lembrei o que fizemos
naquela

noite, me senti um idiota envergonhado. *Igualzinho ao merda do Mike
Heath, não*

é, Jack?

Tal pai, tal filho, filho da puta!

Logo Jack foi tomado por aquela com pulso terrível, tremendo, imaginando

se havia um jeito de enfiar a mão na mochila e dar apenas uma olhadinha

pelos lentos, só para ver se Griffin estava bem e se Freddie Horvath estava lá

meu, com o que tinha visto no banheiro antes de jantar.

Precisava olhar.

Então, ouvi o barulho de alguma coisa pequena rolando pelo chão, debaixo da

cama em que Conner e Rachel estavam deitados.

Alguma coisa estranha acontecia com algo. Estava enjooado mais de uma forma

que me assustava. Estava piorando.

Conner foi o primeiro a notar o que tinha acontecido naquela noite. Ele se

arrastou para a beirada da cama e olhou para baixo. Quando nos viu deitados,

seus olhos brilharam e disse, “Putá que pariu! Não se mova!”

Ele pulou da cama, tirou meu celular do carregador e, com suas pernas

longas e peludas acima de nós, começou a tirar fotos, anunciando, “Obrigado,

Senhor! Estou tão orgulhoso de meu Jack!”.

Escondi nossos rostos debaixo da coberta e Conner tirou mais uma foto do

meu dedo do meio estendido, enquanto Nickie me beijava debaixo das

cobertas. “Bom dia.”

“Então, agora que já tá tudo certo, ninguém vai precisar dormir no chão hoje

à noite”, Conner argumentou.

Nickie colocou a cabeça para fora e olhou para Rachel. “A gente tem que

levar a Rachel para casa hoje, em Harrogate, e depois tenho que voltar para

Londres, infelizmente.”

Conner soltou um suspiro de frustração e se sentou na cama. Torceu o canto da

boca e vestiu a cueca. Nickie enrolou a coberta debaixo do braço e foi com ela ao

banheiro. Ligou o chuveiro.

“Rachel, traz as minhas coisas, por favor?”

Então, Rachel se levantou. Usava a camiseta de Conner, que descia até o meio

das coxas.

“Bom dia, Jack.” Ela sorriu para nós, pegou a mala de Nickie, entrou no

banheiro e fechou a porta. Podíamos ouvir elas conversando e rindo. Fiquei no

chão, de olhos dobrados, ainda tonto com tudo o que tinha acontecido na noite

anterior.

“Cara”,

Conner

disse,

radiante.

“Você

finalmente,

totalmente,

completamente, *fez o negócio.*”

E bateu a mão na minha. “Três vezes”, com pletei.

Senti que ficava vermelho.

“Putam erda!” Conner balançou a cabeça. “Eu e a Rachel só dormimos

juntos. Só isso. A gente só dormiu um do lado do outro. Com o
assim? Eu quase

ganhando minha virgindade de volta com uma das meninas mais
gostosas do

planeta e agora ela tem que ir embora.”

Sorri para ele e dei de ombros. “Se quiser, te dou umas dicas.”

“Porra.” Conner caiu de costas na cama, grunhindo, com o braço
sobre os

olhos. “Três vezes? Eu tô muito mais mesmo.”

Dei um tapinha no olho dele.

“Uma corridinha na praia enquanto as meninas se arrumam?”,
propus.

E me perguntei se Conner descobriria que estava apenas tentando
distrair-lo.

“Tá bom.” Conner resmungou.

Assim que vestimos os shorts, sentei-me ao seu lado para ajudar a
arrumar os

cadarços. Tinha quase certeza de que tinha conseguido evitar o
assunto, mas

conhecia Conner. Ele nunca se esquecia de nada quando colocava algum a coisa

na cabeça.

Era com o se eu fosse um ladrão que tentava inventar um a form a de roubar

de m im m esm o.

Senti um frio na barriga quando Conner m e olhou duram ente nos olhos e

disse, “Então, Jack, agora vam os dar um j eito naquele troço. Me dá os óculos.

Vou j ogar essa m erda no m ar”.

Vai se foder, Jack.

Apoiei os cotovelos sobre os j oelhos e olhei na direção do banheiro. A água

ainda corria. As m eninas conversavam e riam .

“Não quero fazer isso ainda, Con.”

“Cara, você vai foder sua cabeça. Sua vida!”

Freddie Horvath

Fez alguma coisa.

“Você não entende, Con. Não precisa ficar tão preocupado. Não é assim

com o você está pensando. Confia em m im . Não insiste, por favor.”

Conner suspirou, levantou-se e foi até a j anela. Ficou olhando para a praia.

“Foda-se”, ele disse. E com eçou a esvaziar m inha m ochila. “Você prom eteu,

Jack. Você j urou pra m im .”

“Chega, Conner.”

Chega, Jack.

Ele jogou tudo no chão, uma pilha de coisas entre nós. Não sabia o que fazer:

lá estava meu melhor amigo tentando foder minha vida. Fiquei parado, pensei

em empurrá-lo, mas sua mão já saía da minha cueca agarrada a uma cueca. Tudo o

que pude ver eram as hastes douradas dos óculos de Marbury.

“Não, Conner. Por favor”, implorei.

Ele está se tornando meu inimigo aqui também.

Estava tentando me matar.

Tentei agarrar seu braço. Quando consegui, ele me empurrou. Foi quase um

soco. Caí sobre a cama, e as lentes escaparam de sua mão. Enquanto caíam,

girando no ar, eu via cenas de Marbury através delas. As imagens do outro lado

chegavam aos meus olhos com o faróis em uma estrada escura. Conner com

certeza via tudo também : Griffin correndo, eu perseguindo algum a coisa pela

vegetação. Eu até sentia os galhos se quebrando contra meu corpo enquanto abria

caminho em uma corrida desenfreada, gritando “Griffin! Griffin!”.

E vim os Freddie Horvath.

“Porra!”, Conner chutou os óculos para debaixo da cama. “Não olha pra essa

merda, Jack!”

Rolei o corpo e tentei esticar o braço para alcançá-los.

Exatamente como se estivesse de volta na cama da casa de Freddie, não é,

Jack?

Todo enrolado, Jack.

Conner se enfiou por baixo da cama, procurando, com os braços estendidos.

“O que vocês estão fazendo?”, Rachel saiu do banheiro, sorrindo.

“Estão

lutando?”

Tentei agarrar Conner pelos cabelos.

Queria me atar o filho da puta.

Estava tão nervoso que queria gritar.

Conner ficou de joelhos e deu um sorriso amarelo para Rachel,

“Nada, só

deixei cair uma coisa”.

Então, vi que ele enfiava os óculos por dentro do short.

Olhou para mim. Quase sorria, com um ar desafiador, como se dissesse, *E*

agora, Jack? Ganhei, já era. Desiste!

Você já era.

Ele se virou, deu um beijo em Rachel e disse, “Vou correr com o Jack. *A*

gente volta em vinte minutos, no máximo”.

E saiu correndo pela porta. Fui logo atrás. Ele estava correndo rápido.



QUARENTA E SETE

Vou te contar no que o Jack acredita quando o assunto é amizade.

Uma parte de mim – talvez a mais sensata, uma voz que soava com o se

estivesse sufocada por um travesseiro, ou talvez se afogando – sabia que Conner

fazia aquilo porque me amava. O Jack sensato sabia. Ainda assim, persegui-me eu

um dia – pela rua e pela orla da praia, correndo e correndo ao longo de todo

o reflexo tremulo do píer, em direção às águas escuras que o banhavam ao longe

–, era com o seu um enorme dedo médio estendido repetisse *Vai se foder, Jack,*

este é o caminho para o fim do mundo, lá vamos nós, continue correndo!, a

cabeça de Jack berrava, *Foda-se esta merda.*

Conner não entendia.

Ele tentava me salvar, mas estava me matando.

Era com o meu a flechada no peito.

Fazia quanto tempo aquilo?

“Conner! Espera!”

Conner virava o rosto rapidamente e olhava para mim, sem sequer
dormir o

passo, com a mão agarrada firme em entre aquelas lentes.

Preciso delas. Preciso voltar a Marbury.

Tudo o que sentia era esse inexplicável e desesperado com isso
com Ben

e Griffin, dois amigos que tinha acabado de conhecer, mas que talvez
conhecesse

há tempo; e, talvez, uma necessidade enorme de encontrar uma
solução para

meus fantasmas do mundo real – Conner, que eu amava, e Freddie
Horvath, que

tinha feito aquilo com a minha cabeça – então, percebi que estava
completamente fodido.

Se Conner se livrasse daquelas lentes, eu sabia que estaria morto. Lá e
aqui.

Vai se foder, Jack.

Então, você tem essa horrível escolha: salvar a mim mesmo ou
salvar minha

amizade. É por essa razão que os escrotos no poder transformam
meninos em

soldados: para nós, o que nos une é o mesmo país importante – uma
bandeira, um

superior, seu com panheiro – as coisas que merecem nossas vidas, mas
aí do que

nós merecem os elas.

Por isso, Seth tinha fugido de mim.

Por isso Conner agora fugia de mim.

E por tudo isso eu tinha de voltar a Marbury, pelo menos mais uma

vez.

Precisava salvá-los. Afinal, Conner estava lá tam bém . Mesm o que
isso

significasse perder.

Fugir daqui.

Pelo m enos um a vez.

Só um a olhadinha.

“Conner!”

Foda-se este lugar.

Quando Conner se aproxim ava da água, consegui alcançá-lo. Não
queria

brigar, m as tinha de fazê-lo parar. Saltei e agarrei a cintura de
Conner,

derrubando-o com a testa na areia. Caí por cim a dele.

E não acreditava que ele queria m e m achucar, m as Conner acabou

acertando m eu rosto com o cotovelo, tentando se livrar de m im .
Cortou m eu

lábio.

Fiquei tonto e sem ar, apoiado sobre as m ãos e os j oelhos, olhando as
gotas

brilhantes do m eu sangue pintarem um a constelação verm elha entre
m eus dedos

esticados na areia. Os óculos tinham se quebrado com a queda. Um a
das lentes

estava sobre a fina cam ada de água salgada: um pequeno buraco que
descia até

o inferno branco de Marbury.

Conner ficou de pé, encharcado e coberto de areia. Olhava para a

lente aos

seus pés, as hastes retorcidas ao lado dele, quase cobertas pela lama salgada.

“Porra, Jack!”, Conner disse.

Eu não reconhecia aquele tom de voz.

Limpei a boca, deixando um rastro vermelho pelo braço.

Vi que Conner se virava. Ele apanhou a lente solta e o que tinha sobrado dos

óculos, sem olhar, e atirou tudo ao mar.

Uma pequena onda veio, cobriu seus tênis e lavou o sangue entre meus dedos.

O mar estava subindo.

Naquele momento, Jack tinha desistido.

Abaixei a cabeça e apoiei na areia. O mar veio e senti a água salgada em

meus cabelos, em minha boca e nos meus olhos.

Era o fim. Não podia mais voltar.

Era como se o universo tivesse implodido quando Conner arremessou as

lentes ao mar.

E agora o mar subia.

“Levanta. Deixa eu ver isso.” Conner agarrou meu ombro. “Levanta, Jack.”

Levantei a cabeça. Limpei o rosto com a camisa. Um casal nos observava da

praia cautelosamente, tentando entender se estavam se brigando ou apenas

brincando.

Nenhum dos dois, eu acho.

Eles se foram depois que m e levantei e olhei torto para eles.

Com m uito cuidado, Conner tentava levantar m eu rosto para ver o estrago

que tinha feito.

“Tá tudo bem .” Afastei suas m ãos.

“Quem era aquele m enino?”, Conner perguntou.

Com ecei andar em direção à areia seca. Queria ir para casa, onde quer que

ela fosse. Jack estava m orto por dentro.

Conner vinha atrás. “Jack, quem era aquele m enino?”

“Não sei de que m erda você está falando.”

“Eu te vi. Parecia que você estava correndo, em um a floresta. E vi aquele

m édico lá. Freddie. Não estou m entindo. Mas o m enino. Ele estava te cham ando,

Jack. Não sei quem ele era.

“Só um m enino. Griffin.”

Continuei cam inhando. Não queria olhar para ele.

“De onde você conhece ele?”

“Só conheço de lá. Ponto.”

“Ele estava assustado. Ele estava fugindo de m im , não é?”

Continuei andando. “Tanto faz agora.”

Não conversam os pelo resto da m anã. Queria chorar. Mas não chorei.

Claro que as garotas sabiam que algum a coisa tinha acontecido. Viram o

corte na minha boca e que eu não conversava e nem sequer olhava para mim

melhor assim. Conner e eu ficamos um do lado do outro, em burrinhos, fingindo

que olhávamos pela janela do trem na viagem de três horas até Harrogate. Eu

fingi dormir.

Tentei pensar em outra coisa: telefonar para Wynne e contar que tínhamos

decidido estudar em St. Atticus, o toque de Nickie, Freddie Horvath.

Freddie Horvath.

Porra! Henry Hewitt e aqueles óculos malditos. Nickie não tinha visto nada neles. Nada.

Ela está morta lá, é por isso.

Como Henry.

Como todos.

Como Griffin.

Porra!

Não podia aguentar a ideia de Nickie *não estar* em Marbury, porque sabia o

que isso significava. Talvez estivesse naquele trem, em um dormitório. Ou talvez

pregada de ponta-cabeça a uma cruz ao lado de uma loja de bebida.

Por que Conner fez aquilo comigo?

Estava ficando enojado.

Trêmulo e pálido, fui cambaleando pelo corredor, me apoiando pelos

assentos com o um bêbado. Cheguei ao banheiro e, agarrado ao vaso,

vom itei.

Bem-vindo ao lar, Jack.

Agarrado à pia de metal que balançava junto com todo o vagão,
olhei para

meu reflexo no espelho. Era como se o universo se abrisse em um
precipício

entre minhas pernas, cada por cada, até revelar a imagem de
Jack, ainda

bebê, esparramado no chão da cozinha.

Que brincadeira legal, não é?

Olhei para meus olhos fundos.

Parecia um viciado.

Queria muito quebrar alguma coisa. Fechei os punhos e quase esmurrei o

vidro.

“Seth?”, sussurrei.

Nada.

“Seth? Por favor.” Im plorava com o meu drogado.

Abri a torneira e me olhei o rosto.

O que ela via em mim afinal de contas? Era um perdido na vida, um
covarde.

E agora parecia um drogado desesperado. Faria qualquer coisa para
ter aqueles

óculos de volta. Até me ataria. Queria ver o fim daquilo tudo, dar um
fim àquilo

tudo. Mas não havia nada que eu podia fazer.

Não deixe ele se tornar seu inimigo aqui, Jack.

Você está morrendo.

Tentava pensar claram ente. Ligar para casa. Minha mãe não parava, mal

conseguia segurar o telefone. Queria falar com Wynne e Stella, pouco importava

que horas eram na Califórnia. Pouco importava que horas eram em qualquer

lugar, a não ser em Marbury.

Olhe as fotos.

Jack corre pelas fotos: eu e Nickie na cama, juntos.

Foi bom, não foi?

Você lembra, Jack?

O dedo do meio de Jack.

Vai se foder, Conner.

Jack sem roupas no chuveiro em Londres.

Foi quando acabava de voltar de Marbury, e três dias tinham se passado.

Vai se foder, Jack.

Espera.

Chamadas não atendidas.

Olhei para os números recentes.

Henry.

Jack liga de volta.

“Já era”, eu disse.

“Onde você está, Jack?”

“Em um trem . Porra. Eu não sei. Na merda de um trem em algum lugar.”

Puxei uma toalha de papel e enxuguei o suor da testa.

Henry fumava um cigarro. Ouvia enquanto ele tragava. “O que aconteceu

com os meninos?”

“Não sei.”

“E com você?”

“Vai acontecer algo horrível, Henry. A gente precisa conversar. Sinto que vou

me orrear.”

“Em Marbury?”

“Não. Aqui. Acho que vou me orrear... que já estou me orrendo. Agora.”

Ele não disse nada.

“Estou voltando para Londres. A gente precisa conversar. Hoje. Chego às

onze”, eu falei.

“Sei onde te encontrar.”

“Sim.”

Conner acha que você é um maluco, Jack.

Freddie Horvath deixou minha cabeça assim.

Minha mão tremia. Sentia um nó no estômago. “Preciso saber de uma coisa.”

“O quê?”

“Lá é de verdade? Você é real, Henry?”

Ele não respondeu.

“Henry? Me desculpa por ter ferrado tudo.”

Desliguei.

Quando chegaram os Harrogate, Rachel se despediu de mim e de Nickie.

Fiquei aliviado quando Conner foi com ela para longe da gente.
Sentam os no

saguão da estação e tomam os café, esperando o próximo trem para
Leeds, onde

pegariam os outros para King's Cross.

Senti os dedos de Nickie envolvendo minha mão. “Agora me fala o
que

aconteceu, Jack.”

Esfreguei os olhos. Não conseguia falar.

Nickie se sentou ao meu lado. Senti seu braço envolver minha
cintura.

“Jack?”

Levantei os ombros. “A gente brigou.”

Por um momento, ela pareceu irritada. “Ele bateu em você?”

“Foi sem querer. A culpa é minha.”

“Mas por que vocês brigaram?”

“Nada de mais.” Ela estava ficando frustrada com as minhas
evasivas.

“Coisa de homem. Não precisava ter acontecido. Me sinto um imbecil.”

Nickie colocou a mão sobre a minha perna. Por um segundo, só
consegui

pensar na noite anterior, quando ficamos juntos no chão.

“Sei que vocês são muito próximos. Vocês vão se acertar.”

“Não sei.”

“Jack, não posso te ajudar se você não deixar.” Nickie soava nervosa,
frustrada. E com razão.

“Nossa, Nickie.” Eu a abracei com tanta força que quase derrubei a

esinha.

Me esqueci do corte no lábio, até beij á-la. Com a dor, m e afastei. Mas Nickie

levantou m eu rosto e m e beij ou cuidadosam ente. Jack berrava por dentro porque

seus olhos com eçavam a se encher de lágrim as.

Jack não chora.

“Desculpa se m achuquei sua boca”, ela disse. “Mas fiquei esperando um

beij o seu o dia todo.”

“Tam bém queria te beij ar. Não sei o que está acontecendo com igo. Estou

ficando doido, sei lá. Fiquei perdido com tudo o que está acontecendo. Me sinto

perdido, Nickie. Estou com m edo. É assustador.

“Me prom ete um a coisa?”, ela perguntou.

“Prom eto.”

“Prom ete que vai contar para alguém sobre aquele m édico? Conversa com

alguém , Jack. Você tem que tirar isso de dentro de você.”

“Eu sei.”

“Prom ete?”

“Nossa, Nickie. Eu sou um fracasso am bulante m esm o! Eu tenho o dom de

ferrar com tudo.” Não queria, m as tom ei um gole de café. Passei as costas da

m ão sobre o lábio inchado. “Estou m uito m al com o que aconteceu ontem à

noite. Tinha prometido a mim mesmo o que não faria aquilo.”

Nickie desviou o olhar. Percebi que ficou me aguada, e tinha certeza de que

disse a coisa errada, que ela não entendeu o que eu quis dizer.

“Não quero foder a vida de todo mundo. Nunca tinha brigado com Conner

antes.” Parei por um momento. “Não quero ser com o Mike Heath.”

“Então não seja. Lembra que eu te disse que você já tem todas as qualidades

que você diz que gostaria de ter?”

“Estou assustado por que tem coisas que não consigo entender.”

“Sabe o que penso sobre ontem à noite, Jack? Ficar com você foi o melhor

noite da minha vida. O melhor de todas.”

“Nickie, tudo o que eu quero é ficar com você”, me entendi.

Jack, seu mentiroso de merda.

A verdade era que ficar com ela era *uma* das coisas que mais queria.
“Te

amo de verdade, Nickie.”

“Amo?”, ela sorriu.

“Amo.” Olhei para minhas mãos, que tremiam. “Olha o que você faz

comigo. Só pode ser amor. Não quero estragar sua vida. De verdade.”

Passei meu braço pelos ombros de Nickie.

Ela me beijou e sussurrou no meu ouvido, “Eu te amo, Jack.”

“Mas o que acontece com a gente sem ela que vem, quando eu voltar pra

casa? Queria poder ficar. Eu vou voltar logo, Nickie. Prometo.”

Você nunca vai voltar, Jack.

Nem para a Inglaterra. Nem para Marbury. Nunca mais.

Arrastavam um a cadeira. Conner, desanimado, nervoso talvez, se sentou e

suspirou.

Nickie se endireitou e tocou a mão de Conner. “Rachel pediu para você voltar,

Conner?”

Nickie sorria, porque já sabia a resposta.

“Combinamos de nos encontrar em York um dia antes de voltarmos pra

casa.”

“Você vai adorar lá.”

“Que bom”, respondeu. Ele olhou pra mim, pude vê-lo pelo canto dos olhos,

mas antes o olhar fixo na minha mão e no copo de café vibrando na mesa.

Conner limpou a garganta. “O trem de Leeds chegou. Vam os?”

Assim que nos levantamos, Conner me puxou pelo ombro, para que olhasse

para ele. “Qual é, Jack?!” Conner falava baixo, não queria que Nickie o

escutasse. Ela entendeu e se afastou.

“Desculpa, cara”, ele continuou. “Principalmente por ter acertado a sua cara.

Por favor, diga que ainda somos amigos.”

Ele estendeu a mão para mim.

“Claro.” Apertei a mão de Conner. Mas eu sentia um nó na

E m e senti ainda pior quando m e despedi de Nickie no m etrô de King's Cross.

Pelo m enos, alm oçariam os j untos na segunda-feira. Ela se foi para Ham pstead,

enquanto Conner e eu cam inhávam os solitariam ente até a Great Portland Street.

Já caía a noite quando chegam os ao hotel, m as ainda faltavam duas horas

para m e encontrar com Henry.

Conner jogou a m ochila no chão. Descalcei os tênis com os pés e m e sentei

na cam a.

“Parece que a viagem foi m uito m ais longa”, Conner disse.

“É.”

“Quer sair e com er algum a coisa?”

“Estou cansado, Con.”

Ele tentou desconstrair a conversa. “Depois de ontem à noite, aposto que está.”

Eu não disse nada.

“Quer um a cervej a, então?”

“Tá, pode ser.”

Conner tirou duas garrafas do frigobar e m e entregou um a. Descalçou o tênis

e se recostou na cam a.

“Vam os ficar am igos de novo m esm o ou o quê?”

Soltei um longo e exasperado suspiro. “Conner, a gente ainda é am igo, m as

agora tudo está m e fazendo m al dem ais. Me m achucando. Não sei

explicar.

Estou perdido e não sei se estou aqui ou lá.”

“Por isso foi bom eu ter jogado aquele troço no mar, Jack. Ouve o que vou

dizer. Você está aqui.”

Olhei para a cerveja que segurava. O gole que eu tinha tomado descia

rasgando a garganta.

Há algo de errado com você, Jack.

“Você acha que aquele lugar existe de verdade?”

“Não, cara. Esquece aquele lugar.”

“Mas eu não terminei o que eu tinha que fazer lá. Você não devia ter jogado

as lentes no mar, Con. Porra!”

Jack não chora.

“Já pedi desculpa, Jack.”

“Vou superar. Eu não estou bem. Estou estranho.” Esvaziei a garrafa.

“Mas

vou melhorar. Não tenho escolha. O que eu posso fazer? Vou dormir.”

Puxei as cobertas e Conner apagou a luz.

Jack olhava o relógio.

Conner devia estar acordado o tempo todo também, porque, nessa hora

depois, quando me levantei e comecei a me vestir, ele perguntou,

“Tá fazendo o

quê?”.

“Nada. Só vou sair um pouco.”

“Quer que eu vá j untar?”

”Não.”

Quando abri a porta, Conner disse, “Quando você vai parar de m e tratar

assim , Jack?”



Q UARENTA E OITO

“Perdi a m erda dos óculos.”

Eu disse, logo que m e sentei. Henry tinha um copo de cervej a cheio na m ão

e outro m e esperava sobre a m esa. Ele pulou com o se tivesse levado um soco ao

m e ouvir dizer isso.

Ele deu um gole. “Perdeu com o?”

“Meu am igo, o Conner. Ele j ogou no m ar.” Em purrei a cervej a cheia para

ele. “Não quero beber. Estou passando m al. Estou m e sentindo m al dem ais.”

Henry balançou a cabeça.

“Seu am igo não usou os óculos então?”

“Ele usou. Mas acho que ele não entendeu o que estava acontecendo. Não

entendeu nada sobre, você sabe, nós. E eles. Pelo m enos não até hoj e

de m anã,

quando ele se livrou dos óculos.

“Mas ele os jogou fora? Você viu?”

“Vi.”

“Tem certeza?”

Eu não disse nada. Henry deu de ombros. “Nunca pensei que alguém fosse

capaz de abandonar os óculos depois de estar em Marbury. Ele deve ser muito

forte.”

“Com o que faço para voltar agora?”, perguntei.

“Não sei. Acho que não dá mais.”

Olhei para meus braços esticados sobre a mesa. Tremiam tanto que parecia

que eu estava sendo eletrocutado novamente.

Vai se foder, Jack.

“É com o que tivesse deixado uma parte de mim lá, com o que tivesse sido

arrancado de dentro de mim. Estou com medo porque só piora. O buraco. Acho

que vou morrer.”

“É assim mesmo?”

“Preciso voltar.”

“Não posso te ajudar, Jack. Não sei o que fazer.”

“Mas por que você fez isso comigo?” Bati na mesa. Era patético.

“Você era

meu melhor amigo em Marbury.”

Freddie Horvath deixou minha cabeça assim e preciso de ajuda.

“Bebe.” Henry me puxou a cerveja de volta para mim. “Você vai precisar.”

Levantei o copo e bebi. O líquido descia gelado e rasgava meu estômago

com os cacos de vidro.

Que brincadeira legal.

Henry via a dor que eu sentia. “Me desculpa, Jack.”

“Todo mundo só sabe pedir desculpas! É só isso que vocês fazem! Não se

foder!”

“Agora você vai me falar sobre Marbury? Vai me contar o que aconteceu

lá?”

Contei tudo o que tinha visto desde a primeira vez que fui para Marbury: os

meninos, com o Griffin tinha me salvado, Seth, o trem, as pessoas crucificadas, o

massacre na montanha, o cânion e o rio. Henry ouviu tudo. Bebeu três copos de

cerveja em silêncio enquanto eu contava a história. Já eu não conseguia beber

mais nada depois do primeiro gole. Continuava me sentindo cada vez mais fraco.

Quanto mais falava, mais queria voltar para lá.

Por várias vezes, tentei entender, especificar, a coisa ou a combinação de

coisas que me atraía com tanta força de volta para aquele inferno. Henry

entendia, acho. Mas ele não precisava mais se preocupar, porque não podia mais

voltar. E quanto mais falava com ele, mais aior meinha certeza de que eu estava

morendo do lado de cá.

Estava morendo.

Não contei sobre Freddie Horvath em Marbury, ou sobre Nickie não enxergar

nada através das lentes. Henry não precisava saber toda a patética história de

Jack. Sentia-me culpado, traído até, pois ele supostamente era o meu melhor

amigo em Marbury, mais aqui, deste lado das lentes, eu não ia muito com a cara

dele.

Por que tinha-me encontrado com Henry, afinal? Sabia que ele não poderia

me ajudar. Mas já não tinha esperança, precisava de alguém que me entendesse.

Henry deve ter visto que eu ficava cada vez mais fraco. Talvez estivesse

apenas muito cansado, mais meinha cabeça pendia para frente e meus olhos se

fechavam. Tudo doía. Ele tocou meinha mão. “Você viu o mesmo fantasma de

Marbury do lado de cá? Com você?”

“Só uma vez. Ele me disse que estava com medo. Mas estive aqui várias

vezes. Geralmente, ele aparece quando estou indo para lá. E uma vez até fez as

coisas voarem pelo quarto.”

Estávamos os apenas eu e Henry no Prince of Wales. O garçom com
eçava a

guardar as coisas para que saíssem os.

“Sabe”, disse Henry, “há sempre um motivo por trás de tudo.
Conheço bem

aquele lugar para entender. Toda vez que um fantasma te ajuda, ele
fica mais

fraco, um pouco mais difícil de ver. Já notou? Mas há um motivo
para isso.”

Eu tinha notado aquilo. Talvez por isso Seth não tivesse aparecido
novamente,

pensei.

“Nada faz sentido nessa merda toda. Nem lá, nem aqui”, respondi.

“Jack, eu realmente acredito que faça sentido. Mas quem sou eu para
saber?”

Henry fez um gesto para o garçom. “Só mais um, por favor?”

O garçom acenou com a cabeça e começou a encher mais um copo.

“Você sabe o bastante pra foder minha vida.”

“Não foi de propósito. Não podia fazer mais nada.” Henry suspirou.
“Não

tive escolha, você era minha última chance. Você sabe. Eram os
apenas algumas

pessoas naquele mundo enorme e contra centenas daquelas criaturas.
Você não era

o único com quem me importava e em quem confiava, mas foi sim
plesmente o

único que consegui encontrar aqui. Quando fui capturado no assentamento, já

tínham os atravessado todo o deserto. Estávam os tentando encontrar
m ais pessoas,

qualquer pessoa. Mas, para onde quer que fôssem os, encontrávam os
apenas m ais

dem ônios nos perseguindo. Sabia o que eles fariam com igo quando
fui pego.

Você não im agina o quanto te ver no aeroporto m e deu esperança de
novo.”

“Esperança de quê?”

“Equilíbrio, talvez. Não sei. As coisas sem pre entram em equilíbrio,
não é?

Marbury está em desequilíbrio. Tem os que salvar aquele lugar. E
aqueles

m eninos. Você pode levar certas coisas daqui para lá. Você pode fazer
a

diferença naquele lugar. Eu acredito em você. Tem os que salvar o que
ainda é

bom .”

“Senão o quê?”

“Senão tudo com eça a pender para um lado, até cair.”

“Sabe no que acredito? Que você só fala m erda.”

Henry olhou para m im , ainda sem se alterar. “Para ser sincero,
queria que

você estivesse certo, m as j á vivi m uito tem po naquele lugar e sei o
que falo.

Você vai ver.”

“Apoiei os cotovelos na m esa e afundei o rosto nas m ãos. “Eu nunca
m e senti

tão m al na vida. Você acha que vou acabar m orrendo sem os
óculos?”

“Cuidado com o abismo”, ele disse.

“Quê?”, estava tonto, não entendi.

“Se conseguir voltar, diga isso aos meus filhos. Cuidado com o abismo.”

“Por quê?”

“Porque disse a eles que você diria isso..”

O *abismo*, pensei. O abismo que separava o aqui e o agora de Marbury estava

desaparecendo. Tinha caído nele e estava preso entre os dois mundos.

Senti uma pontada por dentro. “Quando você encontrou aqueles óculos?”

Henry sorriu. “Tinha a sua idade. Dez anos atrás, quando era apenas um

menino. As coisas eram muito diferentes naquela época. Marbury era apenas

outro lugar, simples e agradável.”

Ele se aproximou, buscando meus olhos. “Eu matei um homem, Jack.”

“Como assim?” Mordi o lábio. Talvez ele soubesse. Talvez Henry fosse

mesmo um policial louco, como o Conner disse.

“Ainda era menino. Eu era estúpido. Foi um acidente. Mesmo assim, não

consigo esquecer. Nunca contei para ninguém. Nunca ninguém descobriu.”

“O que aconteceu?”

Henry deu de ombros. “Não interessa.”

“Me interessa”, insisti.

“Foi que... apenas brigamos. Nem o conhecia até aquela noite.”

“O que você sabe sobre mim?”, perguntei.

Henry levantou os ombros e balançou a cabeça.

“Aquilo me corroía”, Henry continuou. “Já tinha passado um mês sem vê-la.”

Chovia, eu me lembrei. Estava atrasado e tinha perdido o ônibus da escola.

Enquanto esperava, um mês depois veio com aqueles óculos no rosto. Fiquei

surpreso com eles. Ela sorriu e tirou os óculos, e me disse: ‘Você é o Henry’

Hewitt. Te conheço de lá’. Eu não fazia ideia do que ela estava falando, é claro,

mas, a mulher me entregou os óculos e eu não conseguia tirar os olhos das lentes.

Quando olhei de volta, a mulher simplesmente tinha ido embora. Simples assim.

No princípio, ir e voltar era muito fácil. Mas veio a guerra e a doença e tudo

desmoronou terrivelmente em Marbury. O que eu sei sobre você? Conheço você

desde que era criança. Eram os alguns dos poucos sobreviventes. Conheci seu pai

e sua mãe quando ainda eram vivos.”

“Fodam-se eles.”

Henry deu de ombros. “Você viu como as pessoas podem ser muito diferentes do outro lado. Mas você não é, eu acho. Por isso, deixei os óculos com

você antes que eu não pudesse mais voltar.”

“Mesmo se o que você diz seja verdade, agora não adianta mais”,

argum entei. “Não posso fazer nada. Provavelm ente Ben e Griffin j á estão

m ortos. E eu tam bém .”

“Se você estivesse, não estaria passando m al agora.”

“Você tam bém passou m al?”

Henry term inou a cervej a. “Sem pre que voltava de lá. Menos da últim a vez.”

Escuridão total.

Conner dorm ia quando entrei no quarto.

Doía tanto que eu m al conseguia ficar de pé, não conseguia respirar.

Tirei as roupas.

Sob a luz verm elha que vinha do relógio do criado-m udo, vi um papel sobre

m eu travesseiro.

Estava dobrado e do lado de fora estava escrito “Jack”.

Não conseguia ler. Em purrei a carta para debaixo do travesseiro e m e deitei,

encolhido.

Sabia que estava m orrendo.

Talvez não fosse real. Talvez fossem apenas as m erdas que Freddie Horvath

inj etou nas m inhas veias.

Freddie Horvath me deixou assim.

Jack não chora.

Mas foda-se, de qualquer forma, Jack.

Você merece.

Ainda segurava a carta de Conner, com o se ela m e ancorasse ali,

deixando a

dor mais tolerável. Eu tinha estragado tudo. Sabia. Tudo era culpa do Jack. Tudo –

desde quando saí da festa de Conner até acabar preso na casa de Freddie

Horvath. E, naquele momento, me sentia preso novamente – me etade neste

momento e me etade no outro. Tinha caído no abismo. Queria que Conner estivesse

bem, ele não sabia o que estava fazendo.

Meu tórax se contraía em espasmos, mas eu não choro.

Rolando...

Tinha certeza de que estava ouvindo. Bem baixinho.

Rolando...

Daquela vez, por mais tempo. Mas de onde vinha?

Tac. Tac. Tac.

Conner se mexeu.

Tac.

Debaixo da cama.

Tac.

Outro barulho. Parecia uma moeda girando até parar.

Tac.

Contraí todos os músculos do corpo. Tinha câim nas bras. Consegui ficar de

jeitos ao lado da cama e me abaixar. Meu suor me olhava tudo. Cheiro de mar.

Quando olhei debaixo da cama, vi uma luz clara flamejar, iluminando o

colchão por baixo, subindo por um buraco no chão. Um a única lente.

Parecia o olho de Deus.

Era a mesma lente que se soltara dos óculos na praia de Blackpool.

Perdi o ar. E me perguntava se Jack não estava tendo alucinações.

Arrastei a mão encharcada pelo chão até sentir a curva gelada do vidro.

“Seth.”

A lente de Marbury.

Meus dedos cobriram a lente, abafando a luz e escondendo as formas que

dançavam naquela janelinha.

Pense, Jack.

Pego uma meia do chão ao lado da cama.

Não posso deixar que Conner encontre a lente novamente.

Conner estica as pernas e se vira de lado.

Não acorde, Con.

Vou em silêncio até o banheiro e sussurro, “Obrigado, Seth”.

“Seth.”

“Seth, me ajuda.”

Parte cinco

SETH



QUARENTA E NOVE

Eles tinham capturado Griffin Goodrich.

A culpa era minha.

Quando fomos nadar, tinham deixado todas as armas sobre os alforjes,

perto das paineiras. Foi uma idiotice, e a culpa era minha. Os garotos confiavam

em mim para tomar as decisões certas, para mantê-los seguros, e eu falhei.

Quando vi os Caçadores vindo em nossa direção, peguei a faca que estava

usando para cortar os peixes. Os dois levavam clavas feitas há muitos

anos arrados. Os ossos, cobertos de sangue seco, tinham pontas afiadas.

Conner e Freddie Horvath.

No princípio, vinham cautelosos entre as árvores, um deles desenhava um

ângulo com o braço, planejando a emboscada, talvez.

Freddie estava terrivelmente deformado, mas tinha certeza de que era ele. As

manchas pela linha lateral de seu corpo eram negras e brilhantes como óleo.

Tinha a pele toda pintada até os olhos. Suas mãos retorcidas term

inavam em

garras recurvadas e pretas, e protuberâncias cinzentas de osso trespassavam a

pele do queixo assim etricam ente, curvando-se para fora. O cabelo do escalpo

que cobria sua virilha era todo trançado e balançava com o as patas de um a

aranha quando ele andava. Sua m arca era um traço diagonal fulgurante que ia do

om bro esquerdo até a coxa direita, com o se o cortasse ao m eio.

Mas eu observava Conner e sua m arca em form a de peixe logo acima da

virilha, e m e perguntei se ele seria capaz de fazer algum a conexão entre aquele

m undo onde eram os inim igos ao outro onde eram os tão próximos os.

Quando os Caçadores se separaram , e Freddie Horvath ficou espreitando por

trás das árvores, Griffin correu em direção às arm as.

Conner foi em seu encalço.

“Jack!”, Griffin estava aterrorizado, não conseguia correr m ais que Conner.

Do lado oposto, Freddie vinha em m inha direção. Ben estava com igo.

Congelei. Quando m e dei conta de que olhava diretam ente para Freddie

Horvath, tudo o que tinha acontecido com igo naquele outro lugar transform ava

m inha m ente em um cativoiro.

Chega, Jack.

Saquei m inha faca.

“Conner! Conner Kirk!”, gritei. Apenas por um segundo, talvez, Conner

diminuiu o passo e virou o rosto em minha direção. Griffin se embrenhou no

meio ato, na direção oposta de nossas sacolas, e Conner retomou a caçada. Corria

tão perto de Griffin que quase o agarrou pelos cabelos.

Freddie hesitava, olhando para mim e para Ben, a apenas alguns metros de

distância.

“Ben, vai pegar as armas”, sussurrei.

“Jack!” Ouvi os gritos de Griffin atrás de nós.

“Ele o pegou, Jack! O filho da puta pegou o Griffin!”

Freddie vinha pela vegetação. Dava passos firmes, mas cautelosos. Ouvia o

estalar dos galhos enquanto ele se aproximava, embrenhando aquele meio achado

meio acabro acima da cabeça. Olhei para trás e vi Ben correndo pela clareira à

marginem do rio onde estavam nossas coisas. Conner ia em disparada para dentro

da floresta, carregando o menino franzino sobre o ombro. Os braços de Griffin

não paravam, esmurravam e emburravam, mas Conner seguia seu caminho,

inabalado. O cachorro os acompanhava, em vão, com um ganido estridente.

Griffin continuava gritando meu nome. “Jack!”

Fiquei furioso. Estava preparado para enfrentar Freddie, mas não o via mais.

Ouvia apenas os urros abafados de Griffin cada vez mais distantes.
Logo ele

se tornaram sons indistintos, com o se tivessem amordaçado, ou mesmo

estrangulado o menino. Então, não havia mais sons, nem mesmo os

ganidos do

cão.

Silêncio.

“Porra!” Chutei o chão e cortei o ar com a faca.
Ben estava logo atrás de mim, perto das nossas sacolas. Sentado

sobre os
calcanhares, com o braço apoiado sobre o joelho, segurava a arma

apontada
para o chão. O outro braço cobria seus olhos e vi que lutava para

conter os
soluços. Chorava.

Fui até lá e tirei nossas roupas das olhadas dos galhos do salgueiro,
enrolei as de

Ben e as joguei para ele.

“Levanta, Ben.”

“Porra de lugar!”, ele gritou.

“Veste a roupa e vamos logo. Vamos salvar o Griffin. Ainda dá tempo,

mesmo que eles estejam de cavalo, você precisa reagir. Eles não vão

matar o
garoto, ainda.”

Ben sabia.

As criaturas deixariam o menino viver até que se cansassem de
brincar com

ele; até que ele estivesse mais morto que vivo.

Então o com eriam .

Os demônios tinham vindo a cavalo, nos seguindo pelas montanhas.
A culpa

era minha. Não deveria ter voltado pelo mesmo caminho apenas
para poupar

Griffin da verdade sobre o suicídio da freira que matara o velho.

Agora Griffin tinha sido capturado.

Procurava não pensar no que estariam fazendo com ele, ou em quanto
tempo

ainda tinha de vida.

Os captores de Griffin não tentaram encobrir suas trilhas. Queriam
que os

seguíssemos os.

Olhei para Ben, que cavalgava ao meu lado.

“Ben, vou te pedir uma coisa.”

“O quê?”

“Eles não podem estar muito distantes. Provavelmente menos de uma
hora.

Quando os capturarmos, não importa o que aconteça, por favor não
me atreva

meu novo que saiu carregando o Griffin.”

“Aconteça o que acontecer?”, Ben não acreditava no que estava
pedindo a

ele.

“É.”

“Não posso prometer isso, Jack.”

Não respondi, então ele disse:

“Se você quer que eu prometa alguma coisa, pelo menos vai ter que me

contar por quê. Agora não é só um velho doido, é o Griffin. Acho que a primeira

coisa que vou fazer é me atar aquele lá. A não ser que você me atei primeiro.”

Acelerei o passo. Não queria olhar para Ben, mas ele não deixava espaço.

Nem entre nossos cavalos, nem para que eu evadisse suas perguntas.

“Você vai me contar com o sabe o nome daquele lá ou vai me entregar para mim

também ? Vai me tratar com o meu menininho?”

“Porra, Ben.”

“Então?”

“Cuidado com o abismo.” Fiquei olhando para Ben em busca de alguma

reação. Vi imediatamente que aquilo fazia sentido para ele.

“Com o que você sabe?”

Não há abismo.

“Henry me mandou dizer isso para você e para o Griffin.”

“Ele está bem ?”

“Está.”

“Não entendo essas merdas. Ele disse que se você falasse ‘cuidado com o

abismo’ a gente teria que confiar em você e fazer o que me andasse, mesmo sendo

estranho.”

“Bom saber.”

Ben apertava os olhos, trilhando com o olhar o caminho à nossa frente.

Deviam os estar bem próximos os. Quase sentia a presença dos dois.

“Então você conhece aquele que estava carregando o Griffin? Do outro lugar? Onde o Henry está?”

“Conheço.”

“Quem é ele?”

“Meu melhor amigo.”

Ben olhou para mim por alguns instantes. “Já que o Henry falou, tenho que

confiar em você. Mas se a vida do Griffin depender de mim, não posso prometer

nada.”

“Acho que é justo.”

“Jack, com o você vai para o outro lado?”

Coei a cabeça. “Não sei. Sou levado. Estou sem prever de um lado pro

outro. Uma parte de mim está aqui, a outra, lá, onde Henry está. Às vezes acho

que vou me orrir disso. Dói demais. É horrível, mas não consigo parar.”

“Você pode levar a gente?”

“Se pudesse, levaria.”

“Mas o Henry te trouxe.”

“Ele deu sorte, só isso.”

“Sorte? Com o raio você acha isso? – Ben perguntou. “A cabeça dele acabou

em um momento onde em palavras partes dos corpos de toda a nossa

gente, exceto

nós três. O Henry te enganou para que ficasse comigo e com Griffin.

Provavelmente, sabia alguma coisa importante sobre você. Se ele não tivesse

feito isso, seu cadáver estaria ao lado do dele, e Griffin e eu estaríamos mortos

também.”

Prendi meu cavalo e estendi o braço para que Ben parasse também.

À nossa frente, no fim do caminho de terra seca e rachada que subia a encosta da montanha, vi um breve clarão vermelho.

Freddie Horvath.

Acham os eles.

Eles estavam muito perto.

Vi outro vulto ao lado do cavalo de Ben. Seth. Seu rosto estava inerte e os

olhos, vidrados. Mal enxergava seu contorno, mas as luzes intermitentes e intensas

vinham de dentro dele, invadindo meus olhos: janelas de um trem de metrô

passando pela estação.

Era uma força que me puxava para trás.

“Não. Ainda não.”

“Que porra é essa?”, Ben disse.

Ele também estava enxergando aquilo.

“Não, caralho!”, gritei.

E um sussurro sibilante, “Seth”.

Vai se foder, Jack.



CINQUENTA

Um a estação.

O metrô de Londres.

Era noite.

Estou sozinho.

O trem emerge da escuridão do túnel com o um dragão de aço,
parando

estridentemente diante de mim. A porta se abre com o se fossem
centenas de

bocas famintas.

Bem vindo ao lar, Jack.

Sou jogado para trás, contra os azulejos encardidos da parede. Sinto
sua

superfície quente e úmida do calor da cidade. Um nó no estômago.
Caio sentado

em um banco; os olhos arregalados, a cabeça apoiada nas mãos.
Preciso me

concentrar: tênis (brancos, Puma. Mas eu não tenho tênis dessa marca),
concreto,

não estou de meias (não saio sem meias. Por que fiz isso?), calças
jeans (rasgadas

no joelho, as barras estão escuras e molhadas. – deve estar chovendo lá
fora),

m inhas mãos estão para baixo: Elas parecem cinza, com o se não tivesse nada

vivo dentro de mim.

Jack está morrendo devagar desde que entrou no carro de Freddie, e eu não

aguento mais.

Força, Jack.

Força.

Com cada músculo das pernas, fico de pé, mas tudo gira. Estou flutuando,

com o se estivesse no redemoinho da maior privada do mundo.

Que se foda este lugar.

Me agarro a uma lata de lixo e esvazio o estômago.

Quase não percebi as pessoas que iam e vinham, tentando me ignorar,

fingindo que o cara doente vomitando até virar do avesso não estava ali.

Passavam por mim com as partículas em um túnel de vento.

Estação Green Park.

O que eu estava fazendo ali, porra?

Quando o trem partiu, a estação ficou com o mesmo silêncio da caverna iluminada.

total. Sentado no banco, tentava pensar. Estava tão fraco que parecia que eu não

comia nada há dias.

Dias. Não fazia ideia das horas ou há quanto tempo tinha saído do Prince of

Wales.

Coloquei a mão sobre o peito. Estava me sentindo enorme, leve como uma

plumagem. Não entendi por que estava vestido daquele jeito. Meu cabelo estava

meio olhado, usava uma camiseta preta e desbotada, que não era minha, com um

buraco na barriga. “The Ramones”, estava escrito nela. Aquele beijo, de

tecido, toda respingada de chuva, eu também nunca tinha visto. Não usava

cuecas, apenas as calças, que também não eram minhas. Nem cinto usava.

Aquele não era o Jack.

Quanto tempo tinha se passado?

Vasculhei os bolsos. Tudo ali. Olhei o celular.

Não acreditei quando vi.

Apertei os olhos, desliguei e liguei o celular novamente.

Era quarta-feira.

Conner e eu voltaríamos para casa na sexta, em apenas dois dias.

Tinham se passado quatro dias desde que Seth trouxera para mim a lente de

Marbury, na noite em que chegava de Blackpool, depois de brigar com Conner.

Tudo culpa do Jack. De repente me senti culpado por tratar-me melhor

do que eu mesmo.

Quatro dias. Não fazia a menor ideia do que tinha acontecido ou de como

tinha chegado à estação Green Park, com aquelas roupas que não

eram m inhas,

em um a linha que nem im aginava de onde vinha e que não ia para qualquer

lugar que pudesse m e interessar.

Quase cinquenta cham adas não atendidas: Nickie, Stella... A últim a era de

Conner, vinte m inutos atrás. Várias m ensagens que não tinha coragem de ler.

Você sempre faz merda, Jack.

Assustado, liguei para Nickie. Enquanto ouvia o telefone cham ar, quase

desliguei antes que ela atendesse, m as continuei na linha.

“Jack?”

“Oi.”

“Onde você está?” Parecia preocupada. Talvez decepcionada. Jack sabia que

tinha estragado tudo de novo.

“Ahn. Estação Green Park.”

“Tudo bem ?” Nickie parecia ter chorado.

“Não.”

Jack não chora.

Engoli em seco. “Nickie. Preciso te ver. Conversar com você.”

“Estou ligando para você desde que você foi em bora.”

Ela obviam ente estava chorando agora.

“Eu sei. Tem algo errado. Muito errado.”

“Te procurei no hotel e o Conner está ligando toda hora para saber se eu tive

notícias suas. Onde você estava? Ele está preocupado, liga pra ele.”

“Ligo, mas vamos os nos encontrar, então?”

“Ah, Jack.” Ela não tentava esconder que estava meio agitada. “Ontem à tarde,

antes de você ir embora, você falou que nunca mais queria me ver.”

“O quê?” Não podia acreditar no que ouvia, mas pensei, *Porque caralho eu*

não acreditaria nisso?

“E... eu não sei o que está acontecendo com isso, Nickie. Preciso encontrar

alguma coisa, sei lá.” Meu estômago se revirava de novo e as imagens daqueles

quatro dias com eles voltaram, ainda bem fracas, com as luzes da estação.

Alguma coisa com o irmão de Nickie, Ander. As roupas eram dele. Tinha

passado uma noite na casa dela, em Hamstead. Foi na segunda-feira. Era um

quarto estranho. Pensei sobre a lente, sabia exatamente onde a colocara – no

bolso traseiro esquerdo dessa calça. Meus dedos sentiam a forma delas.

“Por favor”, eu disse. “Posso te ver mais uma vez?”

Nickie hesitou. Segurava a respiração para não chorar.

“Não, Jack.”

“Nickie.” Soava doente. Patético.

“Não posso te ajudar enquanto você não fizer nada para se ajudar.”

Ela desligou.

O telefone caiu da minha mão. O choque do plástico contra o concreto

pareceu um estrondo ao ecoar pela plataforma.

Era assim que tinha de ser, pensei. Jack desmorona aqui e tudo desmorona

em Marbury. Mas não, Jack não estava desmoronando. Jack estava destruindo a si

próprio. Com o Nickie tinha dito. Talvez por isso Seth tenha me trazido de volta.

Pensei em tirar a lente do bolso, mas tinha nojo de mim mesmo.

Peguei o telefone e fui até o outro lado da plataforma para esperar o trem em

direção a Oxford Circus e voltar para o hotel.

A chuva ainda caía quando saí da estação. Era bom senti-la em minha pele,

quente e espessa, com o sangue. Quando cheguei ao hotel, estava encharcado.

O quarto estava um caos. Minha mochila estava vazia, tudo espalhado pelos

meios e pelo chão. Conner não estava. Estava em York com Rachel, me

lembrar. Doía tanto. Se ele estivesse ali, talvez pudesse me pedir que Jack se

perdesse de vez.

Deitado na cama, olhava para o teto. Ainda vestia as roupas molhadas do

irmão de Nickie. Não me importava. Pela segunda vez naquele mês, eu quis

me orrer. Quis me matar. Não via saída, as coisas não iam melhorar. Talvez a única

coisa que me impedia de dar um fim àquilo era não querer me tornar um fardo

para Conner, Stella e Wyann. Deve ser muito difícil transportar um corpo para o

outro lado do oceano.

Que atencioso de sua parte, Jack.

Mas Jack não chora.

Então tomei uma cerveja.

Vou te contar o que o Jack acha de Marbury e da lente de Marbury.

Continuo voltando para esta imagem das bonecas russas da Stella: coisas

menores contidas em outras maiores, repetidas, várias e várias vezes. Acho

que existe uma teoria de Física, a Teoria-M, que diz que são onze. São dimensões,

ou mundos, com o quizer. Pode ser esse número mesmo, mas tanto faz no fim das

contas.

Jack é uma flecha que atravessa todas as camadas ao mesmo tempo, com a

ponta perfurando o núcleo. Acho que todas as pessoas são com o flechas que

apontam para o próprio centro.

A lente de Marbury seria uma espécie de prismas que separa essas camadas.

Com ela, posso enxergar o outro Jack pelo buraco da flecha.

E Marbury é o buraco.

A única coisa que sei ao certo é que Marbury é um lugar terrível. Aqui

tam bém . De certa forma, é melhor que aquele mundo seja tão óbvio em sua

brutalidade, porque ali não há qualquer dúvida sobre a natureza das coisas: o

bem , o mal, a culpa e a inocência são coisas palpáveis. Não é com o aqui, onde

você pode estar conversando com um médico no parque e não saber o escroto

filho da puta que ele é de verdade. Porque sempre esperam os que tudo seja lindo

e certinho, mesmo sabendo que as coisas nem sempre funcionam assim .

Henry acreditava que Marbury era um mundo fora de equilíbrio.

Ele precisa dar uma olhada direito neste aqui.

Abri outra cerveja e me recostei na cabeceira da cama. Quando arrastei o

travesseiro, vi a carta que Conner tinha deixado naquela noite em que me

encontrei com Henry. Balançava o papel entre os dedos, hesitante. Seria igual a

todas aquelas chamadas não atendidas, pensei. Uma lição de moral para Jack, o

menino que só fazia merda e tinha que dar um jeito na vida.

O celular vibrou no bolso. Deixei tocar, mas tomei coragem para atender.

Corajoso e atencioso Jack.

Não olhei para o número.

“Alô?”, eu disse.

“Onde você está?”

Era Nickie.

“No hotel.”

“Me espera aí.”

“Tudo bem .”

“Não estou aguentando m ais. Estou chegando aí.”

O novo e corajoso Jack também resolve abrir o bilhete de Conner.
Mas

percebi que é fácil não ter medo quando você não tem medo nada a perder.

Ei Jack,

É muito estranho – ter que escrever uma carta. Mais estranho é ficar tão sem

jeito, logo com você. Você é mais próximo de mim que a minha própria família e

não posso fingir que não está acontecendo nada. Nós temos que resolver o seu

problema. Não sei como, mas eu vou te ajudar. Então, pensa e me fala. Você sabe

que pode contar comigo. Se você decidir fazer alguma terapia para resolver o que

aquele cara fez, eu vou com você. Já falei. Se você não quiser contar nada pra

ninguém, também estou do seu lado. Ou, se quiser, conto tudo o que aconteceu pra

polícia. Mas o mais importante é não deixar isso acabar com você.

Não sei qual é a história sobre aquelas lentes, mas, como falei, acho que aquele cara só está tentando brincar com a cabeça das pessoas pra ver a reação

delas. Você não acha? Não tem outra explicação. É por isso que estou

assustado

com a sua reação. As coisas são simples, cara. São apenas lentes, que você nem

sabia que existiam antes de vir para cá. Não sei por que você dá tanta importância

para elas. Deixa pra lá. Somos amigos desde quando a gente mijava na fralda,

cara. A única coisa que explica você ter ficado tão puto é o que aquele cara fez ou

tentou fazer com você.

Espero que que você não fique puto por eu falar isso.

De qualquer forma, Jack, desculpa mesmo. Também estou mal com tudo o que

aconteceu. Espero que você esqueça essa merda toda e que fique tudo normal de

novo. Acho que você também quer a mesma coisa.

Sabe, depois que você saiu, fui atrás de você. Eu te vi no pub. E você nem olhou pra mim. Você estava falando sozinho, com alguém invisível, mas não tinha

ninguém lá, só você, olhando para um copo de cerveja. Eu surtei, Jack. Não tinha

ninguém lá.

Não fica puto, mas é verdade.

Depois que voltei, liguei pra Rachel. Combinei de ir para York na segunda passar uns dias com ela, então não vou poder sair com você e a Nickie. Não que

você queira. Eu sei que você está de saco cheio de mim. Mas não preocupa, te

encontro no aeroporto na sexta. Foi muito legal a viagem, mesmo com essa

merda

toda agora entre a gente.

Só para você saber: vou fazer o que você quiser que eu faça. E já disse: amo

você, cara. (E, não, eu não sou gay. Pelo menos, não tanto quanto você ha ha.)

Conner.

Ele está mentindo para você, Jack.

Ele te seguiu.

Conner está se tornando seu inimigo aqui também.

Vai se foder, Jack.

Com o Conner não tinha visto Henry ao m eu lado? Ficam os lá até o pub

fechar.

Isto é real.

E Conner tinha visto Henry da outra vez. Tinha apontado para ele naquela

foto m inha com Nickie no m etrô.

Minha câm era.

Procurei entre as coisas espalhadas pelo quarto. Encontrei. Liguei e apertei o

botão para ver as fotos.

Isto é real.

“Cartão sem im agens”.

Preciso de ajuda.

Não é possível. Talvez nada disso tenha acontecido e Jack esteja amarrado à

cama de um perverso na Califórnia, completamente drogado.

Henry não é real.

Conner não é real.

Nickie não é real.

Marbury é.

Por cima do brim das calças, girei a lente com os dedos, várias e várias

vezes. Tinha medo de tocá-la. Sabia que aquilo era meuinha fraqueza. Se tirasse

aquela lente do bolso, perderia a cabeça e destruiria qualquer chance de me

redimir com Conner e Nickie.

Não conseguia evitar. Queria tanto voltar para Marbury que doía. Fazia de

tudo para me distrair. Dobrei a carta de Conner e guardei. Com isso eu

roupas que tinha espalhado pelo chão, enfiando tudo na minha mochila, junto com a

carta. A todo instante, eu parava e ficava escutando, na esperança de que Seth

aparecesse para me tentar com seus ruídos, para eu saber que era hora de voltar

para Marbury.

Mas ele não apareceu.

Tentava parar de pensar na lente dentro do bolso e de me preocupar com Ben

e Griffin.

Quando senti que começava a suar novamente, abri outra cerveja e me

forcei a bebê-la.

Então m e deitei na cam a e liguei para Conner.

O corajoso Jack.

“Oi, Con.” Eu sei que é difícil ouvir a si m esm o, m as para m im , enquanto

estava deitado na cam a, soava com o se estivesse m orto. Miserável.

“Jack! Onde você esteve?”, Conner parecia feliz em m e ouvir.

Feliz.

Mas eu não sabia m esm o por onde tinha andado, então tentei evitar a

pergunta.

“Na casa da Nickie, saindo, por aí...”

“Ela m e disse que você term inou com ela.”

Todo m undo sabe m ais sobre o Jack do que eu.

“Devia estar m eio doido.” Tentei desconstrair a conversa, m as m inha voz

estava pesada dem ais. “Ela está vindo pra cá agora.”

“Que bom , então. Cara, eu tô, tipo assim , totalm ente apaixonado pela Rachel.

Casaria agora se pudesse. E a gente ainda nem fez sexo. Nem parece que sou eu.

São Conner, O Virgem ... Ai! Tá bom ! Parei!”

Ouvi Rachel rindo ao fundo.

“Onde vocês estão?”

“Estou na casa dos pais dela, em Harrogate. Aqui é bem legal.”

“Você vai voltar?”

“Am anã à tarde. E aí a gente sai de noite. Vai ser a despedida, então

vam os

aproveitar.”

“Pois é.” Hesitei por um momento. “Conner, desculpa por tudo. O que você

falou na carta faz sentido. Não sei o que está acontecendo comigo. Isso tudo me

dá um medo do caralho. Quando voltar, a gente conversa sobre você me ajudar,

tudo bem? Estou assustado pra caralho.”

“Vam os dar um jeito nisso. Prometo.”

“Con, você sabe o que aconteceu com as fotos na minha câmera?”

“Não, cara. Por quê?”

“Não tem mais nenhum a foto nela. A gente tirou foto, não tirou?”

“Tiram os.” Conner ficou em silêncio por um instante. “O Wy não vai ligar

se você não tiver as fotos de St. Atticus. Fala pra ele que deu um problema no

cartão.”

“Foi tudo de verdade, né?”

Isto é real.

Conner suspirou.

“O que vocês estão fazendo aí?”, perguntei.

“Assistindo TV.”

“Fala pra Rachel que eu mandei um oi.”

“Pode deixar.” Então Conner mudou o tom de voz. Devia estar pensando que

eu tinha ficado doido. “Jack, não vai fazer besteira, tá? Relaxa e espera a Nickie

chegar. Eu tam bém j á estou chegando am anã e vai ficar tudo tranquilo,

beleza?”

“Beleza. Me liga am anã quando estiver chegando que vou te encontrar em

King’s Cross. Saudade de você, cara.”

Conner riu e disse, “Gay dem ais.”

“Até am anã, Con.”

E, então, um silêncio m órbido. Fiquei ali, estirado na cam a, esperando, com o

Conner tinha pedido. Quase sentia o calor daquela m erda de lente no bolso, com o

se fosse um ser vivo precisando sair para respirar, sussurrando para m im com o

Seth fazia. Sabia que se tocasse apenas a ponta da unha naquela rodela de vidro,

perderia a cabeça. Tentei m e concentrar, repetindo para m im m esmo: “Nickie,

Nickie, Nickie...”

Olhei para o relógio ao m eu lado até cair no sono.

Meia-noite.

Tac. Tac. Tac.

Porra.

Abri os olhos e m e sentei.

Era apenas a porta. Nickie.

Zonzo, fiquei de pé. Levei as cobertas, úm idas da chuva. Ainda vestia as

roupas do irm ão dela.

Meu cabelo estava caído na frente do meu rosto quando abri a porta.
Eu não

penteei para trás com minhas mãos, era um velho mecanismo de
defesa de Jack

quando não queria olhar nos olhos de Wynne e Stella. E estava
envergonhado de

Nickie me ver naquele estado.

Por alguns instantes, Nickie sorriu, cautelosa. Deixou uma bolsa de nylon
azul

no chão, ao meu lado.

“Trouxe suas roupas”, ela disse. “Lavei elas.”

Nickie ficou ali, com os braços largados ao lado do corpo, esperando
na

soleira da porta. Eu me sentia tão estúpido e estava tão confuso que
não sabia o

que fazer, apenas abaixei os olhos e disse, “Obrigado”.

Nickie se virou para ir embora.

“Espera.”

Fui atrás dela, mas Nickie continuava a andar.

“Nickie!”

“Realmente, é melhor cada um seguir seu caminho”, ela disse.

Entrei em pânico. Não sentia o chão sob os pés. Continuei aos tropeços
em

sua direção enquanto ela esperava o elevador.

“Não sei o que está acontecendo comigo.”

“Nem eu, Jack. E você também não sabe o quanto me importo com
você.”

Não sei o que aconteceu comigo por quem eu me apaixonei.

Não

im aginava que você era capaz de ser tão cruel e egoísta. Já estou cansada de m e

sentir um a idiota e estou com m edo por você. Não quero ser parte da sua

autodestruição.”

“Desculpa. Não sou eu, Nickie.” Era tudo o que eu conseguia dizer.

“Sej a lá o que for, está te transform ando em um m onstro.”

O elevador se abriu e Nickie entrou. Segurei a porta.

Seus olhos faiscavam , furiosos. “Me deixa. Estou cansada.”

Ela estava falando sério.

Recolhi a m ão.

A porta se fechou.

Me apoiei na porta, m e segurando, tentando entender por que eu não fiz nada

e deixei Nickie sair da m inha vida de vez.

Não conseguia m e lem brar do Jack que Nickie tinha conhecido no barco e

nem do Jack que ela não queria ver nunca m ais. E eu não conseguia encontrar

m otivos do porquê deixava aquilo acontecer.

Porque estava m e tornando um m onstro.

Fui atrás dela, correndo pelas escadas, e a alcancei na calçada do outro lado

da rua.

“Nickie, desculpa, de verdade. Fala com igo, por favor.”

“Não acho que posso te aj udar, Jack.”

“Nickie, eu prom eto...”

“Prom ete o *quê*, Jack?”

“Por favor!”

“Não.”

Ela m e deixou ali.

Fiquei sentado na calçada, olhando os carros que iam e vinham .

Pensava no que poderia ter sido diferente, os outros lugares a que poderia ter

ido – ou não ter ido. Teria sido tudo tão m ais fácil se tivesse dito:

“Sim , doutor

Horvath, *pode* m e m atar agora”.

Mas resolvi reagir.

E lá estava eu, sentado num a rua m ij ada e discutindo com m inha cabeça se

deveria voltar para o quarto e achar m eu m aldito telefone, para ligar para Henry

Hewitt e perguntar – de novo – se o que estava acontecendo era m esm o real; ou

se conseguiria levantar m inha bunda para tentar encontrar Nickie um a últim a

vez.

Doía tanto.

Isto é real.

O porteiro do hotel olhava para m im .

Usava óculos.

Para de olhar para mim, porra.

Corri.

A cada passo, a cada respiração, repetia para mim mesmo, *Isso é real, isso é*

real. Não podia perdê-la, não podia continuar a afastá-la de mim. Nickie era a

única coisa a que podia me segurar, a única coisa capaz de mim pedir que Jack se

perdesse para sempre naquele outro mundo.

Ofegante, miserável e encharcado, virei a esquina e encontrei Nickie sentada

em um banco, perto da estação Baker Street.

“Nickie?”

Ela ficou assustada.

Não queria mais assustá-la.

“Não vou desistir de você assim”, eu disse. “Eu posso ser a pessoa que você

acha que sou. Eu sou essa pessoa. Mas eu preciso de você para ser assim.”

Ela tinha chorado.

“Me ajuda, Nickie? Vamos conversar?”

Ela fez “sim” com a cabeça.

Tudo escuro. Apenas um lençol nos cobre. Fico de pé e abro a janela para

ouvir o barulho da chuva e deixar seu cheiro úmido entrar.

Nickie deita a cabeça sobre meu peito, passando a mão na minha barriga,

assim como tinha feito em nossa primeira noite em Blackpool.

“Dá para ouvir o seu coração”, ela sussurrou.

“Faz barulho de quê?”

“De um m enininho zangado.”

“Ah, é?”

“Bem , ele fica nervoso com tudo e com todos, m as, por dentro, eu sei que

está apenas m achucado.”

“E com o você sabe?”

“Ele finge m uito m al. Ele acha que ficar triste não é coisa de hom em e tenta

fazer cara de bravo.”

“Esse m enininho tem que parar de te contar coisas sobre m im .”

Abracei Nickie bem forte.

“Agora eu sei por que eu disse que não queria te ver de novo, Nickie.”

Senti seus dedos se contraindo contra a m inha pele, com o se ela tivesse sido

queim ada.

“Por quê?”

“Porque eu nem lem brava o m otivo de estar usando as roupas do seu irm ão.

Porque eu não m e lem bro de onde estava desde sábado à noite até quando te

liguei da estação Green Park.”

Ela não disse nada. Sentia sua respiração sobre m eu peito.

“Tem algo de errado com igo, e estou assustado.”

Freddie Horvath deixou minha cabeça assim e eu vou te magoar, Nickie.

Um nó na garganta.

Jack não chora.

“Não quero te m agoar, eu te am o de verdade.”

“Você não vai me ajudar, Jack. Deixa o Conner te ajudar. Ele conversou

comigo e viu o quanto ele quer te ver bem.”

“Não quero que ele fique me agitado comigo, também.”

Nickie respirou fundo. Senti o ar frio no meu peito. “Você estava vestindo as

roupas do Ander porque apareceu todo encharcado de chuva na segunda à noite.

Você tinha se perdido. Era um pouco patético. Não foi a melhor das primeiras

impressões para os meus pais.”

“Nossa...”

Ela riu baixinho. “Depois eles se acostumaram com o meu amigo

americano. E você dormiu lá.”

“Com você?”

Nickie passou o dedo pelo meu peito. Senti seu rosto se contrair em um

sorriso. “E tinha outro jeito? Não dava para você ir em bora. Eu estava com todas

as suas roupas. O Ander te emprestou um pijama e você ficou no quarto de

hóspedes. Você falou que tinha vergonha de fugir para o meu quarto de noite

com meus pais em casa, mas acho que estava mesmo era com medo de o Ander

ser ciumento.”

“Agora me lembrei dele. Desculpa, Nickie. Não posso fazer essas coisas com

você. Eu sou tão perdido, fico me sentindo culpado por tudo, por não ter o

controle das coisas...”

“Shhh...”, Nickie apertou meus lábios com o dedo.

Então me lembrei do irmão dela me em prestado as roupas e tomando café

da minha infância conosco. Eu tinha dito a Nickie que estava com medo e precisava ir

embora, me esmoreço o que eu não quisesse. Ela não me entendia, e chorava. E, quando

entrei na estação do metrô, queria chorar também, mas o Jack não chora. Tentei

me perder na escuridão, na multidão que ia e vinha pelas entranhas da cidade.

Também me lembrei brava de ter conversado com Henry, de que ele sabia que

Jack não estava aqui por inteiro. Depois de me encontrar com ele, vaguei por

Londres a noite toda, sem direção, até recuperar os sentidos totalmente e ligar

para Nickie.

“Me conta o resto da história, Jack”, ela sussurrou.

Aquela em que o Jack se mata no final?

Você não vai gostar, Nickie.

“Acho que essa história nunca vai terminar.”

“Quero dizer aquela do menino. Seth. Você prometeu que ia acabar de

contar.”

“Ok.”



CINQUENTA E UM

A história de Seth [4]

Consegui um trabalho de estivador em Napa. Trabalhava a sem ana toda,

exceto aos domingos. Não era tão forte quanto meus colegas, mas era esforçado

e me dava bem com todos. Para conseguir o emprego, tive de me adaptar à idade.

Mas não era um aprendiz de fato, afinal de contas, eu não sabia ao certo quantos

anos tinha.

Ainda assim, acredito que o Sr. Pursely, o chefe do departamento de cargas,

sabia que eu não tinha 18 anos, porque não se cansava de fazer com entârios

sobre meu rosto imberbe ou meu peito liso. Mas todo dia, depois do trabalho, eu

escapava e dormia na floresta ou em algum celeiro silencioso, desde que

estivesse quente o suficiente para isso.

Os outros garotos que trabalhavam ali sabiam que eu era um forasteiro, e

órfão, mas nunca me faziam perguntas. Eu me desdobrava para estar sem pre

asseado e bem alimentado. Às vezes, desciam o rio até São Francisco para se

darem com as mulheres de vida fácil. Eles me chamavam, mas eu já me

considerava um perverso desvirtuado, então pedia que respeitassem minha

abstinência.

É claro que faziam chacota de minha pureza juvenil sem pre que podiam,

alheios à criatura vil que eu realmente era. Ainda que nunca faltasse à minha

atenção para a palavra de Deus, não me sentia mais próximo da luz.

Em novembro, mudei-me para um quarto no Sutton House, um hotel de

família onde podia desfrutar novamente do simples conforto de ter um quarto e

tomar banhos regulares. Lá, a falta de privacidade era muito bem com pensada

pela água quente e abundante.

Tinha dois livros: a Bíblia e um exemplar de Longfellow. Sem pre os lia antes

de dormir, mas nem um nem outro me traziam conforto. Enquanto me

lembrava, noite após noite, de minha depravação, o outro apenas trazia de volta

as memórias que tinha de Hannah. Eu sofria tão desesperadamente por ela que

algumas vezes deitava no quarto e chorava, muitas vezes naquelas noites frias e

silenciosas quando minha solidão se tornava uma fragilidade

particular. Sentia

falta de cada um dos Mansfields.

Dezem bro trouxe a pior das chuvas; o trabalho se tornou um fardo.
Não tinha

roupas para aquele clim a e m al ganhava o suficiente para pagar m
inha estada. E

foi, ainda m e lem bro, no dia 12 daquele m ês, enquanto lia
Longfellow recostado

na cam a e sob a luz da lanterna, depois de j antar, que um a visita
inesperada

bateu à porta.

Não usava traj es apropriados, então puxei as cobertas por cim a das
pernas e

pedi que a pessoa entrasse.

E lá, pingando a água da chuva que tom ara, e coberto de lam a até os
j oelhos,

estava m eu irm ão, Davey Mansfield.

Ele disse, “Seth Braden Mansfield, o que diabos você está fazendo
neste

lugar?”

A princípio, m al o reconheci. Tinha um chapéu que quase lhe cobria
os olhos

e um a espessa barba castanha que eu nunca vira tão cheia. Mas
quando tive

certeza, pelo seu olhar e sua voz, tirei as cobertas de cim a de m im e
fui ao seu

encontro de braços abertos.

“Davey !” Fazia tem po que não m e sentia tão cheio de alegria. Tinha
m e

acostumado à vida aborrecida fora de Pope Valley. Segurei-me e não me dei ao trabalho pelos

meus irmãos e olhei em seus olhos. “Algum problema em casa?”

“Problema, Seth? Muito mais que problema! Mãe e Hannah estão doentes

com a falta que você faz, e papai não fala mais comigo, não sei para reclamar

quando não faço as coisas do jeito que ele gosta.”

Olhava para Davey, suas roupas ainda respingavam o chão. Naquele

momento, tive certeza de que, na tentativa de poupar minha família de

depravação, fazia-lhes outro mal.

“Não quis me aguar ninguém, Davey. Tinha medo do que poderia ter acontecido se tivesse ficado. Acredite em mim, nunca faria nada para me aguar

mãe, Hannah ou qualquer um de vocês.”

Davey suspirou. Ele sabia muito bem o motivo que me arrancara de casa,

mas, mesmo assim, estava determinado a me levar de volta.

“Fazendo ou não fazendo mal, você já está condenado. Você não sabe o

quanto eu andei até chegar aqui, e vai voltar comigo querendo ou não. Podem os

partir agora ou amanhã pela manhã, como quiser.”

Que estranha a vida, pensei, porque lá estava eu, sete anos depois, dando

roupas limpas a Davey para que se trocasse, da mesma forma que os Mansfields

fizeram ao me acolher com o meu próprio sangue. Descem os

para que a

senhora Sutton desse com ida a Davey, apesar de não ser seu costum e cozinhar

quando todos já tinham se recolhido. Com o se tratava de um irmão, ela disse, não

seria um incômodo. Também disse que Davey poderia dormir no meu quarto se

não tivesse onde passar a noite.

Naquela noite, quando estava a ponto de adormecer, Davey disse, “Seth.

Sobre você e Hannah, ainda não está na hora. Entenda bem, meu irmão. Você

volta comigo agora para que meu irmão tenha paz, mas desta vez você vai se

comportar como um homem decente e esperar o momento certo. Você saberá

quando ele chegar. Estamos de acordo?”

“Estamos.”

“Que bom. Boa noite, então.”

Na manhã escura e nevoada do dia seguinte, com meus poucos pertences

sobre um burro de carga entre nós, Davey e eu partíamos para Pope Valley

debaixo de uma chuva fraca, mas insistente. Era domingo, e sentia um mau

presságio por estar perdendo a minha, minhas mãos tremiam bastante com cada

batida de meu coração, na expectativa de sentir o toque de Hannah novamente.

Eu sabia que estava amaldiçoado.

O clima prolongou a viagem ainda mais, e já era terça-feira à noite quando

levaram aquela pobre mulher para o celeiro de papai. Imagino que Davey tenha

notado minha expressão de alívio enquanto meus olhos percorriam aquele lugar

tão familiar, buscando o rosto de Hannah. Sentia sua presença tão forte que

minhas pernas estavam completamente bambas.

Quando entramos pela porta da casa, meu pai chorou e me abraçou, sem se

importar com minhas roupas encharcadas. Ela exaltava Davey por ter me

salvado mais uma vez. Mas Hannah não veio. Ficou no fim do corredor e

encarando e, então, subiu para o quarto sem dizer uma palavra, com o rosto

angustiado coberto de lágrimas.

Papai apagou seu cigarro. Veio até nós, me beijou a cabeça e me olhou. “Seth

Mansfield, você deve ter uma longa história para contar, não é, garoto? Agora

subam e troquem as roupas para jantar. Você quase me matou sua mãe e sua

irmã de desgosto, meu filho. Estavam preocupadas com você, e com Davey

também, ainda mais com o frio que está fazendo.”

“Me desculpe, papai”, disse, e subi com Davey até o quarto.

Na escuridão do corredor, parei à porta do quarto de Hannah. Davey me

olhava. Ela chorava. Sentia-me e totalmente desamparado. Levantei minha mão

para bater, mas Davey disse, “Não”.

Abaixei o braço. Davey abriu a porta de nosso quarto e esperou. Não tirou os

olhos de mim até que eu entrasse.

Era com o que ele tinha dito: fosse com o que fosse, eu já estava condenado.

Na hora do jantar, minha mãe subiu para buscar Hannah. Davey olhava, preocupado, enquanto Hannah me puxava o pescoço com os braços e me cobria

as bochechas e a cabeça de beijos. As lágrimas dela me olhavam meu rosto.

Tentava ficar ali, imóvel, ou colaria meus lábios nos dela. Nunca tinha desejado

tanto sentir sua língua na minha. Sentia um frio no estômago e enrubescia, não

conseguia evitar a atração. Senti um golpe na nuca e ouvi um a gargalhada. Fiquei

atordoado. Davey ria: Hannah tinha me acertado um safanão. “Seth Mansfield,

se você aprontar uma dessas de novo, vou te buscar eu mesmo!”

“É, garoto”, papai completava. “Acho melhor você não mexer com essa

moça, ela é brava.”

Papai acendeu um cigarro e se sentou à mesa, olhando enquanto seus

rapazes jantavam.

Estava afobado e mal me saíam as palavras, mas baixei as talheres e olhei

para Hannah, dizendo com um a voz vacilante e arrependida,
“Hannah, m e

perdoe. Não irei abandoná-los novam ente. Nunca m ais.”

As bochechas de Hannah coraram , m as só eu notei.

Naquela m esm a noite, Davey ia com igo pelo corredor, nos
preparávam os

para dorm ir. Vim os que Hannah estava em seu quarto, esperando,
espreitando

pela fresta da porta. Com a m ão firm e, Davey m e segurou pelo om
bro. Sabia o

que ele queria dizer, m esm o sem usar palavras.

”Pode ir dorm ir, Seth. Preciso ter um a conversa com a Hannah.”

Fiquei ali, parado, enquanto Davey entrava no quarto de sua irm ã.

Chegou o Natal. Tudo j á tinha se norm alizado, e era quase com o se
eu nunca

tivesse fugido de casa. Pela m anhã, fom os todos a Necker’s Mill
levando com ida

para tio Teddy. Oram os com ele, e papai deixou que bebêssem os um
pouco de

cidra quente. Gostei da bebida, principalm ente porque fazia m am ãe
e Hannah

rirem até corar o rosto.

Antes de voltarm os, Davey e eu fom os buscar a carroça enquanto
papai

fum ava e tom ava m ais um copo com tio Teddy. Há dias esperava
por um a

oportunidade para conversar com Davey a sós, m as m e faltava
coragem .

“Davey, quero te pedir perm issão para um a coisa”, eu disse. “Estou
fazendo

um presente para Hannah, mas preciso que você permita que eu dê a ela.”

“Mas por que eu diria não?”

“Bem, quero entregá-lo a nós. Só eu e ela.”

Ele olhou nos meus olhos. Não podia dizer que Davey não confiava em mim.

Nossos laços fraternos eram fortes, e não havia segredos entre nós. Por isso,

também, precisava de seu consentimento.

Davey soltou um longo suspiro. O hálito quente subia-lhe o rosto naquela

tarde fria. “Espero que você se comporte com o um homem decente, Seth.”

“Obrigado, Davey.”

E foi tudo o que disseram os.

Mais tarde, enquanto minha mãe preparava a ceia, admiravam os os casacos e

chapéus que ganharam os de presente, e papai contava histórias dos Natais de sua

infância. Estava me sentindo bastante desconfortável porque sabia que Davey

observava a mim e a Hannah, e a data parecia deixar meus pecados ainda mais

evidentes. Meus pensamentos eram invadidos pelas memórias do último verão à

beira do rio com Hannah. Não podia evitar.

Ganhei coragem e me aproximei dela. Cutuquei seu pé com o meu. “Tenho

um presente para você.”

“Onde?” Hannah não tirava os olhos de mim, não piscava. Sob aquele olhar,

era como se eu encolhesse até desaparecer.

“Bem”, olhei para papai, depois para Davey. “Não quero que ninguém veja

antes de você, no caso de você não gostar.”

Papai deu de ombros. Hannah estava confusa. Davey parecia estar a ponto

de me acertar um tapa. Com os olhos, eu podia que nos desse apenas alguns

minutos, e ele não nos impediu.

“Vam os.” Levei Hannah pela mão. “Vista o casaco, seu presente está no

celeiro.”

Olhei de relance para Davey, e saí com Hannah.

No celeiro, acendi um lampião.

Fechei o portão.

E tranquei. Estava tão ansioso que não dizia nada, mas assim bem não queria.

Não podia tirar minhas mãos dela, Hannah estava linda. Tinha esperado por

tanto tempo. Tentava ser um a pessoa melhor, mas nada mais eu portava naquele

momento em que estavam os sozinhos e finalmente juntos. Sua pele estava tão

fria e macia. Parecia vidro para os meus lábios.

Sua boca tinha gosto de cidra. Finalmente me sentia vivo de novo. Com os

dedos entre seus cabelos, apertei seus quadris contra os meus, e fui

tão fraco que

poderia ter atirado nossas roupas pelo chão, sem me importar, mas tentei pensar

em Davey e em nossa família e recobrei o jejum.

“Te amo tanto, Hannah.”

“Pensei que fosse horrível quando você foi embora, Seth.”

Ela começou a chorar, e senti que lágrimas surgiam em meus olhos, também, então a abracei forte e senti o perfume e de seus cabelos.

“Não precisa chorar”, eu disse. “Tenho um presente de verdade para você.”

“Não preciso de presentes, Seth. Só preciso de você.”

“Veja.”

Levei Hannah pela mão até a bancada de marceneiro de pai.

“Fiz isso para você.”

Eu tinha entalhado um cavaleiro de madeira: um Appaloosa cinza de crina

preta e cascos listrados, todos envernizados. A tinta acabara de secar. Era pouco

mais do que eu tinha. Tinha usado um carretel da mãe com o rodinha, presa

às patas traseiras por uma borracha. Mostrei a Hannah que, quando puxado para

trás, o cavaleiro andava para frente alguns centímetros e levantava as patas

diantes, batendo três vezes no chão.

Rolando...

Tac. Tac. Tac.

Hannah ria, com as mãos no rosto.

“Seth! Acho que é a coisa mais linda que já vi!”

Não conseguia dizer nada, apenas observava. O rosto de Hannah resplandecia, e me hipnotizava.

“Posso brincar com ele?”

Coloquei o brinquedo sobre a bancada e, com minha mão sobre a dela,

puxamos para trás.

“Agora é só soltar.” Eu falava com os lábios colados à orelha dela e eu peguei

de propósito um a mecha de seu cabelo com minha boca.

Rolando.

Tac. Tac. Tac.

Ela riu de novo, leve, e se jogou em meus braços, aos beijos.

Desajeitado, subjugado por minha fraqueza, agarramos os nervosamente as

roupas um do outro e caímos, emaranhados, no chão bem abaixo de nossos pés.

Limparamos apressadamente a terra do corpo, ofegantes. Apaguei o lampião

enquanto Hannah enfiava seu cavalinho por baixo do casaco, junto ao peito. Com

mais um beijo, juramos eterno amor, e voltamos à casa pelo chão enlameado.

Sentado com minha família à mesa da ceia de Natal, sentia-me um animal

desprezível. Quando papai concluiu as orações, tive a sensação de que me orreria

ali mesmo, porque sabia que tinha deixado o demônio tomar conta de mim.

Hannah, ao contrário, estava radiante de contentamento, com seu novo cavalinho

sobre a mesa, entre ela e Davey. E, por baixo da mesa, roçava o seu pé no meu.

Não dormi naquela noite. Estava tomado de pensamentos im-puros. Tinha

certeza de que Davey estava acordado também, vigiando, enojado de minha

depravação. Ele sabia. Era um alívio que Davey não tivesse perguntado nada.

Caso tivesse, teria confessado que fui fraco de novo e não era capaz de ficar

longe dela.

Sabia que iria para o inferno, mas tinha-me decidido: desistiria do céu para

viver com Hannah na terra.

E assim seria.

Estava resignado com minha impureza.

O verão depois de com-me-orar meus 16 anos foi um ponto de mudança em

nossas vidas, eu acho. Davey tinha se casado e, com minha ajuda e a de papai,

construiu uma casa para ele e a esposa, bem perto da nossa, do outro lado do

pasto. Após a mudança de Davey, meus encontros com Hannah se tornaram

mais fáceis.

Aos 17 anos, Hannah já era uma bela moça.

Às vezes, em nossa depravação, ela se esgueirava até meu quarto no meio da

noite e dorm íam os j untos, fazendo j uras, abraçados até o am
anhecer, sem que

ninguém soubesse. Até que, com o estava destinado a acontecer,
confirm ou-se

m inha m aldição: dois m eses depois do m eu aniversário, Hannah m
e disse que

esperava um filho m eu.

Aquele foi o dia que m ais m arcou m inha vida, por um a série de m
otivos.

Naquele m esm o dia, m am ãe e papai tinham ido visitar Davey, e eu
tinha

ficado em casa para em pilhar os blocos de feno que tinham os com
prado para as

vacas. Suava com o calor que fazia na parte de cim a do celeiro.
Hannah m e

observava e senti que ela estava diferente, que queria m e contar
algum a coisa.

Quando disse que estava grávida, tive de parar e m e sentar.

Lim pei o suor da testa e tom ei um a concha de água do balde,
derram ando

um pouco sobre o peito, por dentro do m acação que usava.

“Com o você tem certeza?”

“Estou sentindo, Seth. Estou m esm o grávida.”

Adm ito que fiquei zozzo quando recebi a notícia. Olhei para ela um
tanto

incrédulo. Nunca a vira tão feliz. Já eu, não sabia ao certo o que
sentia, m esm o

tendo certeza de que aquilo acabaria por acontecer, um a vez que
agíam os sem

qualquer j uízo.

Hannah veio andando devagar e se sentou sobre o feno ao meu lado.
Ficamos

de mãos dadas por alguns instantes, em silêncio. Ouvia apenas minha
respiração.

Olhei pela janela do telhado, admirando aquele azul perfeito e as
nuvens

pairando sobre as árvores, sobre o lar que tive a sorte de receber.

“Bom dia”, eu disse, “vou contar para papai. E será hoje. Não podem os
fazer

meus pais nada, Hannah. Sabiam os que aconteceria meus pais cedo ou meus pais
tarde. Duvido

até que alguém se surpreenda.”

“Você está feliz, Seth?”

Arranquei um talo do fardo de feno onde estavam os sentados e levei à
boca.

“Sim, acredito que eu esteja feliz com isso.”

“Obrigada, Seth.”

Coloquei a mão sobre a barriga de Hannah e fechei os olhos. “Acho
que já

estou sentindo nosso bebê aí dentro.”

“Eu também.”

Beijei seu rosto e corri os dedos por seus cabelos.

Tiramos nossas roupas e com elas fizemos um cama logo abaixo da
janela,

por onde entrava uma brisa fresca. Passamos aquela tarde inteira
verão ali,

nus e suados, sem pudores.

Sabia que o que fazíamos era errado, que era pecado. Sabia desde o
primeiro

dia, à beira do rio. Mas j á tinha sucum bido àquela depravação. Já estava além da

salvação. Então, naquele dia de j ulho, deitam os na cam a de nossa união, sobre

nossas roupas am assadas na penum bra do celeiro, enquanto Hannah enrolava

seus dedos no m eu cabelo e eu fechava m eus olhos, ouvindo os pássaros cantar

sob o sol da tarde. Agarrei-a com força e j oguei m eu corpo sobre o dela m ais

um a vez.

Então, um a som bra pairava sobre nós.

Ouvindo os nossos gem idos, tio Teddy tinha subido ao celeiro à nossa procura,

bufando e bradando suas proclam ações, denunciando o m al que se apossara de

nós.

“Sangue do seu sangue! Irm ão e irm ã am aldiçoados! Um a abom inação!”,

bram ia. Segurava o cabo quebrado de um ancinho e acertou m eu om bro. Urrei

de dor e senti que ia cair, m as fiquei de pé para tentar proteger Hannah de seus

ataques.

“Pagãos incestuosos!” E, m ais um a vez, m e golpeou com sua arm a im provisada, acertando em cheio m inha nuca.

Minha visão turvou por um m om ento.

Quando abri os olhos, estava com a m ão sobre a cabeça. Sentia o sangue

escorrer pelo rosto, secando entre os cabelos, grudando no feno pálido abaixo de

meu. Ainda estava nu e não me lembrei brava do que tinha acontecido. Com exceção

recobrar a consciência quando ouvi Hannah chorando e se debatendo ao meu

lado. Com o cinto, tio Teddy fustigava suas pernas e costas furiosamente.

Era repulsivo. Fiquei furioso, tinha de proteger minha Hannah. Tentava

recobrar as forças desesperadamente enquanto Hannah olhava para meu,

aterrorizada. Mas tio Teddy estava determinado a fazê-la sucumbir. Hannah

queria se cobrir com nossas roupas, mas assim que tentava, tio Teddy acertava

seu braço. Suas pernas e costas ficaram cobertas de minhas marcas cruzadas que

começavam a sangrar.

“Ramadeira! Ramadeira!”, o reverendo gritava.

Agarrei o que estava ao meu lado, um gancho de feno, e, quando tio Teddy

erguia o braço para golpear ao meu lado, investi contra ele. Não sei se tive a

intenção de feri-lo, mas a ponta do gancho entrou certa entre suas costelas, por

onde lhe escapou o ar em um jorro espumoso. Em purrei o reverendo para longe

de Hannah. Ainda com o gancho enterrado no tronco, tio Teddy dava passos para

trás, cambaleante.

Quando ele parou, deixou o cinto cair.

Até então, tio Teddy não percebera a gravidade de seu ferimento. Olhou para

baixo. O gancho, cravado em seu corpo, subia e descia com sua penosa

respiração. E então levantou o rosto para mim, com olhos inquietos, aturdido.

Deu-me dois passos para trás, enquanto suas mãos ensanguentadas tentavam

retirar o metal que lhe perfurava o tórax. A cada respiração do reverendo, ouvia

um assobio borbulhante que soprava pela ferida e o sangue descia-lhe pelas

calças até o sapato.

Tio Teddy continuou se afastando, perplexo, trêmulo. Patético. No próximo

passo, já não encontraria o chão. Acabou por cair do sótão, sentado sobre a

carroça de papai, resignado e derrotado. Ainda agarradas ao gancho, suas mãos

não tinham mais forças para puxar. Seu rosto empalidecera e seus lábios flácidos

apenas balbuciavam sílabas frouxas.

Fui ao socorro de Hannah. “Ele te machucou muito?”

“Não.”

Teria me atado aquele homem ali mesmo se a resposta fosse outra.

“Vá e peça ajuda”, eu disse.

“Ai, Seth, olhe pra você.” Com os dedos, Hannah tocou levemente o corte na

m minha cabeça.

“Estou bem , Hannah, vam os pedir aj uda.”.

Hannah se enfiou no vestido e lavou as roupas de baixo em um balde d’água.

Então, lavou o sangue que m e lam buzava e m e beij ou.

“Estou m orrendo de m edo, Seth.”

Tio Teddy gem ia baixinho, com a cabeça pendendo sobre o om bro. A

enorm e poça de sangue engolia todas as tábuas da carroça onde ele tinha caído e,

com a queda, a ponta do gancho em ergira de suas costas, com o o chifre do

próprio diabo. Não sabia que um a pessoa podia sangrar tanto.

Vigiava o pastor enquanto vestia m inhas roupas, m as assim que com ecei a

m e calçar, tio Teddy se deitou para trás e esticou as pernas, com o se fosse só

tirar um a soneca. Morreu ali, no nosso celeiro.

“Não olhe”, sussurrei.

Descem os do sótão.

Tentei retirar o gancho, m as era quase com o se Teddy se recusasse a devolvê-lo. Finalm ente se soltou, com um puxão violento.

Lim pei a ferram enta na m anga da cam isa do reverendo e a j oguei de volta

para o sótão.

Quando voltava à casa dos Mansfield com Davey naquela m anã chuvosa de

dezem bro, tinha certeza de que era am aldiçoado. Mas eu m esm o tinha escolhido

aquele caminho na vida: escolhera ficar ao lado de Hannah e dar minha vida a

ela. Então, no dia em que me ateio tio Teddy, contei a papai toda a verdade sobre

me e Hannah e sobre o que acontecera no celeiro. Papai apenas seguiu

fumando seu cigarro enquanto ouvia. Nem me esmago perdi perdão, pois sabia que

era algo que ninguém podia me dar. Quando parei de falar, papai colocou a mão

sobre a minha cabeça. E apenas disse que me ama.

“Dormiu?”, perguntei.

Com a cabeça sobre meu peito, Nickie estava muda.

“Não. Eu adoro isso, Jack. Adoro ouvir sua voz... ficar aqui com você. E o que

aconteceu com eles?”

“Coisas horríveis.”

“Quando você conta, parece até que você esteve lá.”

“Mas eu estive.”

“Com o?”

“O menino agora é um fantasma. É difícil explicar, mas ele me deu a vida dele, eu acho. Eu me esmago não entendo direito com o funciona.” Olhei

para o teto. “Eu sei que parece me aluquice minha, mas não é.”

“Acredito em você, Jack.”

Eu me sentei e olhei para Nickie sob a luz acinzentada que vinha da janela.

Queria saber se ela realmente acreditava em mim ou se me achava um doido,

com o eu mesmo o achava às vezes.

Ela acreditava em mim .

Me levantei da cama. “Preciso te mostrar uma coisa.”

Chutei as roupas espalhadas ao pé da cama até encontrar as calças que usava

na noite anterior. Apertando o jeans, sentia a forma e o peso da lente de Marbury

dentro do bolso. Fechei os dedos em volta da lente, virei para a cama e me deitei

novamente com Nickie.

“Olha só.” Mostrei o punho fechado,

Então abri minha mão.

Tentei não olhar, mas o quarto já tinha sido inundado pela luz pálida de

Marbury. Estava à beira do maior penhasco que poderia imaginar e um sopro

quente e im placável me empurrava para as profundezas de seu abismo branco.

Não olhe, Jack.

Ainda não.

Relances de Ben Miller desmontando de seu cavalo, Conner e Freddie

Horvath. Griffin deitado de lado no chão entre eles. Queria ir para lá. Algo estava

acontecendo.

Em um solavanco, perdi o ar, como se fosse eletrocutado.

Até agora você durou mais que os outros, Jack.

Olhei para o outro lado, apertei a lente com força e a enfiei debaixo do

lençol, para fazer parar.

“Você viu?”, perguntei, ofegante. Já não tinha mais certeza se estava mesmo

ao lado de Nickie. “Você viu aquilo?”

Tentava respirar, ainda sentia a força daquela lente me aldrupada sob o lençol.

“Você está tremendo, Jack.”

Nickie me acariciava as costas.

Como Hannah fez daquela vez, enquanto eu tremia na água fria do poço.

“Você viu?”

“A lente? Eu via a lente. É isso que você quer dizer, Jack?”

Puxei Nickie pelo ombro com a outra mão e virei seu rosto para o meu.

“Você não viu nada além disso?”

“Não, o que era?”

Suspirei e me deitei de no travesseiro, tremendo, suando. Virei de bruços e

fechei os olhos.

Preciso que você deite de barriga para baixo. Faça isso.

Estiquei o braço até o chão e enfiei as lentes de volta no bolso das calças de

Ander.

Vai se foder, Jack.

Nickie colocou as mãos entre meus ombros, me assageando. “O que está te

assustando, Jack?”

“Você acha que eu sou doido, né?”

“Shhh...”, Nickie beijou minhas costas. “Não fala assim. Me diz o que você

viu.”

Ela me beijou de novo e se deitou sobre mim. Sentia cada parte de seu corpo

contra o meu.

Isto é real.

“Coisas horríveis.”



CINQUENTA E DOIS

Tinha de voltar.

À noite enquanto eu dormia, Seth veio.

Rolando...

Acordei.

Tac. Tac. Tac.

“Seth?”, sussurrei.

Olhei para Nickie. Ela estava de olhos fechados. “O que você disse?”, ela

perguntou baixinho.

“Ouça.” Sussurrei de novo, “Seth?”.

Nickie abriu os olhos, buscando os meus. Apertei sua mão contra meu peito.

Rolando e...

Tac.

Tac.

Tac.

“É ele, Nickie. Dá para ouvir?”

“É o cavalinho, não é?”

Ouvimos o sussurro etéreo dele: “Seth”.

Suor.

Estou tremendo.

Nickie corre os dedos pelo meu peito molhado. “Jack, você está tremendo de

novo. Está pálido.”

“Você ouviu.”

“Ouvi, Jack.”

“Então é real.”

“Está acontecendo mesmo.”

“Nickie, preciso fazer uma coisa. Me ajuda?”

“Jack, estou com medo”, ela diz, acariciando meu rosto.

“Eu também. Mas não me deixa fazer besteira.”

“Com o quê?”

Não consigo responder. Os tremores não me deixam falar. Estou encharcando

a cama de suor e a voz de Nickie vai ficando cada vez mais distante.

“Jack? Jack,

o que está acontecendo?”

Rolando...

Tac.

“Jack?”

“Não sai de perto de mim, por favor.”

Tac.

Nickie chora. “O que ele quer?”

“Não deixe eu me perder.”

Eu acho. A lente está na minha mão e me deito de novo ao lado dela.

“Nickie, fala que me ama.”

“Jack, estou com medo.” Nickie continua a chorar.

Sinto seu rosto junto ao meu, seus lábios ao meu ouvido. “Eu te amo”, ela diz.

Seu hálito é com o um fantasma cobrindo minha pele úmida.

Tac.

Já é hora, Jack.

Só uma olhadinha.

Abro a mão e os olhos.

Não nos viram. Não faziam ideia do que eram os capazes. Com a pressa, fiz

Ben deixar tudo para trás naquele lugar perto do rio. Tudo menos as armas.

E as roupas de Griffin.

Ele voltaria conosco.

Tínham os deixado os cavalos a cem metros de onde estavam os e

continuam os a pé, sem pre nos escondendo pelas árvores e atrás do cascalho que

descia das montanhas e se acumulava. Antes de nos aproximarmos, Ben me puxei

Ben pelo ombro, para ele olhar para mim, ver que falava sério.

“Não esquece o que eu falei. Você não pode me atar o meu novo.”

Ben não respondeu. Apenas olhou para suas pernas, uma em cada mão, com o se

disse que não podia me prometer aquilo.

Quando finalmente alcançamos a elevação acima deles, Ben me parou

com o braço.

“Está acontecendo alguma coisa.” Ele espreitava por trás de uma árvore.

Estavam os tão perto que podíamos senti-los.

Ouvimos sons de uma luta, alguém estava apanhando, sendo jogado de um

lado pro outro.

“Parece que estão brigando por causa do Griff, olha só.” Ele agarrou-me

ombro e me empurrou para um ponto onde tinha uma visão clara do que estava

acontecendo.

Griffin estava deitado, com os punhos amarrados às costas e o tornozelo preso

por uma corda.

Freddie faz a mesma coisa aqui.

Mas Griffin estava acordado e atento. Seus olhos saltavam de Freddie para

Conner enquanto lutavam .

Conner não era páreo para Freddie Horvath, seu rosto estava ensanguentado.

Ele levou um soco e foi cam baleando para trás, então pegou um dos m achados e

investiu furiosam ente contra o oponente.

Tentavam m atar um ao outro.

Ben ergueu um a das arm as, fazendo m ira.

“Espera.” Segurei Ben pelo braço.

Conner cortou o ar ao tentar acertar Freddie, que revidou proj etando a

cabeça e as garras para frente, ele m ais parecia um leopardo que um hom em

com aquelas m anchas negras ao longo da lateral de seu corpo. Freddie se atirou

sobre Conner, envolvendo a cintura dele com os braços e enterrando a cara em

sua barriga.

Conner urrou um gem ido terrível ao sentir os chifres do queixo de Freddie

perfurando seu abdom e. A cena m e deu um nó no estôm ago. Freddie ergueu seu

adversário com as garras. Conner tossia j orros de sangue sobre seu peito, e se

debatia enquanto sua pele era rasgada a m ordida. Por fim , foi j ogado sobre as

pedras onde Griffin estava deitado.

Ainda segurando o braço de Ben, sacudi a cabeça e virei o rosto. Senti seus

m úsculos se contraindo enquanto assistia ao que Freddie estava fazendo.

Olhei novam ente. estava caído de barriga para cim a, coberto com seu

próprio sangue, os olhos vidrados no céu. Mexia os braços e as pernas, m as eu

sabia que ele não se levantaria m ais.

Freddie agarrou Griffin nos braços e com eçou a lam bê-lo, lam buzando seu

rosto de sangue e saliva, enquanto o m enino tentava virar a cabeça, fechando os

olhos e a boca. Ele gem eu quando foi puxado pelos cabelos com o se não pesasse

nada, e arrastado até Conner, que ainda estava no chão. Freddie enfiou a cabeça

de Griffin no sangue que se acum ulava no abdom e de Conner e abriu a boca dele

com as pontas das garras negras.

“Bebe! Bebe, seu bostinha!”, Freddie disse, enfiando a cara de Griffin na

ferida. Ouvia o garoto engasgar no sangue, lutando para respirar.

“Bebe!”

Levantei o rifle.

“Que se foda este lugar!”

Um tiro. Foi rápido, m as vi a fum aça e o j orro verm elho saírem por trás da

cabeça de Freddie.

Vai se foder, Freddie.

Está morto de novo.

Ele soltou os cabelos de Griffin, e o menino caiu em cima de Conner. Freddie,

perplexo, procurava pelo atirador, com o se não tivesse uma cratera atrás da

cabeça, mas logo se sentou e, curvando-se para frente, morreu.

Assim que puxei o gatilho, Ben correu pela grama alta com as duas pistolas

apontadas para Freddie.

Griffin assoava linhas viscosas e vermelhas pelo nariz, tentando limpar o

sangue de Conner do rosto, se debatendo e lutando contra as cordas que o

prendiam. Tentava se afastar da poça de sangue no chão.

“Griffin!”, gritou Ben.

“Por que vocês demoram tanto, porra?”, Griffin berrou, cuspidando de novo.

Segui Ben até a clareira. Não disse nada enquanto me aproximava. Ben

tentava desatar as cordas dos punhos de Griffin, que continuava cuspidando e

assoando, sobre Ben e sobre si mesmo.

Fui até Conner. Seus olhos estavam arregalados: duas pedras lisas, uma

branca, outra preta, sem alma e encarando. Com a respiração entrecortada,

ele gemia, gorgolejando sangue. Vi sua marca em forma de peixe e o escalpo

amarrado sobre os genitais por uma corda de tripa que trespassava dedos

humano secos e escurecidos. No pescoço, um colar de metalares,

pintados do

vermelho de seu próprio sangue.

Que se foda este lugar.

“Conner?” Eu olhava nos olhos dele. “Conner Kirk?”

“Jack”, Conner piscou e sussurrou.

Vai se foder, Jack.

Ouvir meu nome e da boca de Conner era um chute no saco. Dei um passo

para trás e vi o contorno de Seth ao longe. Seth desapareceu e Conner balbuciou

meu nome e novamente.

“Jack?”

“Jack?”, Nickie insiste, sacudindo meus ombros.

Estou dentro de uma banheira.

Gelo.

Jack não toma banho. Nunca.

Sinto a água gelada congelando a pele. A luz da minha vem do quarto,

acompanhada dos ruídos dos carros.

Aperto os olhos. Ainda vejo o mesmo cenário gravado neles: pessoas que nunca vi,

mas sei quem são – Hannah e Davey, rindo de mim enquanto me dão

banho na água do poço. Freddie Horvath, me ergulhando o rosto de Griffin no

sangue de Conner, forçando o menino a beber.

Conner.

Freddie Horvath.

Seth.

“Porra!” Jogo o corpo e os braços para frente de um a só vez, meus olhos

em ergem da água. “Putaquepariu!”

Dou um soco na água gelada.

Meu corpo está todo contraído, meus músculos estão travados em protesto ao

frio. Mas ainda assim começo a sentir os suores, e começo.

Náusea.

Nickie busca uma toalha e tenta cobrir meus ombros; meus pés me

escorregam pelo piso quando tento me levantar.

Exatamente como tinha nascido.

Você vai cair, seu bosta.

Não importa.

Nada importa quando você está vomitando suas entranhas, vendo elas se

afogarem numa maldita privada.

Tremores.

“Jack?”

Estou entrando em colapso, implodindo, caindo por caindo, tudo está sendo

sugado para o vazio escabroso de um buraco negro: o coração de Jack Whitmore.

Nickie esfrega minhas costas com a toalha para me esquentar, e me sinto melhor

– é como a mãe de Hannah.

Mas desisto.

Estou cansado.

Jack com eça a chorar.

Pela primeira vez em sua vida de merda.

“Não aguento mais, Nickie. Não aguento mais essa merda.”

Não conseguia entender. Nunca tinha me sentido assim em toda minha vida, e

não conseguia controlar todas aquelas cenas bom bardeando meus pensamentos.

Conner morreu em Marbury, Ben e Griffin precisavam de mim ... E por que

Nickie aguentava um minuto sequer das merdas que eu fazia? Mas aí não

tanto. Tanto. O frio na barriga, um nó na garganta, e as lágrimas – a merda das

lágrimas – desciam pelo rosto.

“Shhh...” Ela secava meus cabelos com a toalha, descendo pelas costas.

“Você vai melhorar, Jack. Vai ficar tudo bem .”

Nickie se levantou. Ouvi a água correndo da torneira. Voltou com um copo

d’água.

“Aqui. Bebe um pouco.”

Quando deixei o copo vazio no chão, Nickie me abraçou, bem devagar. “Isso,

venha . Com calma .”

Nickie me levou para o quarto e me secou. Fiquei ali, anestesiado, com o um

paciente. Então, m e cobriu e se sentou na cadeira ao lado da cam a, acariciando

m eus cabelos. Com o um a m elodia, sua voz repetia, “Vai ficar tudo bem , Jack.

Vai ficar tudo bem ”.

Eu não acreditava nela.

Deitado ali, sentindo seu toque, m e achei ridículo por ter os olhos cheios de

lágrim as. Mas não queria secá-las, não queria que Nickie percebesse, por m ais

que soubesse que ela notara.

Jurei a m im m esm o que não voltaria a Marbury, e m e senti ainda m ais

ridículo.

Jack, seu mentiroso de merda.

Tam bém estava triste pelo que tinha acontecido a Conner. Tinha m edo de

voltar e descobrir que perdera m eu m elhor am igo, logo quando ele tinha m e

reconhecido.

Ainda assim , tinha m edo de não voltar e ficar im aginando o que poderia ter

acontecido a Ben e Griffin, ou a m im m esm o. Mas talvez houvesse algum a

razão, com o Henry acreditava, para que eu e todos nós estivéssem os ali. Talvez

eu pudesse fazer algum a diferença se aj udasse aqueles m eninos.

Seria um idiota de pensar que não voltaria novam ente.

Morreria aqui se não voltasse.

Vai se foder, Jack.

Os dedos de Nickie corriam pelos meus cabelos.

Fechei os olhos.

Nickie se sentou ao meu lado e não tirou as mãos de mim. Dormi,
me

sentindo seguro.

Acordei antes do meio-dia.

Nickie beijou minha testa e sorriu. “Você está bem melhor.”

Estava envergonhado e me sentia fraco. Afastei os cabelos do rosto.
“Nickie,

obrigado por ter ficado.”

“Quer que eu peça o café da manhã?”

Então me levantei e percebi que não vestia nada. “O que aconteceu
ontem à

noite, depois que ouvimos o Seth?”

“Fomos dormir. Acordei e você não estava na cama, tinha ido ao
banheiro.

Pensei que estivesse dormindo. Você estava tremendo de frio.”

A lenta.

Arregalei os olhos e me levantei de uma só vez, olhando para o
relógio.

“Viu meu celular?” Olhei para os dois criados-meus. Nickie se
abaixou e

pegou meu telefone entre nossas roupas no chão.

Conner tinha me ligado duas vezes, e Henry uma.

Saí da cama enrolado nas cobertas. Não sei por que me sentia tão
ridículo, tão

frágil. Ficava vermelho só de pensar em sair sem roupa na frente de

Nickie.

“O Conner deve estar em King’s Cross agora”, eu disse. “Tinha me esquecido

completamente.”

Eu me virei para o outro lado, soltando a coberta e logo vestindo as calças que

pegara emprestado do irmão de Nickie. Devia ter vestido outra roupa, mas não

queria que ela percebesse minha preocupação com aquela lente. Abotoei as

calças e senti o volume no bolso. Era bom saber que estava ali, ao alcance. Olhei

para Nickie, que me observava, o que me deixou novamente envergonhado.

Estava mesmo precisando sair do quarto. A chuva tinha lavado a cidade, que

tinha cheiro de mar. A caminho do metrô, liguei para Conner. Seu trem estava

atrasado uma hora e meia, então tomei um café com Nickie na estação.

“Não quero voltar”, eu disse.

Ela tomou um gole e secou os lábios com o guardanapo. “Querida que você

pudesse ficar.”

Segurei o irmão de Nickie e ela disse, “Prometo que você vai acalmar esse

menino nervoso e assustado aí dentro?”

“Prometo”, respondi.

E nos beijamos.

“Talvez eu possa te visitar nos Estados Unidos antes de você voltar para cá.”

Olhei Nickie nos olhos para ver se falava sério.

“O Wy nn e a Stella nem vão notar se você passar a noite no m eu quarto”,

respondi.

Ela riu.

“Jack, m e fale m ais sobre isso.”

Ela passou o braço pelas m inhas pernas, sem fazer qualquer esforço para não

m e acariciar, e enfiou a m ão no bolso da calça para pegar a lente.

Eu era estúpido por m e enganar ao achar que ela não sabia o que eu tentava

esconder.

“É um a lente”, respondi.

“Daqueles óculos?”

“Isso. Ela se soltou no dia em que briguei com Conner, em Blackpool.”

“Mas o que ela faz?”

“Ela m e m ostra outro lugar, m as acho que a m aioria das pessoas não

consegue ver nada.”

Porque a maioria delas já morreu lá, como você, Nickie.

“E esse lugar é bonito?”

“Não.”

Nickie tom ou outro gole. “Eu não consigo enxergar nada, m as o Conner

consegue, não é? É por isso que vocês brigaram ?”

Respirei fundo e suspirei. “É. Mais ou menos isso. Eu não queria que ele

usasse os óculos.”

“Por quê?”

“O lugar ia fazer mal para Conner. Só isso. Queria proteger aquela cabeça

dura, proteger nossa amizade, mas ele não entendeu.” De repente, era com o se

meu corpo não coubesse na cadeira, não conseguia pensar quando Nickie

encostava em mim. “Você acha que sou louco?”

“Não, Jack. Ontem à noite eu vi o que essa lente faz com você.”

“E ouviu o barulho, não é? Você sabe que eu não estou inventando essas

coisas.”

“Não sei em que acreditar.”

“Desculpa. Eu também não entendo.” Envergonhado e atropelando as palavras, perguntei: “Você dorme de novo comigo, hoje e à noite?”

“Acho que o Conner vai ficar com ciúme.” Ela ficou vermelha e sorriu.

“Por favor?”

Nickie roçava a perna na minha. Não queria ter saído tão cedo do hotel.

Não a machuque, Jack.

Não seja Mike Heath.

Eu desejava o corpo de Nickie mais que tudo naquele momento e, ao mesmo

tempo, tinha nojo de mim mesmo, por quão fraco e irracional eu

estava sendo.

Nickie deitou a cabeça no meu ombro. Seus cabelos perfumados desceram

pelo meu rosto e por dentro da gola da minha camiseta, refrescando minha pele.

“Ok. Então me conte mais.”

“Conto o que você quiser.”

“Me conta o resto da história. Do menino.”

Não queria contar. Seth não queria que eu fizesse.

“Não acontece muita coisa, Nickie. E a história é triste.”

“Quero que você conte. Com o seu próprio menino que estava brincando com

o cavalinho debaixo da cama estivesse contando para mim e para mais

ninguém.”



CINQUENTA E TRÊS

A história de Seth [5]

Papai se sentia terrivelmente mal e assumiu toda a culpa pelo acontecido. Na

escuridão do celeiro, antes de sairmos com o corpo do pastor, papai me disse que

tinha pedido a tio Teddy para nos chamar para o jantar na casa de

Davey.

Eu veria m inha bela Hannah apenas m ais um a vez depois daquela m anã em

que papai e eu arrastam os tio Teddy para um a vala e o queim am os. Acho que

estávam os os dois enoj ados, m as fazíam os aquilo para o bem de Hannah, e isso

era tudo o que im portava. Papai estava zangado com igo, com razão, m as

j uram os um ao outro que j am ais contaríam os o que acontecera a Hannah, em

qualquer circunstância.

No cam inho de casa, papai parou à beira do rio. Enchi um balde d'água e,

com um a escova e sabão, tentei rem over o sangue seco e escurecido das tábuas

da carroça. Mas estava agarrado à m adeira. Mesm o eu que esfregasse por

sem anas, sem pre veria aquelas m anchas e, quanto m ais olhava para aquelas

tábuas m órbitas, m ais enxergava a nódoa na form a exata do corpo de tio Teddy,

na posição em que se deitara para m orrer.

Im aginava tio Teddy m e seguindo e m arcando m inha testa com traços

fulgurantes, denunciando m eus atos. Talvez atraísse um a alm a pura que fizesse a

j ustiça de Deus e m e m atasse.

“Não quer sair”, disse.

Papai fum ava à beira do rio. “Achei m esm o que não fosse sair,

Seth.”

Papai enrolou outro cigarro e estendeu o braço. “Tom a. Sem pre quis te

chamar para fumar um cigarro comigo, e agora é uma boa hora.”

Eu me sentei ao lado de papai e ficamos olhando o rio correr enquanto

pitavam os nossos cigarros.

Quando chegaram os, a casa era de um silêncio fúnebre. Sentia-me um monstro

pelo sofrimento que tinha causado à minha família. Fui à cozinha e beijei

meu irmão, mas ela não disse nada, olhando fixamente o jantar que cozinhava. Era

um fardo pesado demais para ela, pensei. Jamais perdoaria o que tinha feito à

sua filha.

Deixei papai e subi as escadas. Ele sabia que eu procurava por Hannah.

Ela estava sentada na cama, admirando o cavalo que tinha ganhado de

Natal. Parecia tanto tempo atrás.

Deixei a porta aberta. Hannah entendeu que eu tinha jurado não mais

desrespeitar papai e meu irmão.

“Oi, Hannah.”

Ela ergueu os olhos marejados, então eu me sentei ao seu lado, passando os

dedos por seus cabelos molhados. “Você está cheirando a fumo.”

Hannah colocou o cavalo no colo.

“Fumava com papai.”

“Papai não te acha um depravado. Eu também não.”

“Hannah, eu quero que você saiba que tudo o que eu fiz foi em nome e do pelo

meu amor por você, e agora as coisas serão como os meus sonhos.

Abraçados, nos beijamos.

“Dói muito?”, perguntei.

“O neném? Não, ele não me dá dores.”

“Não, suas costas e as pernas.”

“Ah, isso vai sarar.” Hannah segurou minha mão. “Seth, e eu quero que você

saiba que tudo o que eu fiz nesta vida foi pelo meu amor por você.”

E nos beijamos mais uma vez, e durante esse beijo ouvimos alguém bater

insistentemente na porta. Procuravam por mim e por papai, queriam nos levar

embora.

As mulheres choravam.

Estava feito. Não resisti, nem papai. Também não tivemos qualquer intimidade

de fugir.

Depois de nos levarem para fora, acorrentaram nossos punhos. Tinha tanto

medo que minhas pernas estavam bambas, mas papai permanecia impassível.

Virei o rosto. Mãe e Hannah se abraçavam na varanda, olhando enquanto nos

levavam .

Foi a última vez em que nos vimos.

Justiceiros de Necker's Mill. Já os conheciam os da igreja e um deles trabalhava no moinho com Davey. Eram cinco: dois nos levavam em uma

carroça, e os outros três seguiam a cavalo.

O maior deles, senhor Russ, guiava a carroça. Era um sujeito bronco, bastante irritadiço.

“Dois calhordas idiotas, é o que vocês são! Alvin Hanrion viu tudo o que

aconteceu, do início ao fim .”

Hanrion vinha a cavalo, confirmando com a cabeça, com o um fantoche.

“O que vocês tinham na cabeça desafiava minha com preensão”, continuou

Russ.

“Eu suponho que desafia”, respondeu papai.

“Não carece de levar vocês até Napa se podem os fazer o serviço deles aqui.”

“Não carece”, concordou Hanrion. Os outros, sisudos e malbarbeados,

apenas nos encaravam .

“Aqui está bom ”, ordenou Russ.

A quinze quilômetros de casa foi o local onde decidiram enforcar a mim e a

papai.

Russ levou a carroça até uma árvore, olhando para cima e para baixo,

escolhendo o galho com a altura certa.

Parou a carroça e puxou o freio.

Fui tirado da carroça, não suportava mais tanta agonia. Deixaram papai lá e

Russ disse, “Primeiro o pai, depois o menino”.

“Não tem necessidade de mais achucar o menino”, papai protestou. “Fiz tudo de

própria vontade.”

“Não foi o que o Hanrion viu”, Russ respondeu.

Dois deles mais e agarraram pelos braços, um de cada lado, e mais e colocaram de

pé. Estava tremendo muito, com o se estivesse congelando, mais era pleno verão.

Por cima de um galho, Hanrion arremessou uma corda, que balançava de

um lado para o outro sobre a carroça.

“Levem a carroça para perto do tronco, para caber o menino”, Russ disse.

Com um laço e um nó corredio, Russ colocou a corda em torno do pescoço

de papai, e depois o puseram de pé. Papai olhou nos meus olhos, mais eu não

consegui suportar e olhei para baixo. Ele não disse uma palavra sequer. Olhei

para suas pernas. Papai não tremia ou se debatia. Apenas olhei seus pés.

Hanrion esticou a corda pelos galhos de uma outra árvore. Papai ficou na

ponta dos pés

Ouvi o freio se soltando.

A carroça foi para a frente.

Olhava apenas para os pés de papai.

Papai não se debateu quando a carroça foi para a frente e o deixou sem

apoio, mas eu ouvi o estalar seco de ossos se quebrando em seu corpo no exato

momento em que ele morreu.

Não consigo me mexer sozinho.

Três dos homens me colocaram na carroça.

O corpo de papai pende com o se não tivesse peso, as pontas de seus pés

roçam as tábuas da carroça. Tudo ao meu redor parece amplificado. Minha

respiração era com o um furacão dentro da cabeça, com o se estivesse submerso.

É com o se o mundo tivesse se reduzido a apenas um metro ao meu redor.

Os homens me seguravam ao lado de papai.

Ainda não consigo olhar para ele. Sinto-me profundamente culpado e envergonhado. Se não fossem meus caminhar tortos, papai não estaria ali.

Percebo que minhas mãos estão atadas atrás de mim. Tento me lembrar de

uma prece, mas não me vem nada, além da minha própria voz me dizendo, *Por*

que Deus me ouviria depois de tudo o que eu fiz no mundo Dele?

Quando os homens soltaram meu braço, eu caio.

Os hom ens dizem algum a coisa, estão praguej ando, m as não ouço nada,

apenas o estrondo incessante em m eus ouvidos.

Truculentos, dois deles m e põem de pé novam ente.

Russ arrem essa a corda sobre o galho e sinto sua ponta m e acertar as costas

na queda. Ainda estão m e segurando.

Vej o Hanrion pegar a ponta da corda com as duas m ãos.

O outro hom em está ao seu lado, m e olhando enquanto urina na m esm a

árvore que tinham escolhido para enforcar a m im e a papai.

Russ passa o laço pela m inha cabeça, arranhando-m e as orelhas. Sinto cada

um a das rebarbas daquela am arra espetar enquanto ele aperta o nó.

Isso m e deixa tonto antes m esm o de Hanrion com eçar a segurar um a das

pontas.

Quando ele am arra a corda na árvore, faço com o papai fez. Sou forçado a

ficar o m áxim o que consigo na ponta dos pés.

Os hom ens descem . O som de suas botas sobre a m adeira da carroça ressoa

com o trovões. O freio cede. As rodas se soltam e a carroça com eça a se m over.

Enxergo o horizonte através das árvores.

Nunca vira cores tão espetaculares.

Penso em m inha Hannah e sinto seu cheiro, m esm o que j á não entrasse ar

pelos meus pulmões. Estou flutuando.

Meus pés se debatem .

Meus sapatos voam .

Chutando.

Minhas calças caem com a força dos chutes.

Não tiro os olhos do horizonte.

Nunca tinha visto nada tão perfeito.

Dói.

Meu estômago se revirava novamente.

“Merda.” Era tudo o que conseguia dizer, a única palavra. Apertei os olhos

com as palmas das mãos. Estavam cheios de lágrimas pela segunda vez naquele

dia. “Merda.”

Senti a mão de Nickie, descansando suavemente sobre minha perna, seus

dedos me apertando ligeiramente, como se estivesse assustada.

“Desculpa, Seth”, eu disse.

Só tirei as mãos do rosto quando senti o abraço de Nickie. Ela deitou a cabeça

no meu ombro e chorou.

Tudo está tão alto. Eu ouço estrondos, assim como o Seth.

Tenho que tocar a lente, mas ainda não consigo mover as mãos.

“Jack, deve ter um motivo para ele ter te escolhido”, Nickie sussurrou.

Quem? Freddie ou Seth?

Ou Henry?

Tento respirar, estou sufocando.

“Ele sabia quem eu sou. Whitmore Foi o nome e que Hannah deu ao filho dele.”

Agora sei que preciso voltar, e Nickie diz, “Te amo”.



CINQUENTA E QUATRO

“Jack!” Conner já tinha nos visto antes de percebermos que ele havia descido do trem.

Ele sorriu e me abraçou. Também abraçou Nickie e deu um beijo no rosto dela.

Conner estava radiante, vivo, como eu queria estar.

“Cara”, ele disse. “Parece que você perdeu uns vinte quilos! E qual é a dessa calça rasgada?”

Conner não me odiava nunca. Gostava disso nele.

Enquanto voltávamos pela plataforma em direção ao metrô, Nickie disse o que eu temia.

“Acho melhor ir para casa agora. Tenho certeza de que vou ter problemas

quando m eus pais perceberem que eu não dormi em casa.”

Conner me deu um tapa na bunda. “Cara.”

“É nossa última noite, Nickie.” Minha voz soava patética e chorosa.

“Eu e

Conner vamos sair. Vem com a gente também, por favor.”

“Opa! Vai rolar um *ménage*”, Conner disse.

“Cala a boca, Con.”

“Não sei”, disse Nickie. “Ligo para você mais tarde. Se não puder ir, prometo

que vou ao aeroporto amanhã para me despedir.”

Suspirei.

Assim que me despedi dela com um beijo na estação de metrô, Conner me

deu um tapinha no ombro e disse, “Só para constar: eu e a Rachel finalmente

também fizemos o que você está pensando”.

“É mesmo? Que alívio”, respondi, revirando os olhos.

“Eu que o diga, cara.”

Fomos correr pela última vez no Regent’s Park. Tentei não me distrair – com a

lente, Marbury, Nickie ou a volta para casa –, mas não conseguia me concentrar.

Suados, andamos em direção ao hotel pela Marylebone Road. Conner não

conseguia disfarçar seu andar orgulhoso e radiante.

“Você está diferente”, ele disse.

“Você já falou.” Passei a mão pelos cabelos. “Estou mais magro, né?”

“Não, é a sua cara, Jack. O sexo fez bem para você, m eu caro.”

“Tá bom .”

“Você am a ela?”

“Estou totalm ente apaixonado por ela, Con.”

“E ainda tá puto com igo?”

“Nem um pouco. E com o você está com a Rachel?”

“Pois é, vou sair do Glenbrook e vir estudar aqui no próxim o sem estre.”

“Eu tam bém .”

Enquanto Conner tom ava banho, voltei a suar e a trem er. Minhas pernas e

costas colavam ao vinil da cadeira. Não tirava os olhos das calças j eans

em boladas ao lado da cam a.

Não faça isso, Jack.

*Será que você não consegue ficar uma noite sem estragar a vida de quem
você gosta?*

Estava enj oado, olhei para o telefone, queria ouvir a voz de Nickie. Talvez ela

pudesse m e salvar dos m eus pensam entos.

Fui ao frigobar, abri duas cervej as e, no banheiro, estendi um a garrafa para

Conner. “Tom a. Hora da balada.”

Tentava Fazer qualquer coisa para ficar longe da lente de Marbury.

“Agora sai logo desse chuveiro porque eu quero m e arrum ar tam bém ”, eu

disse.

Odiava quando aquilo acontecia. Quando andava de um lado para outro

segurando o celular, esperando um a ligação, olhando e olhando a tela vazia. O

telefone com eçou a tocar quando entrei no banho. Girou m eio círculo sobre a pia

de m árm ore, vibrando.

Fechei a torneira e sacudi a água dos braços e das pernas. Atendi.

Não era ela.

“Henry ”, eu disse.

“Queria saber se você tinha voltado. Você não estava *aqui* de verdade quando

veio m e visitar na terça, ou estava?”

“Não m e lem bro.”

Jack não se lem bra de nada.

Peguei um a toalha e m e enrolei, tentando m anter a voz baixa para que

Conner não viesse. A televisão estava ligada no quarto. Parecia um a versão

inglesa de *A Hora da Ametista*.

“Está tudo bem então?”

“Os m eninos estão bem agora.”

“E você?”

“Todo fodido, com o sem pre. Volto para casa am anã.”

Silêncio.

“Sei.”

“Pois é.”

“Jack? Depois m e conta com o tudo term inou?”

“Depois”, respondi. “Tchau, Henry.”

Desliguei o telefone.

Fiquei pensando se ele estaria m agoado em relação a Marbury. Ele disse que

não, m as eu não acreditava. Ficava im aginando Henry naquele exato m om ento,

segurando o telefone em algum lugar de seu apartam ento im undo, sozinho e

im potente, apenas esperando que as coisas acontecessem .

E não im portava m ais que Conner não o tivesse visto naquela noite ou ouvido

sua voz ao telefone, nem m esm o se Henry Hewitt era real ou não, porque, assim

que desliguei, estava certo de que nunca m ais falaria com ele.

Me sequei e vesti um a cam iseta e um a cueca lim pas. Era bom . Fazia m uito

tem po que não m e sentia lim po. Tentava m e concentrar em sair com Conner e

aproveitar nossa últim a noite em Londres, m as, quando entrei no quarto, ainda

segurava o telefone, esperando aquela ligação.

Conner estava sentado, com um pé no chão e o outro sobre a cam a. Já estava

calçado. Era o Conner de sem pre: o cara legal da propaganda de roupa de

m arca, que parece estar sem pre arrum ado para sair e se divertir. Mas o ouvi

dizer “te am o” ao telefone, desligar o aparelho, olhar para tela e guardá-lo no

bolso.

Limpei a garganta. “Namoro sério, hein, Conner?”

“Cara.” Pelo tom de voz, era mais um a das piadas de Conner Kirk.

“Era um a

mensagem de voz surpresa para você.”

“Sei, sei.”

Conner parou de sorrir. “O que aconteceu, Jack?”

“Ah, nada. Tudo bem.”

Com isso fui procurar um a calça.

“Nossa. Está tudo sujo”, eu reclamei.

“Se você não vivesse com o meu drogado, isso não aconteceria.”

Então, me lembrei de que Nickie tinha deixado um a sacola de roupas limpas.

Ainda estava perto da porta. Quando abri a sacola, foi quase com o

meio po. Todas as roupas que tinha usado naquele dia estavam limpas

e dobradinhas. Até as minhas. Peguei-as e me sentei na cama para

calçá-las. Foi aí que vi que Nickie tinha deixado um bilhete. Ela escreveu “Te amo”.

Peguei o papel e fiquei olhando.

Conner veio bisbilhotar. “É pra mim?”

“Ela lavou minhas roupas.”

Tirei as calças jeans da sacola. Estavam muito bem passadas, como se

fossem novas. Tinham o cheiro da casa de Nickie.

“Isso aqui”, Conner provocou, “se chama dobrar. As pessoas normais

dobram

as roupas para elas não ficarem iguais a um jornal velho achado no lixo.

Observe, zé ruela.”

Em sua demonstração, Conner pegou as calças de Ander ao lado da cama e

as sacudiu.

Foi quando a lente de Marbury caiu do bolso.

Não sei o que veio primeiro, o “Putá que pariu!” de Conner ou o meu singelo

“Caralho!”, ou se disserem os dois mesmo ao mesmo tempo. Sei que o quarto foi tomado por

um clarão e um túnel de luz se abriu sobre a cama. Tão poderoso que sentia o

cheiro e ouvia os sons de Marbury. Olhei para as lentes ali, disparando um buraco

sobre os lençóis amarratados, uma abertura para outra eternidade.

Conner viu também. “Com essa porra veio parar aqui?”

Olhei para ele, seus olhos vidrados na lente.

“Consigo te ver lá, Jack!”

Olhei para baixo, vi um inseto preto do tamanho do meu antebraço andando

pela cama.

Depois, não sabia de mais nada.



CINQUENTA E CINCO

Aquele barulho.

Mastigando.

Eu tinha um nó no estômago. Olhava para Conner, imaginando como seria

Marbury pelos olhos do meu amigo.

“Aqui”, Ben entregou uma garrafa a Griffin. O menino derramou a água

sobre a cabeça e lavou o sangue do rosto e do peito.

“Agora se veste.” Ben segurava as calças de Griffin em uma mão e o cinto

com as outras duas na outra.

Eu estava ajoelhado ao lado de Conner, que respirava lentamente, engasgado

com o próprio sangue.

O necrófago que eu tinha visto estava escavando a cabeça de Freddie pelo

buraco da minha bala. Outro se enfiava por um círculo perfeito que acabara de

rasgar logo abaixo do esterno. Mais um punhado deles começava a abrir

caminho pelo corpo.

Mastigando.

Nenhum deles tinha se aproximado de Conner ainda.

Cheguei bem perto de Conner e olhei em seus olhos.

“Ei, Jack”, ele sussurrou. “Dói demais.”

“Com o assim, Jack? Que porra é essa?”, disse Ben.

Ben começou a vir em minha direção. Estendi o braço para que ele ficasse.

“Não, Ben. Eu explico depois.”

“Jack, mata o filho da puta.”– Griffin disse, confuso. “Dá logo um tiro na

cabeça dele.”

Olhei para Griffin. “Não posso.”

Conner estendeu o braço, tentou me alcançar.

Segurei sua mão.

Jack não chora.

Seth assistia a tudo de longe, perto das árvores que cercavam a clareira.

“Anda, Jack”, Ben insistiu. “Ou mata o desgraçado ou vamos embora.”

Precisamos voltar para buscar nossas coisas. Eu voto para que a gente volte.”

Ben levantou a mão.

Griffin também levantou a sua. “Assim com o eu.”

Me levantei. “Então vão em frente e me deixem aqui.”

“Não podem os, Jack. Você concordou em fazer tudo o que a gente votasse.

Todos concordaram os. Você concordou.” Ben argumentou. “Vai se foder se você

vai desrespeitar isso agora.”

Vai se foder, Jack.

Olhei para Seth. Sua imagem mal formava um contorno.

“Seth, você pode me ajudar?”, pedi. “Só mais uma vez. Faz aquilo de novo.

Você consegue?”

Seth desapareceu, mas logo reapareceu entre mim e os meninos.

Dois dos necrófagos abandonaram o corpo de Freddie e começaram a cercá-

lo. Seth desapareceu novamente e, em seguida, vi que estava de pé ao lado de

Conner.

E então Seth falou. Foi a única vez que escutei sua voz claramente e não em

sussurros. De certa forma, podia ouvi-lo em sua história, mas desta vez era

realmente audível. Real. A voz clara e confiante de um garoto.

“Acredito que não te verei novamente, Jack.” Seth esvanecia enquanto vinha

em minha direção. Sentia sua presença. Necrófagos formavam um círculo em

torno de nós. “Você ama aquela menina, não ama?”

“Amo.”

“É, dá pra ver.” Vi seus lábios se abrindo num sorriso. “E quanto a este aqui,

Jack. Você ama também, eu suspeito.”

Olhei para Conner.

“Você sabe quem eu sou, não é, Seth?”, perguntei.

“Desde o dia em que nasceu. Bem , talvez nunca mais veja você novamente,

Jack. Então, obrigado por contar minha história.”

Seth se transformou naquela névoa cinzenta e entrou no corpo de Conner

Kirk.

Os insetos pararam , voltaram para o corpo de Freddie, com as j unta estalando.

Conner ergueu o corpo de uma só vez, convulso, com o seu braço lançado

perfurasse. Então se deitou de lado. Encolhido e ofegante, ele se contorceu de dor

com o seu braço abatido, apertando os olhos e cruzando os braços sobre a ferida

que Freddie abria em seu abdome.

“Jack.” Ben estava im paciente.

Ainda sem a camisa, Griffin vestiu as calças com as mangas dependuradas e

cruzou os braços.

Segurei o olho de Conner e o dei de costas. Ele gemia, com os olhos

ainda apertados. Segurando seus punhos, afastei seus braços da ferida.

“Deixa eu ver isso”, tentei acalmá-lo.

O sangue tinha estancado. Os buracos que os chifres de Freddie tinham feito

eram agora apenas duas fendas, e a mancha acima da virilha, que antes ardia

com o fogo, agora estava escura, nada mais que uma cicatriz, ou uma mancha de

nascim ento.

O corpo de Conner trem ia todo.

“Con?”

Ben se aproxim ou com um a das arm as na m ão, apontada para o chão. De

repente, ergueu o braço, segurando a pistola na direção da cabeça de Conner.

Saltei na direção do m enino e agarrei sua cintura, acertando o abdom e com o

om bro e deixando-o sem ar. Por reflexo, Ben disparou para o nada: o estam pido

foi tão alto que, por um m om ento, pensei ter sido atingido.

Caím os no chão, e estiquei o braço dele e preendi seu punho com m inha m ão.

Ben tentava respirar, m as seus pulm ões não respondiam . Sentado em seu peito,

levantei o punho fechado.

Griffin se lançou em m inha direção, interceptando m eu golpe com as costas,

e rolou com igo pelo chão.

O m enino logo se levantou, com o um m acaco, pronto para saltar novam ente.

“Para com isso, porra!” Griffin gritou, enfurecido.

Ben se sentou e pegou a arm a que tinha deixado cair durante a luta.

Fiquei entre os garotos e Conner, e joguei o rifle para trás.

“Vai em frente, Ben!”, abri os braços. “Atira logo em m im tam bém !
Eu não

ligo m ais pra essa m erda toda!”

As mãos dele tremiam.

“Para com isso!” Griffin gritou.

Limpando a terra da roupa, Ben deixou a arma no chão e se levantou cuidadosamente. Não tirava os olhos de mim.

Quando me virei, Conner já estava sentado. Tinha a cabeça entre os joelhos

dobrados e os braços em volta das pernas. Respirava fundo.

Olhou para mim. Não tinha mais aqueles olhos opacos. Era ele. Era Conner

Kirk sentado ali no chão, bem à nossa frente.

“Que porra é essa, Jack?”, Conner perguntou.

Olhei para Ben e Griffin atrás de mim. Estavam perplexos. Não entendiam o

que tinha acontecido.

“É só um cara”, disse Griffin. “Com o a gente.”

“Tudo bem, Con?”

Conner olhou para baixo e se assustou ao ver o escalpo e os dedos decepados

em torno de sua cintura.

“Porra!” Arrebentou o cordão que os prendia e jogou o artefato no

chão. Os insetos logo se aproximaram para mastigá-lo. Em seguida, arrebentou o

colar com um puxão, espalhando dentes para todos os lados. Passava as mãos

pelo corpo, com o se estivesse coberto de formigas. Quando viu o corpo de

Freddie bem ao seu lado, rastejou para perto das árvores, nu, e ficou

abraçado

aos olhos.

“Que porra é essa?” Apontava os olhos arregalados para cada um de nós,

esperando um a resposta.

Conner não se lem brava.

“Está tudo bem , Con. Vai ficar tudo bem .”

Fui em sua direção, mas Conner rastej ou para trás, com o se tivesse medo de

minim .

“Está tudo bem agora.” Estendi a mão para ele.

Conner parou, trem endo e sem ar. Eu me aproximei ao seu lado.

Então vi aquela névoa novamente, com o vapor da respiração em um a

manhã fria, girando em torno de Conner e ganhando forma: o contorno sutil de

Seth. Mesmo que agora estivesse quase imperceptível, todos notaram sua

presença.

Atraídos para o centro da clareira, os necrófagos já saíam aos montes pela

vegetação, e se amontoavam sobre o corpo de Freddie Horvath e em volta dos

adornos que Conner tinha descartado. O som de seus cliques mecânicos, o

zumido de suas asas, mastigando, aumentava a cada segundo.

Também cercavam Seth, agarrando os contornos de seus pés descalços. De

alguém a forma, conseguiam prender seu espectro ali. E, então, um ruído.

Com o eixo baixo e distante, mas se aproximou até ficar terrivelmente alto, com o

metal sendo destroçado. Ouvi um urro de dor, e os insetos negros se agarraram a

Seth. Percebi que aquele gemido horrível vinha de dentro dele.

Seth pulsava em clarões, com o da vez que o vira na estação do metrô. Todos

viam os aspectos imensos através dele, uma projeção tremula de cenas

desfocadas: Seth, ainda um menino franzino, tremendo dentro da água gelada da

tina de aço enquanto Hannah ria; Freddie Horvath passando com sua Mercedes

por trás das quadras de basquete do Steckel Park, em Glenbrook; eu e Conner

brigando na água fria de Blackpool; eu de cuecas, olhando para o abismo

luminoso que se abria na cama do hotel; os mortos do vagão; dois corpos

pendurados a uma árvore, um ao lado do outro e, finalmente, o cavaleiro de

madeira *rolando e... tac, tac, tac*. Vi também outros lugares que nunca tinha visto

antes: uma cidade construída apenas sobre pontes de pedra; uma floresta densa

com revoadas de pássaros tão carregadas que pareciam um furacão, sentia cada

batida de suas asas aos olhos; enormes montanhas cobertas de neve e

tem pestades que revolviam m ares infinitos. Infinitos.

Então ouvi um disparo.

Ben e Griffin atiravam contra os necrófagos que atacavam Seth. As criaturas

negras giravam , com suas entranhas laranj a e am arelas voando pelo ar enquanto

eram estraçalhadas pela chuva de balas. Girei o rifle para frente e com ecei a

atirar tam bém . As im agens de Seth foram desaparecendo até sum irem

com pletam ente.

Então, Seth se foi.

Ficam os todos parados no m esm o lugar. Escutava apenas o zum bido no

ouvido que se seguiu à raj ada de tiros.

Olhei para Ben, Griffin e depois para Conner, que estava de pé, m eio escondido atrás de um pinheiro. Quando o barulho parou, com ecei a ouvir m ais

necrófagos m astigando.

“Spot!” Griffin gritou. O cachorrinho dele tinha nos seguido. Vinha todo

encolhido, com o se andasse sobre o gelo. Com eçou a balançar o rabo quando viu

Griffin, m as, logo que o m enino se aproxim ou para acariciá-lo, enfiou o rabo

entre as pernas. Sentia o cheiro de sangue.

“Ah, coitadinho”, – disse Griffin. “Agora j á está tudo bem .”

Andei até onde tinha visto Seth pela últim a vez. Vi algum a coisa se m exendo

no chão. Tinha um brilho inconstante, que se retorcia com o o reflexo da lua em

um lago soprado pelo vento.

“O que tem ali?”, perguntou Ben.

“Não sei.”

Fui m e aproxim ando, sem tirar os olhos do que Seth havia deixado.

“Caralho!” Estiquei o m ão cegam ente pelo chão e fechei os dedos. Enfiei

aquilo no bolso.

“O que era?”, perguntou Griffin. O cãozinho cheirava seus pés descalços.

“Nada”, respondi. “Nada im portante.” Suspirei e olhei para Conner. Pela sua

expressão, sabia que tinha visto. Ele sabia que eu estava m entindo.

Era fácil m e convencer de que estava poupando os garotos de algo que eles

não queriam .

Olhei para o corpo de Freddie, que se m exia com o um fantoche enquanto os

necrófagos rastej avam por baixo de sua pele, m astigando.

“Vam os em bora.”

“Ele vem com a gente?”, perguntou Ben. Cauteloso, ele olhava para Conner,

que ainda estava atrás da árvore.

“Eu voto sim .” Levantei a m ão.

“Eu tam bém .” Griffin levantou a dele.

“Ele ia te m atar, Griff”, protestou Ben.

“Ele não”, respondeu Griffin. “Olha só, ele m udou. É só um m enino

com o a

gente. E se o Jack falou que está tudo bem , isso basta!”

“Então tá. Vam os em bora”, concordou Ben.



CINQ UENTA E SEIS

Dois discos de vidro: perfeitos e circulares, de um azul escuro com o lápis-

lázuli. Lentes. Quando as vi no chão depois de Seth desaparecer, notei reflexos de

peças e coisas indo e voltando do outro lado delas, da mesma forma que tinha

notado nos óculos de Henry quando os vi pela primeira vez, em Londres.

Não deixava que ninguém as visse. O que eu mais poderia fazer? Tentava fingir

que não estavam lá, mas eu lutava para aguentar a força de sua atração. Elas me

faziam mal em Marbury, mas eu transformava-me no mesmo Jack doente e obcecado

que tremia e suava pelo chão dos banheiros naquele outro mundo incerto.

Conner percebia o que estava acontecendo comigo.

E ficávamos os dois a imaginar com o voltaríamos a Marbury da próxima

vez. Se houvesse próximo a vez.

Dois dias se passaram .

Cavalcando para o norte, chegam os à margem de um lago enorme.
Talvez

fosse o mar.

Não dava para saber. Não importava. Não tinha horizonte em
Marbury,

nenhum ponto de referência, com ecos ou fins: apenas a neblina
branca infinita,

sem presente ao longe, não importava o quanto se andava em sua
direção.

O cachorro seguia Griffin onde quer que fosse. Corria à beira da água,
entre

os cavalos.

Naquela manhã, iam os lentamente pela areia entre os destroços de
um píer.

Os imensos pilares de madeira saíam da água com os dentes
irregulares, tortos e

apodrecidos. Alguns deles ainda sustentavam vigas e pedaços de
asfalto que

formavam pequenas ilhas flutuando no branco do céu. O vento
soprava a água

escura que vinha até nós, onda após onda. Provei. Era arenosa, morna
e salgada.

“O que é isso?”, perguntou Griffin.

“Não sei”, respondi. “Um píer, eu acho. É um lugar onde as pessoas...”
Parei.

Não fazia sentido contar ao menino coisas de um mundo que nunca
veria.

Olhei para Conner. Poderia ser Blackpool em outra época, sob outra

form a.

O cavalo que era de Freddie Horvath carregava a maior parte do nosso

equipam ento. Conner usava calças militares que Ben tinha encontrado na mala

de um daqueles soldados e o par de botas que Griffin se recusava a usar desde

que saíram os daquele trem . Também tinha dado a ele meu cinto de armas, com

duas nove milímetros semiautomáticas nos coldres.

Ben e Griffin se acostumaram ao meu amigo, mas ainda estavam cautelosos.

Tinham consciência, porém , de que não sabiam tudo sobre a gente. Ao menos,

Henry tinha preparado os dois para as “coisas estranhas” que veriam .

Naquela manhã, vimos a silhueta de uma cidade que despontava no horizonte.

Ficava bem rente à costa e era cercada por uma muralha, param os nossos

cavalos na praia. Os arramos dentro de um cânion raso que surgia na encosta

cinza que contornava a linha da arrebentação.

Havia alguns pássaros. Faziam ninhos de barro nos paredões rochosos. Notei

que Griffin os observava, maravilhado, enquanto voavam para dentro de seus

abrigos. Deve ser incrível ver pássaros pela primeira vez na vida, pensei.

Sentamos ali, na areia da praia, em silêncio, e observamos a cidade ao longe.

Por horas.

Esperam os.

Não sabiam os se estavam os cavalgando em direção a um lugar bom ou ruim .

“Eu acho”, disse Ben, apontando para a costa e a muralha da cidade, que a

gente deve ir naquela direção, ou ir para o sul pela costa. O que não podem os é

ficar aqui para sem pre.”

“Talvez a gente encontre mais pessoas lá”, disse Griffin.

“Mas talvez seja melhor assim , sem mais pessoas”, respondi.

“Cansei de ficar fugindo.” Sentado de pernas cruzadas, Griffin me olhou

pelos olhos, inquieto. “O Conner vai votar agora também , não é? E se der em pau? A

gente vai se separar?” Conner deu de ombros e virou o rosto. “Se você achar

melhor, eu não voto, rapazinho.”

“Mas ia votar em qual opção?”, perguntou Griffin.

“Não vou falar.”

“Então tá. Nesse caso, você não vota. Quando você puder votar eu falo.”

“Griffin, as coisas não são assim ”, argumentei.

“Claro que são. Ele é novo aqui. A gente tem que ver com o isso vai funcionar.”

Balancei a cabeça. Ben se levantou e disse, “Acho que a gente vai ter que

deixar isso pra depois. Olhe ali, Jack. Tem alguém vindo”.

O cão de Griffin latiu e correu para o paredão onde tinham os deixado os

cavalos.

Vinham do sul. Seus vultos se aproximavam pela neblina; eram três. Corriam

desajeitados. Um deles caiu duas vezes, e nas duas foi ajudado pelos outros dois,

que o levantaram apressadamente. E corriam, tropeçavam, se aproximando

cada vez mais.

Sacaram as armas. Agachados ou deitados sobre a areia, ficaram os esperando

e observando.

Mesmo sem enxergar seus rostos, percebi que eram pessoas quando ouvi que

um deles chorava. Era a voz de uma mulher. “Papai, são pessoas? São pessoas?”

Olhei para Griffin, deitado tão rente ao chão que estava quase invisível,

movendo o lábio e apertando os olhos para não irar. Conner se abaixou, segurando

as armas na frente do corpo. Quando ele encostou a perna na minha, senti o

quanto estava assustado.

“Jack, que porra é essa?”

“Segura firme, Con. Vai ficar tudo bem. É só fazer o que eu fizer.”

Ben, à minha esquerda, nos observava.

“Vocês são gente mesmo?” Daquela vez, era a voz de um homem que

ouviam os à distância. Eles pararam de correr antes de se aproximarem mais,

mas as suas respirações ofegantes ainda soavam com os passos na areia.

Os garotos esperavam .

“Responde”, Griffin sussurrou.

Um homem e uma mulher. Vestiam apenas trapos. Parte do escalpo do

homem parecia ter sido arrancado. A ferida se estendia de sua sobrancelha

esquerda até a orelha, coberta de sangue coagulado, que também cobria a

mancha rasgada de sua camisa.

O outro, que vinha mais atrás, era um menino. Vestia uma bermuda tão

esfarrapada que parecia uma saia. Devia ter a mesma idade de Griffin. Ele

parou ao lado da mulher. Seus olhos estavam sedentos e vazios; nos comeria vivos

se pudesse.

Fiquei de pé. “Somos pessoas.”

O homem relaxou os ombros e quase desmoronou de alívio. “Graças a

Deus”, ele disse.

O menino olhava para as armas. Acho que ele não fazia ideia do que elas

eram capazes.

Griffin se levantou, seguido de Ben e Conner.

Deve parecer que estamos saindo de túneis na areia, pensei.

“Que cidade é aquela?”, perguntei, apontando.

O homem virou o queixo na direção que apontei. “Grove. Você não conhece?” Ele olhou para mim, surpreso. “A segurança não se compra com

nenhum tipo de ouro. Você sabe, Grove. Acha que vocês eram soldados de

lá.”

“Não, não sou eu”, respondi.

Confuso, olhou de relance para a mulher e o menino e disse, “Todos os que

estavam com a gente estão mortos. Estão sendo seguidos. Tem os que ir para

Grove”.

O homem tossiu. Não parecia ser nada grave, apenas uma breve tosse, mas

em seguida ele caiu com o rosto no chão. Tinha uma flecha negra cravada

abaixo do ombro dele e outra na espinha.

Mal o homem caiu, mais flechas vieram em nossa direção, cravejando a

areia. Cruzavam o ar silenciosamente.

“Caralho!”, Ben gritou. Griffin começou a atirar antes que ele terminasse a

palavra.

Como começaram a atirar assim que vimos os rostos das criaturas que seguiam os

refugiados pela praia. Seus caçadores caem, um a um, enquanto a mulher e o

menino se escondem atrás de nós, tapando os ouvidos com as mãos,

chorando e

gemendo.

Griffin gritou. Uma flecha furtiva atravessou seu braço, e ele caiu na areia.

“Griff!”, gritei e corri até ele. “Griff!”

Ele se debatia sobre a areia vermelha de sangue.

“Griff! Aguenta firme!” Levantei o menino pelas pernas e braços e fui em

direção aos cavalos. “Ben! Conner! Os cavalos! Griff está ferido!”

Ben e Conner se revezavam, atirando e recarregando, e as saravadas de

flechas foram diminuindo. Tropecei, e caí sobre a areia. Tentei me

parar para não cair em cima de Griffin, e ele gemeu com a queda. A ponta da flecha em

seu braço caiu na areia e eu vi que minha camiseta estava toda suja com o

sangue dele.

“Jack”, ele disse. “Jack, eu vou morrer?”

“Não vai, não, Griff. Não diga isso.”

Continuavam a atirar. Agarrei a haste da flecha e, com a outra mão, segurei o

bíceps de Griffin. O garoto era tão franzino que meus dedos envolveram seu

braço. Retirei a flecha rapidamente e apertei as feridas, tentando estancar o

sangue.

Griffin gritava, mas não chorava.

Quando tentei m e levantar, percebi que tinha caído porque um a flecha tinha

atravessado m inha panturrilha. Não podia m e m exer.

“Porra!”

Eu m e sentei ao lado de Griffin e apoiei o rifle no joelho. As penas da flecha

trem iam com os espasmos da minha perna.

Os tiros pararam .

Silêncio.

Deitado na areia morna, olhei para o céu.

Vi a posição do sol: apenas um clarão indefinido no branco infinito acima de

nós. Estiquei o braço e passei os dedos pelos cabelos de Griffin.

“Tudo bem aí?”, perguntei.

“Merda.”

“Vamos ficar bem , Griffin.”

“Nossa, dói demais.”

“Quem vai fazer os curativos agora? O Ben vai se assustar quando vir com o

estam os sangrando.”

“Se ele não estiver machucado, vai deixar de ser fresco e aprender a fazer.

Ele ou o seu amigo.”

Ouvi passos na areia vindo em nossa direção e m e sentei. Doía. Ben e Conner

se aproximavam . Conner se apoiava sobre o ombro de Ben e o outro menino

vinha logo atrás. Seguia os dois com o um prisioneiro. Ben estava

ferido. Quando

se aproximaram, vi um a flecha saindo direto do lado direito do peito dele. Eles

pararam, perto de mim e Griffin. O outro garoto sentou na areia e nos observou

com o olhar vazio, com o se estivesse entediado. Ele carregava um a flecha e

desenhou círculos com ela entre suas pernas.

“Inferno!”, Ben praguejou. “Vocês dois estão bem?”

“Ben?” – Apontei para a flecha cravada em seu peito.

“Não furou nada. Estou sentindo a ponta nas costelas. Vai sarar rápido, mas é

melhor eu não ficar sentado. Alguém precisa me ajudar a tirar. Merda.”

Conner franziu a testa e apertou os lábios. “Como assim? Que porra é essa,

Jack?”

“Não sei, Con”, disse, olhando para a flecha que atravessava minha perna.

“Te acertaram?”

“Não.”

“Matou quantos?”, perguntou Griffin.

“Todos.” Ben cuspiu e olhou para o menino sentado na areia. “Mas a mulher...”

Não precisou terminar a frase.

“Tem um kit de primeiros socorros nas bolsas”, disse Griffin, deitado de

barriga para cima, olhando para o céu, com um braço cruzado sobre o

peito,

apertando o lugar em que tinha sido flechado.

Conner foi em direção aos cavalos.

“Não vão em bora sem mim”, ele disse, tentando sorrir.

“Traz meu cachorro de volta”, disse Griffin.

“Soldados!” Eu ouvi alguém gritando enquanto nos dirigiam os portões de

Grove naquele dia, com o se chegassem os para salvá-los. Talvez não percebessem que não conseguiam os descer dos cavalos de tão exaustos.

No começo, eram cautelosos e escondiam-se sob as sombras de suas portas.

Mas logo que a notícia se espalhou, sobre os garotos que voltaram da guerra,

ficam os cercados de pessoas, milhares delas, dispostas a nos ajudar. Traziam

comida e água; médicos e enfermeiras vinham nos prestar socorro, abrindo

caminhado entre as pessoas que se amontoavam.

“O Henry disse que você traria a gente até aqui”, disse Ben, pálido e ensanguentado.

Griffin vinha ereto sobre seu cavalo, com o bracinho com pletam ente enfaixado. Seus olhos brilhavam enquanto olhava toda aquela multidão, mesmo o

que não deixassem nossos cavalos passar.

“Tem meninas aqui”, ele disse.

“Não vai sair apalpando dessa vez, Griff”, brinqueei.

Um a um ovim entoação com ele em torno do cavalo de Ben. Ele estava

chutando as pessoas que se aproximavam. Ben acertou o bico da bota na boca de

um homem, que deixou um rastro de sangue e dois dentes na queda.

“Solta minhas armas, porra!” Ben apontou uma das armas indistintamente

para a multidão, que se afastou.

“Jack!”, chamou Conner.

“Sai, porra!” Ben ameaçou novamente.

“Jack!”

Vi Conner acertando coronhadas nas mãos insistentes que tentavam alcançá-

lo.

“Jack, que porra é essa?” Griffin tentou sacar a arma com seu braço bom.

“Não!”, gritei.

“Jack!”, Conner gritava de novo.

Tentei dar um pontapé no cavalo para que ele recuasse, mas a dor que senti

quase me derrubou do animal. Minha visão embaçou e senti o sangue colar a

barra da calça à minha perna. Vi um clarão branco refletido sobre uma fina

lâmina de água que descia por uma vidraça e, então, a fraca luz amarela de um

poste.

Vai se foder, Jack.



CINQ UENTA E SETE

Era com o nascer.

Quero ir para casa, m as j á não sei o que é isso.

Estou encharcado, olhando para um a luz.

Minhas pernas estão esticadas. Vej o m eus tênis, m eus Vans. Com o eles

ficaram tão m olhados?

“Put a m erda!”

Bato com o calcanhar no chão. Só sinto o im pacto após alguns segundos.

Jack está m uito bêbado.

Ei, garoto. Garoto. Tudo bem com você?

Vai se foder, Jack.

Vai se foder, Freddie.

Sinto frio. Trem o. Minhas roupas estão todas m olhadas e cheiram m al, com o

se eu tivesse saído de um bueiro. A chuva desaba e Jack fica sentado na calçada

com o um m endigo, olhando para a luz refletida nas j anelas do outro lado da rua.

Rolo para calçada para m e desviar de um carro que passa.

Sinto o jorro de água e o cheiro nauseante de pneus e fumaça.

Apoiado sobre os joelhos e as mãos, abaixo a cabeça e vomito.

Então, me deito de bruços, com a cabeça pendendo no meio-fio. É com o

deitar no chão com o chuveiro gelado aberto, mas de repente me sinto bem, sinto

cada nervo do meu corpo sendo pressionado pela terra através de minha roupa

me olhada; penso em Nickie, no quanto queria estar com ela.

Alguns a coisa me exibe no meu bolso.

Meu celular.

Cuspo.

É quase meia-noite.

Conner me ligando.

“Con?”

“Onde você está?”

“Não sei, na rua em algum lugar.”

“Onde?”

“Con? Você está aqui?”

Silêncio.

“Estou.”

“Mas você estava lá comigo.”

“Estava.”

“Ben e Griffin também, certo?”

“Estavam.”

“Qual foi a última coisa que aconteceu?”

“Jack, tô passando m al pra caralho.”

“Onde você está?”

“No banheiro do pub. Vem pra cá?”

Meus olhos se ajustaram à luz e me apoiei no ponto de ônibus para
me

levantar. Agarrei o telefone no ar, antes que caísse.

“Dou um jeito de achar o caminho.”

Conferi as ligações e vi que tinha conversado com Nickie duas vezes
naquela

noite.

Tive medo de ter estragado tudo de novo.

Segui camaleante pela calçada e encontrei a estação Warren Street.
Não

estava muito longe de Conner, mas não sabia com o que tinha ido parar
ali.

Precisava saber.

Liguei para Nickie.

“Jack.” atendeu com voz sonolenta, com o. Com o se estivesse dormindo.

“Nickie, tudo bem aí?”

“Está. Já falei, Jack. Queria poder tirar esse medo de você. Eu te amo.
o.

Amã a gente se vê.”

“Fiz algum besteira?”

Ela riu. “Acho que você e Conner beberam um pouquinho demais, só
isso. É

melhor você ir dormir.”

“Te amo, Nickie.”

“Boa noite, Jack. Eu tam bém te am o. Agora vai dorm ir.”

A chuva j á estava passando quando cheguei ao pub.

Parei sobre a soleira da porta do Prince of Wales. Tinha vergonha de entrar

de tão bêbado e encharcado. O garçom olhou de relance para m im ,
m as logo m e

ignorou. Estava fechando o bar. Fiquei m e perguntando o que tíham
os feito ali.

“Seu am igo voltou”, o garçom m e disse, acenando com a cabeça para
o

banheiro.

Conner veio andando em m inha direção, deixou algum dinheiro sobre
o

balcão e saiu do pub.

“Você tá um lixo.”

Dei de om bros. “E você tá ótim o, né?”

Com eçam os a voltar para o hotel. Conner colocou a m ão em m eu
om bro e

apertou. “Você caiu no rio ou o quê?”

“Cara, nem sei. Quando voltei, estava sentado no m eio da rua. E
você?”

“No bar, olhando aquele cara encher um copo de cervej a”, ele disse.
“Estou

com pletam ente bêbado, disso eu sei.”

“Eu tam bém .” Com ecei a trem er. “Preciso m e secar.”

Continuam os a cam inhar.

“Você se lem bra da últim a coisa que você viu?”

Eu o ouvi suspirar. “Eu estava lá com vocês e, então, vi um a luz

brilhando na

j anela e depois j á estava olhando para o copo de cervej a.”

Chegam os à porta do hotel. O porteiro olhou para m im cautelosa-
mente, um

tanto incom odado. Minhas roupas respingavam em todo o chão.

Para de olhar pra mim, porra!

Entram os no saguão.

“Você estava com igo, Griff e Ben?“, perguntei.

“E aquele m enino tam bém . No hospital.”

“Que m enino?”

“O m enino da praia. O nom e dele era Max. Foi a única coisa que ele falou.

Max.”

“Não m e lem bro com o chegam os lá.”

As portas do elevador se abriram .

“Ben com eçou um a confusão porque achou que iam roubar as arm as dele.

Ele estava m eio doido, eu acho. Ninguém queria m achucar a gente, não sei por

que tanto m edo deles. Daí todo m undo com eçou a brigar. Foi patético. Um bando

de m eninos m achucados tentando brigar. Então o Griffin deu dois tiros para cim a

e todo m undo correu. Levaram vocês para o hospital, m as nem trocaram suas

roupas. Tinham m edo de encostar em vocês, de que eu faria algum a loucura se

eles tentassem tirar nossas arm as.” Conner olhou para m im .

“Colocaram cinco

camas em um quarto e me deixaram ficar lá com você.”

“E está todo mundo bem?”

“O Griffin deu um chilique quando alguém pegou o cachorro dele. Você teve

que convencer o menino a não sair atirando em todo mundo no hospital.”

Com isso me aquecer assim que vesti roupas secas. Conner já estava na

camas quando apaguei a luz, mas ainda tinha de resolver outras coisas.

Tinha de ter certeza.

Com isso a revirar minhas coisas.

“Jack, eu sei o que você está fazendo.”

Gelei.

“E você quer que eu faça o quê, caralho?” Acho que nunca tinha ficado tão

nervoso com ele. Não sei de onde vinha toda aquela raiva.

Ouvi Conner se sentar na cama.

“Eu sei o que você está fazendo porque também já procurei, Jack. Está dentro

da sua mente, do jeito que você deixou. Quer que eu pegue pra você?”

Me sentei na cama. “Desculpa, Con. Desculpa.”

Coloquei o rosto nas mãos.

Jack não chora.

“Cansei dessa merda, Con, mas não consigo parar. É meu dever continuar.

Parece coisa de doido, eu sei.”

“Acho que eu te entendo, Jack. Mas talvez tivesse sido m elhor ter acabado

com as lentes em Blackpool.”

“Você até que tentou, m as o Seth trouxe um a delas de volta.”

“Eu sei.”

“Você sabe de tudo? Sobre ele? Quem ele era?”

“Sim .” Engoli seco. “Você pode até não acreditar, Con, m as o Seth estava lá,

na casa do Freddie com igo. Muito antes de encontrar Henry. Com o se de algum a

form a fosse para acontecer.”

“Você estava certo, cara. O Henry não estava só tentando foder a nossa

cabeça. Tem algum a coisa im portante aí.”

“Certeza, Con? Você tem certeza de que ele existe m esm o?”

Conner deu de om bros.

Fiquei de pé e enfiei o braço dentro da m ochila. Precisava saber se estavam

lá. Achei a m eia, e Conner disse, “As azuis tam bém estão aí. Eu as vi, estou com

m edo delas, Jack”.

Ele acendeu a luz.

Encontrei a m eia e senti o peso das lentes, m as não olhei dentro delas.

Guardei o em brulho dentro de outra m eia. “Vou parar com isso, Con. Prom eto.”

Me sentei. “Eu vi algum a coisa naquelas lentes na noite em que as peguei.”

“Eu tam bém .” Conner ficou de pé à m inha frente. “E, Jack? Acho que

algum a coisa está acontecendo com igo.”

“Não é culpa nossa.”

“Estou com m edo, cara.”



CINQ UENTA E OITO

Jack estava voltando para casa.

Encontram os Nickie na Paddington Station e pegam os o trem para o aeroporto de Heathrow.

Era triste. De m ãos dadas, disseram os pouco m ais de com o o tem po ia dem orar

para passar até nos reencontrarm os.

Conner j á tinha ligado para Rachel. Estava sentado do outro lado, m elancólico, olhando para a paisagem do lado de fora.

Um soldado norte-am ericano passou pelo corredor, com o sobrenom e bordado em sua cam isa: STRANGE. Conner tam bém notou. Ele olhou para

Nickie, depois para m im . “Isso é m uito zuado.”

Pude ver em seus olhos. Ele estava enj oado.

Assim com o eu.

Ele se levantou. “Tenho que ir ao banheiro.”

“Vai passar, Con.” Ele com eçou a se afastar e eu disse, “Vam os voltar logo”.

Ele se virou e apenas acenou, com o queixo para cima.

Ele sabia o que eu queria dizer.

Não estava falando da Inglaterra ou da Califórnia.

Tivemos de nos despedir no check-in. Estávamos um pouco atrasados no

momento que passávamos pelo que parecia ser um caminho sem fim de

corredores e passarelas, entre a plataforma do trem e o terminal.

Nickie deu um beijo e um abraço em Conner. Tentava sorrir para mim, mas

seus olhos estavam pesados de lágrimas. Ela me abraçou e me beijou com o seu

fôlego a última vez. Não queria soltá-la nunca mais. “Achei lindo o que você fez,

Jack”, ela disse.

Não entendi o que ela queria dizer.

Ela abriu a bolsa. Um cavalinho de madeira com uma roda de carretel entre

as patas traseiras.

“Estava do lado de minha cama essa manhã. Não sei como você conseguiu

entrar no meu quarto. Aposto que o Ander foi seu cúmplice. Mas é muito lindo.

Obrigada. A história também é linda.”

E nos beijamos os dois uma vez.

“Que bom que você gostou”, m enti. “Não se esqueça de m im .”

“E você, não se esqueça do que eu te disse.”

Sabia o que Nickie queria dizer.

“Prom eto.”

Não minta para ela.

“As coisas vão m elhorar, não é?”

“Vão.”

“Então se cuida.”

Conner observava.

Ele sabia.

Enquanto despachava a m ochila, Conner não tirava os olhos de m im . Tinha

m e visto guardar as lentes, nervoso, trem endo. Por várias vezes, conferi se

estavam lá.

“Tem certeza de que você aguenta, Jack?”

“Tenho, Con.”



CINQ UENTA E NOVE

Glenbrook.

Um dia após nossa chegada.

Estam os os dois pálidos e suados na picape de Conner. Ele dirige.

Sinto calor, m esm o sem cam isa e com o ar-condicionado virado para m im .

O fim do verão é sem pre m uito quente em Glenbrook.

“Talvez dessa vez sej a só um m inuto”, Conner diz.

Estou trem endo tanto que m al consigo pronunciar as palavras.

“Estaciona

aqui, Con.”

Só uma olhadinha.

É um a piada, certo? Percebo que estam os no estacionam ento do Steckel Park.

Tínham os voltado para onde tudo com eçou.

“Anda, Jack. Estou passando m uito m al. Parece que vou m orrer, ou sei lá.”

“Eu sei.”

Olho para cim a. “Preciso de ar.”

Abro a porta. “Desce, Con.”

Estou segurando a m eia. Não tinha tirado as lentes de lá desde quando as

guardei em Londres. Posso senti-las, com o se vibrassem ali dentro: um inseto

zum bindo entre m eus dedos, querendo voar. Conner se abaixa ao lado da porta.

Ouçõ enquanto tenta vom itar, m as não consegue.

“Conner, levanta. Vem com igo.”

Ele vem atrás de m im e nos sentam os na gram a sob um a árvore.

“Não dá pra acreditar no que está acontecendo”, ele diz. “Fiquei com m edo

de te m ostrar antes, m as olha só o que aconteceu com igo.”

Conner afasta o elástico da berm uda e m e m ostra um a pequena cicatriz,

alguns centím etros abaixo da barriga. É um oito incom pleto, na horizontal, com o

o contorno de um peixe.

“Eu não tinha isso”, Conner diz. “Nunca tive.”

Balanço a cabeça. “Não sei o que isso significa, Con.”

Dois m eninos j ogam basquete.

Com as pernas dobradas, Conner esconde o rosto entre os j oelhos.

Desenrolo a m eia e tento não olhar.

Pronto.

Seguro a lente de Marbury na m ão. Fico feliz apenas de senti-la entre os

dedos.

Jack está feliz.

“Estão aqui”, eu digo. “Está pronto?”

Conner levanta o rosto. Parece ter chorado, m as sei que é só o suor. Respiro

fundo, enrolo a m eia e guardo no bolso de velcro da berm uda.

Um a bola de basquete rola até os pés de Conner.

“Joga pra cá, por favor?”

Os dois m eninos que j ogavam agora estão à nossa frente. Ben Miller e Griffin

Goodrich.

Ben convida, “Querem j ogar?”.

Conner agarra m eu braço. “Putam erda, Jack!”

“Ei! Vocês são surdos? Joga a bola, por favor?”, Griffin insiste.

Eu fico apenas olhando para eles.

Vê-los no parque me deixa aliviado, um pouco pelo menos. Penso em Marbury, em Henry, e no espaço entre aqui e lá.

“São eles”, Conner diz.

“Acho que é real, Conner, mas preciso ter certeza.”

Conner respira com dificuldade e trem e. “Não, Jack. Vamos parar com isso.”

Não podemos parar.

Conner pega a bola e arremessa para Griffin.

“Valeu. Vamos jogar dois contra dois?”

Com as pernas trêmulas, Conner se levanta e vira o rosto para mim, ele

parece estar doente. “Jack, levanta! Vamos jogar.”

Abro a mão.

Griffin olha hipnotizado para as lentes e, atrás dele, Ben fica parado na beira

da quadra, nos observando.

Nos olhos dos meus filhos, consigo ver um reflexo pálido.

Algo enorme.

Um céu sem cor.

Copy right © 2010 Andrew Smith

Copy right © 2016 Editora Gutenberg

Título original: The Marbury Lens

Todos os direitos reservados pela Editora Gutenberg. Nenhum a parte desta

publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos ou em

cópia reprográfica, sem a autorização prévia da Editora.

CAPA

EDITORA

Rich

Deas

e

Silvia

Tocci Kathleen

Masini

Breitenfeld (sobre

EDITORES

a imagem de Gary

ASSISTENTES Spector [ator] e

Felipe Castilho Brazen

Device

Nilce Xavier

[óculos])

ASSISTENTES ADAPTAÇÃO

EDITORIAIS

DE CAPA

Andresa Vidal Carol Oliveira

Branco

REVISÃO

Carol Christo

Malvina Tomaz



PREPARAÇÃO DIAGRAMAÇÃO

Isabela

Guilherme

Noronha

Fagundes

Jairo Alvarenga

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

Smith, Andrew

A lente de Marbury / Andrew Smith ; tradução Bruno Vasconcelos. --
Belo

Horizonte : Editora Gutenberg, 2016.

Título original: The Marbury Lens

ISBN 978-85-8235-149-9

1. Ficção norte-americana I. Título

14-08824 CDD-813

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

A GUTENBERG É UMA EDITORA DO GRUPO AUTÊNTICA

Rio de

Janeiro

São Paulo

Belo

Rua

Av.

Paulista, Horizonte Debret,

2.073,

Rua

23,

Conjunto

Carlos

sala

Turner,

Nacional,

420

401

Horsa I

Silveira . Centro

23º andar . 31140-

.

Conj. 2301 . 520

20030-

Cerqueira

Belo

080

César . 01311- Horizonte Rio de

940 São Paulo . MG

Janeiro

. SP

Tel.: (55 . RJ

Tel.: (55 11) 31) 3465 Tel.:

3034 4468

4500

(55 21)

3179

1975

Televentas: 0800 283 13 22

www.editoragutenberg.com.br

Document Outline

- Título
- Dedicatória
- Agradecimentos
- PARTE UM: A HORA DA AMETISTA
 - Capítulo 1
 - Capítulo 2
 - Capítulo 3
 - Capítulo 4
 - Capítulo 5
 - Capítulo 6
 - Capítulo 7
 - Capítulo 8
 - Capítulo 9
 - Capítulo 10
 - Capítulo 11
 - Capítulo 12
 - Capítulo 13
 - Capítulo 14
 - Capítulo 15
 - Capítulo 16
 - Capítulo 17
- PARTE DOIS: MENINOS ESTRANHOS
 - Capítulo 18
 - Capítulo 19
 - Capítulo 20
 - Capítulo 21
 - Capítulo 22
 - Capítulo 23
 - Capítulo 24
 - Capítulo 25
 - Capítulo 26
 - Capítulo 27
 - Capítulo 28
 - Capítulo 29
 - Capítulo 30
- PARTE TRÊS: BLACKPOOL
 - Capítulo 31
 - Capítulo 32
 - Capítulo 33
 - Capítulo 34

- Capítulo 35
 - Capítulo 36
 - Capítulo 37
 - Capítulo 38
 - Capítulo 39
 - Capítulo 40
 - Capítulo 41
 - Capítulo 42
- PARTE QUATRO: A LENTE DE MARBURY
 - Capítulo 43
 - Capítulo 44
 - Capítulo 45
 - Capítulo 46
 - Capítulo 47
 - Capítulo 48
- PARTE CINCO: SETH
 - Capítulo 49
 - Capítulo 50
 - Capítulo 51
 - Capítulo 52
 - Capítulo 53
 - Capítulo 54
 - Capítulo 55
 - Capítulo 56
 - Capítulo 57
 - Capítulo 58
 - Capítulo 59
- Copyright